

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

MAUREN PAVÃO PRZYBYLSKI

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS LENDÁRIOS GAÚCHO E
QUEBEQUENSE: OS CASOS DE TEINIAGUÁ E CORRIVEAU

FLORIANÓPOLIS
2009

MAUREN PAVÃO PRZYBYLSKI

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NOS LENDÁRIOS GAÚCHO E
QUEBEQUENSE: OS CASOS DE TEINIAGUÁ E CORRIVEAU

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Literatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Pereira Schmidt

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Sylvie Dion

FLORIANÓPOLIS
2009

Aos meus pais, Theodora e Lenine, meu esteio hoje e sempre.

«Je est un autre.»

(Rimbaud et Nietzsche, contre Descartes et les moralistes classiques)

Agradeço, em primeiro lugar, à Deus, por CHEGAR ATÉ AQUI, e por ter me dado forças para suportar tudo aquilo que parecia insuportável.

A meus pais, Nãna e Lenine, que me formaram enquanto ser humano e apostaram em mim.

A minha orientadora, Profª Drª Simone Pereira Schmidt que, a partir dos cursos ministrados e bibliografia cedida, me permitiu viajar nas teorias de gênero e oralidade e, assim, amadurecer intelectualmente.

À Sylvie, parce qu'elle m'a présenté le fabuleux monde des légendes, amitié pour toujours.

À Nubia, pela amizade e por ter aceitado tão gentilmente fazer parte da minha banca.

À Tia Neusa, Chris e Dana, minha família em Canasvieiras.

À Jane, por me ajudar a encontrar o equilíbrio, tão importante neste momento.

À Lê Loder, pela amizade e disponibilidade em importar da UFRGS toda a bibliografia necessária para que o trabalho pudesse ser realizado da melhor forma possível, pela força e as palavras de apoio que só uma pessoa que passou por tudo isso pode dar. Obrigada querida!

À Liliana pela experiência intelectual comigo compartilhada, pela amizade verdadeira surgida nos bancos acadêmicos. À Josi, por me mostrar que é possível, sim, construir-se uma grande amizade em um mestrado.

À coordenadoria do Curso de Pós-Graduação em Literatura, Profª Drª Tânia Regina Oliveira Ramos, Profª Drª Simone Schmidt e Bel Elba Ribeiro, pela atenção face às questões administrativas.

Ao Cnpq, pela oportunidade da bolsa de estudos durante o mestrado.

E a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para que a realização deste trabalho fosse possível.

RESUMO

Segundo a lenda, Teiniaguá seria uma princesa moura trazida pelos árabes da Península Ibérica para a América do Sul e amaldiçoada pelo Diabo. Quando chegou a terras gaúchas, ela foi salva por um sacristão, a quem seduziu. Depois de uma noite de amor, ele foi condenado à morte pela Igreja, mas Teiniaguá aparece no momento em que ele está indo para o garrote e o salva, indo viver com ele no Cerro do Jarau durante 200 anos, até serem salvos por Blau Nunes. Marie Josephte Corriveau, conhecida como “La Corriveau”, foi, segundo o etnólogo Luc Lacourcière, a mulher que carregou a pior reputação da história canadense e, mesmo tendo morrido há mais de dois séculos, ela continua, como um fantasma, alimentando o imaginário de seu povo. A Corriveau foi condenada à morte pelo assassinato de seu segundo marido, embora a lenda conte que ela teria matado sete. A partir da análise dessas representações femininas, o presente estudo pretende demonstrar como esses seres ficcionais tiveram influência na reputação da mulher e na constituição da identidade feminina.

Palavras-chave: Teiniaguá. Corriveau. Lendas. Representação feminina.

RÉSUMÉ

Selon la légende, Teiniaguá serait une princesse maure amenée par les arabes de la Péninsule Ibérique en Amérique du Sud et ensorcelée pour le Diable. Dès son arrivée en terres « gauchas » elle a été sauvée par un sacristain qu'elle a séduit. Après une nuit d'amour, il a été condamné à mort par l'église mais Teiniaguá l'a sauvé à son tour au dernier moment et ils sont allés vivre pour 200 ans au Cerro du Jarau jusqu'au moment où ils seront délivrés par Blau Nunes. Marie-Josephte Corriveau, dit « La Corriveau » est, d'après l'ethnologue Luc Lacourcière, la femme qui jouit de la pire réputation de l'histoire canadienne et, même si elle est morte depuis deux siècles, elle continue, comme fantôme, à alimenter l'imaginaire du peuple. La Corriveau a été condamnée à mort pour le meurtre de son deuxième mari, toutefois la légende raconte qu'elle en aurait tué sept. À partir de l'analyse de ces représentations féminines légendaires, cette étude désire démontrer comment ces êtres fictionnels ont eu influence sur la réputation de la femme et la constitution de l'identité féminine.

Mots-clés: Teiniaguá. Corriveau. Légendes. Représentation féminine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – A SALAMANCA DO JARAU E LA CORRIVEAU: APRESENTAÇÃO	13
1.1 – A Salamanca do Jarau	13
1.2 – La Corriveau	26
CAPÍTULO 2 – MITO E CULTURA ORAL	53
2.1 – Mito: conceitos necessários	53
2.2 – Dialogismo e polifonia	62
2.3 – A cultura oral e a voz	66
CAPÍTULO 3 – GÊNERO E REPRESENTAÇÃO CULTURAL	69
CAPÍTULO 4 – TEINIAGUÁ E/OU AS PERIPÉCIAS DE UMA FIGURA FEMININA NA LITERATURA ORAL	76
CAPÍTULO 5 – A FIGURA FEMININA E O ESTEREÓTIPO DA MALDADE: O EXEMPLO DE “LA CORRIVEAU”	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	101
ANEXO 1 – A Salamanca do Jarau.....	106
ANEXO 2 – Les Anciens Canadiens.....	136
ANEXO 3 – Le Chien d’Or	145

INTRODUÇÃO

A principal característica dos relatos orais é o fato de não possuírem uma (só) autoria: é a partir da união de várias vozes em um determinado contexto social e histórico que surgirão muitas das lendas que conhecemos. Estas, por sua vez, terão sua legitimação baseada em relatos, que autores célebres irão eleger para (re)escrever, publicar e, assim, eternizá-los.

Quando pensamos nas narrativas que têm recorrência na cultura oral do Rio Grande do Sul, um dos primeiros nomes que nos vem em mente é o de João Simões Lopes Neto, sem dúvida escritor exponencial do regionalismo sul-rio-grandense. Com treze anos de idade foi para o Rio de Janeiro estudar. Mais tarde, ao retornar para sua terra natal, Pelotas, envolveu-se em uma série de iniciativas de negócios que incluíram uma fábrica de vidros e uma destilaria. Porém, os negócios fracassaram, dada a guerra civil – Revolução Federalista – que abalou duramente a economia local. Depois disso, construiu uma fábrica de cigarros. Os produtos, fumo e cigarros, receberam o nome de “Marca Diabo”, o que gerou protestos religiosos. Sua audácia empresarial levou-o ainda a montar uma firma para torrar e moer café e a desenvolver uma fórmula à base de tabaco para combater sarna e carrapatos. Fundou ainda uma mineradora com vistas à exploração de prata em Santa Catarina. Mas seu reconhecimento literário chegou em decorrência das edições fora de Pelotas, como por exemplo a de Porto Alegre em 1949.

Simões Lopes Neto procurou em sua produção literária valorizar a história do gaúcho e suas tradições. Publicou apenas quatro livros em sua vida: *Cancioneiro guasca* (1910), *Contos gauchescos* (1912), *Lendas do Sul* (1913) e *Casos do Romualdo* (1914).

É do livro *Lendas do Sul* (1913) que retiramos uma das narrativas, da qual a representação mítica com que trabalhamos, a Teiniaguá, se origina: “A Salamanca do Jarau”, narrativa de origem ibérica e que chega ao Rio Grande do Sul por importação cultural, como demonstrou Augusto Meyer¹ num estudo definitivo. Segundo o autor, embora não fosse possível fixar a data de sua composição, a “Salamanca” é superior a todas as outras lendas², inclusive às missioneiras

¹ Publicado no livro *Prosa dos Pagos*. 1941-1959. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2002.

² Augusto Meyer afirma que, ao abordar o tema da Salamanca do Jarau, Simões Lopes Neto sentiu quão profundo era esse horizonte lendário que se desdobrava além de sua visão evocativa. E, por ser formada a partir de um tema complexo, perpassado por incidências e alusões, não podia ser tratado como as outras lendas que

que encerram o livrinho³, escritas entre 1911 e 1912, após a publicação dos estudos folclóricos do Padre Teschauer⁴ na *Revista do Instituto Histórico do Ceará*.

A reescritura de Simões Lopes Neto terminou por criar um texto inteiramente novo, em que propõe uma nova versão não só por meio da utilização da linguagem literária, mas também pela sua inserção no cenário gaúcho, sobretudo por ter transformado Blau Nunes⁵ em seu protagonista.

“A Salamanca do Jarau” nos permite fazer uma leitura do motivo mítico, algo que está incrustado na tradição: o homem é seduzido e levado à transgressão pela mulher metamorfoseada em animal demoníaco. Paralela a essa relação homem *versus* mulher (aqui entendidos como representações), temos a presença do gaúcho pobre que campeia em busca de sua identidade perdida.

Nas terras do Novo Mundo, mouros e espanhóis renegados recebem a visita do Diabo, e é nesse contexto que surge a Teiniaguá, uma princesa trazida pelos árabes da Península Ibérica para a América do Sul e amaldiçoada pelo Diabo. Ao chegar às terras gaúchas, é salva por um sacristão, a quem seduz. Ele, por sua vez, segundo a narrativa, deixa-se levar pelos seus encantos, envolve-se com ela e é condenado, já que sua condição de religioso não lhe permitia esse tipo de comportamento. Mas seria ela somente uma mulher transgressora que viria para, a partir do seu poder de sedução e persuasão, levar aquele homem dito inocente e puro a transgredir?

No contexto da literatura quebequense, não há quem não conheça Philippe-Joseph Aubert de Gaspé Pai, romancista nascido no Quebec em 30 de outubro de 1786 e falecido em 29 de janeiro de 1871. Filho de família nobre, Aubert de Gaspé estudou Direito e foi admitido

tentou estilizar, como, por exemplo, a do Negrinho do Pastoreio, que pode ser considerada uma das mais belas, sem dúvida, na sua simplicidade crioula, publicada em 1906 no *Correio Mercantil*, e a d'A M'boitatá, que abre o volume das *Lendas do Sul* e apareceu em 1909. MEYER, Augusto. *Prosa dos Pagos*. 1941-1959. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2002.

³ Utilizamos aqui o termo “livrinho” por ser a forma com que Augusto Meyer faz referência à publicação de Lopes Neto.

⁴ Padre Carlos Teschauer nasceu em 10 de abril de 1851, na cidade de Birstein, Alemanha. Sacerdote jesuíta, veio para o Brasil em 1880, fixando-se no Rio Grande do Sul, onde permaneceu até o fim de seus dias. Foi professor, vigário, grande estudioso das tradições gaúchas e uma das maiores autoridades em matéria de história, indologia e etnografia do Rio Grande do Sul. Naturalizou-se brasileiro em 1891. Na área do folclore, publicou *Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas* (1925) e *Poranduba rio-grandense* (1929). Faleceu em 16 de agosto de 1930, em São Leopoldo, RS. Teschauer é considerado o “pai da historiografia gaúcha”. Ele recolheu parte do argumento das Lendas do Sul na *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, inspirado na obra de Daniel Granada. DINIZ, Carlos Francisco Sica. *Simões Lopes Neto: uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003, p. 23.

⁵ Apresentaremos, no capítulo 1, Blau Nunes, dada a importância que ele tem enquanto um dos narradores da lenda. Todavia, sendo nosso objetivo estudar as representações femininas, não nos aprofundaremos na figura do Blau gaúcho pobre em busca de sua identidade perdida.

no Barreau⁶ em 1811. Casa-se no mesmo ano e retoma sua carreira de advogado. Em 1816 é nomeado xerife da cidade do Quebec, mas é deposto em 1822, por suspeita de roubo causado por erros nas contas públicas.

Em 1863, Aubert de Gaspé publica a narrativa histórica *Les Anciens Canadiens*, que conhece sucesso imediato, até hoje considerada a primeira obra clássica da ficção canadense-francesa. É dela que retiramos uma das versões da Corriveau trabalhadas aqui.

Em William Kirby, onde também buscaremos uma versão de “La Corriveau”, encontraremos novos elementos da lenda, em cuja versão são inventados crimes e abusos. Entre outros, encontramos os maridos que ela matou, sua vida desregrada e os diversos lugares que ela teria assombrado.

Neil Besner informará em sua pesquisa que “The Golden Dog (Le Chien d’Or), a legend of Quebec”, de William Kirby, é publicada em 1877 em Nova Iorque e em Montreal. A primeira edição comporta vários erros e a pressuposta edição “autorizada”, *The Golden Dog (Le Chien d’Or), a romance of the days of Louis Quinze in Quebec* (Boston, 1897), é segundo Besner, “tristemente mutilado”. Um bom número de outras edições e compêndios são também sujeitos à caução. A ação do romance precede bem proximamente o declínio da Nova França. Dois partidários da célebre casa de comércio “Le Chien d’Or”, dirigida pelo burguês Philibert, lutam contra a Grande Companhia decadente e corrompida do Intendente Bigot. Dois idílios infelizes se entrecruzam: o de Amélie de Repentigny e Pierre, filho de Philibert, e o de Le Gardeur (irmão de Amélie) e da egoísta Angélique des Meloises⁷, que terminará por convencer-se em matar Philibert. A intriga precipita o declínio da colônia. A obra, que mistura o romance imaginário e o histórico, a história e a lenda quebequense, ainda segundo o autor, nos esclarece também a respeito da percepção que os canadenses ingleses do século XIX tinham do passado canadense-francês.

O foco principal do trabalho ora apresentado, centralizado na análise das representações femininas lendárias, é demonstrar de que forma esses seres ficcionais influenciam o modo como a mulher é vista e entendida, no período de conquista das terras quebequenses (Corriveau) pelos ingleses e do período marcado por revoluções e constituição da identidade do sul do Brasil (Teiniaguá), encerrando em si as características e os valores que viriam a ser considerados

⁶ Barreau é o termo usado para referir-se à advocacia. Visto que Aubert de Gaspé estudou com Jonathan Sewell, famoso professor da época, é provável que tenha sido admitido na equipe deste. Disponível na Enciclopédia Virtual do Canadá: <http://www.thecanadianencyclopedia.com/index.cfm?PgNm=TCE&Params=F1ARTF0000392> Acesso em: 26 set. 2008.

⁷ Angélique de Meloises será quem irá procurar a Corriveau para ajudá-la a resolver seus problemas, conforme veremos no capítulo 1.

essenciais para a construção da identidade das mulheres que habitavam ambas as regiões. Violência, proibições, punições, regras e normas preestabelecidas: tudo isso é o que queremos explicar tomando a personagem feminina representada sob a forma de bruxa, má, vítima ou assassina cruel. Buscaremos apoio, para tanto, nas teorias de gênero e oralidade que auxiliarão a comprovar nossas idéias e afirmações.

Nosso trabalho divide-se em cinco capítulos. No capítulo 1, intitulado “A Salamanca do Jarau e La Corriveau: apresentação”, procuraremos dar um panorama geral acerca das duas narrativas. Na primeira, falaremos sobre as personagens principais (Teiniaguá, Blau Nunes e Santão), procurando justificar nosso interesse pelo estudo da representação feminina. Igualmente, introduziremos a personagem histórica Corriveau, transformada depois de sua morte em representação lendária. Serão apresentadas, como citamos acima, as versões de William Kirby e Phelipe Aubert de Gaspé Pai, pela importância histórica que têm.

No capítulo 2, “Mito e cultura oral”, teceremos algumas considerações sobre esses dois conceitos. Procuraremos definir o que é mito, o que é cultura oral e como esses dois conceitos, aliados aos de dialogismo, polifonia e voz, estão incrustados na tradição oral e podem justificar nosso estudo.

Como forma de enriquecer nosso estudo, abordaremos no capítulo 3 as questões de “Gênero e representação cultural”. Procuraremos entender o conceito de gênero e traçar um pequeno paralelo histórico da mulher, dos tempos bíblicos aos dias atuais.

O capítulo 4, intitulado “Teiniaguá e/ou as peripécias de uma figura feminina na literatura oral”, procedemos à análise propriamente dita desta representação. Estudaremos seu surgimento, sua relação com o Santão, e todas as relações políticas, sociais e religiosas que o envolvimento do par central da narrativa – Santão *versus* Teiniaguá – implica.

Finalmente, o capítulo 5, “A figura feminina e o estereótipo da maldade: o exemplo de ‘La Corriveau’”, procurará ser uma apresentação da Corriveau como personagem histórica, mas também uma apresentação dela como figura lendária. O capítulo pretende ser um questionamento acerca da maldade atribuída à Corriveau. Questionaremos se ela era realmente má ou se essa maldade estaria atrelada às normatizações sociais e políticas da sociedade patriarcal da época.

1 – A SALAMANCA DO JARAU E LA CORRIVEAU: APRESENTAÇÃO

1.1 – A SALAMANCA DO JARAU

O mito da Teiniaguá que integra parte do *corpus* deste trabalho é aquele presente na lenda “A Salamanca do Jarau”. O relato tem sua versão mais célebre no registro de João Simões Lopes Neto⁸ e foi publicado pela primeira vez no ano de 1913, no volume *Lendas do Sul*. Para o autor, a lenda tem origem na cidade de Quaraí (RS), já que lá está situado o Cerro do Jarau, paisagem que o inspirou a (re)contar a narrativa, que, entre mito e lenda, situa-se num tempo determinado, começando por volta de 1650 com o encontro do sacristão e da Teiniaguá e terminando duzentos anos depois, por volta de 1850, com a história de Blau⁹ e sua descida à fuma encantada. O sacristão e a Teiniaguá formam o par central do relato, pois é a partir deles que toda a história se desenvolve.

Referir-se à Salamanca como uma narrativa que está entre o mito e a lenda nos leva, automaticamente, a tentar distinguir um do outro. Certos autores como Câmara Cascudo atribuem à constante da lenda o caráter religioso, além de ser uma narrativa em que nada pode ser considerado inútil ou desinteressante já que, para ele, a própria lenda é um ponto móvel de referência. Ao distingui-la do mito, afirma que este último é uma explicação imediata, uma constante em movimento. Para ele, o que caracteriza a lenda é a estaticidade e o caráter

⁸ João Simões Lopes Neto foi um dos maiores escritores regionalistas do Rio Grande do Sul. Nascido em Pelotas, no ano de 1865, e falecido na mesma cidade em 1916, teve seu reconhecimento póstumo especialmente com os volumes *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul*.

⁹ Blau Nunes é um gaúcho pobre que sente atração pelos mistérios e possibilidades de riqueza contidas nas fuma do Jarau, onde vive a princesa moura, mulher metamorfoseada em animal diabólico que arrasta os homens à perdição, a Teiniaguá. Ele é, segundo Luís Augusto Fischer, um velho e experimentado peão que está, por algum motivo não enunciado, acompanhando outro sujeito num périplo, ao longo do qual fala, rememora, moraliza; este, o interlocutor, que jamais tem voz no andamento das histórias (a não ser, se quisermos pensar em uma hipótese plausível, naquelas primeiras páginas, quando uma voz promove a apresentação de Blau), é mais jovem do que Blau e não conhece a vida campeira, mas parece ter algum interesse tanto na experiência daquele (porque presta atenção a seus *causos*), quanto na vida gaúcha interiorana (porque anota as coisas que ele vai dizendo). In: LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Notas e introdução de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003, p. 15.

passado, enquanto o mito se caracteriza pela dinamicidade e atualidade. Esse modo de diferenciar é bastante passível de discussão, a qual propomos em um capítulo específico.

Blau, por sua vez, é um cavaleiro, gaúcho pobre, que só possuía seu cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais. O cavaleiro gaúcho, segundo Rosane Volpato¹⁰, viveu sua época dourada no final do século XIX, concomitante ao surgimento da literatura romântica, sendo, portanto, de formação mitológica bem recente.

O cavaleiro gaúcho é um arquétipo universal: homem honrado, honesto, hospitaleiro, amigo de todas as horas, audacioso e corajoso. Ele, conforme se observa, possui os mesmos atributos que o cavaleiro medieval. Entretanto, esse herói mítico vive num mundo só seu, gauderiando os pampas, livre, deixando-se carregar pelo vento minuano, que assobia e assopra nas verdejantes coxilhas.

Para Flávio Loureiro Chaves (1982, p. 82), Blau é um gaúcho valente, mas, após o encontro fatídico, passou a ser derrotado nos combates, “o ferro em sua mão ia mermando e o do contrário o lanhava”; é domador exímio, mas passou a ser “volteado” pela presa; também possui mão de plantador, mas agora “o arvoredo do seu plantio crescia entecado e mal floria”. Na valentia, na perícia com o animal e na habilidade de plantador residem os atributos fundamentais do gaúcho; não só deste descrito por Simões Lopes, mas também daquele anterior a 1913. Blau penetra na caverna; sucedem-se as setes provas que deve ultrapassar (as espadas ocultas na sombra; a arremetida dos jaguares e pumas furiosos; a dança dos esqueletos; o jogo das línguas de fogo e das águas ferventes; a ameaça da boicininga amaldiçoada; o convite das donzelas cativas; o cerco dos anões). Finalmente, o encontro com a Teiniaguá lhe oferece os sete poderes em paga das sete provas: sorte, amor, sabedoria, força, mando, riqueza e arte. Blau rejeita-os todos, calando também seu verdadeiro desejo: “Teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque és tudo!” Então volta ao exterior do cerro onde o sacristão lhe dá uma onça de ouro perfurada pelo condão mágico que proporcionará tantas outras quantas ele desejar. No mundo dos homens, Blau enriquece graças a esse talismã, mas logo corre a má fama de sua fortuna, pois todos perdem em prejuízos exatamente a quantia igual à de suas mãos recebida. Para acabar com a maldição, torna ao cerro e devolve a moeda ao guardião; mas, assim, quebra o encantamento. Blau, pobre como no início, restabelece a paz em sua vida. Encerrando o relato, o narrador enuncia que também o

¹⁰ Disponível em: <http://rosanevolpato.trd.br/lendasalamandradojarau.html>. Acesso em: 23 set. 2008.

Diabo/Anhangá-pitã desapareceu, vencido e desgostoso, “por não haver tomado bem tenência que a Teiniaguá era mulher”.

Segundo Lígia Chiappini (1987, p. 139), “A Salamanca superpõe um tempo ainda mítico – das Missões – ao tempo histórico: do Rio Grande, sociedade da estância, nos meados do século XIX”. A narrativa pode ser lida, também, como representação da moral cristã que se sobrepõe à magia de um Rio Grande originário e mítico, já que a progressiva derrota do mito pela religião nada mais é do que uma forma de exaltação do colonizador europeu, da civilização impondo-se aos cultos pagãos e bárbaros¹¹. E com a apologia dos valores ocidentais, do racional, contrária ao feminino e ao instinto, sobretudo o sexual. Esse instinto está no ápice da narrativa e é o que irá determinar todo ato transgressor de uma das principais representações lendárias presentes no relato.

Simões Lopes Neto compõe uma versão literária de “A Salamanca do Jarau” com o intuito de manter certa integridade face aos acontecimentos narrados. Para isso, procura aproveitar determinados temas folclóricos já recorrentes em seu ambiente social (mas colocando-os sob um prisma pessoal) e, dessa forma, recuperar um passado mítico, o que pode ser uma forma de demonstrar problemas pertencentes ao tempo presente. A representação mitológica, por sua vez, é utilizada pelo autor como um recurso, já que em vez de inventá-la em nível episódico, ele a projeta num território simbólico.

De acordo com Padre Carlos Teschauer, em sua famosa conferência de 1911 (*Poranduba rio-grandense*, 1929, p.____), os fragmentos de mitos guaranis, amalgamados às tradições ibéricas e mouriscas, são algumas das crenças pertencentes ao Ciclo do Ouro, do qual a Teiniaguá faz parte. Essas crenças nada mais são do que a ruína de um mundo mágico e comunitário, persistente na sociedade dividida, alicerçada na estância, na separação entre proprietários de terras e trabalhadores, no crescente racionalismo, no moralismo cristão e no machismo do gaúcho guerreiro e cavaleiro.

¹¹ Bárbaros era como os romanos chamavam os povos que viviam à margem de seu Império, com língua, religião e costumes distintos dos considerados civilizados. A palavra *bárbaro* provém do grego antigo, *βάρβαρος*, e significa *não-grego*. Inicialmente foi uma alusão aos persas, cujo idioma gutural os gregos entendiam como *bar-bar-bar*. Depois, os romanos também passaram a ser chamados de *bárbaros* pelos gregos. Porém, foi no Império Romano que a palavra passou a ser usada com a conotação de não-romano ou incivilizado. O preconceito perante os povos que não compartilham os mesmos hábitos e costumes é natural dos habitantes dos grandes centros econômicos, sociais e culturais, e caracteriza-se pelo etnocentrismo. Atualmente, a palavra *bárbaro* significa não-civilizado, brutal ou cruel. Na época em que a narrativa “A Salamanca do Jarau” se situa, o termo tem uma conotação pejorativa que não condizia com a realidade, pois a cultura dominante não era mais a romana, e sim a ibérica, de origem latina. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Povo_b%C3%A1rbaro. Acesso em: 23 set. 2008.

A narrativa é composta por dez partes e possui três narradores: o narrador em terceira pessoa, que a apresenta e a estrutura; Blau Nunes e Santão. Os três participam de um processo dialógico, visto que cada um completa o discurso do outro. Blau Nunes, ao começar a narrar a história, afirma tê-la ouvido de sua “avó charrua”.

(...) ali em frente, quieto e manso, estava um vulto, de face tristonha e mui branca. Aquele vulto de face branca... aquela face tristonha ! ... Aquele vulto era o Santão da salamanca do cerro. (...)
 E, como era ele quem chegava, ele é que tinha que louvar, saudou:
 – Laus ‘Sus – Cris` ! ...¹²
 – Para sempre, amém! Disse o outro, e logo juntou: o boi barroso vai trepando cerro acima, vai trepando ... Ele anda cumprindo seu fadário...¹³
 (...)
 – Sou tapejara, sei tudo, palmo a palmo, até à boca preta da furna do cerro...
 – Tu... tu paisano, sabes a entrada da salamanca? ...
 – É lá? ... Então, sei, sei! A Salamanca do cerro do Jarau! ... Desde a minha avó charrua que ouvi falar!...
 – O que contava a tua avó?
 – A mãe da minha mãe dizia assim:
 –... Na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada Salamanca – onde viveram os mouros, os mouros que eram mestres nas artes da magia; e era numa furna escura que eles guardavam o condão mágico, por causa da luz branca do sol, que diz que desmancha a força da bruxaria...
 O cordão estava no regaço de uma fada velha, que era uma princesa moça, encantada, e bonita, bonita como só ela! ...¹⁴

A avó, assim, resume a vida dos mouros em Salamanca, suas artes da magia, sua conversão ao cristianismo e sua vinda para o Novo Mundo, trazendo uma princesa, encantada em fada velha, em cujo regaço vinha também, escondido, o condão mágico com que os mouros – falsos cristãos – faziam suas bruxarias. As bruxarias dos mouros, no contexto da narrativa, são ligadas, por exemplo, à transformação sofrida pela Teiniaguá. Ela era princesa, mas o condão transformou-a em fada velha, em má, em transgressora.

A narração começa quando Blau sai à procura do boi barroso e, nessa procura, encontra-se com o Santão. O encontro leva-o à recordação daquilo que sua avó charrua contava. A saudação que ele faz ao Santão será justamente o que, ao final da narrativa, irá

¹² “Laus ‘Sus – Cris` ! – Forma abreviada e estranha, é certo, porém expressiva, da saudação – Louvado seja Jesus Cristo! Ouvimos essa expressão inúmeras vezes, em nossa infância”. NETO, João Simões Lopes. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Edição Crítica com introdução, variantes, notas e glossário por Aurélio Buarque de Hollanda. BETANCUR, Paulo (Org.). *Obra Completa Simões Lopes Neto*. Coleção Província, Volume I, Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora da Globo, 1957, p. 293

¹³ Boi Barroso – É a vaga lembrança dum boi encantado que aparecia, porém sem nunca ser encontrado por mais procurado que fosse; é também denominação duma antiga dança cuja música era ornada de versos cantados durante o folgado. SLN, p.293.

¹⁴ Este e os demais trechos aqui citados acerca da narrativa *A Salamanca do Jarau*, na versão de Simões Lopes Neto virão com a abreviatura SLN, seguida da página em que se encontram: SLN, p. 291-292.

libertar o sacristão da prisão na furna encantada. E o fato de ambos se encontrarem marca o início da narrativa, visto serem eles que basicamente descrevem tudo o que irá acontecer, até mesmo as ações da Teiniaguá.

A referência ao substantivo salamanca por si só já é uma marca importante no texto. Percebe-se nitidamente a relação que salamanca mantém com as práticas de bruxaria e os mistérios escondidos no sobrenatural; pode aqui ser entendida como o lugar em que a bruxaria é praticada. Tais práticas e mistérios, conforme o próprio texto nos deixa claro, estão intimamente ligadas com a miscigenação entre árabes e cristãos, simbolizada no encontro da Teiniaguá com o Santão.

Outra marca importante nesta narrativa reside nas questões ideológicas que são, ao mesmo tempo, de oposição entre mouros e cristãos. Pensar nessas diferenças, que não são apenas religiosas e ideológicas, mas abrangem o social, é importante para que se entenda o pecado, ato transgressor do Santão. A Teiniaguá é moura e o Santão, segundo a própria nomenclatura denuncia, é cristão, o que já torna a relação entre eles impossível, passível de severa condenação; é um ato transgressor que Santão comete por ser sacristão e, como católico, por não ter em seus dogmas e normas a permissão de se relacionar com uma figura feminina. Ela, por sua vez, transgride ao seduzir o sacristão, mas sua grande marca transgressora está justamente em representar um ser feminino.

Ao começar a reproduzir a narrativa de sua avó, Blau Nunes diz: “Na terra dos espanhóis do outro lado do mar, havia uma cidade chamada Salamanca – onde viveram os mouros...” No momento em que os mouros saem de sua terra e chegam ao sul, deparam-se com espanhóis, da mesma forma que eles, renegados. Isso acontece porque ambos buscam a dominação de uma terra que está sob domínio dos portugueses e são vistos por estes como inimigos, seguindo interesses de colonização. O encontro dos mouros com a Teiniaguá e o sacristão marcará a afirmativa da miscigenação entre árabes e cristãos.

Segundo Flávio Loureiro Chaves (1982, p. 78-79), o verdadeiro objetivo de Simões Lopes Neto em “A Salamanca do Jarau” é a invenção de uma personagem¹⁵ e a observação da situação limite em que ela se encontra. O tema da viagem aqui entendido pelo caminho percorrido pela Teiniaguá, da Península Ibérica para a América do Sul, e o percorrido por Blau, na busca pelo Boi Barroso, assume um duplo sentido, indicando a ambigüidade da qual

¹⁵ Nosso trabalho não entende nem a Teiniaguá, nem o Santão como personagens, e sim como representações que assumem papéis sociais; são marcas de interditos, de comportamentos que devem ser seguidos e daqueles que devem ser evitados a todo custo.

o texto está impregnado. Blau persegue o boi barroso através de um confuso itinerário que não possui pontos de partida e chegada predeterminados, mas antes inclui uma série de obstáculos e travessia dos territórios desconhecidos. Ao percurso geográfico corresponde a travessia psicológica do próprio Blau em busca de si mesmo, da mesma forma sujeita a avanços e recuos, implicando necessariamente o ingresso no não-sabido¹⁶, para culminar em um processo de auto-reconhecimento e afirmação de identidade.

Todavia, podemos pensar na questão da viagem nas narrativas lendárias a partir das idéias de Sylvie Dion (1999, p. 125): “Contos, canções, lendas tradicionais vindas em sua maioria da França, foram implantadas na América com todas as transformações que uma adaptação a um novo contexto supõe. O folclore da velha França se fundiu ao folclore ameríndio e céltico para formar o lendário dos franceses na América”. A Teiniaguá é formada justamente partindo da mistura árabe-cristã, e a sua adaptação ao contexto no qual pretende ser inserida dá-se a partir do momento em que é trazida pelos mouros da Península Ibérica para a América do Sul. Ela não aparece no início do relato, está situada nas suas partes intermediárias, e sua inclusão no itinerário de Blau irá imprimir-lhe um cunho mítico, presente ao longo da análise aqui proposta, iluminando de forma simbólica a experiência do auto-reconhecimento. Ela está ligada, também, ao tema da dupla travessia: geográfica, de uma princesa moura que vem com os árabes da Península Ibérica para a América do Sul, e psicológica, a partir do momento em que seu contato com o Diabo a torna amaldiçoada e o fato de representar o feminino a coloca à margem da sociedade. Além disso, está na esfera do marginalizado, mas se faz presente pelo seu grande poder de sedução e persuasão. Segue a passagem em que a Teiniaguá é amaldiçoada pelo Anhangá-Pitã.

Por isso Anhangá-Pitã folgou, porque assim minava para o peito dos inocentes as maldades encobertas que aqueles chegados traziam ... E pois, escutando o que eles ambicionavam para vencer a Cruz com a força do Crescente, o maldoso pegou o condão mágico – que navegara em navio bento e entre frades rezadores e santos milagrosos –, esfregou-o no suor do seu corpo e virou-o em pedra transparente; e lançando o bafo queimante do seu peito sobre a fada moura, demudou-a em Teiniaguá sem cabeça. E por cabeça encravou então no novo corpo da encantada a pedra, aquela, que era o condão, aquele. E como já era sobre a madrugada, no crescimento da primeira luz do dia, do sol vermelho que ia querendo romper dos confins por sobre o mar, por isso a cabeça de pedra transparente ficou vermelha

¹⁶ O não-sabido no contexto de “A Salamanca do Jarau” é metaforizado na fumaça encantada; Blau entra na fumaça, passa pelas sete provas e com isso se encontra identitariamente, percebendo quais as virtudes e os defeitos que possui e o que realmente é importante para a vida dele.

como brasa e tão brilhante que os olhos da gente vivente não podiam parar nela, ficando encadeados, quase cegos!...¹⁷

Ainda sobre os mouros, o texto enfatiza que eles “eram mestres nas artes da magia”. Essa magia, portanto, faz referência às práticas de alquimia árabe, que está em oposição clara àquilo que o Santão crê e à religião que ele pratica. A religião católica, por si só, é marca forte e determinante na narrativa. E é aqui que reside o fato de a Teiniaguá ser vista como bruxa, já que ela tem sua raiz na cultura árabe e tem poderes por ser representação feminina, híbrida (visto que é também lagartixa) e por ter recebido poderes do Anhangá-Pitã, o diabo vermelho dos índios. A fé cristã, por sua vez, está ligada a questões ideológicas, já que se subentende, a partir do texto, uma ligação com o período ibérico de caça às bruxas, impulsionado pelo período inquisitório, em que os tribunais tinham força para decidir qual ideologia deveria ser aceita, rejeitada e/ou severamente punida.

Francisco Bethencourt, no livro *A história das Inquisições* (2000), investiga os diferentes instrumentos inquisitoriais empregados e descobre, entre os processos contra as feiticeiras, um questionário que condicionava as respostas das presas. Nubia Hanciau (2004, p. 64) relata que o historiador português considera a Inquisição como uma das instituições mais bem organizadas e enraizadas, fato que dificultou seu banimento; e o cita a respeito da perseguição às bruxas, que está, desde o século XIV, relacionada à magia. Segundo ela, Bethencourt assegura: “era sobretudo uma população feminina, com saberes tradicionais, que manipulava ervas, remédios naturais e invocava os espíritos. Há toda uma mitologia sobre a assembléia das bruxas. [...] As bruxas voavam para o Sabbah¹⁸ e freqüentavam assembléias com os demônios, copulando coletivamente” (HANCIAU, op. cit., p. 75).

Carlos Byington, no prefácio de *O martelo das feiticeiras* (2005, p. 22), refere-se à Inquisição como um período que se julgava purificador e projetava de forma paranóica sua própria sombra (os complexos culturais inconscientes) nos hereges que torturava e matava.

¹⁷ SLN, p. 293.

¹⁸ Nubia Hanciau, em sua tese já citada, diz que o diabo é o personagem principal do Sabá, muitas vezes apresentado na reunião sob a forma de homem ou bode. Falar em Sabá aos olhos dos contemporâneos significa falar no seu cortejo de acessórios, banquetes em honra do demônio e beijos no seu traseiro, danças eróticas noturnas, mulheres nuas, pactos, profanação dos sacramentos, tudo visto na maioria das vezes como lenda ou fruto de confissões sob tortura. Além da etimologia “reunião ritual de feiticeiros” (Carlo Ginzburg), expressões eruditas também o definem: *sagarum synagoga* ou *strigiarum conventus*, e ainda uma miríade de epítetos populares como *striaz*, *bartòtt*, *akelarre*. Para o dicionário, “do grego *shabbath*, pelo francês *sabbat*, o Sabá é o descanso religioso que os judeus devem observar no sábado consagrado a Deus”; numa segunda acepção, diz ainda: “conciliábulo de bruxos e bruxas que, segundo superstição medieval, reunia-se no sábado à meia-noite, sob presidência do Diabo” (HANCIAU, op. cit., nota 28, p. 75).

Ao torturar e matar, os inquisidores diziam lutar contra o demônio para salvar a alma para Cristo. Faziam tudo isso como especialistas no estudo dos Evangelhos e seu conteúdo humanista.

Na esteira de Byington, e se tomarmos a Teiniaguá como feiticeira, encontramos nas idéias de Hanciau (2004, p. 62) a afirmação de que é impossível tratar a feitiçaria separadamente da Inquisição, legitimada pelo papa Inocêncio III e instalada progressivamente. A partir do século XIII se expandiu, evoluindo antes de fechar suas atividades na Alemanha e na França. Ainda segundo a autora, em 1231, a Inquisição surge na Alemanha; em 1232, na França, abrangendo as mais diversas organizações; a ação inquisitorial, além de perversa, foi longa, tendo durado provavelmente meio milênio provavelmente, do século XIV (a partir de 1478) ao século XIX, época de perseguição ultra-organizada.

As feiticeiras¹⁹ eram, assim, aquelas que conspiravam contra Deus, impedindo o advento de seu reino. Elas pertenciam aos descrentes, diabólicos e heréticos, ao bando do Diabo, inimigo mais forte da boa doutrina.

Num mês de quaresma os mouros escarneceram muito do jejum dos batizados, e logo perderam uma batalha muito pelejada; e vencidos foram obrigados a ajoelharem-se ao pé da Cruz Bendita... e a bateram nos peitos, pedindo perdão... Então, depois, alguns, fingidos cristãos, passaram o mar e vieram dar nessas terras sossegadas, procurando riquezas, ouro, prata, pedras finas, gomas cheirosas... Riquezas para levantar de novo o seu poder e alçar de novo a Meia-Lua sobre a Estrela de Belém... E para segurança de suas tranças trouxeram escondida a fada velha, que era sua formosa princesa moça...²⁰

A presença moura *deste lado do mar*, para Cícero Lopes (1999, p.33) originou-se do ventre da fada velha, que se transformou em fada jovem, “bonita como ela só” (depois, Teiniaguá pactante, uma vez que faz pacto com o Diabo)²¹, mas foi propiciada pela

¹⁹ Falar da Teiniaguá como feiticeira, aqui, tem apenas o objetivo de contextualizá-la dentro do período da Inquisição. Uma análise mais detalhada dessa condição da representação lendária será feita em um capítulo em separado.

²⁰ SLN, p.292.

²¹ O Diabo, nas pesquisas de Nubia Hanciau, é uma personagem inscrita no Antigo Testamento como Satã (adversário). É originalmente bom, mas se transforma em anjo revoltado. Criado pelo Eterno, como os outros anjos, d’Ele tudo herda. Representado nos textos antigos como entidade longínqua, que encarnava o mal, ele agita-se nos bastidores, prestes a entrar em cena, desempenhar seu papel em sintonia com o público que o reclama. Nessa época os anjos (“mensageiros”), intermediários entre o céu e a terra, dividiam-se entre duas categorias: os bons, fiéis a Deus, e os outros, os demônios, que se rebelavam seguindo o mestre Lúcifer (“o que carrega a luz”), transformando-se em maus (HANCIAU, 2004, p. 71).

companhia dos espanhóis renegados, igualmente transgressores. O condão viera no “regaço duma fada velha, que era uma princesa moça”, colocação que faz com que percebamos uma renovação por que passa a representação mítica.

E devia ter mesmo muita força o condão, porque nem os navios se afundaram, nem os frades de bordo desconfiaram, nem os próprios santos que vinham não sentiram... Nem admira, porque o condão das mouras encantadas sempre aplastou a alma dos frades e não se importa com os santos do altar, porque esses são só imagens... Assim bateram nas praias da gente pampiana os tais mouros e mais outros espanhóis renegados. E, como eles eram, todos, de alma condenada, mal puseram pé em terra, logo na meia-noite da primeira sexta-feira foram visitados pelo mesmo Diabo deles, que neste lado do mundo era chamado de Anhangá-pitã²² e mui respeitado. Então, os mouros e renegados disseram ao que vinham; e Anhangá-pitã folgou muito; folgou, porque a gente nativa daquelas campanhas e a destas serras era gente sem cobiça de riquezas, que só comia a caça, o peixe, a fruta e as raízes que Tupã despejava sem conta, para todos, das suas mãos sempre abertas e fazedoras... Por isso Anhangá-pitã folgou, porque assim minava para o peito dos inocentes as maldades encobertas que aqueles chegados traziam... e, pois, escutando o que eles ambicionavam para vencer a Cruz com a força da Crescente, o maldoso pegou o condão mágico – que navegara em navio bento entre frades rezadores e santos milagrosos –, esfregou-o no suor do seu corpo e virou-o em pedra transparente; e lançando o bafo queimante do seu peito sobre a fada moura, demudou-a em Teiniaguá²³ sem cabeça. E por cabeça encravou então no novo corpo da encantada a pedra, aquela, que era o condão, aquele. (...) Então Anhangá-pitã, cansado, pegou num cochilo pesado, esperando o cardume das desgraças novas, que deviam pegar para sempre... Só não botou tenência que a Teiniaguá era mulher...²⁴

E a velha narradora, a avó de Blau, termina sua narração, como vimos anteriormente, deixando um clima de suspense e anunciando que do momento do término em diante Teiniaguá “faria das suas”, enquanto o diabo dormia, e justifica isso com uma observação que permeará todo o relato e que ela explicita no final, como uma forma de chave ou moral da história: *a Teiniaguá era mulher...* O fato de ser mulher explica e justifica muita coisa, no ser mulher está a origem de tudo o que ela faria, do comportamento sedutor, da transgressão cometida. Ao falar que ela “faria das suas” a avó quer referir-se à busca pelo Santão e a concretização da relação entre os dois; uma relação que perpassa o carnal e, assim, condena.

A Salamanca, enquanto relato, é introduzida como algo longínquo, primeiramente por vir de um passado – “A mãe da minha mãe dizia assim” – e começa situando longe, no espaço e em um tempo indeterminado, os fatos e seus principais protagonistas: “Na terra dos

²² Anhangá-pitã – literalmente do tupi-guarani: diabo vermelho.

²³ Teiniaguá = lagartixa. A Teiniaguá encantada também era chamada de carbúnculo, farol, já que depois de amaldiçoada pelo Diabo, trazia engastada na cabeça uma “pedra preciosa que cintilava como brasa e era da cor do rubi”. SLN, p. 323-324.

²⁴ SLN, p. 292-294.

espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada – Salamanca – onde viveram os mouros, os mouros que eram mestres nas artes da magia”²⁵. A partir desse momento, e depois de já termos nos deparado com um boi barroso, um sacristão, uma longa distância no tempo e no espaço, qualquer coisa poderá aparecer sem que nós, leitores, surpreendamo-nos: um condão mágico, uma princesa moça encantada, uma Cruz Bendita e a estrela de Belém atravessarão a narrativa como que em luta constante com a meia-lua dos infiéis.

Por outro lado, vários elementos da narrativa apontam para a idéia de magia, antes já citada. Nas terras do Novo Mundo, mouros e espanhóis renegados, ao desembarcar, recebem a visita do Diabo, de nome Anhangá-pitã, espécie de demônio local. Em sua relação com a religiosidade, ele é colocado enquanto representação maléfica que, depois de tanto trabalhar contra os cristãos, vê na representação da manceba parte de sua missão completa. Não se dá conta, todavia, de que aquela era a representação feminina e, como tal, tinha poderes; sendo moura, esses poderes eram relacionados à magia.

O fato de Blau Nunes apresentar a Teiniaguá e falar da sua vinda para a América do Sul é, por sua vez, uma característica importante no desenvolvimento da narrativa, já que a representação feminina não tem voz ativa²⁶.

– Eu sou a princesa moura encantada, trazida de outras terras por sobre um mar que os meus nunca sulcaram... Vim, e Anhangá-pitã transformou-me em Teiniaguá de cabeça luminosa, que outros chamam o – carbúnculo – e temem e desejam, porque eu sou a rosa dos tesouros escondidos dentro da casca do mundo...
Muitos têm me procurado com o peito somente cheio de torpeza, e eu lhes hei escapado das mãos ambicioneiras e dos olhos cobiçosos, relampejando desdenhosa o lume vermelho da minha cabeça transparente...
Tu, não; tu não me procuraste ganoso... e eu subi ao teu encontro; e me bem trataste pondo água na guampa e trazendo mel fino para o meu sustento.
Se quiseres, tu, todas as riquezas que eu sei, entrarei de novo na guampa e irás andando e me levarás onde eu te encaminhar, e serás senhor do muito, do mais, do tudo!...
A Teiniaguá que sabe dos tesouros sou eu, mas sou também princesa moura...
Sou jovem... sou formosa..., o meu corpo é rijo e não tocado!...
E estava escrito que tu serias o meu par.
Serás o meu par... se a cruz do teu rosário me não esconjurar... Senão, serás ligado ao meu flanco, para, quando quebrado o encantamento, do sangue de nós ambos nascer uma nova gente, guapa e sábia, que nunca mais será vencida, porque terá todas as riquezas que eu sei e as que tu lhe carrearás por via dessas!...
Se a cruz do teu rosário não me esconjurar...²⁷

²⁵ SLN, p. 292.

²⁶ Analisaremos a influência do diabo e da magia na forma como a representação feminina é entendida, bem como a questão da voz da Teiniaguá, num capítulo específico sobre ela; nosso objetivo, aqui, é apenas apresentar a narrativa.

²⁷ SLN, p. 299-300.

Então, após a apresentação presente no trecho anterior, poderíamos pensar que é realmente a Teiniaguá que está se apresentando e contando o seu encontro com o sacristão, visto que o Santão descreve tal encontro de forma a dar a entender que é a representação feminina em sua voz ativa, contrapondo-se à cruz do rosário, aos dogmas da Igreja Católica. Mas, seguindo a narração, ele afirma que:

Sobre a cabeça da moura amarelejava nesse instante o crescente dos infiéis...

E foi se adelgçando no silêncio a cadência embalante da fala induzidora...

A cruz do meu rosário...

Fui passando as contas, apressado e atrevido, começando na primeira... e quando tentei a última... e que entre as duas os meus dedos, formigando, deram com a Cruz do Salvador... fui levantando o Crucificado... bem em frente da bruxa, em salvatério... na altura do seu coração... na altura da sua garganta... da sua boca... na altura dos...

E aí parou, porque os olhos de amor, tão soberanos e cativos, em mil vidas de homem outros se não viram!...

Parou... e a minha alma de cristão foi saindo de mim, como o sumo se aparta do bagaço, como o aroma sai da flor que vai apodrecendo...

Cada noite era meu ninho o regaço da moura; mas, quando batia a alva, ela desaparecia ante a minha face cavada de olheiras...

E crivado de pecados mortais, no adjutório da missa trocava os amém, e todo me estortegava e doía quando o padre lançava a bênção sobre a gente ajoelhada, que rezava para alívio dos seus pobres pecados, que nem pecados eram, comparados com os meus...²⁸

Aqui, além de se confirmar a narração do Santão, percebe-se o encantamento que toma conta dele quando do primeiro encontro com a Teiniaguá. Na cabeça da moura estava a marca da infidelidade e da não-religiosidade, através do carbúnculo²⁹, lá colocado pelo Anhangá-pitã. No momento em que a princesa moura é libertada pelo sacristão, ela usa seus poderes, seja aqueles genuínos de uma figura feminina, seja os advindos dos poderes relacionados à magia, para persuadi-lo a ficar com ela. Num primeiro momento ele tenta se defender, apontando para ela o símbolo de sua religiosidade: a cruz do rosário, mas o encantamento que ela transmitia era maior que qualquer símbolo religioso e ultrapassava todos os dogmas (mesmo os mais rígidos) da Igreja Católica. O Santão, se visto enquanto figura masculina, deixa-se dominar pela sedução, perdendo, assim, os valores cristãos até então tão certos dentro da vida que escolheu, e passa a viver carregando uma culpa pelo seu pecado maior.

²⁸ SLN, p.300-301.

²⁹ Anhangá transforma o condão mágico em pedra transparente e a fada moura, em Teiniaguá. A pedra, colocada no lugar da cabeça da lagartixa, pelo contato com o sol da manhã, vira brasa vermelha, brilhante ao ponto de cegar quem dela se aproxima. O lugar do encontro macabro é batizado de Salamanca, e essa é a origem do nome de todas as furnas da América, “em lembrança da cidade dos mestres mágicos”.

Segundo ele, os pecados dos fiéis, por maiores que sejam, nada representam perto do cometido por ele. Ele relata:

Uma noite ela quis misturar o mel do seu sustento com o vinho do santo sacrifício: e eu fui, busquei no altar o copo de ouro consagrado, todo laborado de palmas e resplendores; e trouxe-o, transbordante, transbordando...
De boca para boca, por lábios incendiados o passamos...
E embebedados caímos, abraçados.
Sol nado, despertei: estava cercado pelos santos padres.
Eu, descomposto; no chão o copo, entornado; sobre o oratório, desdobrada, uma charpa de seda, lavrada de bordaduras exóticas, onde sobressaía uma meia-lua prendendo entre aspas uma estrela... E acharam na canastra a guampa e no porongo o mel... E até no ar farejaram cheiro mulherengo... nem tanto era preciso para ser logo jungido em manilhas de ferro.³⁰

A mistura do mel com o vinho do santo sacrifício é a metáfora da união árabe-cristã, metáfora da mistura de etnias. Entretanto, era uma mistura proibida, não só por todos os valores religiosos e sociais nela imbricados como também pelo fato de se tratar de um sacristão, um membro da igreja católica que deveria servir de modelo de comportamento a toda a população. Ao ser pego pelos santos padres, não há defesa possível, as marcas da Teiniaguá estão por todo o lugar, desde o copo no chão, entornado, à charpa de seda com bordaduras exóticas. A guampa na canastra³¹ e o mel no porongo confirmam o pecado mortal do sacristão.

Afrontei o arrocho da tortura, entre ossos e carnes amachucadas e olhos e cabelos repuxados. Dentro das paredes do segredo não havia gritos nem palavras grossas; os padres remordiam a minha alma prometendo o inferno eterno e espremiavam o meu arquejo decifrando uma confissão... Mas a minha boca não falou... Não falou por senha firme de vontade, que não me palpitava confessar quem era ela e que era linda... (...)
Fui sentenciado a morrer pela morte do garrote, que é infame; condenado fui por ter dado passo errado com bicho imundo, que era bicho e mulher moura, falsa, sedutora e feiticeira.
No adro e no largo da igreja o povo ajoelhado batia nos peitos, clamando a morte do meu corpo e a misericórdia da minha alma.
O sino começou dobrando a finados. Trouxeram-me em braços, entre alabardas e lanças, e um cortejo moveu-se, compassando a gente d'armas, os santos padres, o carrasco e o povaréu.³²

³⁰ SLN, p. 301.

³¹ Canastra é definida também pelo Dicionário Houaiss como Regionalismo: Brasil. Caixa ou maleta revestida de couro na qual se guardam roupas e pequenos objetos.

³² SLN, p. 301.

A morte do sacristão era pedida por todos; seu ato transgressor não poderia de forma alguma ser aceito pela sociedade da época, embora toda a culpa recaísse sobre a Teiniaguá, que era moura e, assim, falsa, sedutora e feiticeira. A transgressão dela, conforme veremos na sequência, era algo empírico, quase involuntário, uma vez que o fato de ela ser de uma etnia diferente, constituir a representação feminina e, assim, ter poderes ligados à prática da magia, bruxaria e sedução justificavam seu ato transgressor. Cabia, portanto, a ele, servo de Deus, não se deixar cair em tentação.

Todavia, no que tange à Teiniaguá³³, Cícero Lopes (1999, p. 32) sustenta que Teiniaguá ou Teiuiaguá³⁴ é personagem caracteristicamente híbrida, visto que é metade representação feminina, metade lagarto, e está presente na cultura popular da região das Missões e da Campanha do Rio Grande do Sul. Falar aqui em hibridez subentende uma marca transgressora, uma vez que a transgressão só é legitimada na desobediência e na paixão, na ação e na mobilidade, na modificação, pois a pureza perece de imobilidade. Mas essa hibridez não se restringe a isso, já que a própria narrativa “A Salamanca do Jarau” se transforma, a partir de sua estrutura interna, na sua superação enquanto lenda e na superação do mundo em que ela foi originalmente concebida (LOPES, 1999, p. 19). Portanto, ao se levantar o questionamento sobre lenda – conto, com base nas explicações de Cícero Lopes, já se pode perceber relações híbrido-dialógicas entre o texto original e o texto do autor; o argumento básico do texto é proveniente de lenda ou lendas, já que a lenda, por definição, pode ser entendida como uma mistura de vozes e é essa definição que permite se aceitar mais de um argumento para o texto. Cada voz presente, a do narrador, a de Blau Nunes, a do Santão, carrega consigo vivências, dogmas, normas e regras que devem ser seguidas e isso permite que a narrativa se construa a partir de diferentes argumentos, dando a idéia de que dentro de uma mesma narrativa existem várias.

³³ Teiniaguá e Santão são representações centrais dentro da narrativa, entretanto seus nomes são colocados o tempo todo em letras minúsculas, dando a eles uma conotação de função ou categoria.

³⁴ Cícero Galeno Lopes destaca que os substantivos *Teiniaguá* e *teiuiaguá* são compostos de *teiú* e *aguaíca*. *Teiú* é designação indígena de lagarto, segundo o *Novo dicionário Aurélio*. O étimo tupi significa “comida de gentalha”. *Aguaíca* (tupi) significa “manceba, namorada que peca por obras”. Essa acepção de *aguaíca* se encontra registrada no *Diccionario portuguez-brasiliano e brasiliano-portuguez* editado em Lisboa pela Officina Patriarchal, em 1875. As formas *Teiniaguá* e *teiuiaguá* são equivalentes, mas é mais comumente encontrada a primeira (LOPES, apud FILIPOUSKI, NUNES, BORDINI et al.).

1.2 – LA CORRIVEAU

Marie-Josephte Corriveau é uma das figuras mais populares do folclore quebequense. Tomando como base a expressão do etnógrafo Luc Lacourcière³⁵, La Corriveau conheceu um “triplo destino, histórico, lendário e literário”³⁶.

Nascida na paróquia rural de Saint-Vallier, na Nova-França, e batizada em 14 de maio de 1733, Marie-Josephte Corriveau (1733-1763), popularmente conhecida como “La Corriveau”, é a única filha sobrevivente de Joseph Corriveau, agricultor, e de Françoise Bolduc. Casa-se aos 16 anos, em 17 de novembro de 1749, com Charles Bouchard, também agricultor, com quem tem três filhos. Entretanto, ele morre e pouco mais de um ano após sua morte (ele é enterrado em 27 de abril de 1760), ela casa-se novamente, no dia 20 de julho de 1761, com outro agricultor da região, chamado Louis Dodier. Contudo, na manhã de 27 de janeiro de 1763, ele é encontrado morto em sua granja, com numerosos golpes na cabeça. O corpo da vítima é enterrado na mesma noite, após testemunhas do lugar afirmarem ter sido morte accidental. Mas o fato de o enterro ter sido realizado precipitadamente, por vontade da família, e também o conhecimento de que a vítima não mantinha boa relação nem com sua esposa, nem com o sogro fizeram com que o rumor público de assassinato fosse alimentado.

³⁵ Depois de ter investigado minuciosamente os autos do processo que se desenrolou no Québec em 1763 e que tinha sido repatriado da Biblioteca Pública de Londres, para o Québec pelo Sr. J. Eugène Corriveau, funcionário na cidade do Québec, o etnólogo Luc Lacourcière, professor na Universidade Laval, pôde reconstituir os fatos na origem das narrativas lendárias que circularam e circulam ainda sobre a Corriveau. É o primeiro de três artigos publicados em *Les Cahiers des Dix*, em 1968, que é reproduzido por Guilbault em sua recolha. Lacourcière reconstitui os fatos que cercam a morte de Louis-Étienne Dodier, segundo marido de Marie-Josephte Corriveau e retoma o golpe teatral que levou a um segundo processo enquanto que, na sequência de um erro judiciário, é o pai de Marie-Josephte Corriveau que foi inicialmente julgado e condenado. Por fim, ele explica a sentença que estipulava que o cadáver deveria ser preso em uma gaiola.

In: GUILBAULT, Nicole. *Il était cent fois La Corriveau*. Québec: Nuit Blanche Éditeur, 1995, p. 147.

Sendo Guilbault nosso ponto de referência para o trabalho com a narrativa “La Corriveau”, as considerações retiradas de sua obra virão com a abreviatura NG, seguida da página na qual se encontram.

³⁶ Numa perspectiva multidisciplinar, diferentes abordagens nos permitem melhor assimilar e dar o verdadeiro valor ao lugar privilegiado que Marie-Josephte Corriveau conquistou na memória coletiva e na literatura do Québec. Inicialmente, o etnólogo Luc Lacourcière consagrou a ela três artigos, dentro dos quais “Le Triple Destin de Marie-Josephte Corriveau” é examinado em detalhes, depois que o autor analisou meteticulosamente os autos do processo que foram guardados, durante aproximadamente dois séculos, na Public Library em Londres. Depois disso, uma retrospectiva da evolução das sentenças, de 1763 aos dias de hoje, foi apresentada por Monique Hamel, advogada, bem como uma descrição do quadro jurídico excepcional no qual o processo correu, sob o governo militar de Murray.

O contexto histórico da Conquista e os três governos de ocupação (Quebec, Montréal e Trois-Rivières), responsáveis pela aplicação das novas leis inglesas dentro da colônia são analisados pelo historiador Yves Tessier, que estabeleceu, também, um paralelo entre a reputação de bruxa atribuída à Corriveau e a execução das bruxas em Salem, aproximadamente 75 anos depois do processo. Louis-Philippe Bonneau, também historiador, forneceu as principais informações biográficas sobre os dois advogados que estiveram à frente do célebre processo: o advogado do governo Hector-Theophilus Cramahé e Jean-Antoine Saillant, que representava a Corriveau e o pai dela. NG, p. 15-16.

O procedimento era, pois, em todos os pontos, insólito. As reticências e propostas dos moradores, o processo precipitado, e mesmo a atitude dos familiares, tudo era de natureza a estimular as piores suspeitas. Sem dúvida os canadenses quiseram acertar entre eles esse caso embaraçoso, envolvendo o mínimo possível as autoridades inglesas de ocupação. Mas não se contava com o rumor público (DION, 2005: p.83)

Não era normal que os familiares quisessem um enterro tão rápido, nem mesmo que os moradores, embora declarando ter sido morte accidental, deixassem que a dúvida pairasse no ambiente. As suspeitas não eram das melhores e todos os depoimentos dados por parte dos canadenses tinham o intuito de que a situação se resolvesse sem que fosse preciso envolvimento policial, todavia a pergunta que fica neste momento é a seguinte: seria possível, depois de uma situação amplamente divulgada, que as autoridades inglesas de ocupação não se envolvessem e que fosse feita justiça com as próprias mãos? Qual lei deveria ser aplicada, aquela publicada nos livros ou a dos homens pertencentes a essa sociedade?

Mesmo com a dúvida e a falta de vontade, principalmente por parte dos acusados, foi impossível manter as autoridades afastadas do caso e o corpo de Dodier foi exumado alguns dias mais tarde pelas autoridades inglesas, que concluíram tratar-se de assassinato.

No contexto social, político e econômico da época, a Nova-França, conquistada em 1760 pelos britânicos no período da Guerra dos Sete Anos, era administrada pela armada inglesa. As autoridades militares locais britânicas tinham por obrigação manter a ordem e, em função disso e com base nos rumores, determinaram uma investigação mais minuciosa sobre a morte de Dodier. Da investigação terá origem, no Quebec, em 29 de março de 1763, e diante de um tribunal militar composto por doze oficiais ingleses, o processo de Joseph Corriveau e de sua filha Marie-Josephte. As suspeitas recaem primeiramente sobre o sogro da vítima, por se tratar de um homem de temperamento bastante forte e afeito a brigas, que não gostava do genro e não fazia questão de que tal sentimento fosse escondido. Sylvie Dion³⁷ descreve em seus estudos que, depois de um primeiro processo na corte marcial, presidida pelo Tenente-Coronel Morris, Joseph Corriveau é condenado ao enforcamento por homicídio. Quanto a Marie Josephte, ela receberá a condenação – por ser cúmplice – de receber sessenta chicotadas em praça pública e de ter a mão marcada, com ferro em brasa, com a letra M (de *murder*, do inglês, “assassinato” ou “assassina”). A autora ainda destaca que, embora Joseph Corriveau se assumisse culpado, seu reconhecimento seria visto mais tarde como uma forma de proteção à

³⁷ Idem, ibidem.

filha, que exercia sobre ele grande fascinação. Assim, após ouvir Joseph Corriveau em confissão, o superior dos jesuítas, Padre Glapion, adverte a justiça de que o condenado tinha novas revelações a fazer, que o inocentariam. Um segundo processo é aberto, muito mais expedito dessa vez, acusando Marie-Josephte Corriveau e eximindo o pai de toda a culpa.

Marie-Josephte, então, confessa que é culpada e que matara o marido, Louis Dodier, enquanto ele dormia, usando um pequeno machado. Mostra-se fria ao declarar não ter precisado da ajuda de ninguém para cometer o crime e por isso aceita bem a sua morte. Inconscientemente ela sabe que, embora tenha tido suas razões para matar Dodier, jamais será compreendida. É uma figura feminina que se rebelou contra toda a norma de submissão que suas iguais devem seguir. Segundo Luc Lacourcière, ela teria pedido à Corte apenas uma confissão, para que ficasse em paz com o céu antes de cumprir seu destino. Todavia, isso é uma visão bastante masculina acerca do feminino, uma visão religioso-católica, de um dogma radical válido, sobretudo, para as mulheres³⁸. E, por fim, ela teria acrescentado uma das questões que permanecem incógnitas até hoje, ao dizer que cometeu o crime devido aos maus tratos de seu marido. Tomando tal consideração como base, então, ela teria agido em legítima defesa? Mas, teria ela o direito de se defender?

A execução aconteceu em Buttes-à-Nepveu, perto de Plaines d'Abraham, a oeste do atual porto de Saint-Louis, provavelmente no dia 18 de abril. O corpo foi em seguida, conforme a sentença, exposto numa espécie de gaiola feita de corrente e círculos de ferro, suspensa a um patíbulo erguido na Pointe-Lévy, próximo a um cruzamento. O corpo e a gaiola permaneceram expostos para quem quisesse vê-los até aproximadamente o dia 25 de maio, data na qual uma ordem do governador James Murray permitiu o recolhimento e o enterro.

Essa exibição *post mortem* de Marie-Josephte Corriveau em um cruzamento (uma pena inabitual e desconhecida durante o Regime Francês e reservada na Inglaterra às pessoas reconhecidas culpadas dos crimes mais graves), as ressalvas do processo, os rumores de que seu pai seria inicialmente reconhecido culpado da morte de Dodier sob a influência de sua filha e as suspeitas que recaem sobre ela em seguida, face às circunstâncias da morte de seu primeiro esposo, são todos fatos que instigam a imaginação popular e transformam os relatos transmitidos ainda hoje pela tradição oral, multiplicando o número de maridos assassinados (até sete) ou ligando a Corriveau à representação de uma bruxa³⁹.

³⁸ Dedicaremos um capítulo à questão do gênero; entretanto, é importante tecer breves considerações com base nela e de forma a contextualizar a Corriveau.

³⁹ Todas estas informações históricas estão presentes no artigo de Sylvie Dion “A legendificação do ‘fait divers’: o caso de Marie-Josephte Corriveau, a enforcada engaiolada”, publicado na revista *Signo*, no qual a autora

Por volta de 1850, a descoberta de uma gaiola de ferro enterrada no cemitério de Lauzon, cidade localizada ao sul do Québec, parece ter reativado as lendas e os contos fantásticos, que foram ampliados e explorados por escritores do século XIX. O primeiro, em 1863, Philippe Aubert de Gaspé Pai⁴⁰, em *Les Anciens Canadiens*, coloca uma Corriveau sobrenatural pendurada na sua gaiola na Pointe-Levy, aterrorizando à noite um pedestre ao qual ela suplica que a conduza ao *sabbat* das bruxas e dos fogos-fátuos da Île d'Orléans. James MacPherson Le Moine (*Maple Leaves*, 1863) (1995, p. 20) e William Kirby, em suas reescrituras (*The Golden Dog*, 1877), criaram uma envenenadora profissional, descendente direta da Voisin⁴¹. Literatos e historiadores como Louis Fréchette e Pierre-Georges Roy tentaram narrar a história da Corriveau, mas sem conseguir dissociar completamente os fatos reais das fantasias anacrônicas ou dados lendários e romanescos. Já os autores do século XX, como Gilles Vigneault e Anne Hébert, a descreveram sob os traços de vítima da justiça popular, de um processo ocorrido diante de um tribunal militar inglês em que nem a acusada nem os acusadores se compreendiam, já que ela falava francês e eles, inglês.

A figura da Corriveau inspira romances, canções e peças de teatro e alimenta controvérsias (seria ela culpada ou não?). A tradição oral se perpetuou e tornou-se bastante

discorre acerca da condição da Corriveau e do papel que ela exerce na sociedade, enquanto personagem feminina e também como a esposa de Bouchard e de Dodier. Nossa discussão perpassará as idéias de Dion no que tange ao grande questionamento: seria ela culpada ou inocente, maquiavélica ou vítima da justiça popular? São esses alguns dos questionamentos que farão parte de nosso trabalho.

⁴⁰ Philippe-Aubert de Gaspé nasceu no Quebec em 30 de outubro de 1786. Ele é o pai do autor de *L'influence d'un livre* (Philippe-Aubert de Gaspé Filho), que morreu jovem após ter deixado provas de que poderia ter se tornado um dos mais belos talentos literários do Québec. A família De Gaspé, originária da França como o próprio sobrenome indica, pertencia à nobreza e se estabeleceu no Canadá desde os primeiros tempos da fundação da colônia. Ele desempenhou um papel tão importante quanto honorável antes e depois da conquista.

⁴¹ Catherine Deshayes é o nome de solteira da viúva Montvoisin, chamada La Voisin (Paris, 1640 – Paris, 1680). Aventureira francesa, quiropata, adepta das práticas ocultas, era uma mulher sábia por profissão e médica aborteira por escolha. Depois da morte de seu marido, seu amante (um certo “Lesage”) e um padre satânico (o abade Mariette) a iniciaram na magia negra, à qual ela passou a se dedicar e por meio da qual seria responsável pelos prováveis envenenamentos que aconteceram em sua época. Toda sua ação foi impulsionada pela Senhora de Montespan que, ao ser trocada, por Luís XIV, pela Senhorita de Fontaines, buscava recuperar seu posto de esposa a partir do uso de sortilégios. Julgada, La Voisin foi presa e condenada à morte. Ela fez referência, no momento de seu processo, ao nome de seus clientes que figuravam no almanaque de Paris da época. Foi condenada a morrer queimada na praça de Grève em 22 de fevereiro de 1680. Quanto à Senhora de Montespan, esta não foi condenada, visto que era protegida pelo rei. Assim, ela continuou a freqüentar a Corte. Disponível em: http://www.sheluna.com/histoire_legendes_ages.php. Acesso em: 26 set. 2008.

viva, conforme testemunham as numerosas narrativas recolhidas nas mais diversas regiões do Quebec.

Nubia Hanciau (2003, p. 11) distingue a Corriveau de outras representações lendárias pela particularidade de durar e mesmo ressurgir pontualmente, no calor dos manifestos nacionalistas, ocupando um lugar ambíguo de assassina e sacrificada no imaginário coletivo quebequense. No âmbito das figuras mitológicas que inspiraram a tragédia através dos séculos, como as de Shakespeare, Corneille ou Racine, Ésquilo, Sófocles ou Eurípedes, Marie-Josephte Corriveau carrega consigo a sombra da morte, da fatalidade, do excesso. Para alguns, seu destino fatal se assemelha ao de Desdêmona, a heroína shakespeariana que morre vítima da vingança de Otelo. Para outros, ela é da categoria de Medéia, mágica célebre por seus crimes, personagem cruel da mitologia grega e da tragédia de Corneille. No Québec, escritores de diferentes épocas interpretaram e definiram a Corriveau de distintas maneiras.

Os autores contemporâneos vêem a morte dessa personagem feminina como uma consequência injusta e trágica do ciúme de seus compatriotas e a ilustração da alienação que era aquela, em 1763, de *todo esse país que fora traído, invadido, conquistado*, ao contrário dos escritores do século XIX, que descrevem a Corriveau como uma mulher culpada e diabólica, cujo fantasma ataca aqueles que passam para que a ajudem a encontrar seus amigos fantasmas da Île d'Orléans (Aubert de Gaspé Pai), ou ainda como envenenadora capaz de matar por ganância uma outra mulher (William Kirby).

O fato é que ver a Corriveau como representação ambivalente não é algo que surpreenda nem mesmo aos estudiosos mais interessados pelo funcionamento dos mitos⁴², uma vez que as narrativas possuem por si só a capacidade de adaptar as crenças por elas veiculadas à ideologia dominante e, com isso, apresentar os momentos históricos da forma que for mais conveniente, seja ela a partir de um acontecimento positivo ou negativo.

Na tradição oral européia, uma das figuras lendárias que, como a Corriveau no Quebec, cristalizam mais claramente esta ambivalência das figuras mitológicas é Geneviève de Brabant. Na alta Idade Média, as narrativas populares contavam, em diversas versões, a história de uma jovem injustamente acusada de infidelidade por seu cunhado, que a desejava e que, após ser abandonada na floresta, serviu de comida para os animais. Seu marido descobriu a verdade, a reabilitou e matou aquele que a havia falsamente acusado. Na baixa Idade Média,

⁴² No âmbito desta dissertação, a definição de mito e seu funcionamento é de extrema importância e será explorada em um capítulo à parte.

as versões profanas dessa história foram recuperadas pela igreja e o clero, construindo uma narrativa hagiográfica, a narrativa de Santa Geneviève de Brabant, que eles apresentaram como injustamente acusada de adultério, mas que foi, segundo escreveram, milagrosamente recebida pelos anjos, visto que tinha sido abandonada na floresta e que terminou por se retirar do mundo e viver como ermitã, tendo sua inocência reconhecida. Sobre seu túmulo foi construída uma igreja que se tornou lugar de peregrinação. De figura profana nas narrativas populares, a personagem transformou-se em figura religiosa dentro dos textos difundidos pela igreja (HANCIAU, 2004, p. 120).

A verdade é que os escritores, de forma geral, beberam na fonte da literatura oral para escrever textos, peças de teatro, canções ou outro tipo de manifestação literária da qual a Corriveau era objeto. Gilles Vigneault, por exemplo, retoma em sua música a crença veiculada pelas lendas populares que circulavam no século XIX, e que ainda hoje circulam, de que a Corriveau teria sido colocada viva dentro de uma gaiola de ferro para que morresse de fome e frio.

Segundo Guilbault, na peça teatral *La Cage* Anne Hébert apresenta a personagem principal como uma mulher que foi acusada injustamente e vítima da mesquinhez de seus compatriotas. A autora cruza personagens imaginárias com reais, como o advogado Cramahé, responsável pela defesa da acusada, mas cria uma nova personagem, um homem apaixonado por Marie-Josephte Corriveau, que tomará partido pela acusada e lhe dará, posteriormente, a defesa que ela não pôde ter durante o seu verdadeiro processo.

Já com Aubert de Gaspé, podemos supor que ele escutou a lenda sobre essa mulher de Saint-Vallier de Bellechasse, dos recenseadores e de outros habitantes dos vilarejos próximos ao seu (Saint-Jean-Paul-Port-Joli). Quando ele publicou *Les Anciens Canadiens*, em 1864, e contou em um dos capítulos a lenda da Corriveau, já haviam passado cem anos desde o seu enforcamento (1763), ou seja, aproximadamente o tempo de quatro gerações. As pessoas se casavam muito jovens na época (freqüentemente com 16 ou 17 anos para as moças, e por volta de 20 anos para os rapazes) e, portanto, podemos mesmo supor que os contemporâneos tinham um avô ou uma avó que haviam visto a gaiola e assistido ao processo.

A Corriveau inspirou diversas manifestações culturais, entre elas: *Les Anciens Canadiens* (Québec, 1863), romance de Philippe Aubert de Gaspé; “Marie-Josephte Corriveau, a Canadian Lafarge”, em *Maple Leaves: a Budget of Legendary, Historical, Critical, and Sporting Intelligence*, de James MacPherson Le Moine; *The Golden Dog*,

a Legend of Quebec (1877), romance de William Kirby, traduzido para o francês por Léon-Pamphile Le May – *Le Chien d'Or, légende canadienne* (Montreal, 1884); “La Cage de La Corriveau”, novela de Louis Fréchette, aparecida pela primeira vez no número especial do jornal *La Patrie*, em 24 de fevereiro de 1885, retomada em várias publicações sobretudo com o título “Une Relique” no *Almanach du peuple* da Livraria Beauchemin (Montreal, 1913); “La Corriveau” (1971), música escrita por Gilles Vigneault, popularizada pela interpretação de Pauline Julien. Aqui, há uma quebra de tempo: 100 anos depois a Corriveau volta a ter reconhecimento na sociedade quebequense, a partir do retorno do feminismo, em 1976, com a peça de teatro de Victor-Lévy Beaulieu, intitulada “Ma Corriveau”, encenada por André Pagé e apresentada no Théâtre d’Aujourd’hui de 19 de setembro a 30 de outubro de 1976. Em 1981 surge *La Corriveau*, romance histórico de Andrée LeBel. Em 1990, *La cage*, peça de teatro de Anne Hébert, e em 1993, “La Corriveau au Carnaval de Québec”, novela do romancista Douglas Glover, publicada na recolha *Meurtres à Québec*. Ainda em 1993 temos “La Corriveau”, peça de teatro de Guy Cloutier, encenada por Denise Verville e apresentada no Périoscope, de 12 a 30 de janeiro; retomada, adaptada e difundida em drama televisivo pela Radio-Canada em 1995. Em 1999 é publicado *La Maudite*, romance juvenil de Daniel Mativat, e em 2001, “La Corrida de la Corriveau”, música do grupo Mes Aïeux (álbum *Entre les branches*). Em 2003: *La Fiancée du vent: l'histoire de la Corriveau, née en Nouvelle-France et pendue sous le Régime anglais*, romance de Monique Pariseau. Em 2003 é publicado *Julie et le serment de la Corriveau*, romance juvenil de Martine Latulippe. Em 2004 surge *Nouvelle-France*, filme dirigido por Jean Beaudin (adaptação livre do tema da Corriveau) e finalmente, em 2006, temos *La Corriveau*, filme de animação de Kyle Craig.

Dentre estes tantos relatos ainda transmitidos “de bouche à oreille”⁴³ sobre a Corriveau, alguns a apresentam como uma linda mulher e uma vítima inocente, outros como uma bruxa, uma envenenadora ou uma assassina sanguinária. Guilbault (1995, p. 14) apresenta no primeiro capítulo de sua recolha sobre a Corriveau quinze versões da narrativa, que podem ser vistas como um apanhado da diversidade de histórias ainda em circulação, e enfatiza a ambivalência responsável pela conservação da personagem dentro da memória coletiva contemporânea. Todavia, e considerando o fato de que nossa análise de “A Salamanca do Jarau” é feita com base na versão literária publicada por Simões Lopes Neto, optamos

⁴³ “De bouche à oreille” é uma expressão frequentemente utilizada no Québec para referir-se a esse caráter oral de transmissão das narrativas.

também em trabalhar com duas versões literárias de “La Corriveau”: a de Aubert de Gaspé e a de William Kirby.

Para que entendamos a personagem Corriveau em sua existência literária e histórica, é interessante destacar algumas lendas-satélite, ou seja, narrativas de crença que gravitam em torno dela, em sua época, seu contexto histórico e suas condições jurídicas. “L’hôte à Valiquet”⁴⁴, de Joseph-Charles Tache, aborda um contexto narrativo que não parece conservar nenhuma versão oral, mas que é retomado em *Forestiers et Voyageurs*. Neste último tem-se o relato de um homem que foi condenado à morte em 1761 em Montreal e, segundo o costume inglês, seu cadáver, assim como o da Corriveau em 1763, foi colocado em uma gaiola de ferro e preso a uma árvore a título de exemplo público. Valiquet, que dá nome à lenda, teria também insultado o cadáver, aplicando-lhe um golpe de machado. A narrativa de Taché aparece acompanhada por uma explicação histórica, a qual resume o acontecimento que a originou.

O filme *Cordélia*⁴⁵, do cineasta Jean Beaudin, contribuiu para reviver a memória de Cordélia Viau, mulher condenada a ser engaiolada presa com as costas às de seu amante, no norte de Montreal, tendo por isso sua imagem por vezes confundida com a da Corriveau.

O intendente Bigot⁴⁶ suscitou, ele também, narrativas populares. A resplandescência de suas recepções e suas despesas escandalosas, em um período crucial no qual a Nova França vivia na privação, alimentaram tanto contadores de histórias quanto historiadores. Isso se justifica, segundo Hanciau⁴⁷, pelo fato de as lendas na Nova França confundirem as regras sociais e religiosas de maneira a produzirem um só sistema de valores dentro da sociedade tradicional.

É o escritor William Kirby, contudo, em seu romance *Le chien d’or*⁴⁸, que revive e fixa na literatura escrita as lendas acerca do Château Bigot e imagina que a Corriveau envenena uma das meretrizes do intendente, mantida refém em suas cavernas. Ainda sobre a obra de Kirby, Nubia Hanciau destaca que ele reescreve o acontecimento a seu bel prazer: “seu seio estéril era um árido deserto, habitado por sátiros e dragões e por todas as paixões maléficas que tomam conta de uma mulher sem consciência e sem amor”. Com ascendência

⁴⁴ Op. cit, nota 35, p. 11

⁴⁵ Op. cit, nota 35, p. 12

⁴⁶ Op. cit, nota 35, p.11.

⁴⁷ Op. cit., nota 29, p. 60.

⁴⁸ Idem, ibidem.

européia, sua mãe, também feiticeira, ensinou-lhe um veneno que não deixava vestígio. Para Kirby, ela é uma envenenadora descendente da famosa feiticeira francesa La Voisin.

Em uma perspectiva multidisciplinar, diferentes pontos de vista permitem melhor posicionar e avaliar de forma justa o valor do lugar privilegiado que Marie-Josephte Corriveau alcançou dentro da memória coletiva e literária do Quebec.

Com base nos vários relatos existentes e, também, a partir dos diversos pontos de vista, sejam eles históricos, jurídicos ou bibliográficos, utilizaremos neste trabalho os relatos transformados em adaptações literárias, dos quais destacaremos o de Philippe Aubert de Gaspé e o de William Kirby.

Não é à toa que Aubert de Gaspé Pai começa o quarto capítulo de *Les Anciens Canadiens*, o qual ele intitula “La Corriveau”, por duas citações. As citações de *O Grande Jantar de Pierre* e de *Faustus* apresentam dois elementos-chave na narrativa: o jantar e os fantasmas. Como poderemos perceber na sequência, é no momento em que os soldados se juntam para jantar que a temática da lenda irá surgir; em conversa informal, José relatará a narrativa de seu pai. Na citação de *Faustus*, por sua vez, tem-se a ênfase nos espectros e espíritos que, a partir da apresentação da narrativa, poderemos reconhecer no pai defunto e na Corriveau.

Sganarelle – Senhor comandante, meu mestre, Don Juan pede que, se o senhor assim
desejar, dê-lhe a honra de jantar com ele.
O mesmo – a estátua me faz sinal.
O Grande Jantar de Pierre

Quê! Os fantasmas estão crescendo mais rudes,
Como eles me desafiam (...)
Noite – Porque este é o espírito de Globin Hall,
E os espíritos e espectros estão em tudo.
*Faustus*⁴⁹

Em *Les Anciens Canadiens*⁵⁰, é José, o fiel empregado dos senhores d’Haberville (GUILBAULT, 1995, p. 57), que conta a lenda da Corriveau ao seu jovem patrão, Jules d’Haberville, aluno do colégio jesuíta, no caminho entre Québec e Saint-Jean-Port-Joli, enquanto o conduz de charrete com seu amigo de Locheill, também aluno do colégio, para o feriado de Natal que eles passariam com suas famílias. Ele conta a aventura vivida por seu

⁴⁹ GASPÉ PÈRE, Philippe Aubert de. *Les Anciens Canadiens*. p. 60. Disponível em: <http://www.ibiblio.org/beq/pdf/Gaspe-Canadiens.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2009.

⁵⁰ Tradução minha. Esta e as demais citações que se seguem foram por mim traduzidas, uma vez que não existe publicação disponível em português.

falecido pai, François Dubé, que encontrara o esqueleto da Corriveau arrastando a gaiola e atravessando, com a ajuda de um cristão, para a ilha de Orleans, com o intuito de encontrar suas amigas bruxas. Aqui, Aubert de Gaspé une duas histórias em um mesmo relato: a da Corriveau e a das bruxas da ilha de Orleans. Esta última lenda vem do fato de que os habitantes da referida ilha pescavam enguias, à noite, usando lanternas nos barcos. Vistos do lado sul, do Quebec ou do lado de Beaupré, os fogos que se espalhavam pela noite pareciam fogos fátuos, e assim os insulares eram confundidos com bruxas.

Nesse processo em que José se encontra, o de contar a história de seu pai para os soldados, ele percebe frequentemente a descrença entre os soldados. Por isso, pensa em parar sua narrativa já que ela pode estar sendo motivo de cansaço e até causar sono nos colegas. Jules, porém, interessa-se pela narrativa do rapaz e se manifesta em relação a isso, dizendo:

- Esperando, retoma Jules, tua tese poderá servir de balança ao conto que Sancho fazia para dormir Dom Quixote. Quanto a mim, eu gosto mais da lenda do nosso amigo José.
- Você não está cansado? Argumenta este que tinha um pouco de sono durante a discussão científica.
- Escutem, diz Arché: *Conticuere omnes, intentique ora tenebant.*
- *Conticuere...* incorrigível pedante, exclamou d’Haberville.
- Esse não é um conto de presbitério, destaca vivazmente José; mas é também verdade que quando nós falamos na cátedra da verdade: porque também meu pai defunto não mentia jamais.

José, assim, pode ser comparado ao cavaleiro andante Blau Nunes, de “A Salamanca do Jarau”, na medida em que também tem essa relação com cavalos e é quem narra a história da personagem feminina, neste caso, o encontro do seu pai morto com a Corriveau. Assim como Blau, ele escutou a história do seu pai e a repassou aos soldados. É interessante destacar aqui, conforme se tinha também no cavaleiro gaúcho, o tema da viagem; José viajou para chegar até os soldados e alcançar um espaço no qual ele seria ouvido.

A narrativa, todavia, é considerada pelos soldados como uma charmosa história de ficção; José, a partir da reprodução do discurso do pai, tenta fazê-los crer na veracidade dos fatos. Contudo, a atenção dada a ele seria demonstrada por grande carga irônica, na medida em que, enquanto Jules define a narração de José como uma lenda, este nela acredita como sendo conto de presbitério⁵¹, carregado de verdade e legitimado pelo seu pai, tido por ele como a representação da verdade, uma vez que não mentia. É essa crença na verdade do fato

⁵¹ Conto de presbitério quer aqui se referir aos contos religiosos que, sendo advindos da Igreja, são de legitimidade indubitável.

que legitima a narrativa lendária e suas representações, tornando muitas delas mitos presentes nas sociedades contemporâneas. Eis o trecho que comprova nossas idéias: “Nós acreditamos em você, meu querido José, diz de Locheill; mas continue, por favor, sua charmosa história”.

E, assim como em “A Salamanca do Jarau”, podemos encontrar nesta versão de “La Corriveau” vários motivos lendários que nos levam a acreditar na existência de diversas narrativas dentro da mesma. A primeira está no encontro de José com os soldados, e a segunda, no encontro do pai defunto com a Corriveau, que é descrita sob o prisma daquilo que José escutou do pai em um dado momento. Vejamos:

– Ele estava aí, o caro homem, os olhos maiores que a cabeça, sem ousar se mover. Parecia que ele escutava atrás dele o tic tac que já tinha escutado muitas vezes ao longo de seu percurso; mas ele tinha muito trabalho a ser feito pela frente, sem ligar para aquilo que acontecia atrás dele.

O ápice do relato está, certamente, no encontro do pai de José, morto, com a Corriveau, que tenta convencê-lo durante boa parte da narrativa a levá-la para dançar com seus amigos fantasmas, conforme o trecho que segue.

De repente, no momento em que ele menos esperava, ele sente duas mãos secas, como garras de urso, que lhe arranhavam os ombros. Ele se vira timidamente e se encontra cara a cara com a Corriveau, que tinha se colocado atrás dele. Ela tinha passado as mãos através das grades de sua gaiola de ferro e, se esforçando para arrastá-lo pelas costas; mas a gaiola estava pesada e, a cada arranque que ela ensaiava, caía novamente na terra com um barulho rouco, sem deixar, no entanto, os ombros de meu pobre pai defunto que se curvava ao fardo. Se ele não estivesse solidamente seguro com as duas mãos na cerca, ele seria atropelado pela culpada.

– Meu querido François, disse a Corriveau, dê-me o prazer de me conduzir à dança com meus amigos de l’île d’Orléans.

– Ah! Maldita satânica! Gritou meu pai defunto (seria o único juramento que um santo homem como ele poderia usar nas grandes travessias)

– Diabo! Disse Jules, me parece que a ocasião era favorável! Quanto a mim, eu teria jurado como um pagão.

O momento do ataque era, portanto, favorável, visto que o pai defunto encontrava-se numa situação delicada e de fragilidade, na qual o ataque vem sem que ele possa de nenhuma forma se preparar. É a surpresa que torna a bruxa um ser mais maléfico ainda do que ela já é por si só; o pai de José, ao encontrar-se com ela, fica com medo, dados todos os poderes que essa bruxa possui. No momento do encontro, a figura por ele vista já é a da Corriveau⁵² condenada, uma vez que ela está dentro da gaiola de ferro. Ela se debate e tenta fugir de uma

⁵² Todas essas polêmicas em torno da sua culpa ou não serão discutidas em um capítulo dedicado a ela.

realidade que acredita não estar de acordo com a justiça. Jules, por sua vez, afirma que se tivesse sido com ele, juraria como um pagão, visto que a jura de um pagão é uma manifestação de desespero face aos acontecimentos horripilantes dos quais ele não vê forma de se livrar.

Na seqüência do encontro, o pai defunto interroga a Corriveau acerca do interesse que ela pode ter nele.

– Maldita mulher, lhe disse meu pai defunto, será que para me agradecer de minha depreciação e de minhas outras boas preces é que tu queres me conduzir ao Sabá? Eu pensei que era isso que querias, ao menos, por três ou quatro mil anos, por tuas escapadelas dentro do purgatório. Tu mataste apenas dois maridos, foi uma miséria! Isso também me entristecia a mim que tive sempre o coração afetuoso pela criatura, e eu me disse: é preciso que tu lhe dês um empurrão; e aí reside teu agradecimento, que tu queiras montar sobre os meus ombros para me arrastar para o inferno como um herege!

Aqui, percebe-se a intenção do defunto pai em colocar as culpas de seus pecados na Corriveau, representação feminina maléfica, diabólica. A Corriveau o culpa por ter sido perdoado por Deus de seus prováveis pecados e, por isso, quer carregá-lo ao Sabá, por não admitir que o perdão possa existir. Ela passou de três a quatro mil anos frequentando o purgatório para buscar as almas fracas e persuadi-las de que a seguissem. A ironia, por sua vez, continua se fazendo presente no momento em que o defunto pai refere-se aos dois assassinatos cometidos pela Corriveau, “uma miséria”. Ela, então, agradece as bondades que lhe possam ser feitas, empurrando-o, arrastando-o para o inferno como aqueles que vão contra os dogmas da Igreja.

– Meu querido François, diz a Corriveau, conduzi-me a dançar com meus bons amigos; e ela batia sua cabeça contra a do meu pai defunto a ponto do crânio ressoar como uma bexiga seca cheia de pedras.
– Tu podes estar certa, disse meu pai defunto, mulher satânica, filha de Judas Escariotes, que eu vou te fazer de besta exortada para te carregar ao Sabá com teus pequenos delicados amigos!

Esse trecho nos remete, também, à “Salamanca do Jarau”, na medida em que as duas narrativas são permeadas pela religiosidade. Se lá temos um sacristão, aqui, a representação de um homem comum, mas ambos representações masculinas vítimas dos poderes e maldades causadas por uma figura feminina que é metáfora do Satanás, do Judas que foi o traidor de

Cristo. Os pequenos e delicados amigos são, por sua vez, todos os pecadores que se reúnem num mesmo lugar a fim de se sentirem mais à vontade para realizar suas maldades.

– Meu querido François, responde a bruxa, me é impossível passar o Saint-Laurent, que é um lago bendito, sem o auxílio de um cristão.

Para a Teiniaguá, era impossível ser libertada da lagoa efervescente na qual o Diabo a tinha aprisionado; quem a tirou de lá foi o sacristão que, com seus poderes de religioso, era o único capaz de, naquele momento, libertá-la do castigo. Para a Corriveau, seu castigo maior era estar afastada de todos os seus iguais, com os quais ela podia se realizar enquanto bruxa e só quem poderia libertá-la era François. No entanto, ele é resistente aos encantos da personagem e a ignora de todas as maneiras. Vejamos sua resposta à súplica da Corriveau:

– Passa como podes, satanás engaiolado, disse meu defunto pai, passa como podes, cada um por si. Ah! Sim! Conta que eu te levarei para dançar com teus queridos amigos, mas te levarei como um cachorro que arrasta sua bela gaiola que terá extirpado todas as pedras e todos os pedregulhos do caminho do rei...

Ao falar em “cada um por si”, ele está renegando todas as ofertas feitas pela Corriveau com o intuito de convencê-lo a ajudá-la; ele sabe que ajudar essa representação do mal não é algo que vá verdadeiramente lhe trazer vantagens. A negação de François pode assim ser comparada à negação de Blau quando do momento de sua passagem pelas sete provas do Jarau⁵³. Essas, todavia, foram expostas de forma mais direta que as da Corriveau; entretanto, têm o mesmo objetivo de corromper, utilizando-se da ganância, característica bastante presente nos humanos e usada nas narrativas como forma de representar o real.

O tambor-maior termina, enfim, e rapidamente, de bater o compasso sobre sua panela. Todas as bruxas se juntam e dão três gritos, três gemidos, como fazem os selvagens quando cantam e dançam “a guerra”, essa dança e essa música pelas quais eles anunciam sempre uma expedição guerreira. O tambor – a ilha balança até suas bases. Os lobos, os ursos, todos os animais ferozes, as bruxas da montanha do norte se juntam e os ecos se repetem até as florestas que orlam o rio Saguenay.

O tambor-maior pode ser, no contexto de nossa análise, comparado ao barulho que faz a Teiniaguá no momento em que ela descobre a pena proferida ao Santão por ter-se envolvido com ela. Assim, ela vai abrindo sulcos na terra até chegar à igreja e interromper o garrotear do sacristão. Ouve-se, a seguir, um estrondo muito grande, produzindo muito fogo, fumaça, e

⁵³ ver as provas, p.14.

tudo afundando. Todavia, no caso da Corriveau o que acontece é a união das bruxas que, proferindo gritos e gemidos e em união com os lobos, ursos e demais animais ferozes, suplicam pela volta da Corriveau.

Meu pobre defunto pai acreditava que era, para o filho, o fim do mundo e o juízo final. O gigante no cálam de cravo acerta três golpes, e o maior silêncio dá lugar a essa algazarra infernal. Ele levanta o braço do lado de meu pai defunto, e grita em uma voz de trovão infernal: – Tu queres te apressar, cachorro vagabundo, tu queres bem te apressar, cristão cachorro, e atravessar nossa amiga? Nós não temos mais que quatorze mil e quatrocentas voltas para dar em torno da ilha antes do canto do galo: queres fazê-la perder a parte mais interessante do divertimento?

– Volta para o Diabo de onde tu saíste, tu e os teus, gritou meu pai defunto, perdendo, enfim, toda a paciência.

– Vamos, meu querido François, diz a Corriveau, um pouco de compaixão! Tu ajudas uma criança por nada; tu vês, no entanto, que o tempo nos apressa: vamos, meu filho, um pouco de compaixão.

Nesse momento a bruxa utiliza-se de todos os poderes que ela tem para convencê-lo a fazer sua vontade. Pedir obediência é, portanto, uma forma de ameaça, já que não obedecer a Corriveau é perigoso, pois sua vingança pode ser fatal. A paciência dos companheiros começa a terminar e o tratamento dado a François muda radicalmente; a maior forma de ofendê-lo é através da perjúria à sua religião, inicialmente vista como aliada para o alcance dos objetivos dos inimigos. Ele era religioso, logo, tinha em si as virtudes que não lhe permitiam deixar de ajudar alguém desesperado, mesmo que fosse um ser diabólico, como a Corriveau. Vejamos a resposta de François às ameaças dos companheiros de sabá da Corriveau:

– Não, não, filha de Satã!, disse meu pai defunto. Eu gostaria bastante que tu tivesses a bela coleira que o torturador te passou em torno do pescoço há dois anos: tu não tinhas um apito tão afiado.

E então, como forma de demonstrar que suas ameaças não eram brincadeira e que o tempo de François tinha se esgotado, ela o estrangula.

– Meu querido François, disse a bruxa, se tu te recusas a me carregar ao púlpito terás um problema, eu vou te estrangular, eu subirei na tua alma e me dirigirei ao Sabá. Dizendo isso, ela o segurou pela garganta e o estrangulou.

Durante esse diálogo, as bruxas da ilha repetiam seu refrão:

Dancemos à volta,

Toure-loure;⁵⁴
Dancemos à volta.

Acontece, então, o ritual da dança das bruxas, já que a realização de uma maldade, enforcamento ou estrangulamento, para elas é motivo de festa. Se o poder de sedução não foi suficiente para persuadi-lo a fazer suas vontades, estrangulá-lo, por outro lado, era a forma de ela apoderar-se da alma de François e, assim, conseguir chegar até o Sabá.

O pequeno pássaro, empoleirado em um galho vizinho, gritava sem parar: *qué-tu*⁵⁵?
– Meu querido juvenzinho, disse meu pai defunto, me é inquietante te responder a esta questão, porque eu não sei mais quem eu sou nesta manhã: ontem ainda eu me acreditava um bravo e honesto devoto de Deus, mas eu tive tantas situações penosas essa noite, que não saberia assegurar se sou bem eu, François Dubé, que estou aqui presente em corpo e alma.

Na citação, podemos entender que todas as virtudes de um homem estão ligadas à crença em Deus e às práticas de sua doutrina. Bravura e honestidade são virtudes do homem religioso; todavia, após todas as provações pelas quais a Corriveau o fez passar, pelas longas conversas com o intuito de persuadi-lo a fazer o mal e, por fim, pelo mal a ele infligido na forma do esganamento, fica impossível a François Dubé autodefinir-se enquanto homem. Ele perde sua identidade a partir das maldades que a Corriveau lhe imprimiu, maldades por ele definidas como situações penosas e que o impossibilitam de afirmar se aquela figura masculina que o personifica de corpo e alma é mesmo ele.

E depois ele começa a cantar, o caro homem:
Dancemos à volta,
Toure-loure;
Dancemos à volta.

Ele estava, ainda, metade enfeitiçado. Ainda assim, no fim ele se deu conta de que estava deitado com todo o corpo dentro de um buraco que felizmente era mais de pântano que de água, porque sem isso meu pobre defunto pai, que morreu como um santo, rodeado por todos seus parentes e amigos, e munidos de todos os sacramentos da Igreja, sem faltar nenhum, teria falecido sem confissão, como um indigno, no fundo da floresta, à salvo o respeito que eu devo aos senhores, os jovens senhores. Quando ele conseguiu sair da valeta onde estava preso como em uma estufa apertada, o primeiro objeto que ele viu foi seu frasco em cima da valeta: isso o fez recuperar um pouco a coragem. Ele estendeu a mão para alcançá-lo, mas, surpresa! Ele estava vazio! A bruxa tinha bebido tudo!

⁵⁴ “Dancemos à volta” faz referência a uma estrofe de uma “canção à volta”, que quer dizer à volta de, em torno de; dancemos à volta do fogo. “Toure-loure” faz parte da representação poética aparecendo como recurso para a criação da rima. Tradução minha.

⁵⁵ *Qué-tu* é uma onomatopéia advinda da pergunta “Qui est-tu?”, que quer dizer “Quem é você?”.

A partir do momento em que François profere o canto das bruxas, ele percebe o quanto aquele feitiço ainda permanecia em si. Entretanto, mesmo enfeitiçado, pôde perceber que estava num buraco tapado de pântano e aliviou-se, visto que, se fosse água, teria morrido sem receber os sacramentos da Igreja, tão importantes nesse momento. Curvar-se aos feitiços da Corriveau é pecar contra os santos sacramentos, é enfeitiçar-se pelas materialidades do mundo e libertar-se dos dogmas da Igreja e, por isso, ele precisa confessar-se como forma de demonstrar arrependimento por acontecimentos dos quais ele não tem culpa, que surgiram na sua vida ao caso, mas seguindo os dogmas da Igreja o fiel aceitou que acontecessem, deixando-se seduzir. Ao ir em busca do frasco com água que ele havia deixado fora da valeta, surpreende-se ao encontrá-lo vazio; a bruxa tinha bebido tudo com o intuito de matá-lo, afinal, quem não se alia a ela e se nega a fazer suas vontades é merecedor do castigo fatal.

– Para vos ser sincero, meus senhores, disse José, visto que vocês tem tanto espírito, eu vos direi em confidência que meu pai defunto que antes desta aventura tinha estado em um cemitério em plena meia-noite, não era mais tão audacioso depois disso, porque ele não ousava ir sozinho fazer sua caravana no estábulo, depois do sol ter-se posto.

– É preciso ser prudente em relação à tua história, disse Jules.

...

– E agora, o que dizes tu, senhor incrédulo egoísta que recusou tanto ao Canadá o luxo dos bruxos e bruxas?, disse d’Haberville.

– Eu digo, replicou Arché, que nossos bruxos caledonianos⁵⁶ nada mais são que idiotas, se comparados aos da Nova França, e que, se eu não voltar nunca mais a minhas montanhas da Escócia, eu os guardarei em garrafas, como o fez Le Sage com seu diabo engarrafado de Asmodée⁵⁷.

– Hem! hem! Disse José, não é que eu tenha pena dos execráveis malandros, mas onde encontrar garrafas tão grandes? Eis aqui a pior parte do processo.

José demonstra, ao final de sua narrativa, que a valentia e a descrença inicialmente presentes no pai se perderam no momento em que ele encontra a Corriveau; é natural para ele que se tenha espírito aventureiro, mas com a experiência, François passou a ser mais prudente

⁵⁶ Bruxos caledonianos são aqueles pertencentes à Caledônia, província da antiga Britânia, hoje Escócia. Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa. Disponível em <http://www.michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 13 abr. 2009

⁵⁷ Guardador das casas de jogos no Inferno, Asmodeu é um demônio destruidor cujo nome provém do hebreu Asmeday ou Achemedai ou Hashmodai, ou Chammadai, demônio chefe dos Shedim que, segundo a lenda de Tobie (3,8), massacrou os sete esposos de Sara. Alain-René Lesage (autor francês 1668 -1747) fez de Asmodée um pequeno bom diabo, bastante curioso, conhecido como: “o Diabo engarrafado”, que obteve grande sucesso nas livrarias no século XVIII. Nessa estranha aventura, um estudante que, tendo libertado um diabo encerrado num frasco, se torna capaz de ver tudo o que acontece por debaixo dos telhados de Madrid. Disponível em: <http://mythologica.fr/demon/asmodee.htm> Acesso em: 08 jan. 2009.

e mais crente face aos seres sobrenaturais. Entretanto, Jules pensa que a prudência deve estar sobretudo na crença acerca da existência de tais acontecimentos, já que François não está vivo para confirmar tudo o que José contava. D’Haberville, ao questionar Arché, define os bruxos e bruxas como seres que trazem luxo ao Canadá, na medida em que enfeitam e dão encantamento à história do país. Entretanto, os bruxos caledonianos não são valorizados e as figuras lendárias consideradas vêm da Nova França, demonstrando a divisão que futuramente viria a acontecer entre o Canadá francês e o Canadá inglês. As garrafas, por fim, simbolizam as prisões que poderiam resolver os problemas apresentados pelos seres ditos normais em relação com os advindos do sobrenatural, mas isso, segundo o questionamento de José, seria a parte mais difícil do processo, a qual não cabia a ele solucionar.

Conforme Dion, a versão de Gaspé Pai, como bem vimos, coloca a Corriveau como uma bruxa que está afastada de seus amigos e do seu sabá, e busca em uma figura masculina comum a ajuda para se juntar aos seus companheiros. Todavia, sendo a representação do homem resistente aos seus encantos, ela se vinga, mostrando a ele toda a ira que uma bruxa contrariada pode ter. A vingança é, também, demonstra o caráter cruel e diabólico da bruxa e a forma como os encantamentos e a sedução feminina podem ser usados na construção de uma sociedade com virtudes deturpadas.

Entretanto, a Corriveau pode ser vista e apresentada sob outro viés. É o que faz William Kirby, no romance *Le Chien d’Or*, que coloca em cena o intendente Bigot, um homem de má reputação, que vive uma paixão com Angélique de Meloises, jovem da aristocracia francesa, também ambiciosa e maquiavélica. Nesse contexto, será Angélique que irá em busca dos serviços da Corriveau com o intuito de envenenar sua rival, por quem o intendente está apaixonado, mantida refém no castelo de Charlesbourg, em Beaumanoir. Assim, a Corriveau não será somente aquela que buscará ajuda para realizar maldades, mas será também procurada pela reputação que mantém de cometer atos ilícitos e vingativos. Ver a Corriveau sob tal perspectiva é o que pretendemos com a análise da versão de William Kirby.

Uma envenenadora ⁵⁸

⁵⁸ No original “Une empoisonneuse” é um extrato do romance *Le Chien d’Or*, de William Kirby, publicado em 1989 em Montréal pela editora Stanké. Esse extrato se encontra no tomo 2 da obra de Kirby. v. Anexos, p. 160, tradução minha, visto que, assim como a narrativa de Gaspé Pai, também a de Kirby não está publicada em português.

- Você sabe por que eu chamei, a uma hora dessas, boa senhora Dodier?, perguntou Angélique abruptamente.
- Chame-me de Corriveau; eu não sou a boa senhora Dodier! Meu nome é maldito e eu gosto dele por causa disso! E você também, senhorita, você deveria preferi-lo, já que não é para uma obra santa que você me chamou. Pelo menos as pessoas que rezam, não fariam da questão assim. Você quer que eu a ajude a reencontrar suas jóias? É isso?

Tanto na versão de Gaspé quanto na de Kirby, Corriveau procura atravessar o rio. Sua busca é feita a partir de pessoas que morreram e por algum motivo não puderam descansar por terem deixado uma dívida na Terra, ou seja, fantasmas; ou por alguém que perdeu algum tipo de disputa no campo do social ou do amoroso, como no caso da versão de Kirby, e que não sabe lidar com a perda.

O que se nota de importante logo no início dessa versão da narrativa é o incômodo causado no momento em que Corriveau é chamada de Senhora Dodier. Se pensarmos nas causas da irritação, poderemos identificar a aversão que ela tinha ao marido, advinda de possíveis maus tratos sofridos, e também o fato de ela se assumir como bruxa, má, envenenadora, assassina e gostar desse perfil; ela não deseja demonstrar ser diferente, a menos que seja necessário, para cometer algum dos seus delitos.

- A Corriveau não acreditava em nada nela, era visível.
- Foi isso que eu disse a Fanchon. Era preciso um pretexto. Eu sabia que você notaria que o motivo era mais sério. Não se traz uma mulher de Saint-Vallier para o Quebec, durante a noite, para procurar algumas miseráveis jóias.
 - Foi bem isso que eu pensei, acrescenta a bruxa, mostrando um sorriso sádico, um ranger de dentes brancos tão assustador quanto ao dos felinos. Foi bem isso que eu pensei! A jóia que você perdeu é o coração do seu amado, e você espera que a Corriveau o traga de volta por meio de alguma bruxaria. Não é isso?
- Angélique levantou-se abruptamente e, depois, fixando audaciosamente a velha, disse:
- Sim, é isso! ... é mais que isso! ... você não adivinhou da mesma forma? Você é sagaz, todavia não tem a percepção de que precisamos ir mais longe...
 - Ah! Ah! murmurou a Corriveau, olhando para ela e tudo a sua volta com os olhos verdes em que brilhava a cobiça. Ah! Ah! Você tem uma rival! ... eu entendo! Uma mulher mais poderosa que você e que, apesar de sua beleza e das sedução de seu espírito, enfeitiçou os olhos e alegrou o coração do homem que você ama, e você gostaria que eu a ajudasse a livrar-se da impertinente e reconquistar o infiel. Não é isso, então?
 - Sim, é isso, mas eu te digo que é mais ainda! Você não tem o poder da adivinhação? Vamos, adivinhe então.
- E, apoiando violentamente sua mão esquerda sobre os ombros da velha malvada, ela se inclinou até sua orelha e murmurou algumas palavras horríveis. A Corriveau as escutava e, dessa vez, entendeu. Ela a olhou séria.
- Sim, eu sei, respondeu ela, você quer se livrar da sua rival. Seus olhos, sua boca, seu coração, pedem a morte dela; mas sua mão tem medo e não consegue obedecer! Você quer que a Corriveau faça o trabalho que é seu... Matar sua rival é, sem dúvida,

para uma mulher, uma marca agradável. Mas por que me envolver nisso? O que eu iria ganhar? Que me importam seus namorados e amantes, senhorita De Meloises?⁵⁹

Já no trecho da narrativa citado, o que se tem é o interesse por parte da Corriveau em saber o que Angélique de Meloises quer com ela. O trecho em que ela afirma “Não se traz uma mulher de Saint-Vallier para o Quebec, durante a noite, para procurar algumas miseráveis jóias” mostra que, diferentemente de François na versão de Aubert de Gaspé Pai, é Angélique quem toma a iniciativa de transportar a Corriveau, baseada na sua utilidade. François é pudicamente cristão e se culpa por ter cometido atos que não queria (foi obrigado pela Corriveau); já Angélique faz tudo de plena consciência, acreditando ser para o seu bem. Mesmo tendo um comportamento egoísta e pouco condizente com os dogmas religiosos e sociais, não deixa de ter desejos de vingança e persegui-los até sua realização. De Meloises busca, com a Corriveau, uma forma de matar sem que ninguém desconfie dela, transmitindo a ação transgressiva à envenenadora, sem moral e sem escrúpulos. A falta de moral da Corriveau está presente, entre outros momentos, quando ela indaga quanto vai ganhar com isso; se não puder tirar alguma vantagem, o serviço absolutamente não lhe interessa.

Angélique escutava com terror sair da boca de uma estrangeira as palavras de morte que ela mesma pensava, mas não ousava pronunciar. Ela chegou ao ponto de negar, de se revoltar; tremia; no entanto persistiu na idéia.

– Eu entendo, acrescenta, que meus amores não lhe importem, mas não se esqueça de seus interesses. Escute, Corriveau, você ama ouro. Eh! Bem! Eu lhe darei quanto ouro você quiser, se você vier em minha defesa. Ajude-me e não se arrependerá; eu garanto. Sua fortuna está garantida, mas se você recusar, você se arrependerá. Escutou, Corriveau? Você se arrependerá! Você será queimada como bruxa e suas cinzas serão jogadas no Saint-Vallier! Por Deus! Eu lhe juro!

Angélique se mostra, desde o início, bastante audaciosa: desafia os poderes da Corriveau (“você não tem poder?, então adivinhe o quero”) e até a ameaça, caso ela não queira ajudá-la. Entretanto, por mais que isso cause certa revolta – já que é sempre a Corriveau quem ameaça –, essas ameaças fazem com que a envenenadora respeite Angélique e permita que ela explique suas razões e objetivos.

Nesse momento, a Corriveau cuspiu no assoalho, como já tinha feito. Era para dizer que ela cuspiu na cara do Senhor.

– Você é louca de falar comigo assim, Angélique de Meloises!, replicou ela em seguida. Você sabe quem eu sou? Você sabe quem é você? Você é uma pobre borboleta que vem bater asas contra a Corriveau. De toda forma, eu gosto de sua audácia. Mulheres do seu estilo são raras. O sangue de Exili não podia ser mais

⁵⁹ V. anexos. Tradução minha.

valente que o seu! Você pede a morte de uma mulher que não temeu acender em sua alma o inferno e o ciúme, e você quer que eu lhe indique a melhor forma de se vingar!

— Eu quero que você mesma me vingue!, afirmou Angélique com voz impaciente. Ela estava cansada de todos esses problemas; era preciso ir. E acrescentou num tom mais conciliador:

— E eu lhe recompensarei dignamente, magnificamente.

— Matar um homem ou uma mulher é sempre um prazer, mesmo quando sem um motivo pessoal, responde a Corriveau com cinismo; mas não sei por que correrei riscos por você, Senhorita des Meloises. Você tem ouro o suficiente para cobrir os riscos?

À parte a ameaça que, como já vimos, desperta na Corriveau o respeito e a admiração por quem a procura, nota-se a arrogância da bruxa ao perguntar a Angélique se ela sabe com quem está falando; arrogância própria de uma figura feminina que sabe bem quem é, o que quer e tem orgulho de tudo isso. Corriveau é bastante perspicaz ao perceber que a procura de Angélique se dá pelo inferno e pelo ciúme que a rival causou em sua alma. Contudo, em um primeiro momento, não acredita que a sua missão será tão prazerosa, na medida em que imagina a figura feminina querendo os meios para vingança, enquanto o que ela quer verdadeiramente é ser vingada pela Corriveau. O cinismo é mais uma marca forte na Corriveau e ela o demonstra no momento em que define como prazeroso matar um homem ou uma mulher, mesmo que não tenham nenhum tipo de relação com ela. Assim, e visto que já foi condenada pela morte de dois maridos, cometer mais um assassinato, mesmo sendo um ato de muito prazer, exigiria que ela fosse bastante bem recompensada para valer tamanho risco.

O gelo foi quebrado, completamente rompido; Angélique podia falar agora, botar as cartas na mesa.

— Senhora Dodier, assegurou ela, eu lhe daria mais ouro do que você imagina, mais do que você jamais viu.

— É possível, senhorita, é possível; mas, veja você, sou velha e não confio em ninguém. Dê-me um sinal de sua sinceridade, por favor, antes de falar qualquer outra coisa. Negócios são negócios!

Para a Corriveau, matar não tem significado de transgressão; além de prazer, é um negócio. Ela age, portanto, como fria assassina de aluguel, negociando, fazendo exigências e pedindo provas de que lhe será vantajoso o negócio.

Ela esticou as duas mãos.

— Um sinal? Do ouro?, replicou Angélique: sim, Corriveau, sim! Eu vou ligá-la a mim por um colar de ouro. Eu não contarei; ninguém contou para mim. Você se tornará a mulher mais rica de Saint-Vallier, a mais rica camponesa da Nova-França!

– Eu não sou camponesa!, respondeu a Corriveau com orgulho. Eu sou de uma etnia antiga e temível como os Césares de Roma. Mas, bah! Isso não te interessa nem um pouco. Dê-me um sinal de sua boa fé e eu estou a sua disposição.

A religiosidade é fator presente nas narrativas e geralmente trazido à tona. Corriveau, por ter sido transgressora e nunca se ter conhecido sua relação com a Igreja, é vista como uma camponesa pagã; todavia, tendo sido esse um dos motivos subjacentes a sua condenação, ofende-a ser chamada assim. Se pensarmos na bruxaria como um rito religioso, ela não é, portanto, pagã. Na realidade, ela distorce os rituais de magia, utilizando-os para praticar o mal.

Angélique levantou-se imediatamente, abriu um tipo de cofre, pegou uma grande bolsa de seda cheia de moedas de ouro e as lançou à ágil bruxa, como se ela tivesse fabricado os centavos.

O metal precioso cintilava entre as malhas claras da bolsa. A Corriveau capturava, com a avidez de uma harpia, a infame recompensa do crime, botou-o nos lábios e da ponta do seu dedo magro o acarinhava através dos espaços das malhas.

– São, de fato, sinais magníficos! Gritou ela. Agora, ordene, senhorita, eu obedeco. Somente me reservo a escolha dos meios. Eu imagino suficientemente a natureza de sua aflição e a solução que você deseja; mas eu não saberia igualmente adivinhar o nome do infiel que a abandonou e o da rival cuja sorte vem a ser estancada.⁶⁰

Ao ser confrontada com uma grande quantidade de ouro, ela se põe aos pés da jovem, prometendo-lhe fazer o que ela quisesse.

– Eu não lhe direi o nome do homem que me traiu... Não! Eu não posso vos dizer...

Ela experimentava a repulsa em declarar que amava Bigot.

– Eu gostaria bastante de lhes dizer o nome da minha rival, acrescenta ela, mas eu não a conheço mesmo.

– Eis uma coisa engraçada! comenta a Corriveau, você quer atingir uma pessoa que você nem conhece!

– Eu não sei seu nome, mas sei onde ela está! Aqui está! Corriveau, a vida dessa criatura significa a minha morte! É a destruição de todas as minhas esperanças e de todos os meus projetos! Livre-me dela e eu darei a você dez vezes mais ouro do que tem aqui! Ela está em Beaumanoir, em um quarto secreto.

Na leitura da citação anterior, temos o contraste vida e morte representado a partir de duas figuras femininas: para que uma viva em sua plenitude é preciso que a outra morra. Não existe lugar possível para as duas no mundo, nem tampouco a possibilidade de que uma desista do objeto de cobiça masculino.

A Corriveau fez um movimento de surpresa.

⁶⁰ V. anexos. Tradução minha.

– A Dama de Beaumanoir? murmurou ela... a dama que os Abénaquis⁶¹ trouxeram da Acádia?... Eu a vi um dia no bosque de Saint-Vallier, quando eu colhia mandrágora. Ela me pediu um pouco de água em nome de Deus. Eu lhe dei leite, mas amaldiçoando-a. Eu não tinha água. Ela me agradeceu. Oh! Que agradecimento! Que agradecimento! Nunca ninguém havia falado com tanta docilidade com a Corriveau. Ela me perguntava se estava muito longe de Beaumanoir e em que direção ficava. Eu não pude deixar de lhe desejar uma boa viagem quando ela se afastava com seus guias índios.⁶²

A Corriveau demonstra, no trecho anterior, um comportamento ambíguo; parece que toda a sua revolta advém do tratamento que a sociedade lhe dava. Ela era malvista, sempre como transgressora, sedutora, e no momento em que alguém a trata como um ser humano como qualquer outro, seu coração, por um momento, amolece.

Angélique fica um pouco inquieta e se sente levemente ressentida, vendo a Corriveau manifestar alguma simpatia pela solitária Beaumanoir.

– Você a conhece, diz ela, e bem, é muito bom. Ela se lembrará de você, sem dúvida; você terá facilidade de se aproximar dela, e você ganhará rapidamente sua confiança.

A Corriveau batia as mãos e lançava um grande fascínio ao rir, um fascínio sinistro e cavernoso como se tivesse vindo do abismo.

– Eu a conheço, você disse? Menos que isso! Ela agradeceu-me de forma bondosa. Foi isso que eu disse, não foi? Em seguida, quando ela partiu, eu a amaldiçoei dentro do meu coração, porque ela era bonita e boa, duas qualidades que eu abomino.

A Corriveau usa do seu cinismo para não perder o ouro e as riquezas, mas provoca raiva em Angélique, ao insistir na beleza e bondade da rival.

– Você disse que ela é bonita? Quanto a sua bondade, eu me inquieto um pouco; ela não servirá para nada perto deste homem. Mas ela é bonita? É isso que eu quero saber, Corriveau! Ela é mais bonita que eu? O que você acha?

A Corriveau fitou Angélique com seus olhos penetrantes e começou a rir.

– Mais bonita que você? Escute! É como uma visão que eu tive. Ela estava extremamente bela e triste! Eu a vi de forma mais encantadora que ela realmente estava em função de sua bondade. Ah! Como ela falava com doçura! Nunca, desde que eu estou no mundo, nunca ninguém falou comigo como ela!

⁶¹ Os Abénaquis são um povo ameríndio da Nova Inglaterra que faz parte dos povos algonquenses. Existem duas supremacias dos Abénaquis: os Abénaqui do oeste e do leste. O nome Abénaqui é proveniente dos termos *wabun* (luz) et *a'Ki* (terra), podendo ser designado como “povo da manhã”, “povo do sol nascente” ou “povo do leste”. Como o nome original de seu território corresponde ao hoje conhecido como a Nova Inglaterra, o termo Abénaqui é, por vezes, utilizado para designar todos os povos da região falante das línguas algonquenses: as duas tribos dos Abénaquis, os Micmacs (índios do leste do Canadá), os Malécites (habitantes da fronteira entre o New Brunswick e o Quebec) e os Passamaquoddy (habitantes do mesmo lugar que os Malécites). Disponível em: <http://www.indianamarketing.com/nations/abenaq.htm>. Acesso em: 25 out. 2007.

⁶² O tema dos indianos como companheiros e protetores das personagens femininas vítimas é bastante frequente nas narrativas orais quebequenses. Além da sua presença na lenda da Corriveau, podemos encontrá-los também na narrativa do padre Henri-Raymond Casgrain, intitulada “La Jongleuse”, em que uma mãe superprotetora sai para uma viagem de barco em companhia do seu filho Harold, de um canoeiro e de um índio pertencente aos povos algonquins.

Angélique de Meloises rangeu os dentes de cólera.

– O que você fez em seguida? perguntou ela. Você não tinha lhe desejado a morte? Você não pensou que o intendente ou qualquer outro homem poderia esquecer e trair, pelo amor dela, todas as outras mulheres do mundo? O que você fez?

– O que eu fiz? Eu continuei a colher mandrágora⁶³ na floresta, e escutei que você me chamava para perto de você. Você quer punir o intendente que a negligenciou em lugar de outra, uma outra mais bonita e melhor que você?

Era insolente da parte da Corriveau, mas era justo. Ela sabia toda a verdade agora.

Essas palavras rudes transformam-se culminando em ódio e ciúme de Angélique e afirmam suas resoluções. Nada melhor para alimentar o ciúme que esses relatos, essas confidências de uma amizade não-oficial ou de uma língua indiscreta.

Na passagem destacada, é possível perceber que os comentários da bruxa querem propositalmente instigar a raiva de Angélique para testar se ela tem firmeza em suas convicções; tantas perguntas e comentários poderiam ser um motivo para que ela desistisse e a astúcia da Corriveau lhe permite descobrir isso.

– A vida dela ou a minha! Gritou ela com veemência; uma de nós está sobrando. Mate-a! Eu tenho ouro. [...]

– Isso [...] é para vingar as decepções, os dissabores, as humilhações da infelicidade do amor desprezado; e a morte que atinge o infiel ou insensível parece tão natural que os mais hábeis médicos não suspeitariam de nada, ou não poderiam justificá-la mesmo que tivessem uma suspeita. [...]

– Que minha rival morra, mas que morra como uma grande dama! Não é preciso festejar sobre seu cadáver como se faz com os vampiros. Você deve ter, no estojo, frascos da melhor cor e de um melhor ramo? Mas o que é isto? – pergunta Angélique.

Corriveau mostrava uma pequena garrafa rosa, de uma forma singular, vedada e portando em sua vedação o místico pentágono. É mais bonito e de um efeito tão azedo quanto o leite da misericórdia, destacou ela. Angélique pergunta novamente: o que é isso?

A velha ri de forma sádica e cruel.

– Sua sabedoria nada mais é que loucura, Angélique des Meloises, replicou ela; você quer matar sua rival e ao mesmo tempo poupá-la! É o perfume que a Brinvilliers tinha usado no grande baile do Hotel de Ville.

⁶³ Conhecida desde os tempos mais remotos, a mandrágora tem atraído a atenção por suas particularidades: a forma da raiz é alongada (de cinquenta a sessenta centímetros), de aspecto carnudo, branco e bifurcado, lembrando vagamente o tronco e as pernas de um corpo humano. Foi o antropomorfismo da raiz que fez com que ela fosse considerada uma espécie de embrião incompleto, capaz de ganhar vida através de práticas mágicas. No século XX francês, visto que o surrealismo restitui toda a força às criações da imaginação, não é surpreendente que se encontre o mito da mandrágora numa narrativa fantástica, como em *Onirocritique* (Onirocrítica), de Apollinaire. O mito da mandrágora faz parte da linhagem dos mitos que evocam o nascimento telúrico dos seres humanos na origem dos tempos. Segundo Albert-Marie Schmidt, a mandrágora seria a sobrevivência da crença na *criatura humana autóctone (no sentido etimológico da palavra) saída do germe depositado por uma chuva divina... numa pequena matriz telúrica*, um eco amortecido das grandes hierogamias cósmicas. *Os insulares me conduziram a seus vergéis para que eu colhesse frutos semelhantes a mulheres... Eles desterraram uma raiz transparente e comeram. Ela tinha a grossura de um rabanete*. Alfred Jerry, em *Les minutes de Sable memorial* (Os minutos da areia memorial), evoca as queixas da mandrágora. A planta promete riqueza a quem libertá-la, dizendo que tudo que nela toca se transmuta em ouro (BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*, 2005, p. 610-612).

A Corriveau, nesse momento, mostra a Angélique a frieza de quem deseja matar e que o prazer de matar está justamente na frieza; como ela poderia querer livrar-se da rival de uma forma leve, sem sofrimento?

Ela derramou secretamente algumas gotas no lenço da bela Louise Gauthier, e quando Louise Gauthier o respirou, alguns minutos depois, caiu no chão. Tentamos reanimá-la, ela estava morta. Ninguém podia imaginar como nem por quê. Ela amava Gaudin de Saint-Croix, o amante de Brinvilliers, como a dama de Beaumanoir ama o intendente que você ama.

– Bem! Ela teve sua recompensa, observa Angélique friamente. Eu teria feito como a Brinvilliers. Teria você outra coisa a dizer desse precioso perfume?

– Eu tenho a dizer que ele é incomparável. Três gotas sobre o buquê de flores e quem inspirar o aroma vindo dele desmaiará acordando só no outro mundo. A vítima morre sem sofrer, com o sorriso nos lábios, como se o beijo de um anjo lhe tivesse recolhido o último suspiro. Não é um bálsamo precioso, senhorita?

Então acontece o reencontro da Corriveau com Caroline de Saint-Castin, um encontro que a princípio a deixa estupefata, mas que depois sua ingenuidade irá entender como uma ajuda vinda dos céus, quando, ao contrário disso, era a maldição que ela sofreria se aproximando.

Caroline de Saint-Castin, em pé, uma mão sobre as costas da cadeira, olhava a Corriveau. Ela queria dizer alguma coisa e as palavras não vinham de jeito nenhum. Ela parecia atordoada.

Carregava consigo a carta que a mãe Malheur lhe havia entregado.

– Por acaso você escreveu isso? Perguntou enfim.

A Corriveau fez um sinal afirmativo.

– Oh! Diga-me francamente, essa é a verdade?

– É a pura verdade.

É surpreendente que uma simples camponesa pudesse escrever corretamente e conhecer tão bem o Barão de Saint-Castin.

– Em nome do céu, gritou Caroline, quem é você? Eu nunca a vi antes!

– Você já me viu, retrucou a Corriveau.

Caroline a olhou fixamente, procurando se lembrar, mas não conseguia reconhecê-la.

A Corriveau continuou:

– Seu pai é o barão de Saint-Castin, e você, senhora, você preferiria morrer a ser encontrada aqui. Não me pergunte como eu sei disso, será inútil. Quanto mais, eu não sou mais do que essa que pareço ser.

– Você está vestida de camponesa, mas fala como uma dama. Você está sob falsa aparência... por que você veio me visitar dessa estranha maneira?

– Eu lhe repito, eu sou quem pareço ser, e eu venho encontrá-la assim, porque não poderia vir de outra forma.

– Você disse que eu já a vi; eu não me lembro disso.

– Na floresta de Saint-Vallier. Você se lembra de ter encontrado uma camponesa que colhia mandrágora? Você tinha sede e ela lhe deu leite. Você estava com os Selvagens.⁶⁴

Foi como um raio no espírito da jovem moça, e uma doce confiança toma rapidamente conta dela.

– Eu me lembro! Gritou ela. E você estava vestida como agora, absolutamente!... Eu lhe agradei pela bondade que você havia então me atestado, sim, eu lhe agradei! Ela lhe estendeu a mão.

Por mais que a Corriveau tenha sido tocada por toda a bondade e beleza de Caroline, a ganância pelo ouro e a vontade de matar pelo mero prazer falaram mais alto. A amizade, assim, nada mais foi do que uma forma de conquistar confiança para conseguir alcançar seu objetivo.

A Corriveau juntou a mão dela à sua, mas sem a apertar. Ela permanecia fria, insensível. Ela replicava, adocicando o quanto fosse possível sua voz rouca, e mostrando falsa compaixão.

– Eu fui boa para você então, e eu o quero ser ainda hoje. Eu venho para socorrê-la. Ela sorriu, ainda com seu sorriso diabólico, mas o reprimiu rapidamente.

– Eu não nada mais sou do que uma pobre mulher, disse ela; no entanto, lhe trouxe um pequeno presente para provar que não a esqueci.

Ela colocou a mão no estojo [...].

– Mas, e o intendente, o que você sabe dele?

O intendente? O rei lhe deu ordens de devolvê-la a seu pai, e ele o fará, a menos que o governador não o previna... O governador a procura.

Caroline ficou a ponto de desfalecer.

– Meu Deus! Meu Deus! exclamou a jovem vítima, escondendo o rosto sobre as mãos, que eu não esteja numa sepultura profunda onde só você me verá! Tenha misericórdia de mim, porque eu não posso esperar mais nada da clemência dos homens!... Eu mereço minha infelicidade! A morte não é nada; o que é terrível é saber que minha desgraça não morrerá comigo!

Aqui se percebe que Caroline se conformaria até com a morte face à raiva interior que sente. Afirmar a condescendência com a morte frente a sua assassina é tudo o que a bruxa precisava para fazer valer o que objetivava: a morte da jovem.

A Corriveau sorria ainda, seus dedos aduncos acariciavam a pequena garrafa mortal. O momento se aproxima! o momento se aproxima! murmurava ela entre seus dentes venenosos.

Caroline deu um passo em sua direção.

– É mesmo verdade tudo o que me diz aqui? repetia ela ainda com voz suplicante... Como uma estrangeira pode ter tanta informação sobre o assunto?

⁶⁴ Os selvagens, ou bárbaros, podem aqui ser entendidos como os índios. Os bárbaros, como vimos anteriormente, são aqueles que vivem à margem da sociedade, por possuírem uma cultura ou língua diferente da dominante.

– É a verdade, e eu venho para salvá-la; não, eu não posso lhe adiantar nada ... pode ser que seja pela parte do intendente que eu esteja aqui... Ele quer escondê-la para que não a encontrem de forma alguma.

Um raio de esperança atravessou a alma assombrada da condenada. Bigot, de fato, devia sonhar em salvá-la e estava interessado em fazê-lo, pois foi ele quem a perdeu! Ela se prendeu a esse pensamento como o afogado em uma tábua.

– Foi Bigot que a mandou! Exclamou ela rindo, enrubescendo e por vezes chorando. Ele quer me levar para fora daqui! Oh! Seja bendita, mensageira da felicidade! Seja bendita!

Aqui, ela pensa que a Corriveau vem porque seu amado a enviou, fazendo, assim, com que a bruxa não tivesse dúvidas de que a jovem Caroline estava nas suas mãos e que sua hora se aproximava.

– Ele deseja que eu vos conduza a Saint-Vallier, respondeu a velha megera, e quando o perigo tiver passado, você voltará para cá.

– Oh! Eu o conheço bem!... Ele é bom a ponto de deixar de lado suas próprias vontades!... Foi assim que eu o conheci outrora!...

Você o viu? Você o viu! Ele vos falou? O que ele vos disse?

– A hora está chegando! A hora está chegando! pensava alegremente a velha envenenadora. Vai dar certo!

Enquanto a jovem fica bastante feliz por sentir-se correspondida em seu amor, a Corriveau pensa sadicamente no momento da morte, na forma como irá acontecer e no êxtase que lhe trará.

E ela respondeu:

– Eu o vi e falei com ele; mas não por muito. Ele é austero, o intendente, e não se diverte muito em conversar com pessoas da minha condição. No entanto, ele me incumbiu de lhe entregar um sinal do amor dele. Ele me disse que você saberia bem o que isso significa. Ele está aqui, este sinal, dentro do saco. Posso entregá-lo a você agora?

– Um sinal do amor dele Uma lembrança dele! Você não é mulher por acaso? Por que demorar tanto a me entregar? Por que você não me deu logo em seguida? ... Eu não teria hesitado tanto em acreditar em você. Dê-me! Dê-me! Ah! que ele seja bendito!⁶⁵

⁶⁵ Esse sinal, representado a partir do perfume que mata, bem como a ingenuidade de Caroline, remetem a uma lenda bastante recorrente no Rio Grande do Sul, a lenda da Mãe do Ouro. Nela, uma mocinha sai pela mata e encontra a Mãe do Ouro, que lhe causa estranhamento e medo. Ao tentar fugir, é persuadida a permanecer e é tomada de grande encantamento pela figura feminina, que lhe pede para voltar daí a cinco dias com um pente de cabelos, o que a menina atende prontamente. Voltando na data marcada, essa espécie de bruxa encantada presenteia a menina com uma concha de marisco parda-furta-cor e lhe pede segredo. No caminho de volta para casa, as conchas se entreabrem e a menina, fitando-as louca de prazer, acaba por não se conter e chama sua mãe para ver o presente que a Mãe do Ouro tinha lhe dado. Quando pronunciou as palavras reveladoras, um bando de cobrinhas rolou, matando-a. Um gritinho de dor e agonia foi repercutir no ouvido materno. A mãe veio encontrar a filha caída; o rosto ficara lívido esverdeado. Estava morta. Inicialmente se tinha pensado em analisar as representações femininas lendárias presentes nessa narrativa, mas em razão do tempo escasso selecionamos apenas a Corriveau e a Teiniaguá. Aspectos como: grande capacidade de persuasão, sedução e de condução dos outros seres a fazerem suas vontades são constantes na representação feminina lendária.

Aqui se percebe o quanto ela se entregou à amizade da bruxa, visto que a questiona enquanto mulher, iguala-se a ela e demonstra ansiedade e angústia típicas de uma paixão. É justamente a angústia e a ansiedade que a fazem ficar cega, ingênua, e não a deixam perceber o quanto a bondade da “senhora Dodier” era forçada e exagerada.

A Corriveau esmorece levemente apesar de sua dureza de coração, e um tremor imperceptível passou por suas mãos enquanto ela abria a pequena garrafa. Ela pegou o buquê, o descascou, desligando-se um pouco de seu envelope de dinheiro, e o apresentou à impaciente jovem.

– Como é bonito! exclamou Caroline segurando-o com as duas mãos. É um buquê celeste! Um radioso símbolo do amor!

E o levando até seus lábios, sorridente, feliz, transfigurada pelo prazer, ela o abraçou com paixão, inspirando ardentemente os aromas delicados e os venenos mortais.

Rapidamente, sua cabeça radiosa inclinou-se para baixo, seus olhos negros olharam para o obscuro e, prendendo o buquê fatal sobre seus lábios, ela caiu morta aos pés da Corriveau.

Um riso bárbaro, terrível, assustador, ecoou nas paredes do quarto secreto.

O sangue de várias gerações de envenenadores e assassinos se pôs a correr fervoroso nas veias da bruxa, e ela parecia como uma tigresa diante de sua presa.

A morte estava ali, sorrindo ainda, ainda radiosa de seu último pensamento de alegria. A horrível assassina baixou-se para se assegurar de que o veneno tinha feito seu trabalho: o coração já não batia mais e nenhum sopro se passava em seus lábios entreabertos.

Ela só se acordaria com a voz de Deus, no dia da Ressurreição.

– Pouco importa! Resmungou a envenenadora, a Corriveau não faz seu trabalho pela metade; se ainda resta-lhe alguma vida, ela partirá.

E duas vezes, com uma mão fechada, ela golpeou o seio de sua vítima, com sua faca afiada.

Não importa a versão, literária ou oral, a Corriveau é vista como essencialmente má e com poderes diabólicos e mágicos. Na versão analisada, por exemplo, por mais que em certo momento Caroline a tenha tratado bem como ninguém jamais a tratou e isso a tenha tocado, ela mata a moça porque sua natureza é esta: matar por prazer. Assassina fria e cruel? Não é possível, todavia, afirmar isso de forma convicta e por tal motivo trataremos da representação da Corriveau como bruxa, má, assassina, envenenadora ou vítima da justiça popular, num capítulo à parte.

2 – MITO E CULTURA ORAL

2.1 – MITO: CONCEITOS NECESSÁRIOS

Tendo em consideração as duas narrativas, cuja análise suscita pensar na questão das narrativas míticas em sua aproximação comparativa às narrativas literárias, em seguida tentaremos responder à seguinte questão: o que é, afinal, um mito?

Max Bilen (apud Brunel, 2005, p. 46) discorre de forma clara e resumida sobre a questão das narrativas míticas e as literárias. A narrativa mítica é aquela que supõe um tempo reversível que caracteriza o tempo sagrado, podendo tudo mudar dentro dessa perspectiva, e o caráter religioso, de adoração e respeito, se fará presente em narrativas nas quais o coletivo e o sobrenatural estarão em oposição. Bertrand Bergeron, no livro *Du surnaturel*⁶⁶, afirma:

O mito não é uma ficção, ele diz respeito a realidades tangíveis, visíveis, quantificáveis. Ele justifica o estado do mundo no qual nós vivemos e dá um sentido à presença do homem no cosmos. (...) Tudo tem uma explicação, o sentido dos seres e das coisas está em ir buscar dentro de sua própria origem, dentro do mundo de sua aparição, na intenção latente ou no manifesto do gesto criador.

Assim, com base nas idéias de Bergeron, podemos entender que o mito está na esfera do sagrado; todavia, podemos não acreditar no mito, preferindo a certeza da realidade à explicação sobrenatural na qual devemos crer, ou seja, que exige um ato de ousadia. O mito tem, portanto, essa relação com o palpável, o visível, quando se discute a crença que as pessoas nele possuem (ou não), e o ato de ousadia está ligado à escolha de crer que determinado mito realmente existe ou existiu.

A narrativa literária é, por sua vez, individual e racional, na medida em que mesmo que a história tenha sido contada por um ser qualquer da coletividade, a sua transformação foi feita

⁶⁶ *Le mythe n'est pas une fiction, il concerne des réalités tangibles, observables, quantifiables. Il justifie l'état du monde dans lequel nous vivons et donne un sens à la présence de l'homme dans le cosmos. (...) Tout a son explication, le sens des êtres et des choses est à aller chercher dans leur origine, dans le mode de leur apparition, dans l'intention latente ou manifeste du geste créateur.* BERGERON, Bertrand. *Du surnaturel*, 2006, p. 201-202. Tradução minha.

por um autor⁶⁷ em seu ambiente de trabalho, onde ele pensou, repensou, analisou, para só depois passar para o papel da maneira que melhor lhe conviesse. Ambas as narrativas aqui trabalhadas partem de uma narração mítica, mas são versões literárias desses mitos⁶⁸. Na narrativa literária existe sempre uma solução dialética para os conflitos, uma vez que ela expõe os valores e dogmas que devem ser seguidos e os que devem ser rejeitados e determina os castigos para aqueles que transgredirem as leis. Já na mítica se inicia uma metamorfose radical face ao estado inicial de determinada representação lendária; a figura lendária passa, no decorrer da narrativa, do estado de herói para o de condenado. Um exemplo disso é o Santão da “Salamanca do Jarau”, que se transmuta de santo em pecador; a literária é vivida intimamente, é na sua intimidade que o autor vai criar seus narradores e redigir suas versões para determinados mitos, enquanto a mítica só tem sentido de existir no seio de uma determinada sociedade, a partir do que é contado nesses ambientes sociais; a literária, se pensarmos no caráter funcional do papel que ela ocupa dentro de uma dada narrativa, ela preenche uma função sócio-histórica profana, enquanto a mítica está na esfera do religioso, sagrado. A narrativa literária pode, então, ser entendida como transposição das idéias do coletivo que se transforma com base nas vivências sociais e políticas do autor/narrador. Tais idéias, que ele transmite de forma empírica, de verdade absoluta, podem, ao chegar ao seio social, ser transformadas em verdade relativa a partir da contestação⁶⁹. Nem sempre os membros da coletividade estarão abertos a novas idéias e crenças, e isso gera o ato

⁶⁷ Isso vai ao encontro das idéias de Gilda Bittencourt no tocante à complexidade das relações entre a instância narradora e o que é narrado. Para a autora, ela reside na impossibilidade de tratar a primeira apenas como um problema de enunciação verbal ou perspectiva da pessoa que narra, uma vez que envolve também uma atitude ou uma consciência que preside um ato narrativo na escolha por certa maneira de narrar, pelo rumo a ser dado à intriga, pelo tratamento do tempo, pela preferência por determinados tipos de personagens e assim por diante. Nessa escolha, porém, ela ainda destaca que interferem tanto componentes de ordem externa, tais como a ideologia, o contexto histórico-social e cultural do momento, quanto fatores de ordem individual ligados às idiossincrasias de cada autor ou as suas visões de mundo. BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul-rio-grandense*, 1999.

⁶⁸ Conforme vimos anteriormente, as versões literárias aqui exploradas são “A Salamanca do Jarau”, de João Simões Lopes Neto, e “La Corriveau”, de Philipe Aubert de Gaspé, presente na recolha *Les anciens Canadiens*, e a de Willian Kirby, intitulada “Uma envenenadora”, presente no romance *Le chien d’or*.

⁶⁹ Essa contestação parte daquilo que Bittencourt define como consciência narrativa para destacar que o termo “consciência” aparece em algumas das proposições teóricas ligadas ao ponto de vista do autor/narrador. Ela destaca, com base nas idéias de Michel Zeraffa e na problematização que este faz acerca do tema que, na impossibilidade de o autor exprimir-se diretamente, seja em seu próprio nome, seja apresentando uma verdade geral, ele interpõe como seu herói uma *consciência narrativa irônica*. Zeraffa considera que, se partirmos do princípio de que toda realidade, sobretudo a social, não pode senão ser filtrada por uma consciência, o escritor não pode figurar dentro da obra, ou fora dela, na qualidade de pessoa diferenciada, pois o sentido do romance deve emanar exclusivamente dessa consciência, que refrata o espaço social, dentro do qual ela se situa e se debate. Mesmo sabendo que nosso trabalho está na esfera da lenda e não na do romance, a colocação de Zeraffa se faz pertinente na medida em que, mesmo não sendo o autor quem conta a narrativa, mas o narrador, o que é contado teve decorrência de uma consciência misturada, uma mistura das idéias de um autor com os atos de um narrador, refratada por um espaço social e ironia; muitas vezes é de comportamentos irônicos que nascem as normas e dogmas a serem legitimados por uma dada sociedade. BITTENCOURT, op. cit., p.175.

contestador. Já a narrativa mítica, por ser uma narrativa de base para a determinação dos caracteres sociais de um povo, trata de uma verdade que se propõe como absoluta e eterna, uma verdade determinante. Por fim, a narrativa literária, por ter um autor/narrador que a determina, ela é aquela que faz uma análise psicológica parcial acerca do herói, enquanto a mítica, estando no seio de uma coletividade e tendo todo um aporte social, examina o ser humano em sua totalidade, em suas particularidades, promovendo assim uma análise minuciosa; a narrativa literária descreve o desenvolvimento de uma ação, enquanto a mítica revela algo de misterioso e inefável; o sentido, na narrativa literária, é mais ou menos evidente, enquanto na narrativa mítica é velado, exige uma exegese. A exegese pode ser entendida como a disciplina que aplica métodos e técnicas que ajudam na compreensão do texto. Do ponto de vista etimológico, hermenêutica e exegese são sinônimos, mas hoje os especialistas costumam fazer a seguinte diferença: hermenêutica é a ciência das normas que permitem descobrir e explicar o verdadeiro sentido do texto, enquanto a exegese é a arte de aplicar essas normas. Segundo Fernando Nicollazi, com base na teoria de Paul Ricoeur, a hermenêutica é definida como a teoria das regras que presidem a uma exegese, isto é, à interpretação de um texto singular ou de um conjunto de signos passível de ser considerado como um texto. Assim, é a partir de uma tensão originária que essa prática opera, num sentido que visa tanto à manifestação e à restauração de um significado (a compreensão do texto pela procura de um sentido) quanto à desmistificação e à redução da ilusão (suspeita em relação à evidência de um sentido aparente). Em poucas palavras, trata-se da “inteligência do sentido duplo” contido nas expressões mediadas simbolicamente. Dessa maneira, o método hermenêutico encontra amparo em uma filosofia reflexiva, na medida em que seu problema não é, segundo Ricoeur, imposto de fora à reflexão, mas proposto de dentro pelo movimento mesmo do sentido e pela via implícita dos símbolos, tomados em seu nível semântico e mítico. Conforme salienta o filósofo, não há mito sem interpretação, mas também não existe interpretação incontestável.

O notável, no confronto do literário com o mítico, é que o mito associa-se quase sempre à palavra “narração”. Se considerarmos, no entanto, que a narrativa mítica não se propõe como ficção, mas exige a crença na verdade do que é contado, poderíamos acrescentar a “narrativa” a palavra “comportamento”, que enfatiza o aspecto subjetivo do mito.

Tendo em vista as questões relativas às narrativas mítica e literária, nosso trabalho versa sobre dois mitos da literatura oral, inseridos em narrativas literárias, das quais escolhemos algumas versões para aqui estudar. Assim, cabe tentarmos responder agora: o que é, afinal, um mito?

Antes de tudo, é preciso deixar claro que o mito pode ter uma conotação usual de fábula, lenda, invenção, ficção, mas que a maior acepção dada ao termo, atribuída pelas sociedades arcaicas, por vezes impropriamente denominadas culturas primitivas, é a de relato de um tempo primordial, mediante a intervenção de seres sobrenaturais. Em outras palavras, o relato de uma história verdadeira, ocorrida nos tempos ancestrais, quando, através da interferência de seres sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja ela uma realidade total, um cosmo, ou um fragmento, um monte, uma pedra, um comportamento humano.

Para Roland Barthes (1978, p. 131), o mito é sistema de comunicação, é mensagem, e por isso não poderia ser apenas um objeto, um conceito, uma idéia: ele é um modo de significação, uma forma à qual, mais tarde, será necessária a imposição de forma, limites históricos, condições de funcionamento, reinvestindo nela a sociedade, sem impedir que a descrevamos de início como uma forma substituível de uma verdade que esconde outra. Poderíamos ainda dizer que o mito é uma verdade profunda de nossa mente, ele não é somente os significantes que postula e exprime, mas também vai além das aparências e significados, tendo, assim, um sentido mais profundo do que a superficialidade aparente.

Barthes ainda diz que, sendo o mito uma fala, tudo pode constituir o mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O mito não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como essa mensagem é proferida; ele tem limites formais, mas não substanciais, em função disso tudo pode ser mito. Cada objeto do mundo pode ser transformado de algo fechado, inerte, mudo, para um estado oral, aberto à apropriação da sociedade que, utilizando-se de seus dogmas sociais, políticos e econômicos, fará do objeto o que melhor lhe aprouver, de acordo com as necessidades de seu povo. Não existem, nem na sociedade atual, nem naquelas das quais os mitos abordados nesta dissertação fazem parte, leis sobrenaturais nem naturais que nos impeçam de relatar determinados acontecimentos. Embora a sociedade industrial se aproprie, por vezes, de determinados mitos para expressar fantasias, mentiras e para seduzir, não é este o sentido que contemplamos, nem tampouco aquele com o qual pretendemos trabalhar.

Mito é segundo nossa interpretação, a narrativa de uma criação, pois nos conta como algo que não era, começou a ser. É sempre uma representação coletiva, transmitida através das gerações para relatar uma explicação do mundo. Mito é, por conseguinte, a parole, a palavra “revelada”, o dito. E, exprimindo-se ao nível da linguagem, é palavra que circunscreve e fixa um acontecimento, na medida em que é sentido e vivido antes de ser inteligível e formulado. Mito é a palavra, a imagem, o gesto que circunscreve o acontecimento no homem, em sua consciência e em suas idéias, antes de se transformar em narrativa.

Quando pensamos em expressão do mundo e da realidade humana, pensamos em mito, porque é isso que ele representa, salvo que sua essência está em uma representação coletiva, que chegou até nós através de diversas gerações. E, se ele pretende explicar o mundo e o homem que estão ligados à complexidade do real, não pode ser lógico, mas, pelo contrário, ilógico, irracional, prestando-se às mais diversas interpretações.

André Dabezies, no *Dicionário de mitos literários* de Pierre Brunel (2005, p. 731), afirma:

(...) para o etnólogo, o mito é “uma história de verdade que aconteceu no começo dos tempos e que serve de modelo para o comportamento humano” – em especial para o comportamento ritualístico –, escreve M. Eliade (NNRF, 1953, 441). O mito primitivo “engloba – ele é ao mesmo tempo um relato das origens e da religião – saber, prática, justificação dos costumes etc. Mas distingue-se de outros relatos simbólicos, como o conto profano, por fórmulas e condições de recitação particular, bem como pelas diferentes crenças que postula: é uma história mais ou menos “sagrada”.

Tanto em “A Salamanca do Jarau” quanto em “La Corriveau” existem mitos que servem para determinar o comportamento humano em suas distintas sociedades. Todavia, na sequência deste trabalho, analisaremos cada um deles em suas particularidades. O que se pode dizer, a partir de Brunel, é que “La Corriveau” é um relato das origens da sociedade quebequense, das mulheres e de seu comportamento e liberação, e “A Salamanca do Jarau” é um relato da religião, que pune, condena, subjuga e determina normas que devem ser respeitadas. Teiniaguá e Santão têm religiões diferentes, que impedem o relacionamento entre ambos. A religião é que determina a formação do povo e também a transgressão. É com base nela que a narrativa vai se desenvolver. Seu ápice está no encontro da Teiniaguá com o Santão, o encontro do mouro-árabe com o cristão.

E completa (2005, p.731):

(...) na literatura será considerado “mito” um relato (ou uma personagem implicada num relato simbólico) que passa a ter valor fascinante (ideal ou repulsivo) e mais ou menos totalizante para uma comunidade humana mais ou menos extensa, à qual ele propõe a explicação de uma situação ou uma forma de agir. A diferença que vai do mito “explicativo” ao mito “normativo” não ultrapassa muito a que vai do implícito (todo mito implica um certo comportamento concreto) ao explícito, senão naquilo que os mitos normativos ou dinâmicos parecem mais orientados para um futuro a ser concretizado, e os outros para uma ordem a ser mantida. A palavra “fascinante” nos parece a maneira menos ruim de descrever os efeitos classicamente atribuídos ao “sagrado” num mundo virtualmente dessacralizado.

Teiniaguá e Corriveau exercem fascínio nas sociedades das quais fazem parte, mas não o fascínio no sentido literal e sim aquele ligado ao caráter sagrado, a elas atribuído em um

mundo virtualmente dessacralizado. Após conhecermos esses dois mitos da literatura oral, a partir de sua apresentação, fica claro que ambas possuem diferentes poderes mágicos e isso não acontece à toa. A magia que Teiniaguá e Corriveau possuem está ligada ao caráter bruxólico de ambas que se justificarão a partir do que Simone de Beauvoir vai falar sobre magia.

Beauvoir (1944, p. 266) diz que:

A magia, dizia Alain, é o espírito vagando dentro das coisas; uma ação é mágica quando, no lugar de ser produzida por um agente, ela emana de uma passividade; precisamente os homens sempre olharam a mulher como a imanência do dado, se ela produz colheitas e filhos não é um ato voluntário; ela não é sujeito, transcendente, potência criadora, mas um objeto carregado de fluidos. Nessas sociedades onde o homem adora os mistérios, a mulher é, por causa dessas virtudes, associada ao culto e venerada como padre, mas quando o homem luta para fazer triunfar a sociedade sobre a natureza, a razão sobre a vida, a vontade sobre o dado inerte, então a mulher é vista como bruxa. Sabemos a diferença que distingue o padre do mágico: o primeiro domina e dirige as forças dominadas de acordo com os deuses e as leis, pelo bem da comunidade, em nome de todos seus membros; o mágico opera no intervalo da sociedade, contra os deuses e as leis, de acordo com suas próprias paixões. Ora, a mulher não é plenamente integrada ao mundo dos homens; enquanto o outro ela se opõe a eles; é natural que ela se sirva das forças que ela possui, não para difundir através da comunidade dos homens e no futuro a dominação transcendental, mas, estando separada, contrária, para conduzir os males na solidão da separação, nas trevas da imanência (...).

Segundo Beauvoir, a representação feminina precisa estar ligada ao caráter passivo; ela foi criada e concebida para ser o Outro, aquele outro que faz parte do discurso na condição de ser a sombra do homem, para ser imanente, com a função determinada de procriar. A mulher virtuosa é a mulher venerada, vista como deusa, mas ao tentar unir-se ao homem na luta para o triunfo da sociedade sobre a natureza, da razão sobre a vida, da vontade sobre o dado inerte, então ela é vista como bruxa. A luta a que nos referimos jamais é luta no sentido heroicizado: não se quer tratar da representação feminina heroína, mas de dados culturais que levarão naturalmente esses diferentes mitos a serem igualmente condenados. Como exemplo, podemos pensar na mulher de *carne e osso* que quer *conduzir os males na solidão da separação, nas trevas da imanência*, que a partir daí, já está tentando, mesmo que inconscientemente, dominar seu comportamento, determinar suas normas e, assim, de acordo com os dogmas sociais, procurando condenação. Ela não pode querer, de forma alguma, conduzir sua vida, seus comportamentos, suas leis; deve obedecer a tudo o que já foi predeterminado socialmente.

Assim, a personagem feminina, para ser bem aceita na sociedade da qual faz parte, deve seguir o modelo padronizado de comportamento, baseado nessas normas e leis

explicitadas anteriormente. Sendo a projeção de um ser cordato, submisso, ela está dando o bom exemplo. Sendo a representação de um ser que projeta planos para sua vida, critica e não se contenta com os dogmas predeterminados, a mulher que vai em busca do que almeja, é a transgressora, bruxa. Beauvoir (1944, p. 295) assim define a mulher:

Tesouro, presa, jogo e risco, musa, guia, juíza, mediadora, espelho, a mulher é a Outra na qual o sujeito se excede sem ser limitada, quem se opõe a ele sem negá-lo; ela é o Outro que se deixa anexar sem deixar de ser o Outro. E por isso ela é tão necessária para a felicidade do homem e o seu triunfo que poderíamos dizer que ela não existia, os homens a inventaram.

Eles a inventaram. Mas ela existe também sem sua invenção. É porque ela é ao mesmo tempo que a encarnação de seu sonho, seu fracasso. Não tem uma figura feminina que não gere imediatamente sua figura inversa: ela é Vida e Morte, a Natureza e o Artificio, a Luz e a Noite.

A representação feminina será, portanto, aceita enquanto representação positiva e virtuosa quando for o outro do discurso, quando estiver agindo num papel caracteristicamente dicotômico, de oposição bem/mal. Ela vai ser a oposição que a representação masculina precisa para afirmar-se enquanto tal, na medida em que sua invenção, se considerarmos que, dentro do contexto da cultura cristã, foi concebida para ser aquilo que completaria o masculino, que levaria a representação masculina a alcançar sua felicidade, a triunfar. Ela encarna, portanto, não só o papel de representação inventada, mas também de representação que não existe a não ser como forma de encarnação de um sonho, de um fracasso. Assim, ser a Outra do discurso é complementar o homem naquilo que ele não consegue ser, nas frustrações da representação masculina. Sendo representação de frustração, ela vai cair nas dicotomias vida e morte: é vida porque serve o homem em muitos momentos, mas é morte porque realiza ações as quais ele não conseguiu realizar e frustra-se por isso; é natureza porque age na natureza e realiza aquilo que a representação masculina quer; e é artifício quando usa daquilo que está na natureza como forma de trazer o mal. Aqui o exemplo oferecido seria o das bruxas que indicam ervas para a cura, mas que na verdade são tóxicas e levam à morte. É luz quando dominada, submissa, realiza os sonhos do homem, mas é noite quando, por algum motivo, se mostra descontente com o papel que lhe foi determinado.

Falar, conforme já dito no parágrafo anterior, em invenção cristã do mundo, nos leva a pensar no nome de Teiniaguá, que será tratada em um capítulo subsequente, mas também no mito de Lilith.

Brigitte Couchaux (in BRUNEL, 2005, p. 582) atribui ao nome Lilith origem semítica e indo-européia; vem de “lil”, relacionado ao deus da atmosfera, Enlil, que significa “vento”, “ar” e “tempestade”. É o vento ardente que, segundo a crença popular, punha em febre as

mulheres logo depois do parto, matando-as com seus filhos. Lilith foi considerada uma das grandes forças hostis da natureza, parte de um grupo de três demônios, um macho e duas fêmeas: o Lilu, a Lilithu e a Ardat Lili, esta última, a mulher do sedutor da luz, ou sedutor-fêmea da luz. Para a autora, há um parentesco também entre Lilith e as palavras sumérias “lulti” (lascívia) e “lulu” (libertinagem). Lilith⁷⁰, bela mulher de cabelos compridos, utiliza sua capacidade de sedução e sua sensualidade animal para fins destrutivos: vai à busca da sua presa, para, após tê-la sob seu domínio, matá-la⁷¹. Falar em sensualidade animal é pensar em uma mulher que age instintivamente, como se o ato de seduzir estivesse ligado a sua sobrevivência. Foi provavelmente durante o cativeiro da Babilônia que os judeus travaram conhecimento com esse demônio ativo principalmente à noite; mas a ligação da palavra hebraica “lail” (noite) com o nome de Lilith foi considerada improvável. Lilith é muitas vezes representada sob traços de uma ave noturna, em geral a coruja.

O mito de Lilith, para fazer referência ao caráter religioso citado anteriormente, é mencionado no Antigo Testamento, no *Livro dos Profetas, Isaías 34/14*, poema apocalíptico sobre o fim de Edom, que se transformou, graças à cólera de Jeová, em pez ardente, antes de se converter em deserto por onde mais ninguém passará, a não ser o pelicano, o ouriço, a coruja e o corvo, que farão desse caos sua morada. “E lá também descansará Lilith, achará um pouso para si em companhia dos gatos selvagens, das hienas, dos sátiros, da víbora e dos abutres” (COUCHAUX, in BRUNEL, 2005, p. 583).

É justamente do momento da aproximação dessa passagem – o exílio de Lilith – com os dois relatos da criação do homem e da mulher por Jeová (capítulos I e II do *Gênesis*) que nasce o mito de Lilith nos tempos modernos: primeira mulher a ser criada, ela pronunciou o “nome inefável” que lhe deu as asas por meio das quais fugiu do jardim do Éden, onde abandonou Adão, com quem não se entendia. Ratificada pela perseguição dos três anjos – Sinoi, Sinsinoi e Samengelloff, que, a encontrando às margens do Mar Vermelho, em vão pediram-lhe que voltasse –, essa fuga converteu-se em expulsão. Desde então, em resposta à ameaça proferida pelos três anjos (ela veria milhares de seus filhos mortos diariamente), e por

⁷⁰ Lilith seria, ainda, segundo Mariane Venchi, um demônio das trevas que incita “à volúpia, a paixão turva da sensualidade desenfreada que pode insidiar e submeter o homem”. *Cadernos Pagu*, n. 30, Campinas, jan./jun. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332008000100012&script=sci_arttext#nt22. Acesso em: 15 nov. 2008.

⁷¹ Para Marc-Alain Descamps, Lilith vai aparecer tardiamente, sem dúvida, sob a influência das traduções da Bíblia e dos contatos com os judeus da diáspora. Gerbert d’Aurillac a teria encontrado uma noite em Auvergne. Ela lhe teria oferecido seu corpo e seus conhecimentos mágicos. Graças a eles, ele se tornou arcebispo de Reims, depois de Ravenne e em seguida papa, sob o nome de Sylvestre II (999-1003). Tendo vivido os terrores do ano Mil, ele se confessará antes de sua morte, podendo, assim, ir para o céu. Disponível em: http://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=IMIN_007_0077. Acesso em: 15 nov. 2008.

desejo de vingança e ciúmes com relação a Eva, criada depois dela para substituí-la – criada não mais de barro, como Adão ou Lilith (fato apontado como a causa do desentendimento entre Lilith e Adão), mas de uma costela deste último –, Lilith retorna ao mundo dos homens, descendentes de Adão e Eva, para fazer-lhes mal.

O mito de Lilith tem por função afastar dela os homens, alertando-os do perigo que representa para eles. Sua função principal, contudo, é alertar as mulheres: aquela que não segue a lei de Adão será rejeitada, eternamente insatisfeita e fonte de infelicidade. O final do conto de Anatole France “La fille de Lilith” (A filha de Lilith), no livro *Balthazar*⁷², estabelece com essa heroína um paralelo feminino do “Holandês Voador”, que aspira ao destino de Eva e à condição de mortal para conhecer “a vida” e “o prazer” (COUCHAUX, in BRUNEL, 2005, p. 583).

No entanto, a evolução do mito no correr dos textos, e suas ressurgências repetidas nos tempos modernos, tendem a atrair nossa atenção de maneira particular para essa figura feminina – que também representa uma visão da vida, do mundo humano e da hierarquia que o governa – rejeitada pela sociedade dos homens, mas que se deseja fazer conhecer, “às avessas”, se necessário, pelo mal que lhes faz. Assim, e com base nessa sua relação com o mal, Lilith será sempre ligada e lembrada pelas forças do mal que respondem às forças da vida. Ela mostrará justamente que o ponto de equilíbrio entre dia e noite, obscuridade e luz, feminino e masculino é possível sem que nenhum julgamento de valor ou relação de dominação possam ser atribuídos a uma ou outra parte do mesmo todo, sob pena de para ele acarretar consequências nefastas. Ela também tenta nos dizer que há sempre algo a descobrir com resultados benéficos para o conjunto, em qualquer parte rejeitada da criação que, de muito longe, continua a nos acenar. No que tange ao objetivo de Lilith, ele vai ao encontro do da Corriveau e da Teiniaguá, também personagens do discurso mítico utilizadas como forma de alertar as mulheres: aquelas que não cumprirem as leis serão condenadas ou à morte, ou à infelicidade e insatisfação. Teiniaguá não consegue a realização completa com Santão: ela o seduz, o salva da morte, mas é infeliz ao lado dele no Cerro do Jarau. Corriveau busca a realização nos casamentos que tem, mas acaba acusada de matar os maridos, pondo em dúvida se os assassinatos realmente foram cometidos por ela e, em caso afirmativo, se ela não teria sido vítima de maus tratos por parte dos maridos. Aí reside a sua semelhança com Lilith,

⁷² O que o mito de Lilith quer aqui é ser um alerta acerca dos interditos sociais, já que em relação aos homens ela representa um perigo e, no que tange às mulheres, Lilith pretende ser Eva, aquela que, ao transgredir as normas estabelecidas, é expulsa do paraíso e passa a ser uma mulher comum. Ser comum é, portanto, ter a oportunidade de viver a vida dos humanos, plena de problemas, mas também de prazeres.

no que tange à ligação que ambas têm com o mal, representado neste caso como a força da vida: é a partir do mal que elas se fazem notadas e presentes.

Após termos tentado definir o mito e sua representação nas narrativas escolhidas, julgamos importante trabalhar com as questões concernentes à cultura oral, abarcando os conceitos de dialogismo e polifonia e a questão da própria voz. Estudar tais fatores se faz necessário na medida em que os mitos impulsionadores do presente trabalho são advindos da literatura oral, e falar em oralidade, por sua vez, implica dialogismo, polifonia e voz.

2.2 – DIALOGISMO E POLIFONIA

Em primeiro lugar, é impossível pensar na questão do diálogo, do dialogismo, sem pensar no sujeito. É a partir dele que esse dialogismo poderá ser estabelecido. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Mikhail Bakhtin critica dois posicionamentos reducionistas e mecanicistas, definidos por ele como o “subjativismo-individualista” e o “objetivismo-abstrato”. O primeiro pensa a produção do sentido como algo que deriva da capacidade de raciocínio do sujeito. Assim, o sujeito seria aquele que funda o sentido, e a linguagem, a representação da expressão de sua mentalidade subjetiva. A identidade do sujeito é formada a partir da negação de tudo o que não é idêntico a si mesmo, ou seja, a negação da diferença, do coletivo e a afirmação do individual. Ele crê que sua identidade enquanto sujeito está em suas convicções e somente nelas. Por outro lado, o “objetivismo-abstrato” nega essa questão de subjetividade na medida em que, de acordo com tal posicionamento, tudo o que o sujeito pensa/faz resulta das determinações sociais; ou apenas o outro se afirma como constituinte da formação do sujeito. Ou seja, o sujeito não se forma apenas de acordo com sua subjetividade, mas sua formação, seja ela política, social, a formação de seu caráter e de sua própria subjetividade, depende do ambiente social que o circunda. A partir dessas duas formas de posicionamento e utilizando-se do materialismo dialético marxista, Bakhtin afirma que ambas as formas de pensamento estão equivocadas, visto que o sujeito nem é totalmente responsável pela produção do sentido, nem é totalmente reprodutor dos discursos cristalizados e não-passíveis de significação. O sujeito estaria justamente no intervalo, no entremeio das duas concepções. Desse ponto de vista, o individual é produto da interação social e coletiva. Para se constituir como sujeito, é necessário que o indivíduo interaja com outros sujeitos:

Essa distância concreta só de mim e de todos os outros indivíduos – sem exceção – para mim, e o excedente de minha visão por ele condicionado em relação a cada um deles (desse excedente é correlativa uma certa carência, porque o que vejo predominantemente do outro em mim mesmo só o outro vê, mas neste caso isso não nos importa, uma vez que na vida a inter-relação *eu-outro* não pode ser

concretamente reversível para mim) são superados pelo conhecimento, que constrói um universo único e de significado geral, em todos os sentidos totalmente independente daquela posição única e concreta ocupada por esse ou aquele indivíduo (BAKHTIN, 2003, p. 21-22).

O sujeito, conforme propõe Bakhtin, é constituído na interação, e seu espaço é o intervalo formado entre consciência e determinação social. O sujeito está, portanto, atravessado por outras subjetividades, pois se localiza nessa linha tênue e decisória. E é o mesmo sujeito que vai fazer com que os mitos se tornem atuais e permaneçam vivos, exemplos de comportamentos a serem seguidos ou evitados. Os narradores dos relatos orais surgem desse movimento de interação, que tem seu espaço formado entre a consciência do indivíduo e aquilo que a sociedade determina como dogma ou paradigma.

O diálogo, que nada mais é do que a interação verbal realizada por meio de signos ideológicos entre um eu e um outro é, também, a base para a concepção de sujeito (formado a partir do diálogo com outro sujeito e com o meio sociocultural em que está inserido), de discurso (formado a partir do diálogo com outros discursos e com a(s) sociedade(s) em que estes são veiculados), de signo (entendido a partir da relação com outros signos sociais), entre outras concepções que norteiam o pensamento bakhtiniano a respeito das ciências humanas modernas. Assim, podemos entender os estudos de Bakhtin como que visando a um relacionamento entre o individual e o coletivo, pois os discursos – formados por signos e utilizados subjetivamente – coexistem dialogicamente em uma estrutura social. Bakhtin (2003, p. 30) afirma que há, por parte do sujeito, um querer dizer que tem ampla influência na formação do enunciado:

Em qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monoleximática até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captamos, compreendemos, sentimos o intuito discursivo ou querer dizer do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras. [...] O intuito, o elemento subjetivo do enunciado entra em combinação com o objeto do sentido – objetivo – para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) da comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores: seus enunciados.

A relação conteúdo-forma é algo indissociado, já que a intenção do autor é objetivada no discurso sob uma determinada forma, que não poderia ser diferente e é constitutiva do momento em que os conhecimentos empíricos dele vêm à tona, como um reflexo, com o objetivo de marcar a individualidade no real. Nesse sentido, fica claro um duplo aspecto a ser considerado: o processo de objetivação do fazer humano é orientado pelo momento subjetivo, que pressupõe uma leitura do mundo, uma intencionalidade, um conhecimento técnico e, ao mesmo tempo, todo o resultado

obtido se pretende com validade objetiva. Assim, é preciso que haja um esforço do reflexo na captação do objeto ligado à subjetividade humana em geral (universal) e, ao mesmo tempo, observar como acontece a apresentação desse todo, como ele se manifesta na imediatez histórica (singular). Em outros termos, um reflexo da realidade que seja capaz de impor as impressões e vivências da cotidianidade e, simultaneamente, estar impregnado de subjetividade como elemento insuperável de seu ser-assim. A realidade apresenta-se ao homem na sua forma particular; as coisas têm sempre ontologicamente uma característica que as torna, ao mesmo tempo, universais e singulares, e por isso, particulares. Para que haja apreensão do real pela subjetividade, há necessidade de, a partir da particularidade, captar a singularidade e a universalidade.

Bakhtin (2006, p. 32), no estudo da relação entre subjetividade e objetividade, afirma: “Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica.

Partindo daí, podemos entender que o diálogo, tanto exterior – na relação com outro –, como no interior da consciência (ou escrito), realiza-se na linguagem. E a lenda é, assim, uma realização dialógica, já que ela existe tanto no exterior, no ato de narrar os fatos dentro de uma comunidade, quanto no interior da consciência – do escritor –, no momento em que passa da oralidade para uma narrativa literária; refere-se a qualquer forma de discurso, sejam as relações dialógicas que ocorrem no cotidiano, sejam textos artísticos ou literários. Bakhtin considera o diálogo como as relações que ocorrem entre interlocutores, em uma ação histórica compartilhada socialmente, que se realiza em um tempo e local específicos, mas sempre mutável, em decorrência das variações do contexto. Por todas essas considerações, pode-se observar por que o dialogismo é vital para a compreensão dos estudos de Bakhtin e das questões referentes à linguagem como constitutiva da experiência humana e seu papel ativo no pensamento e no conhecimento. Do ponto de vista comunicacional, a importância desse conceito reside no fato de ratificar o conceito de comunicação como interação verbal e não apenas como transmissão de informação. A contribuição à complexidade desse conceito também acaba por implicar outros: interação verbal, intertextualidade e polifonia.

Tais termos parecem designar um mesmo fenômeno com pequenas variações entre si. Tratam das especificidades que estabelecerão as diferenças entre eles, aproximando-os ou distanciando-os em graus diferenciados. O mais importante é verificar que todos eles, independentemente de suas particularidades, rompem com a arrogância e a onipotência do discurso monológico. O ser social nasce com o exercício de sua linguagem. O dialogismo,

como o próprio termo sugere, é uma espécie de diálogo ao qual os discursos estão submetidos pelo seu caráter simultaneamente interior e exterior à linguagem. Ele é, assim, um fenômeno de valorização da linguagem em seu aspecto primordial – a comunicação interativa –; um exame apurado desse fenômeno impõe um confronto direto com o moderno criticismo que adotou como objeto de estudo estético a manifestação oral, a leitura, enfim, a semiose, e não somente a escritura. O que fundou a teoria de Bakhtin, segundo alguns autores, foi justamente o processo de valorização da voz como representação de um contexto cultural mais amplo. É o caso das narrativas ou relatos orais, visto que neles se têm várias vozes que representam contextos culturais; a Teiniaguá representa o contexto cultural que valoriza o catolicismo, a Corriveau, o patriarcado, se tomarmos como exemplo os mitos estudados neste trabalho.

A oralidade é, assim, a expressão de diversos fenômenos estético-culturais marcados pela noção de que poesia é voz e toda análise textual depende da existência discursiva da obra oral. As narrativas aqui trabalhadas em sua forma literária são genuinamente orais e encontram-se vivas até hoje no seio das sociedades gaúcha e quebequense. No Rio Grande do Sul, a cidade de Quaraí é prova da atualidade da narrativa oral “A Salamanka do Jarau”, da qual faz parte a Teiniaguá. Basta passar alguns dias na cidade para se perceber o quanto as pessoas conhecem e contam a história da Teiniaguá e Santão. No Quebec, a história da famosa envenenadora também se faz presente até hoje na cultura oral popular. Por lá, não há quem não conheça a história da Corriveau, condenada à morte, cujo corpo foi exposto em uma gaiola de ferro.

Quando se fala em oralidade, automaticamente se pensa em outro conceito bakhtiniano importante: a polifonia. Mesmo que a teoria de Bakhtin tenha sido baseada no romance, ela nos é bastante útil para a análise das narrativas orais.

Bakhtin distinguiu duas tendências para o romance: o monológico e o polifônico; no primeiro, o processo de criação é centrado no autor; assim, o outro é sempre objeto da consciência de um “eu” que controla as ações. No romance polifônico, por sua vez, a autoconsciência é o traço dominante da personagem ao construir sua imagem; dessa forma, o autor age como um regente das vozes que participam do processo dialógico. O romance polifônico muito se assemelha ao relato oral, já que este último é resultado da união das vozes participantes do processo dialógico; a lenda acontece e se legitima no seio da sociedade e é passada à literariedade através daquilo que o autor escuta e, aliado à sua vivência, filtra e passa para o papel.

Assim, a polifonia pode ser definida a partir da interação de diferentes vozes e consciências dentro de um mesmo espaço do romance; sujeitos de seus próprios discursos. No romance polifônico, o autor não explica as personagens e suas consciências, uma vez que elas

mesmas se definem no diálogo como consciências infinitas e inacabadas. Isso também acontece no discurso oral, que provém de várias consciências, salvo que neste caso elas têm sua definição com base no ambiente social em que o sujeito foi criado.

Pensando nos mitos da literatura oral aqui estudados, podemos observar que cada um deles carrega consigo aspectos histórico-sociais e culturais, já que, mesmo remetendo a um acontecimento originado no imaginário, sustentado por meio da realidade, não pode surgir apenas de elementos estéticos, pois, para percebê-lo, é preciso relacioná-lo ao real. É a partir do diálogo entre o real e o estético, autor e personagem, que se configuram as diferentes vozes dentro de um romance. Na narrativa oral isso também acontece; entretanto, o diálogo dá-se entre real e imaginário, entre a consciência e o social. O diálogo entre autor e personagem vai acontecer no momento em que essa narrativa oral passar à narrativa literária. Conforme os pressupostos bakhtinianos, portanto, a polifonia é uma relação que se estabelece entre “n” participantes sociais, decorrente da dimensão do signo ideológico, que coloca diversas posições em choque, aliança, complementação, oposição.

2.3 – A CULTURA ORAL E A VOZ

Paul Zumthor (2005, p. 117) define oralidade como um termo histórico que designa um fato referente às modalidades de transmissão: significa que uma mensagem é transmitida por intermédio da voz a um ouvinte. Vocalidade, por sua vez, está ligada a uma noção antropológica, não-histórica, relativa aos valores que estão encadeados à voz como voz e, portanto, encontram-se integrados ao texto que ela transmite. O caráter de vocalidade se faz presente ao pensarmos na narrativa oral como um todo, já que ela é uma junção de valores sociais e psicológicos; na medida em que uma pessoa relata um fato, acrescenta a ele suas vivências e torna-o atual e transformado de acordo com aquilo em que ela acredita.

A oralidade é, então, um fato transmitido a partir da voz de uma pessoa, da manifestação de fala de uma pessoa ao ouvido de outra. É, em suma, a concretização de um ato comunicativo. A vocalidade, por sua vez, é um ato intencional de transmissão de uma mensagem. A boca que fala leva ao ouvido que escuta a mensagem que quer passar, e a informação, na maioria das vezes, aparece sob a forma de interditos ou normas sociais, as quais a coletividade pretende legitimar.

A tradição oral situa-se justamente na duração dos acontecimentos, ligada ao modo pelo qual as histórias são contadas e ao caráter real e maravilhoso, se pensarmos que os fatos são passados diretamente da memória do contador para o interlocutor e, por serem subjetivos,

carregam em si elementos do maravilhoso que lhes dão dimensões muitas vezes bem maiores das que eles têm. Por isso, tais narrativas passam uma idéia de intervenção/advertência, na medida em que são contra-exemplos face ao comportamento que se espera de uma determinada sociedade. A referência ao caráter real e maravilhoso é necessária porquanto os fatos – históricos ou cotidianos – podem ser transformados em lendas a partir de uma conversa familiar. Entretanto, a conversa nunca é inocente e pura: há sempre uma disposição mental que se verá concretizada justamente a partir do processo narrativo de imitação da realidade.

Afirma Zumthor (1997, p. 27):

(...) a oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado de valores da própria voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna (...) toda oralidade nos aparece mais ou menos como sobrevivência, reemergência de um antes, de um início, de uma origem (...).

Assim, mesmo que algumas narrativas orais se originem de fatos contados por pessoas iletradas, esse fato não é determinante para a caracterização daqueles que contam as histórias orais; ou seja, falar em iletrado não implica afirmar que todas as narrativas orais se originem em iletrados; ao contrário, o objetivo é mostrar que o grau de instrução não influi na legitimação de uma narrativa oral; não importa se a pessoa lê ou escreve, importa é a história que ela conta com o intuito de resgatar suas origens, de manter viva sua cultura e suas normas sociais.

Por outro lado, o teórico quebequense Jean Du Berger (in DION et al, 1999, p. 191), dirá:

na ordem da memória de um indivíduo, a narrativa que dá conta de uma vida é uma construção, portanto, uma escolha que responde à necessidade de representação de si mesmo. Retórica, ela visa a persuadir o destinatário de que a vida do “sujeito que se conta” tem um sentido, positivo ou negativo.

Assim, o fato de o indivíduo transmitir valores morais e sociais a partir do ato de contar algo (e de ver esses valores sendo retransmitidos e legitimados no seio da sociedade sob a forma de narração oral) faz com que ele se sinta capaz de exercer algum poder, na medida em que seus atos e idéias têm uma função determinada: a de ser representante das idéias, virtudes e expectativas de um dado grupo social.

Assim, vemos que a memória do indivíduo funciona como uma ferramenta na construção dos elementos que ele espera ver como participantes de uma sociedade; ele vê a memória narrativa ou como solução para seus problemas ou como forma de acomodar sua

memória, visto que a fala e os atos do Outro são o espelho que projeta a sua necessidade de representação social e de alcance de poder.

Dessa forma, pensar nas narrativas orais implica não pensá-las como algo isolado; elas só existem a partir de um sujeito, o sujeito narrador, sujeito do discurso. O que as difunde e presentifica é sua existência dentro de determinada comunidade, a partir da crença de um povo e de um dinamismo na sua transmissão. Elas são atos sociais e por isso pressupõem certa cumplicidade entre o sujeito-narrador e o ouvinte; ou seja, a boca que fala e a orelha que escuta são cúmplices indispensáveis na instauração do ato de transmissão oral. Os sujeitos contadores, enquanto autores, recontextualizam fatos que lhes foram contados e, assim, atualizam a oralidade. Se o auditório para quem se narra a história muda, a interpretação também sofrerá alterações, que serão basicamente culturais. Tanto o contador quanto o ouvinte fazem parte de um mesmo meio social, carregam consigo as mesmas regras e a mesma cultura que os fazem crer que o fato não é imaginativo, mas realmente algo que teve ocorrência em um determinado tempo, porque a literatura necessita da formação de uma comunidade narrativa, mesmo que provisória, para que o fato tenha um lugar constituído e seja legitimado dentro do meio social.

Mas: por que razão a literatura oral necessita da formação de uma comunidade narrativa? A resposta para a pergunta está justamente na dificuldade de fixação do meio oral na escrita. É difícil que se consiga confirmar a veracidade da fonte, já que a memória não é algo concreto. A comunidade narrativa é quem cria e traz à tona os fatos que serão transformados em literatura oral, e esta tem origem na memória dessa mesma comunidade. É difícil comprovar os fatos que dela advêm, mas a partir do momento em que tais acontecimentos passam para o papel, a oralidade é mostrada como algo que está na raiz cultural da sociedade; é a partir daí que a sociedade legitimará valores e crenças.

Todavia, a linguagem presente na narrativa lendária tem a característica de permanecer fluida, na medida em que está sempre aberta a novas possibilidades de uso, a certa mobilidade e à constante capacidade de renovação, que abdica de toda e qualquer preocupação com a forma textual que está sendo utilizada. Nesse sentido, portanto, quando o narrador conta uma determinada história com suas próprias palavras, está fazendo uso de seu poder de execução, cada vez que a linguagem é realizada e também atualizada.

3 – GÊNERO E REPRESENTAÇÃO CULTURAL

Após termos estudado a questão da representação nos mitos e personagens da literatura oral, faz-se necessário ligá-la a uma outra abordagem, que enriquece ainda mais nossa leitura: o gênero.

Joan Scott (1990, p. 5-22), ao definir gênero, defende que o conceito tem duas partes e diversas subpartes ligadas entre si, mas que deveriam ser diferenciadas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. E complementa: como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas, o gênero implica quatro elementos: primeiro, os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias) – Eva e Maria como símbolo da mulher, por exemplo, dentro da tradição cristã ocidental. Maria é o que se entende como exemplo de perfeição a ser seguido pelas mulheres reais, é um mito de pureza, castidade, humildade (entrega-se de corpo e alma ao plano de Deus, aceitando ser a mãe de Cristo e suportar todas as conseqüências que o fato poderia gerar), e Eva, que, ao comer o fruto proibido e convencer Adão a fazer o mesmo, é uma representação feminina que quebra algumas regras e normas estabelecidas dentro da sociedade cristã, sobretudo católica. Ela subverte a ordem e leva Adão a entregar-se, a cometer o pecado original (o mais grave se pensarmos nas normas da Igreja Católica). Por outro lado, temos os mitos da luz e da escuridão, da purificação e da poluição – que, trazidos para o contexto deste trabalho, repousam na relação Maria versus Teiniaguá e Corriveau –, da inocência e da corrupção. Grosso modo, as figuras míticas em questão são vistas na maioria das vezes como seres transgressores, já que sua leitura é feita em grande parte por uma sociedade de tradição patriarcal predominante. Teiniaguá e Corriveau, principais mitos do estudo ora apresentado, são mitos de corrupção: corrompem a sociedade da qual supostamente fizeram parte, corrompem aqueles seres que lhes são colocados em contraponto para que sua maldade intrínseca seja explicitada e, ainda, mesmo sabendo que as normas sociais devem

ser obedecidas, as desobedecem, e sofrem as punições pesadas determinadas às mulheres transgressoras em prol da mudança do paradigma feminino no contexto social.

Em segundo lugar, a autora acrescenta que os conceitos normativos põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de oposição binária, que afirma de maneira categórica e sem equívocos o sentido do masculino e do feminino. Ou seja, usar a categoria gênero é reconhecer uma variedade de formas de interpretação, simbolização e organização das diferenças sexuais e das relações sociais. Todavia, para Scott, esse uso descritivo do termo “gênero”, que é o mais comum, o reduz a um conceito associado ao “estudo das coisas relativas às mulheres” e é empregado com frequência pelos historiadores para “traçar as coordenadas de um novo campo de estudo” (as mulheres, as crianças, as famílias e as ideologias de gênero) referindo-se “somente àquelas áreas – tanto estruturais quanto ideológicas” – que compreendem relações entre os sexos; este uso tem respaldo num enfoque funcionalista enraizado em última instância na biologia (SCOTT, 1990, p. 5-22).

Se traçarmos um paralelo entre os mitos citados e Maria, podemos afirmar que o centro de uma análise acerca da representação feminina não está no comportamento impecável que faz dela uma mulher superior, inferior ou exemplo de figura pura, casta e perfeita, e sim nas diferenças, nos contrapontos. O fato de uma determinada personagem feminina ter fé maior em Deus que a outra, ou de a outra acreditar mais em poderes ditos populares, como os da bruxaria, ou ainda o fato de o papel de uma figura masculina poder estar aliado ao da feminina é o que caracteriza o trabalho com a categoria gênero. É, portanto, abandonar as diferenças pensando somente no caráter biológico e pensar também na interpretação e na organização social que têm influência na legitimação dessas diferenças.

Ao se falar da personagem feminina sendo ela bruxa, feiticeira, amaldiçoada pelo demônio, não podemos deixar de tecer algumas considerações sobre o *Malleus Maleficarum*, o Martelo das Feiticeiras⁷³, importante documento no que tange às bruxas e ao período

⁷³ **O Martelo das Bruxas** ou **O Martelo das Feiticeiras** (título original em latim: *Malleus Maleficarum*) é uma espécie de manual de identificação e combate à bruxaria, publicado em 1487, dividido em três partes: a primeira ensinava os juízes a reconhecerem as bruxas em seus múltiplos disfarces e atitudes; a segunda expunha todos os tipos de malefícios, classificando-os e explicando-os, e a terceira regravava as formalidades para agir “legalmente” contra as bruxas, demonstrando como inquiri-las e condená-las (não necessariamente nesta ordem). Historicamente, o Martelo das Feiticeiras é provavelmente o tratado mais importante publicado no contexto da perseguição à bruxaria no Renascimento. Trata-se de um exaustivo manual sobre a caça às bruxas, publicado primeiramente na Alemanha, em 1487, mas que logo recebeu dezenas de novas edições por toda a Europa, provocando um profundo impacto nos juízos contra as bruxas no continente por cerca de 200 anos. A obra é notória por seu uso no período mais intenso da caça às bruxas, que alcançou sua máxima expressão entre o início do século XVI e meados do XVII. O *Malleus Maleficarum* foi compilado e escrito por dois inquisidores dominicanos, Heinrich Kraemer e James Sprenger. Os autores fundamentavam as premissas do livro com base na bula *Summis Desiderantes*, emitida pelo Papa Inocêncio VIII em 5 de dezembro de 1484, o principal

inquisitório, de caça às mesmas. Segundo pregam Kramer e Sprenger (2000, p.10-13), num mundo teocrático, a transgressão da fé era também a transgressão política. Essa ligação entre sexualidade e fé se faz presente em ambas narrativas míticas e explica as punições que as personagens acabam sofrendo; punir as mulheres por transgredirem é o que prega o *Malleus Maleficarum* a partir de algumas teses. A primeira delas é a de que o demônio, com a permissão de Deus, procura fazer o máximo de mal aos homens a fim de apropriar-se do maior número possível de almas. Além disso, o mal é feito através do corpo, único lugar onde o demônio pode entrar, pois o espírito do homem é governado por Deus, a vontade por um anjo e o corpo pelas estrelas. Sendo as estrelas inferiores ao espírito e o demônio um espírito superior, só lhe resta o corpo para dominar. O domínio, por sua vez, vem através do controle e da manipulação dos atos sexuais. No caso das representações estudadas, poderíamos dizer que o demônio é cada uma delas e também está no erotismo da Teiniaguá e no poder de sedução da Corriveau (já que ela seduziu de dois a sete homens, com os quais se casou). Pela sexualidade o demônio pode apropriar-se do corpo e da alma dos homens. Foi pela sexualidade que o primeiro homem pecou, como vimos no próprio mito de Lilith. Portanto, a sexualidade é o ponto mais vulnerável de todos os homens.

A existência de bruxas e demônios, para Kramer e Sprenger, é uma verdade inquestionável, a ponto de serem acusados de heresia todos aqueles que não compartilham dessa opinião. Os dois inquisidores argumentam que não podemos enxergar os efeitos concretos da bruxaria como manifestações fantásticas ou irreais, visto que acontecem a partir

documento papal sobre a bruxaria. Nela, Sprenger e Kramer são nomeados (Iacobus Sprenger e Henrici Institoris) para combater a bruxaria no norte da Alemanha, com poderes especiais. Kramer e Sprenger apresentaram o *Malleus Maleficarum* à Faculdade de Teologia da Universidade de Colônia (Alemanha), em 9 de maio de 1487, esperando que fosse aprovado. Entretanto, o clero da Universidade o condenou, declarando-o tanto ilegal como antiético. Kramer, porém, inseriu uma falsa nota de apoio da Universidade em posteriores edições impressas do livro. A data de 1487 é geralmente aceita como a data de publicação, ainda que edições mais antigas da obra tenham sido produzidas em 1485 ou 1486. A Igreja Católica proibiu o livro pouco depois da publicação, colocando-o na Lista de Obras Proibidas (*Index Librorum Prohibitorum*). Apesar disso, entre os anos de 1487 e 1520, a obra foi publicada 13 vezes. Entre 1574 e a edição de Lyon de 1669, o *Malleus* recebeu um total de 16 novas reimpressões. A suposta aprovação inserida no início do livro contribuiu para sua popularidade, dando-lhe a impressão de que havia recebido um respaldo oficial. O texto chegou a ser tão popular que vendeu mais cópias que qualquer outra obra, à exceção da Bíblia, até a publicação de *El Progreso del Peregrino*, de John Bunyan, em 1678. Os efeitos do *Malleus Maleficarum* se espalharam muito além das fronteiras da Alemanha, provocando grande impacto na França e Itália, e, em grau menor, na Inglaterra. Embora a crença popular o consagrasse como o clássico texto católico romano, no que cabia à bruxaria, a obra nunca foi oficialmente usada pela Igreja Católica. Kramer foi condenado pela Inquisição em 1490, e sua demonologia considerada não acorde com a doutrina católica. Porém, o livro continuou sendo publicado, usado também por protestantes em alguns de seus julgamentos contra as bruxas. No Brasil foi publicado pela editora Rosa dos Tempos com o título *O martelo das feiticeiras*, sendo esta a edição que utilizamos em nosso trabalho. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Malleus_Maleficarum Acesso em: 18 nov. 2008.

de um pacto real com o diabo. Assim, a bruxa não age sozinha: todas as coisas são feitas por intermédio daquele após o pacto. Portanto, para os inquisidores, a bruxaria não é mera ilusão, fantasia ou imaginação, já que o diabo teria poder sobre a mente humana para gerar tais acontecimentos psíquicos.

Dada essa relação da bruxa com o diabo, podemos pensar que as manifestações bruxólicas são feitas tão somente com base no elemento diabólico, a partir do pacto realizado entre ambos. Todavia, e com base naquilo que já analisamos, a representação feminina também tem seus poderes empíricos de sedução e persuasão, que a auxiliam na relação com o masculino. A representação feminina, em geral à margem do discurso, é aquela que serve tão somente para pactuar com o homem e agir por suas causas. Nisso se percebe a relação que existe entre eles, e é essa relação que o gênero representa. Segundo Teresa de Lauretis (1994, p. 211),

o termo gênero é, na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação, ou se me permitirem adiantar-me para a segunda proposição, o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer; assim, o gênero atribui a uma entidade, digamos a uma pessoa, certa posição dentro de uma classe e, portanto, uma posição vis-à-vis outras classes pré-constituídas. (...) Assim, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação; uma relação social, em outras palavras representa um indivíduo por meio de uma classe.

Nas práticas da vida cotidiana é que irão surgir os mitos e as personagens da literatura oral, e o gênero é produto de tais práticas, que atribuem funções determinadas tanto ao feminino quanto ao masculino, e é a partir dessas funções que Teiniaguá e Corriveau serão representadas e socializadas. Teiniaguá e Corriveau irão surgir em sociedades que vêem a representação feminina como sombra da masculina, “mulheres” entendidas com base naquilo que é importante para os homens.

Joana Philadelphio, ao citar Roger Samuel (in FONTES, 2002, p. 34-35), sustenta que o mito exprime uma visão da realidade e que pode ser definido como um discurso ou uma narrativa de histórias, reais ou fantasiosas, por várias razões consideradas pelos seres humanos como imbuídos de um significado anterior do universo e da vida humana. Segundo Samuel, é uma narrativa que poderia ter acontecido no passado, se a realidade presente puder ser explicada pelo modelo de realização que o mito propõe (como exemplo, o mito de Adão e Eva). O mito expressa “o supratemporal e permanente, o que jamais deixa de ocorrer e que como paradigma vale para todos os tempos”.

Assim, esses mitos são também uma forma de relato da história da humanidade através dos tempos: a criação do mundo, do homem, da mulher, os acontecimentos marcantes. Tais acontecimentos se repetem universalmente e é bastante comum narrativas de diferentes partes do mundo apresentarem semelhanças marcantes face à recorrência insistente do mito, enfatizando sua natureza coletiva e unificadora, como a capacidade que o mito tem de manter-se através do tempo, revelando ao mesmo tempo sua primitividade e sua capacidade de renovação.

Aplicando os conceitos em foco ao mito da Teiniaguá, podemos relacioná-la, se pensarmos nas concepções cristã-católicas presentes na narrativa da qual ela faz parte, aos mitos de Lilith e Eva.

Conforme vimos anteriormente⁷⁴, o mito de Lilith, a primeira mulher de Adão, encontrada no *Talmude*, livro hebraico, foi banido da Bíblia e narra as origens do monstro feminino, de todas as subversões – com algumas das quais ainda nos deparamos – acerca da representação feminina. Ela foi, segundo R. Sicuteri (apud PHILADELPHIO, 2002, p. 136), criada por Deus, assim como Adão, do pó e da terra. Mulher autônoma, muito sensual e insubmissa, ela não concorda em ficar por baixo no ato sexual e, por isso, há um desentendimento entre os dois, o que a faz fugir e ir morar com os demônios. Deus, atendendo ao pedido de Adão, envia emissários para trazê-la de volta e ordena que ela seja obediente a Adão. Lilith, sombria, ardente e noturna, recusa. Para Berenice Lamas et al. (1994, p. 134-150), a qualidade essencial de Lilith reside no fato de ela ser “ora deusa, ora demônio, ora tentadora, ora assassina, mulher independente; degradada e sedutora”.

Diante da recusa de Lilith, ela é amaldiçoada por Deus. Então, Eva é criada para substituí-la, porém não mais à imagem e semelhança de Deus. Eva foi criada a partir do homem e não recebe características divinas, mantendo, todavia, por ser mulher, certo pendor lilitheano. Lilith pode, assim, ser vista como a própria serpente da tentação que dominará Eva que seduzirá Adão.

Teiniaguá, assim como Eva, seduz um homem e o leva ao pecado. Ela faz com que o sacristão misture o mel de lixiguana com o vinho do santo sacrifício; Eva, por seu lado fraco e instintivo de mulher, quis saber mais do que lhe era permitido, comeu o fruto proibido e induziu Adão a fazer o mesmo, cometendo o pecado original e condenando-se à expulsão do paraíso; o mel misturado com o vinho do santo sacrifício e a maçã são metáforas do pecado, um pecado que não é só da figura masculina, mas também da representação feminina (Lilith e

⁷⁴ V. Capítulo 2

Eva surgem em cada mulher que desafia as normas da sociedade. Em cada uma se estampa um conhecimento diferenciado: na prostituta, na adúltera, na inteligente, na dominadora, etc.), se a contrapusermos ao mito da Virgem Maria. Enquanto Eva e o pecado original se apresentam como representação da irremediável herança feminina, a figura de Maria, legitimada pela Igreja e pelos homens, surge como modelo redentor. Livre do pecado, ela é a virgem imaculada, a mãe ideal, a sofredora, antítese de Lilith e Eva.

Seria anacrônico sugerir que figuras míticas como a Teiniaguá e a Corriveau sejam representação da luta das mulheres contra a submissão aos homens. O que se pode afirmar, contudo, é que de alguma forma elas tiveram idéias diferentes das mulheres de suas épocas e marcaram suas sociedades, sendo modelos de transgressão, do que não poderia ser vivido por uma mulher que seguisse as normas sociais. Isso porque cada cultura tem uma maneira de interpretar as representações femininas e masculinas; masculino e feminino têm significados diferentes em diferentes culturas, já que imperam sobre atividades e objetos que se associam a eles como pertencentes a seus domínios e qualidades. O universo que os circunda passa, assim, por uma categorização de gênero.

Joan Scott (1995, p.7) argumenta que

a vantagem de se trabalhar com o gênero como categoria de análise é a sua articulação com as categorias de classe, raça, dentre outros, ao mesmo tempo que recusa o determinismo biológico como fator responsável pelas diferenças entre homem e mulher, insistindo no caráter social e simbólico dessa relação. Portanto, esse tipo de análise permite à interpretação literária o alçamento de novas dimensões para além dos seus limites estéticos e exclusivos, estabelecendo um vínculo entre o textual e o cultural (...).

É o caso do mito aqui trabalhado. A narrativa descreve a Teiniaguá como uma oriental que se envolverá com um ocidental, após chegar com os mouros da Península Ibérica. Mesmo que inicialmente seja vista como transgressora e revolucionária, quando transformada em camponesa, aprenderá a viver na sociedade que a “acolheu” e de acordo com todos os dogmas por elas pregados. Se ficássemos apenas no literário, diríamos que ela foi uma princesa moura, metade mulher, metade lagartixa, amaldiçoada pelo diabo, salva primeiramente pelo sacristão e, depois de viver com ele 200 anos dentro do Cerro do Jarau, salva por Blau Nunes, vaqueiro-narrador da narrativa de Simões Lopes Neto, cuja aceitação de sua condição submissa deu-se depois que Blau passou pelas sete provas. Mas, analisando-a como discurso cultural em diálogo com a história, podemos afirmar que a submissão seria aquela característica até alguns anos atrás própria da mulher, já nascida para ser dominada por uma sociedade que a vê como alguém que tem por função servir ao homem e procriar. Uma vez

que “esse tipo de análise permite à interpretação literária o alçamento de novas dimensões para além dos seus limites estéticos e exclusivos, estabelecendo um vínculo entre o textual e o cultural”, é possível afirmar que é dessa relação entre o textual e o cultural que surgem todas as regras que irão regulamentar o comportamento esperado do feminino. No caso da Corriveau, a condenação aconteceu porque ela não se limitou a seguir os dogmas e normas preestabelecidos e procurou criar suas próprias normas. Assim, se deixarmos um pouco de lado a questão literária, de análise de uma representação oral, e pensarmos nela enquanto personagem pertencente à história do Quebec, ela pode ser vista como uma mulher que tinha por objetivo fazer suas escolhas. Casou-se uma vez, não deu certo. Casou-se novamente e a relação também fracassou; fator fundamental na determinação de sua condenação, uma vez que escolher com quem se casar não era da alçada da mulher, bem como eram proibidos a ela o descontentamento com a relação e a separação. Ou seja, tudo se justifica com base na cultura da sociedade quebequense da época, que privilegia o masculino, suas vontades, suas idéias, em detrimento ao feminino, visto como ser submisso e oprimido.

Nesse sentido, Maria Luiza Heilborn (1992, p.43), com base em Ria Lemaire, diz que é cada vez mais freqüente a ênfase dada ao modo como o amor e a sedução ocupam papel importante nas tramas dos romances inauguradores da identidade nacional latino-americana. Se pensarmos no caso da Teiniaguá não é diferente: amor e sedução estão imbricados nesse mito que, ao relatar o envolvimento erótico do sacristão com a figura maligna, institui uma narrativa da identidade gaúcha. Ainda para a autora, a paixão e o desenlace pouco generoso com as mulheres indicariam a derrota histórica das mulheres nos países emergentes.

Ligar a mulher ao sentimentalismo, à sedução e à submissão é aceitar as imposições sociais existentes desde tempos muito remotos. Cada uma dessas personagens e/ou mitos da oralidade teve função determinada de acordo com o período histórico em que se inscreve e com as normas sociais, políticas e econômicas vigentes. As funções desempenhadas por cada uma delas puderam defini-las como representações culturais a sinalizar mudanças quanto às normas de gênero. Mesmo que não tenham sido fator determinante para a mudança de pensamento social e das relações de poder, foram fundamentais para que o modo como as mulheres são vistas mudasse lentamente.

4 – TEINIAGUÁ E/OU AS PERIPÉCIAS DE UMA FIGURA FEMININA NA LITERATURA ORAL

(...) Bonita, linda, bela na minha frente estava uma moça!...

Que disse:

– Eu sou a princesa moura encantada, trazida de outras terras por sobre um mar que os meus nunca sulcaram... Vim, e Anhangá-Pitã transformou-me em Teiniaguá de cabeça luminosa, que outros chamam o – carbúnculo – e temem e desejam, porque eu sou a rosa dos tesouros escondidos da casca do mundo...

Muitos têm me procurado com o peito somente cheio de torpeza, e eu lhes hei escapado das mãos ambicionadoras e dos olhos cobiçosos, relampejando desdenhosa o lume vermelho da minha cabeça transparente...

Tu, não; tu não me procuraste ganoso... e eu subi ao teu encontro; e me bem trataste pondo água na guampa e trazendo mel fino para o meu sustento.

Se quiseres, tu, todas as riquezas que eu sei, entrarei de novo na guampa e irás andando e me levarás onde eu te encaminhar, e serás senhor do muito, do mais, do tudo...!

A Teiniaguá que sabe dos tesouros sou eu, mas também sou princesa moura...

Sou jovem... sou formosa... meu corpo é rijo e não tocado...!

E estava escrito que tu serias meu par.

Serás meu par... se a cruz do teu rosário não me esconjurar... senão, serás ligado ao meu flanco, para, quando quebrado o encantamento, do sangue de nós ambos nascerá uma nova gente, guapa e sábia, que nunca mais será vencida, porque terá todas as riquezas que eu sei e as que tu lhe carrearás por via dessas!...

Se a cruz do teu rosário não me esconjurar... (...) ⁷⁵

É assim que a Teiniaguá se apresenta ao sacristão da Igreja de São Tomé, nas Missões Jesuíticas do rio Uruguai. Lagartixa de cabeça incandescente, é a guardiã das furnas encantadas e filha do Anhangá-Pitã, o diabo vermelho dos índios. Além de ter parentesco com o diabo, a Teiniaguá é parente dos cerros encantados, das lagoas bravas, da Mãe-do-Ouro e dos Zaoris: aqueles que, segundo alguns, por pacto divino e, segundo outros, por pacto diabólico, enxergam através dos corpos opacos, capazes de “descobrir o que está oculto, embora seja debaixo de sete palmos de terra” (GRANADA, 2003, p. 165). Como filha do diabo, Teiniaguá é luz e fogo, “elementos emanados do sol que o índio adora e parte dos disfarces infinitos com que o diabo oculta sua figura para assombrar e enlouquecer o mundo com suas invenções estupendas”. (ibidem, idem).

Teiniaguá é uma representação híbrida, cuja hibridez revela-se desde o nome, sendo metade mulher, metade réptil⁷⁶. Representação mítica central da narrativa, Teiniaguá chama a

⁷⁵ SLN, p. 299-300.

atenção pelo fato de ter o nome registrado em letras minúsculas, como se fosse uma função ou categoria sem importância (quando são eles, santão e Teiniaguá as representações transgressoras, o par central da narrativa). Todavia, como nosso objetivo é mostrar a importância da Teiniaguá na narrativa, optamos por grafar em maiúsculas. Por outro lado, pensar no santão como um personagem que não possui um nome próprio de batismo é pensar em um mito transgressor, cuja transgressão provoca sua excomunhão, seu afastamento da sociedade da salvação e, logo, sua condenação. E isso remete aos valores cristãos e muçulmanos que estão em conflito na narrativa e se fazem presentes através de uma certa forma de litígio e de uma assimilação-hibridação. A Teiniaguá, ao final da narrativa, ao ser salva por Blau Nunes e transformar-se na primeira camponesa a habitar o Rio Grande do Sul, acaba por assimilar os valores do santão, deixando os seus, de muçulmana, de lado. A Teiniaguá é, portanto, um produto do domínio europeu (cristão) sobre o oriental (mouro-árabe). No momento em que santão e Teiniaguá dão origem aos dois primeiros gaúchos é que acontece a miscigenação e é aí que teremos reforço para a idéia de impureza e transgressão, representadas pela Teiniaguá. O suposto nome cristão do santão nunca é mencionado, pelo fato de ele ter sido sacristão e isto estar intimamente relacionado à narrativa. A denominação “santão”, para o sacristão, é um fato merecedor de destaque, visto que, no enredo da narrativa, ele corrompe os valores cristãos, encontrando o amor na Teiniaguá-mulher e sendo sincero ao expor sua nova condição. Essa sinceridade, todavia, revela sua contradição, pois enquanto membro da igreja não eram permitidos a ele sentimentos próprios de um homem comum. Ele era um homem de Deus, deveria seguir os dogmas do Criador e adorar somente a Ele. Por isso, é condenado pelos crimes de luxúria, apostasia e sacrilégio. A apostasia pode ser justificada a partir do momento em que ele renega os preceitos cristão-católicos em troca do amor da Teiniaguá que, além de representação feminina sedutora, é princesa moura. A luta de valores se dá nesse conflito do cristão e do mouro-árabe, um conflito social e religioso, representado de um lado pela cruz-bendita, o Cristo, o filho de Deus, Aquele em quem se deve acreditar e cujas normas devem ser seguidas, e o crescente dos infiéis, representado pelos mouro-árabes, aqueles que, segundo a visão cristã, vêm da Península Ibérica para a América do Sul com o intuito de transgredir, de corromper valores e leis socialmente aceitas e estabelecidas, sendo, assim,

⁷⁶ Segundo Cícero Lopes (1999, p. 29), os substantivos “Teiniaguá” e “Teiuiaguá” são compostos de “teiú” e “aguaíca”. “Teiú” é designação indígena de lagarto, segundo o *Novo Dicionário Aurélio*, s/d. O étimo tupi significa “comida de gentalha”. “Aguaíca” (tupi) significa “manceba, namorada que peca por obras”. Essa acepção de “aguaica” se encontra registrada no *Diccionario portuguez-brasiliano e brasiliano-portuguez*, editado em Lisboa pela Officina Patriarchal, em 1795. As formas “Teiniaguá” e “Teiuiaguá” são equivalentes, mas é mais comumente encontrada a primeira.

responsáveis por uma batalha nunca antes imaginada para uma sociedade como a da época em que se passa a história, embora a própria narrativa não explicita essas questões sociais.

É importante ressaltar que o texto foi composto em dez capítulos e que há três narradores. Um é o narrador em terceira pessoa, que apresenta a narrativa e a organiza. Outro é Blau Nunes, o gaúcho pobre que vê no ato de campear a possibilidade de mudar seu destino; é oriundo dos *Contos gauchescos*, dos quais também é o narrador; e o último é o santão. Os dez capítulos que compõem a narrativa podem, segundo Flávio Loureiro Chaves (1999, p. 77-79), ser agrupados em quatro partes, respeitando a seqüência cronológica. São eles: o discurso do narrador, o discurso de Blau, o discurso do guardião e a retomada do discurso do narrador. No discurso do narrador, que ocupa o capítulo I, Blau sai a campear o boi barroso que fugira. No cerro do Jarau encontra um vulto, que logo identifica como o guardião da caverna misteriosa, e o saúda com a invocação do Cristo. Ele indaga se Blau conhece a entrada da furna. No discurso de Blau, correspondente ao capítulo II, sua resposta reproduz uma história escutada da avó. Na terra dos espanhóis havia a cidade de Salamanca e aí uma furna onde os mouros guardavam o condão mágico no regaço duma velha fada que não era senão a princesa moura encantada. Derrotados no campo de batalha, vêm para a América, trazendo a fada clandestina, e aqui são auxiliados pelo Diabo/Anhangá-Pitã a fim de vencerem a cristandade: ele a transforma numa lagartixa e o condão em fulgurante pedra tornada vermelha pela primeira luz do sol do dia, implantando-a na Teiniaguá em lugar da cabeça. A furna do encontro passa a chamar-se “salamanca”. O discurso do guardião, que dá conta dos capítulos III, IV, V, VI, será onde o vulto se dará a conhecer como o sacristão da Igreja de São Tomé, nas antigas reduções jesuíticas do rio Uruguai. Certo dia, viu o milagre de ferver toda uma lagoa e, rompendo um clarão, daí saiu a Teiniaguá, que foi por ele aprisionada. Revelando-se como bela princesa, ela o submete aos seus encantos de mulher, promete-lhe os imensos tesouros do mundo e propõe o pacto que há de gerar uma nova estirpe para a derrota da Cruz e o triunfo do Crescente. Descoberta a união, os padres torturam o sacristão e acabam por condená-lo à morte. Ao executar-se a sentença há uma convulsão da natureza e o aparecimento da Teiniaguá, que o liberta. Eles ultrapassam o rio, em direção ao nascente, e se refugiam no Cerro do Jarau, que fica sendo o paiol das riquezas de todas as outras salamancas. Entretanto, o vulto se declara arrependido de suas ações, porque agora, também sob encantamento, é condenado a viver enfiado de ter tudo e não poder gozar nada entre os homens. Blau foi o único de quantos por ali passaram que o saudou à maneira cristã, como filho de Deus, e como recompensa é convidado a entrar na salamanca. Na retomada do

discurso do narrador, que ocupará os capítulos VII, VIII, IX e X, Blau penetrará na caverna, passará pelas sete provas (as espadas ocultas na sombra; a arremetida dos jaguares e pumas furiosos; a dança dos esqueletos; o jogo das línguas de fogo e das águas ferventes; a ameaça da boicininga amaldiçoada, o convite das donzelas cativas, o cerco dos anões). Finalmente, o encontro com a Teiniaguá lhe oferece os sete poderes em paga das sete provas: sorte, amor, sabedoria, força, mando, riqueza e arte. Blau rejeita-os todos, calando também seu verdadeiro desejo: “Teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque és tudo!” Então, volta ao interior do cerro onde o sacristão lhe dá uma onça de ouro perfurada pelo condão mágico que proporcionará tantas outras quantas ele desejar. No mundo dos homens, Blau enriquece graças a esse talismã, mas logo corre a má fama de sua fortuna, pois todos perdem em prejuízos exatamente a quantia igual à de suas mãos recebida. Para acabar com a maldição, torna ao cerro e devolve a moeda do guardião; mas, ao fazê-lo, saúda-o pela terceira vez com a invocação de Cristo e, assim, quebra o encantamento. Dá-se a destruição da salamanca, queimam-se seus tesouros, a Teiniaguá retoma a primitiva condição de tapuia formosa, o vulto readquire a figura de um belo guasca e ambos formam um novo par, liberto de seu desterro, que parte em viagem de alegria e repouso. Blau, pobre como no princípio, restabelece a paz em sua vida. Encerrando o relato, o narrador enuncia que também o Diabo/Anhangá-Pitã desapareceu, vencido e desgostoso, por não haver tomado bem tenência de que a Teiniaguá era mulher. O narrador “anônimo”, Blau e o santão, a partir de suas narrativas, se completarão em um processo dialógico facilmente perceptível, e essa união formará aquela que conhecemos como “A Salamanca do Jarau”. Blau Nunes é aquele que ouviu a história da sua avó charrua e santão e Teiniaguá são representações lendárias pertencentes à história primitiva, da narrativa propriamente dita ou do argumento missioneiro do qual ela se origina. Salvo o momento de sua apresentação ao sacristão, Teiniaguá não detém a palavra; ela é, na maioria das vezes, referida pela voz do santão. Na quarta parte do texto, por exemplo, Simões Lopes Neto expõe sua palavra, mas na voz do santão. Essa é a única das dez partes da narrativa iniciada por um travessão, justamente por pretender ser a palavra da Teiniaguá, mesmo não sendo por ela pronunciada. A presença da Teiniaguá na narrativa é em grande parte constituída a partir das vozes de Blau Nunes e do santão, e sua identificação enquanto representação feminina de grande força está presente repetidamente na frase: “Não botou tenência que a Teiniaguá era mulher”. Teiniaguá arrasta o santão para onde quer através da paixão e se faz insuperável enquanto presença e representação feminina. Todo o poder da Teiniaguá está no fato de ela ser uma representação da mulher, por seu caráter

híbrido, visto que é metade mulher, metade lagartixa, e por ter recebido seus poderes por meio de um pacto firmado com Anhangá-Pitã, diabo vermelho dos índios.

Cícero Lopes (1999, p.35) , citando Donaldo Schüller, diz que “o ser híbrido traz no seu próprio corpo a sua própria contradição, a do sim e a do não”, e completa: “As oposições, que se confundem com contradições na Teiniaguá, apenas caracterizam, portanto, a personagem”.

Ela é moura, mas convive com os cristãos. Ela é bela, mas réptil. Traz a felicidade e encanta, mas leva à danação. Encaminha ao amor, mas desencaminha na vida. É boa porque desvenda coisas boas, os prazeres até então desconhecidos pelo santão; é má, porque o leva ao pecado e à submissão. Ela é princesa poderosa, mas atrai pela sensualidade e tem comportamento marcado pela luxúria. É humana e não-humana. Como bicho e mulher vive na água e fora dela. Defende o crescente mouro, mas é com um cristão (sacristão ou sacer-cristão, i.e, cristão sagrado) que mantém amores. Ela é muçulmana e jovem, mas vem no ventre da fada velha, num navio cristão, entre padres. Por ser mulher, não deveria demonstrar características de decisão, de vontade própria. Deveria ter sentimentos de aceitação e submissão. Foi ela, no entanto, quem, como Teiniaguá-lagartixa, se transformou em mulher e disse dos seus interesses e fez propostas ao sacristão. Por causa dela e dos amores mantidos com ela, o sacristão, Santão, foi condenado ao garrote pelos padres, por crimes de luxúria, apostasia e sacrilégio. Ela então, usando os poderes que detinha, rompeu a terra, apavorou os torturadores. Deus interveio. Do que o texto sugere, Ele o fez em nome da conjunção do amor e da execução dos preconceitos, i.e., consonância das diferenças. Ela salvou seu amado e seu amor e mostrou-se harmoniosa na diferença.

As contradições entre a Teiniaguá e o santão são óbvias e aparentes, visto que cada um vive num mundo. Ela condena o santão ao banimento e à excomunhão por causa do erotismo e da transgressão.

Por outro lado, sua hibridez perpassa sua própria constituição enquanto representação. Se pensarmos na recepção e na maneira pela qual o mito em torno dela é criado, podemos afirmar que é constituída – e é isso que a afirma como representação lendária – no seio da sociedade pela voz do povo e por diversas vivências e experiências sociais que acabam constituindo sua verdade e seu caráter. E nessa experiência é que teremos representado o mito da dominação feminina (dominação aqui entendida como relação de poder, e, também, sinônimo de sedução da mulher face ao homem). O próprio fato de a Teiniaguá ser animal metamórfico, bicho imundo, metade mulher, metade lagartixa, já faz dela um ser transgressor. Ela transgride no momento em que desobedece às normas cristãs, no momento em que seduz o santão, no momento em que o tenta a submeter-se aos seus encantos e, assim, o leva à desestabilização, se tomarmos como base a vida que ele levava, uma vida de obediência e inação. E, assim, enquanto ser transgressor, carrega consigo o estigma do mal, o qual será explorado a seguir.

Teiniaguá é estigmatizada como ser do “mal” e isso pode ser explicado pelo fato de ela ser árabe e, assim, o Outro, o adversário, o inimigo, sempre visível e sempre perigosamente próximo para o imaginário ibérico, colonizador da América do Sul. Blau Nunes, ao encontrar-se com o santão, menciona que sua avó contava a história da Salamanca do Cerro do Jarau. O segundo pergunta o que sua avó contava e ele diz que:

Na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada Salamanca – onde viveram os mouros, os mouros que eram mestres nas artes da magia; e era numa fuma escura que eles guardavam o condão mágico, por causa da luz branca do sol, que diz que desmancha a força da bruxaria ...
O condão estava no regaço duma fada velha, que era uma princesa moça, encantada, e bonita, bonita como ela só!...⁷⁷

A partir disso é possível se entender o substantivo “salamanca” como relacionado ao mistério e à bruxaria, dada a miscigenação entre árabes e cristãos na Península Ibérica. Percebe-se, ainda, uma relação ideológica de oposição bastante evidente entre mouros e cristãos, sobretudo no que tange ao caráter religioso, já que é justamente a religião a causadora dos conflitos. O amor entre santão e Teiniaguá seria possível se ele não fosse religioso católico, e ela moura e árabe. Teiniaguá é, assim, a porta aberta para que o diabo entre, como, se pensássemos na religião católica, Maria é a porta do Céu. Ela é a representação diabólica e, ao mesmo tempo, funciona como a ferramenta da qual o diabo se utiliza para corromper uma sociedade tradicionalmente cristã. O santão é, portanto, e a partir do contato com a Teiniaguá, vitimizado.

Por outro lado, ao falar na magia, Simões Lopes Neto refere-se à alquimia árabe, uma ciência que se opõe ao culto e à religião, alquimia que a Teiniaguá usa para atrair o sacristão aos seus encantos. É a partir dessa ciência que ele decide misturar o mel de lixiguana ao vinho do santo sacrifício, embebedando-se e tendo com a Teiniaguá uma noite de amor. O pecado acontece a partir dos poderes de bruxa da Teiniaguá; que usa da bruxaria para enfeitiçar o santão, sendo, assim, a única responsável pelos pecados por ele cometidos. Essa relação bruxaria-fé cristã pode, portanto, ser entendida como uma oposição ideológica, já que, subjacente a ela, temos aludido o período ibérico de caça às bruxas, comandado pelos tribunais da Inquisição. A princesa moura deste lado do mar se originou no ventre da fada velha, que se transformou em fada jovem, “bonita como ela só”, mas foi propiciada pela companhia dos espanhóis renegados e transgressores. O condão viera, segundo o narrador, “no regaço de uma fada velha, que era princesa moça”.

⁷⁷ SLN, p. 291.

Teiniaguá é sinônimo de desregramento sexual; ela é vista como personagem sexualmente atraente, com interesses sexuais explícitos pelo homem que encontra, figura que quebra a relação costumeira entre os gêneros ao invadir o espaço masculino. Na relação de gêneros de dominador/dominado, Teiniaguá é dona de seu prazer e de sua vontade e leva o santão, que representa o católico, o socialmente correto, ao pecado. O que está em questão não é o desejo carnal que o homem possui intrinsecamente, mas a influência direta da mulher na liberação de um desejo que não é permitido a um membro da Igreja Católica. Na verdade, a grande busca das mulheres bruxas é por sua liberdade, empreendida a partir da prática da magia, de um comportamento marginal, da construção de uma identidade feminina, e tem como meta principal a libertação sexual. As representações femininas aqui estudadas demandam pelas escolhas; por poder escolher manter uma relação erótica com um sacristão, que antes de ser um servo de Deus, é um homem que também tem fraquezas – como no caso da Teiniaguá, ou por uma escolha de não sofrer maus tratos – já que vários estudiosos da literatura quebequense atribuem o fato de a Corriveau ter assassinado dois ou sete maridos ao de ela ter sido violentada pelos parceiros.

Segundo Paola Zordan (2005, p. 332),

o que a figura da bruxa ensina é um certo modo de enxergar a mulher, principalmente quando esta expressa poder. Ao longo de muitas eras da civilização patriarcal, a lição predominante sobre as mulheres que fazem uso de poderes ou que se aliam a forças que, de um modo ou de outro, a máquina civilizatória não consegue domar, é bem conhecida de todos. Toda expressão de poder por parte das bruxas desembocava em punição. Cunhada dentro do cristianismo, a figura das bruxas traduzia-se em mulheres devoradoras e perversas que matavam recém-nascidos, comiam carne humana, participavam de orgias, transformavam-se em animais, tinham relações íntimas com demônios e entregavam sua alma para o diabo (...).

Nesse sentido, pode-se afirmar que as representações femininas, sejam elas pertencentes ao universo simoniano – Teiniaguá –, ou ao universo da literatura oral quebequense – Corriveau –, são associadas a um percurso de paixão e sangue. No caso daquelas reinventadas por Simões Lopes Neto, vale destacar que nascem à semelhança da Teiniaguá lendária, arrastam os homens para o extermínio, ressurgindo nos momentos mais dramáticos da experiência verbalizada por Blau Nunes, ocupando todos os níveis da narrativa. A transgressão cometida pela Teiniaguá tem justificativa no prazer carnal que leva o parceiro ao pecado; contudo é uma representação mítica que, indo ao encontro do que Zordan afirma, tinha relações íntimas com o demônio e entregava sua alma ao diabo. Teiniaguá pode ser vista como bruxa, a partir das colocações de Zordan, por se tratar de uma representação feminina, híbrida, amaldiçoada pelo diabo, que vem com os mouros da Península Ibérica para a

América do Sul. Ela é encontrada por um sacristão, presa em uma guampa, logo em seguida salva por ele em virtude da sedução que lhe inflige. Assim, é responsável também pela transgressão desse homem às normas do ambiente eclesiástico. Historicamente, as referidas tentativas de libertação, através do rompimento de leis e da rebeldia, de um espírito indomável e instintivo das mulheres, é o que dá origem a punições para que o “feminino selvagem” siga todas as normas ditadas pelo “masculino civilizado”. Assim, a ideologia que determinada sociedade prega, baseada em seus fatores sociais, políticos e econômicos, é o que vai determinar a maneira como a representação feminina será vista e os papéis que ela deve cumprir.

Teiniaguá é representação moura, é árabe; isso por si só justifica o modo como seu mito é socialmente constituído. Entender a Teiniaguá como uma representação do Oriente e de que forma este “ser oriental” a constitui enquanto sujeito é nossa pretensão neste momento.

Edward Said defende que o Oriente é uma construção intelectual, literária e política do Ocidente, buscando com que o último ganhe autoridade e poder sobre o primeiro. Said desconstrói discursos, pensamentos e imagens produzidos ao longo dos últimos séculos com o intuito de provar que o Ocidente construiu sua própria identidade por oposição à do Oriente. Ao longo desse processo identitário, consolida-se a idéia de que as diferenças entre Ocidente e Oriente demarcaram-se pela racionalidade, pelo desenvolvimento e pela superioridade do primeiro. Ao segundo são atribuídas características tais como aberrante, subdesenvolvido e inferior. Teiniaguá vem do último e, para completar, é mito feminino. No momento em que o mito da Teiniaguá é inserido na cultura gaúcha, a partir da narrativa de Simões Lopes Neto que transforma o sacristão em pecador a partir do erotismo presente na relação entre os sexos, ele também metaforiza a irracionalidade feminina; é o mito como representação da transgressão à qual o feminino não pode sucumbir. Todavia, Teiniaguá é contra-exemplo e este é explicado pelo fato de ela ser moura, oriental e, portanto, mais perigosa. O próprio domínio do santão sobre ela, na medida em que ele a torna uma camponesa, uma mulher do povo, descaracterizando sua cultura e trazendo-a para a dele, mostra a dominação não só masculina, mas também hegemônica do Ocidente sobre o Oriente, já que o oriental é visto como um problema a resolver ou como alguém necessitado de um poder superior; é o Outro do discurso. Sendo a européia a identidade mais forte, entender o Oriente como um lugar inferior representa uma formação cultural dominante no Ocidente. Não é possível que os dois tenham sua cultura como a dominante, assim é conveniente para o Ocidente entender o Oriente como um lugar inferior; é isso que legitima superioridade do ser Ocidental.

A imagem que se tem do mito da Teiniaguá tem origem no orientalismo, visto que é a partir dele que o imperialismo político vem à tona dominando o campo de estudo, imaginação e instituições eruditas de tal modo que torna esse fato impossível de ser ignorado intelectual e historicamente. Assim, a imagem do mito não é constituída apenas a partir daquilo que seus “narradores” contam; ela vincula-se ao imperialismo político que determina até mesmo o que pode e deve ser imaginado. Não é, todavia, uma imposição aparente. Acontece no âmbito social, de modo a levar o indivíduo a imaginar aquilo que a classe dominante espera que seja imaginado. Ser oriental é uma identidade construída política, histórica e culturalmente, e é nesse âmbito que surge a Teiniaguá.

A relação da Teiniaguá com o santão pode ser justificada pelo fato de que os escritores cristãos que testemunhavam as conquistas islâmicas pouco se interessavam pela erudição, alta cultura e freqüente magnificência dos muçulmanos que eram, como afirmou Gibbon (apud SAID, 1990, p. 14-16), “coevos com o mais obscuro e indolente período dos anais europeus”. Na verdade, o que os escritores cristãos queriam era sobrevalorizar suas próprias idéias e sua cultura, descaracterizando assim a islâmica. A salvação da Teiniaguá estaria, portanto, em aceitar viver de acordo com os dogmas da Igreja Católica, esquecendo suas origens e perdendo sua identidade de moura-árabe, uma vez que o islamismo é associado ao terror, à devastação, ao demoníaco. A Teiniaguá, por sua vez, enquanto representação européia do muçulmano, do otomano ou do árabe, representa, de certa forma, o temível Oriente.

Ao discorrer sobre o orientalismo, Said traça paralelo com as idéias de Foucault acerca de poder e conhecimento, argumentando que um discurso produz, por meio de diferentes práticas de representação (escolaridade, exibição, literatura, pintura, etc.), uma forma de conhecimento racializado do Outro (Orientalismo). Nesse sentido, os árabes que vêm com a Teiniaguá da Península Ibérica para a América do Sul, são uma metáfora da hegemonia européia. Eles representam o conjunto maior do qual emanam, e fazem do Oriente uma extensão do Ocidente, definindo, de acordo com as suas necessidades, as características e atitudes tomadas pelo mito feminino Teiniaguá; ela, por sua vez, e enquanto mito, é descrita a partir desse conhecimento racializado do Outro. Ou seja, a Teiniaguá é vista como má, sedutora, como alguém que vem para levar o sacristão a corromper-se e transgredir as normas porque possui duas características que a fazem ser considerada como tal: é moura e é mulher, fatores que perpassam questões de raça e gênero e servem para caracterizá-la como o Outro do discurso e também como culpada por todas as desgraças pelas quais o homem passa. Estereotipar, para Hall (2003, p. 258), é, em outras palavras, parte da manutenção da ordem social e simbólica. É o que estabelece a fronteira entre o “normal” e o “diferente”, o “normal”

e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o que “compete” e o que “não compete” ou é “Outro” entre grupos e intrusos, Nós ou Eles⁷⁸. A Teiniaguá é representação estereotípica, na medida em que faz parte do diferente, do patológico, do inaceitável, do que tem atitudes as quais não lhe competem; é a intrusa, faz parte do âmbito do “eles”.

⁷⁸ Estereotipar, em outras palavras, faz parte da manutenção da ordem simbólica e social. Estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “desviante”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o que “pertence” e o que “não pertence” ou é o “outro”, entre “os que estão dentro” e “os que estão fora”, “Nós” e “Eles”. Idem, ibidem. Traduzido livremente [por Conceição, Helen] em 14 nov. 2008.

5 – A FIGURA FEMININA E O ESTEREÓTIPO DA MALDADE: O EXEMPLO DE “LA CORRIVEAU”

Não existe mulher, em toda a história canadense, que tivesse pior reputação que Marie-Josephte Corriveau, chamada comumente de “A Corriveau”. Esta infeliz morreu há mais de dois séculos. Mas ela continua assombrando as imaginações. Fala-se ainda dela, de seu crime real e de seus crimes fictícios (...). Além do mais o nome da Corriveau é associado ao suplício excepcional, odioso e horrível que ela suportou: o fato de ser enforcada e exposta publicamente, durante um longo tempo, em uma gaiola de ferro que, mesmo desaparecida, foi o terror de muitas gerações (DION, 2005, p. 83).

Dion na citação que abre este capítulo, entre outras coisas alude à reputação da Corriveau. É bastante comum que o povo criasse opiniões acerca destas representações, até por ser ele quem presentifica as narrativas das quais estes mitos fazem parte, através daquilo que se conta dentro do ambiente social. A história do Québec, embora não seja o aspecto histórico focalizado aqui, mas o lendário, entende a Corriveau como uma personagem. Para nós, seu significado repousa no fato de ser ela, também, uma representação mítica a qual procuramos entender e definir a partir dos seus crimes fictícios e o do suplício por ela sofrido: o de ter sido enforcada e exposta publicamente durante longo tempo num cruzamento em uma gaiola de ferro⁷⁹, que aterrorizou muitas gerações. Para Nubia Hanciau (2000, p. 112), se a evocação dessa personagem⁸⁰ “sangrenta” nas noites da *Comédie Canadienne* até hoje provoca emoção é porque ela se distingue pela particularidade de durar e ressurgir. Embora tenhamos o hábito de apagar rapidamente os ídolos da memória, a Corriveau segue ocupando um lugar ambíguo no imaginário coletivo: ora assassina, ora vítima, sempre é referência dúbia e complexa. Poderíamos acrescentar aos lugares do imaginário citados pela autora alguns estereótipos pelos quais a Corriveau é vista e que serão objeto de nosso estudo:

⁷⁹ A Corriveau, como vimos anteriormente, foi condenada a morrer enforcada e ter seu corpo exposto em praça pública, numa gaiola de ferro, para servir de exemplo à população da região. A gaiola, após a exposição, foi enterrada no cemitério na frente da igreja do vilarejo. Aproximadamente 150 anos depois, em 1840, com a reforma do cemitério, a gaiola foi encontrada, junto com alguns ossos. Ela foi vendida ao empresário Barnum, de Nova York, que a expôs como curiosidade durante muitos anos.

⁸⁰ A autora originalmente refere-se à Corriveau como personagem histórica, já que a analisa nesse contexto. Como o que nos interessa aqui é estudar o mito através dos tempos a definiremos enquanto representação.

(...) bruxa, assassina, aquela que vem para trazer o mal. Descrita como mulher “ciumenta”, “pedante”, “ladra”, “assassina de crianças”, diz-se que seu fantasma aparece na noite de Halloween. Com estes vícios, ou bem ao contrário, conhecida como a “mais linda” do vilarejo, “inteligente”, ou ainda “vítima de intrigas”, provavelmente sua falha tenha sido assassinar o marido, caso que nunca foi comprovado pela justiça (2000, p. 112).

Assim, percebemos que Hanciau se utiliza de características humanas para definir este mito de grande força até hoje no Québec. Nenhum dos casos descritos foi tão grave quanto o suposto assassinato cometido pela Corriveau, entretanto supõe-se que esse assassinato tenha sido algo imposto pela sociedade como forma de justificar sua condenação. Se para alguns ela tinha um instinto de feiticeira, seria muito mais fácil distorcer fatos, utilizar-se de suas separações (que não eram bem aceitas na época) e nisso justificar sua condenação, do que dizer que ela foi condenada por ser ciumenta, pedante ou ladra. A Corriveau representa, portanto, na sua idealização enquanto figura feminina, o exemplo de transgressão e o contra-exemplo do comportamento que deve ser evitado a todo custo.

Todavia, é possível perceber nessa relação exemplo/contra-exemplo, uma constante nos dois mitos trabalhados, já que o mito da Corriveau é visto pelos quebequenses ainda de forma contraditória, despertando reações de atração e repulsa. Eles a entendem como personagem lendária, mas que realmente existiu no Québec e sofreu todas as consequências dos crimes supostamente cometidos; ela era criminosa por ser mulher, por ter vontade própria, por querer criar as suas regras em uma sociedade que não aceitava mudanças, muito menos advindas de uma mulher. Tornou-se um dos grandes referenciais memorialísticos do Québec, uma vez que após a sua suposta morte o povo passa a criar espécies de fórmulas para justificar as transgressões que ela cometeu e as consequências do ato transgressor. Ela morreu porque matou, morreu porque decidiu com quem se casar, e toda mulher que resolvesse se portar como Marie-Josephte podia ter a idéia de qual seria seu destino.

Assim, percebemos que os poderes femininos de bruxaria e feitiçaria servem como motivo para condenação das personagens femininas; a mulher é a bruxa, feiticeira; o homem, a vítima. O ato da bruxaria pode ser entendido, também, como contra-exemplo, visto que toda mulher que fugisse aos padrões determinados por essa sociedade, que via nos homens aqueles que tinham todos os direitos e poder, e nas mulheres as que cometiam crimes e/ou levavam outros a cometerem, teria o mesmo destino da Corriveau: a morte. E é nessa esteira

que vão surgir as lendas, gênero híbrido, sobreposto entre o *fait divers* e o conto fantástico⁸¹.

O que acontece nas narrativas é que realidade e ficção são distorcidos pelo imaginário popular, que, segundo Sylvie Dion, explora os valores morais do grupo, pondo em evidência ora um exemplo a seguir, um modelo de indivíduo, ora um contra-exemplo, um desvio de comportamento a ser evitado (como é o caso dos mitos da Teiniaguá e da Corriveau).

Ainda para Dion, é possível afirmar que as lendas, entre elas as narrativas de bruxas e feiticeiras, baseiam-se numa relação dialógica entre aquilo que as pessoas imaginam e os fatores políticos e sociais que as cercam. Para uma coletividade, segundo ela, as lendas representam a valorização de seu passado, de sua tradição, o respeito àquelas regras e normas estabelecidas pela sociedade. Ou seja, contar essas histórias é uma forma de manter viva a tradição e estabelecer contraponto entre aquilo que era proibido e o que não é mais (pelo menos de acordo com as leis). Sabemos que existem muitas sociedades que, embora se digam mais evoluídas, ainda escondem a vontade de que aquelas leis do passado sejam mantidas. Isso é bastante comum entre as pessoas mais velhas; muitas ainda se espantam com, por exemplo, as traições cometidas pelas mulheres, e esperam que elas sejam condenadas por isso.

Nesse sentido, o ato de pensar em todo o sofrimento pelo qual a Corriveau passou por ter tentado ir contra às normas e buscar a afirmação de sua condição feminina faz-se presente até os dias de hoje na sociedade quebequense. E mesmo que as mulheres não ajam com base nessa tradição, dada a evolução das normas e da condição feminina – a história da Corriveau permanece em suas mentes como um fantasma atormentador que não as deixa esquecer como foi grande a luta para que a mulher alcançasse seu espaço. É como se, naqueles momentos em que a mulher não luta por suas vontades, ou se deixa violentar por um homem, a Corriveau pudesse voltar para chamar-lhe a atenção. Para Dion, o crime e o horror do castigo de Marie-Josephte Corriveau permanecem até hoje na memória do povo quebequense, povo este que desenvolve seu relato, pouco a pouco, em torno da força da encruzilhada de Lévis⁸². A famosa

⁸¹ Idem, *ibidem*.

⁸² Lévis é uma cidade quebequense que detém as obrigações administrativas legais de uma municipalidade regional do distrito na região administrativa Chaudière-Appalaches, da qual ela é capital. A cidade é situada no lado sul do rio Saint-Laurent, na frente de Québec, entre Beaumont e Saint-Antoine-de-Tilly. A execução da Corriveau aconteceu em Buttes-à-Nepveu, perto das Plaines d'Abraham, um pouco a oeste do atual Porto de Saint-Louis. O corpo foi, em seguida, conforme a sentença, exposto "dentro de correntes", ou seja, de um tipo de gaiola feita de correntes e de círculos de ferro, suspensa a uma força erguida na Pointe-Lévy, no cruzamento dos caminhos de Lauzon e Bienville (hoje as ruas St.-Joseph e a rua de l'Entente). O todo estava situado perto de um antigo promontório religioso, localizado entre as ruas Saint-Joseph e Vaudreuil. O corpo na gaiola foi exposto à vista dos que por ali passavam até mais ou menos dia 25 de maio, data na qual, em função do pedido dos

gaiola torna-se o elemento mais estável na conservação do discurso popular e lendário, uma vez que não deixa as pessoas esquecerem o suplício (ou apenas um merecido castigo, no pensamento masculino dominante) sofrido pela Corriveau.

Dion diz ainda que durante um longo período de incubação, as narrativas das testemunhas oculares, das pessoas presentes no processo, dos membros das famílias envolvidas se misturarão, se amplificarão, circularão em jogos de memória e de imaginação com muito mais liberdade do que todas as peças oficiais às quais o povo jamais teve acesso, dispersas ao acaso dos arquivos. A Corriveau da narrativa sobreviverá como fantasma e virá assombrar os lugares de sua desgraça, vilã-esqueleto engaiolada que participa dos sabás das bruxas da ilha de Orleans, como conta Phillippe Aubert de Gaspé Pai⁸³. Os mortos vêm assombrar o mundo dos vivos por muitas razões. Algumas vezes, para ajudar seus próximos, outras para punir ou cumprir uma promessa, ou ainda para se vingar. Este será o caso da Corriveau. Entre o verdadeiro e o verossímil, o real e o fictício, a multiplicação dos detalhes, que parecem verdadeiros, é que teremos a ficção enraizada no real. É assim que o sobrenatural intervém na realidade e que a justiça humana e a justiça divina se entrelaçam. A criminosa possui, sob a moral aparente do exemplo, a não ser seguido, toda uma memória de lutas e afrontamentos. “Discurso de prevenção e adversão, nascido da necessidade de demarcar o normal e o anormal, o moral e o imoral, a lenda relata a transgressão, o interdito” (DION et al., 1999, p. 225-241). Os transgressores, pelo anti-modelo que encarnam, colaboram para o estabelecimento das normas e à coerência, já que nessas narrativas é sempre a partir do anti-modelo que vai nascer o modelo; o exemplo negativo vem para mostrar o que se espera do comportamento feminino. Os mitos são inscritos nas narrativas para representar e normatizar o padrão de conduta feminina ideal. Foi assim que Marie-Josephte Corriveau tornou-se assassina em série, envenenadora e fantasma vingador, passou à história se diferenciando radicalmente de outras representações lendárias femininas idealizadas santas, mulheres vítimas, personagens maternas, anjos de doçura e passividade.⁸⁴

habitantes da região, uma ordem do governador James Murray permitiu a retirada e o enterro da gaiola no cemitério da igreja de St-Joseph-de-la-Pointe-Lévy. Disponível em <http://fr.wikipedia.org/wiki/L%C3%A9vis> Acesso em 18 nov. 2008.

⁸³ Ver apresentação da lenda, capítulo 1.

⁸⁴ Reagrupados sob a denominação de “Damas de Branco”, essas personagens lendárias femininas encarnam ora a virgem Maria, ora o fantasma de uma jovem morta prematuramente, que continua a assombrar os lugares do drama como a “Blanche de Beaumont”, jovem francesa raptada por piratas quando fazia sua travessia em direção ao novo mundo, que preferirá se jogar no mar a ceder aos avanços do pirata; e a “Dame des chutes Montmorency”, que desesperada com o anúncio da morte de seu noivo, joga-se do alto da cachoeira. Cada uma delas vai aparecer numa determinada região. As damas de branco são comuns em diversos lugares do Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul; já a Dame des chutes de Montmorency aparecerá em Montmorency, mas também em diversas regiões do Québec.

O que queremos é partir da análise da Corriveau como representação feminina, como esse mito pode ser a base para entender a maneira como alguns estereótipos femininos são legitimados, sejam eles o da bruxa, assassina, ou da vítima da justiça popular, tanto na sociedade quebequense, quanto na sociedade como um todo. Para tanto, começaremos analisando a Corriveau enquanto bruxa.

Quando nos deparamos com a representação feminina Corriveau, deparamo-nos com uma figura que representa a transgressão sob a forma de assassinato. É a representação da mulher – bruxa – que, por meio do uso de poderes, de uma força sobrenatural a ela dada no momento necessário – vai assassinar o marido por puro instinto, seja ele um instinto genuinamente assassino ou de defesa. Vendo-a como sedutora, já que logo depois da morte de um marido ela casa-se novamente, é preciso atentar ao fato de que a sedução e o erotismo têm, neste caso, o propósito de ser algo pejorativo, levar à destruição (a destruição da moral do homem face à sociedade, quando trai, ou a destruição de si mesma, quando transgride, e, assim, é condenada à morte). Por outro lado, vendo-a como uma vítima, podemos justificar que o delito foi cometido como forma de defesa face aos maus-tratos sofridos. A narrativa deixa-nos em aberto essa possibilidade: a de que a transgressão é desencadeada pela não-aceitação de um destino. A sociedade determina papéis que vão normatizar diferentemente a participação de homens e mulheres nas instituições sociais, políticas e religiosas, o que inclui as atitudes, valores e expectativas que dada sociedade conceitualiza como masculinos e femininos. Portanto, aquilo que poderia ser visto como uma forma de proteção dos maus-tratos sofridos é encarado enquanto um comportamento violento, transgressor, próprio das figuras femininas que têm o poder da magia e o utilizam como forma de vingança e tentativa de libertação.

As bruxas dentro das narrativas exploram um universo no qual os modelos sociais conscientemente assumidos e preestabelecidos não são suficientes para justificar seus atos. O universo de que elas fazem parte é aquele da hegemonia da figura masculina; o homem é o modelo, o herói no qual depositamos todas as expectativas acerca de um guerreiro; um homem racional, violento, ativo e dotado de conhecimentos científicos. A ele a mulher deve respeito e obediência. Na contramão disso está a Corriveau, uma vez que a própria história

relata que seu primeiro crime grave é permitir a condenação do pai. A mulher foi criada para ser suave, passiva, cordial, sacrificar-se em benefício do homem; deixar que o pai fosse acusado por um crime que (provavelmente) não cometeu é assumir sua culpa, já que um homem, mesmo que culpado, não poderia ser condenado. Isso nos permite afirmar que a mulher (personagem feminina) tem o dever de se sacrificar em nome do homem (personagem masculino) que tudo pode. Por isso, a revolta da Corriveau contra o privilégio da figura masculina, ela está revoltando-se contra as próprias normas e regras do sistema, trilhando, assim, um caminho que a leva a graves consequências, culminando em condenação pesada e dolorosa.

A partir disso, e tomando como base a dupla viuvez⁸⁵ da personagem, Dion et al. (1999, p. 225-241) ainda afirma que o fato de ela ter sido enforcada e ter tido seu cadáver engaiolado exposto em uma encruzilhada, possibilita a definição da Corriveau como figura lendária, bruxa póstuma, envenenadora, assassina em série, vítima da justiça popular; justiça essa que pune severamente o desvio e a transgressão aos bons costumes, sobretudo as transgressões femininas. Isso, segundo Dion, com base nas idéias de Barbara Michel, dá-se pelo fato de que a representação da mulher assassina manifestar-se de forma mais perversa, mais maquiavélica, mais calculadora que qualquer homem criminoso, uma vez que ela se utiliza do veneno para realizar suas maldades (DION, 2005, p. 83). E é justamente esse veneno que para a autora vai ser responsável pela abertura das portas do imaginário. Como vimos anteriormente, o povo precisa encontrar motivos em sua memória para justificar os atos da Corriveau. O veneno seria, então, o que os faria entender o modo pelo qual ela cometeu os assassinatos. O ato criminoso poderia ser entendido como uma forma de libertação da condição de dominada; e mesmo logo em seguida ela vem a ser condenada por tais delitos, o fato de ter se sentido livre para decidir o que era melhor para si já traz a realização da personagem feminina enquanto mulher.

A bruxa vai se modificando com o passar do tempo e das gerações, mas toda a visão que se tem dela é uma visão imposta pela sociedade. Marie-Josephte é condenada à morte e engaiolada em praça pública para que sirva de exemplo à população da região. O fato de ela ter servido de exemplo pode ser justificado a partir da função pedagógica de cunho

⁸⁵ Falar aqui em dupla viuvez é referir-se às mortes dos dois maridos da Corriveau, Charles Bouchard e Louis Dodier, cuja morte desencadeou um clima de desconfiança na população da região. Sobre este acontecimento, ver o capítulo 1.

moralizador que toda a bruxa possuía durante os séculos em que a igreja focou a doutrina cristã no combate ao seu grande inimigo, o satanás, demônio, maior adversário de Deus. A bruxa, por sua vez, estava ligada ao diabo, que é uma representação fálica, masculina, e isso se explica pelo comportamento patriarcal da sociedade. Não é papel da mulher o de disputar o poder do universo, nem mesmo se ela for considerada adversária do homem – divindade masculina central – e sim, o de ser cordata e aceitar sua condição. Na condição de bruxa, o seu poder era justificado a partir de sua convivência com os demônios e de seu pacto com o diabo – entidades genuinamente masculinas – sendo, portanto, inconcebível que uma representação feminina pudesse, por si própria, realizar fenômenos sobrenaturais.

É interessante notar que as narrativas de mulheres que matam relatam o delito de personagens femininas com poder e que não recebem amparo do Estado. Independente de quem conta, ou da maneira em que a narrativa será descrita, a punição está sempre ligada ao gênero e vai ser mais leve ou mais pesada de acordo com quem mata. O sexo, portanto, é determinante no sentido da representação. A representação em “La Corriveau” é feminina e, por isso, o ato do assassinato é algo premeditado e advindo do seu espírito vingativo e seu poder de bruxaria e magia. O crime feminino, segundo Josefina Ludmer, está na maioria das vezes ligado a motivos domésticos.

As que matam na ficção deixam muitos “indícios femininos”: todas matam por paixão, por amor, ciúmes ou vingança, e seus crimes são domésticos; matam ex-amantes ou maridos que não cumpriram com sua palavra ou mentiram. Este é um dos contos da cadeia: crimes privados, de paixão feminina desenfreada. É esse lado do gênero da cadeia que se choca diretamente com certa realidade, sem torção, porque o crime doméstico é o tipo mais cometido pelas mulheres que matam (1996, p. 794).

Aliás, é comum nas narrativas que colocam a mulher como assassina a presença de crimes privados, impulsionados pela paixão desenfreada e a expressão dos sentimentos (amor, paixão, ciúme) é o que aproxima essas figuras femininas míticas da esfera do real. Elas são vistas como delinquentes da verdade e da legitimidade das normas e valores do Estado, já que seu espírito vingativo as leva a ter filhos ilegítimos, amantes, caracterizando-as como personagens dúbias, travestidas, falsas e dissimuladas. Essas características, por sua vez, fazem com que, em alguns momentos, elas consigam burlar a justiça estatal.

A Corriveau, se pensarmos na análise de um mito feminino em uma sociedade patriarcal, representa uma figura feminina fria e calculista, já que em determinado momento simulou toda uma situação para que parecesse que quem havia matado seu marido teria sido

seu pai e não ela. Mas será que não foi mesmo o pai? É possível que o crime tenha sido a ela transposto pela facilidade que se teria em explicá-lo tendo sido ele cometido por uma figura feminina. Isso acontece porque, se tomarmos ainda como base os estudos de Sylvie Dion, é possível afirmar que a justiça e a sanção popular são sempre as primeiras a condenar. A comunidade organiza primeiramente seus próprios negócios e só depois as autoridades policiais são chamadas, ficando a violência conjugal restrita à área doméstica. O desvio, a transgressão aos bons costumes eram severamente condenados pelo grupo, sobretudo as transgressões femininas. Tendo-se desviado dos valores sociais e dos costumes, a Corriveau transgrediu e sofreu as conseqüências. Tudo isso para mostrar os exemplos os quais não se deve seguir. Em se tratando de um estudo baseado na narrativa oral, é bastante difícil se ter uma prova concreta sobre aquilo que o povo conta. Assim, é possível dizermos que representar é trazer à tona fatos, experiências, dogmas, crenças pessoais e normas sociais. O que importa é o que é contado, a maneira como os fatos se desenvolvem de acordo com a sociedade em que são contados e o passar dos anos, mostrando que transgressões sempre haverá, o que muda é a forma de vê-las. A própria definição do que é transgressão está atrelada aos caracteres sociais, históricos e culturais, em constante metamorfose.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que explicitamos ao longo dos capítulos desta dissertação, podemos afirmar que, na literatura oral, existem dois tipos de representação feminina: as que exaltam os comportamentos femininos tidos como exemplares (bondade, dedicação, pureza, sacrifício etc.)⁸⁶ e as que tratam das transgressoras. Teiniaguá e Corriveau aparecem como transgressoras dentro dos contextos do Rio Grande do Sul e do Quebec.

Assim, se tomarmos como objeto de análise a Teiniaguá, é possível afirmar que dentro da literatura oral gaúcha é bastante conhecida a história da Teiniaguá e do santão. Ela⁸⁷ já foi estudada por diversos historiadores gaúchos e transformada em diferentes tipos de textos culturais.

Por outro lado, as determinações sociais e a origem histórica são de fundamental importância para que se possa ter idéias conclusivas acerca do papel da mulher no contexto oral dessas literaturas. Cada comportamento social, cada dogma e regra presentes nestas sociedades são o que define as personagens ou mitos da literatura oral, mas também as mulheres. É inegável que a oralidade e suas representações têm grande influência na constituição das identidades masculinas e femininas; é naquilo que é contado que residem os dogmas e normas sociais. Assim, um fator importante é o sexo de quem conta; homem e mulher relatarão suas histórias com base nas experiências de vida, no ambiente social e na forma como são vistos e se vêem dentro deste ambiente.

⁸⁶ Num primeiro momento nosso objetivo era estudar também a Mãe do Ouro e a Jongleuse, duas narrativas que têm em sua composição mães superprotetoras. Na primeira, a personagem feminina principal Ângela tenta impedir de toda forma que o destino da sua filha, Anita, se cumpra, mas não consegue e esta acaba morrendo. Na segunda, por sua vez, Madame Houel, ao se deparar com uma situação de perigo, morre para salvar seu filho Harold. Eram representações que aceitavam sua condição de subjugadas e viam isso como algo natural da condição feminina.

⁸⁷ Mesmo que não estejamos, aqui, fazendo uma análise de cunho historiográfico, vale dizer que a narrativa tem tanta importância na cultura do Rio Grande do Sul a ponto de inspirar personagens de minissérie de televisão (*A Casa das Sete Mulheres*), peças de teatro (*A Salamanca do Jarau*, da Companhia de Teatro Lumbra, de Porto Alegre) e mais recentemente o filme intitulado *Cerro do Jarau*, que trouxe para a contemporaneidade a narrativa da Teiniaguá e do Santão, afastando-se da história original; além de estar presente na trilogia de Érico Veríssimo *O Tempo e o Vento*. Todas essas manifestações culturais mantêm vivo este mito tão importante na história gaúcha. Seria interessante analisar a representação da Teiniaguá dentro das diferentes formas de expressão cultural; todavia, em virtude do tempo que teríamos para a realização deste estudo, não foi possível. Fica a idéia para uma ampliação do trabalho.

A Teiniaguá é árabe, mas ao chegar no Rio Grande do Sul, se transforma em uma mescla mouro-cristã, a partir do desejo que ela tem pelo sacristão e que é correspondido. É uma relação de pecado, mas que também agrega certo misticismo presente no cálice sagrado no qual o sacristão mistura o vinho do santo sacrifício com o mel de lixiguana. O encantamento entre eles se fez presente em diversos momentos, sob a forma de fascinação no momento em que a Teiniaguá salva o sacristão e, também, quando Blau Nunes saúda o sacristão três vezes e depois rejeita tudo o que lhe foi oferecido no momento das sete provas⁸⁸.

A Corriveau, por sua vez, é personagem histórica que após a condenação vai ser elevada a representação. No que tange ao pecado, seu maior foi querer ter domínio sobre seus desejos. Não existem dados claros na narrativa que nos levem a pensar numa situação de erotismo, todavia, era o poder de sedução que lhe permitia conquistar os maridos. O que podemos entender, entretanto, é que as narrativas da Teiniaguá e da Corriveau deram abertura para uma nova expectativa acerca da maneira como a mulher é vista, mesmo que tenham sido manifestações embrionárias, que precisaram de um bom tempo (histórico e de inovações sociais) para se consolidarem.

Pelo fato de a Teiniaguá aparecer sob a forma de sedutora, da que deseja e seduz um homem proibido, entendemos a importância como um modo de alertar que tipo de mulher era aceita pela sociedade. Assim, podemos ver na Teiniaguá a primeira semente plantada na busca por uma sociedade gaúcha menos machista e com menor rigidez religiosa; uma sociedade que pudesse compreender o verdadeiro objetivo do mito da Teiniaguá: a realização enquanto mulher, a afirmação de seu papel de moura-árabe e a aceitação da miscigenação como forma de enriquecimento e de formação de uma sociedade multicultural. A sociedade gaúcha era resistente em aceitar sua mistura com novas culturas, entretanto foi ela a responsável pela formação da heterogeneidade cultural.

Por outro lado, a sedução pode ser entendida também como impureza. A mulher só poderia relacionar-se com o homem, de acordo com os dogmas cristãos, depois do casamento. A Teiniaguá era intocada, mas se deixou tocar pelo sacristão, indo assim na contramão do comportamento esperado para uma mulher e, principalmente, de um religioso, que tinha como norma não ter desejos carnavais, e, portanto, não se envolver com mulheres. A impureza, então, está ligada ao caráter erótico que leva à transgressão a partir do sexo. Na sociedade de estância do Rio Grande do Sul, o homem era o ser dominador, viril, macho; a mulher a dominada, sensível, doce e subjugada. No momento em que a Teiniaguá decidiu dominar e

⁸⁸ V. Capítulo 1.

transgredir as normas da Igreja, ela foi condenada a perder aquele a quem seduziu, para que se sentisse culpada pela transgressão.

Religião e magia caminham juntas, são dois elementos que se completam e se fazem presentes nas características desta personagem. Teiniaguá é moura e, mesmo possuindo uma religião que não é aceita pela sociedade, assume sua condição e sua cultura; possui os poderes da magia que, aliados à perspicácia feminina, tornam-na sedutora. A mistura da religião com o sobrenatural nos dá a idéia da concepção de mundo que ela possui e o encontro com o Blau formará o cosmos organizado, a partir do surgimento desse novo par.

No contexto da literatura oral quebequense, Marie-Josephte Corriveau é uma de suas mais legítimas representantes. Ela também inspirou peças de teatro, canções, romances (como aqueles dos quais extraímos as versões da lenda aqui estudadas, *Les anciens canadiens* e *Le chien d'Or*) e se mantém viva e permanente na cultura desse povo. Ela é, além de um mito, vista pelo povo quebequense como uma personagem histórica, uma heroína, quase uma Joana D'Arc do Canadá francês. Viveu no período da Conquista do Canadá, no qual os franceses lutavam para dominar o território. É um contexto que, como o da Revolução Federalista, no Rio Grande do Sul, prima pela superioridade masculina. No entanto, a Corriveau é muito mais dissimulada que sedutora; não que ela não seduza, mas todas as narrativas que envolvem sua representação a colocam como quem simula a morte dos maridos, que planeja os assassinatos da mesma forma como quem planeja uma festa; é oportuno citarmos aqui o encontro da Corriveau com Angélique des Méloises e todo o prazer demonstrado pela Corriveau, que planeja a morte da rival Caroline como quem planeja uma reunião de amigos.

Planejar as mortes, pensar nos detalhes: tudo isso é o que caracteriza a Corriveau como a representação feminina assassina. Para a sociedade, ela mata porque é fria, calculista, porque isso está no seu instinto feminino. Ela foi capaz, ainda segundo a história, de deixar que seu pai fosse, num primeiro momento, condenado, demonstrando assim sua maldade. Nunca foi provado se esse pai não teria realmente cometido o crime. Contudo, condenar uma mulher era muito mais fácil. A sociedade quebequense da época também passava por um período tumultuado em que ingleses e franceses lutavam pela conquista do Quebec; sendo ela do Quebec, sua condenação representa uma vitória dos ingleses sobre os franceses, nos interesses de colonização.

Nesse contexto, eram os homens que lutavam e tinham poderes não só sobre a mulher, mas sobre a sociedade. Em nosso ponto de vista, é possível que a Corriveau tenha sido vítima da justiça popular, que condenava todas aquelas que não obedecessem aos seus pais, maridos,

tidos autoridades máximas. Na realidade, as diversas versões das narrativas⁸⁹ sobre ela mostram que foi casada com maridos (que podem ser considerados) bem diferentes dela: eram agricultores, os quais, embora possuísem grande poder e dominação social, diferiam dela no tocante à educação; e, não tendo paciência para lidar com os chamados “caprichos” de uma mulher, representados, aqui, pela vontade de libertação e pelas cobranças acerca de promessas não-cumpridas, eram capazes das mais diversas manifestações de violência. Na contramão disso, e como forma de defesa, a Corriveau, teria, então, cometido os assassinatos. Era proibido às mulheres serem intelectualmente superiores aos homens: a elas cabia a inferioridade em qualquer aspecto da vida.

Outro motivo para afirmarmos que ela foi vítima está na condenação primeira de seu pai. Joseph Corriveau foi condenado pela morte de Louis Dodier, segundo marido de sua filha. Todavia, ao passar pelo dito “confessor”, foi pressionado a contar a “verdade”. Essa verdade é bastante questionável, porque ele é homem, poderoso, forte, é quem deve se manter no seio social e, por tais razões, ele se confessa cúmplice da sua filha. Ele havia sido condenado à morte; ela, pelo mesmo crime, foi condenada a ser enforcada e ter a cabeça exposta numa gaiola de ferro em praça pública, para que todas as mulheres soubessem o que uma transgressão acarreta.

Se colocarmos Teiniaguá e Corriveau em pé de igualdade, podemos vê-las como duas representações míticas à margem da sociedade; representações que queriam ser mais do que dominadas, subjugadas às leis da Igreja e dos homens e criarem suas próprias normas, regras, escolhendo com quem se envolver, como se portar na sociedade e quais seus direitos e deveres. Sim, elas queriam, entre outras coisas, ter direito. É o direito que não lhes cabia. Com isso, notamos que as diferenças que as mulheres passam ainda hoje (de salário, de posto de trabalho) tem origem em diversas culturas. Culturalmente, a mulher é desde o início vista como ser inferior, subjugado, dependente do homem e que só tem deveres a cumprir. Quando ela age, tem que ser em benefício do homem. Se ela trabalha, tem que ser em prol daquilo que o homem quer construir. Ele é o chefe da família, e ela quem realmente trabalha para que o lar funcione.

De um lado temos a Teiniaguá, representação estereotípica do diferente, do patológico, do inaceitável, que tem atitudes que não lhe competem; é a intrusa, faz parte do “eles”; de outro, a Corriveau, a bruxa que era ciumenta, pedante e que, após sua morte, foi conhecida

⁸⁹ Muitas dessas versões estão disponibilizadas na obra já citada *Il était cent fois la Corriveau*, de Nicole Guibault.

como assassina de crianças, voltando nas noites de Halloween; mas também, linda, vítima de intrigas e da sanção popular, personagem dúbia, com instinto de feiticeira⁹⁰ (afinal, seria muito mais cômodo justificar ao povo sua morte com base no seu instinto do que buscar qualquer outra razão) e no meio de tudo isso as sociedades. É nas sociedades que as leis são constituídas, e ambas, a partir de suas características políticas, sociais e históricas, esperavam que suas figuras femininas fossem modelo de cordialidade, docilidade e submissão. Transgredindo essa prescrição, elas se fizeram exemplo de superação e contra-exemplo, superaram seus limites, mas, ao mesmo tempo, deixaram claro àquelas mulheres o que lhes aconteceria se elas agissem da mesma forma. Na realidade, o comportamento delas foi positivo e negativo; positivo porque serviu para que, futuramente, se mudasse a forma de enxergar essa mulher; que se passasse a vê-la como um ser (quase) em pé de igualdade com o homem, e negativa porque, pensando na mulher que vivia naquela sociedade, os castigos imputados àquelas que decidissem com quem casar e que tarefas desenvolver eram bastante cruéis.

É possível que a Corriveau tenha assassinado os maridos para livrar-se dos maus-tratos que sofria. Essa reação de autodefesa não era possível às mulheres; elas eram criadas para agradar ao marido, viver para ele, e qualquer reação violenta por parte dele estaria justificada no mau comportamento dela; ela não se comportou como uma verdadeira mulher e mãe e, por isso, foi castigada. No caso de uma reclamação, a culpa recai sobre ela e será ela que sofrerá as conseqüências (o povo será induzido, pelo seu marido, a pensar que ela o traiu e, assim, a condenará ao enforcamento, a ser queimada, etc.).

A Teiniaguá, por sua vez, pecou, como já vimos, pela sua origem árabe, oriental, mas também por envolver-se com um sacristão. Na verdade, a afirmação do desejo como parte da existência faz parte da identidade do santão e da Teiniaguá, uma vez que ele é surpreendido pelo encontro com a mouro e fica quase sem ação. Ela, por sua vez, se redescobre enquanto mulher, a partir do momento em que é libertada da guampa, fazendo uso da sedução para levar o santão a se reencontrar como homem, que possui desejos e deixa, por um instante, todas as suas culpas de religioso de lado para sucumbir ao prazer carnal. Na verdade esse prazer é instintivo, faz parte da vida do homem e da mulher; todavia, dentro da perspectiva religiosa, a castidade é obrigatória. Na época da lenda, sobretudo, a instituição religiosa era bem mais radical do que hoje em dia. A partir do momento em que este desejo carnal faz com que santão e Teiniaguá redescubram a sua identidade, a transgressão já deveria ser perdoada.

⁹⁰ Op. cit. nota 28.

Sabemos, entretanto, que a radicalidade dos dogmas não permitia aos religiosos entenderem essa relação de homem e mulher como algo positivo; é pecado, no sentido pejorativo do termo.

A questão do prazer e do desejo, se tomarmos como referência as idéias de Barthes, é como se fosse o fio condutor que faz com que o texto se articule. As representações míticas, assim como as personagens de ficção, são construídas por símbolos, por signos lingüísticos, por palavras, mas nunca por imagens. Em “A Salamanka do Jarau”, temos os símbolos do cálice e do mel de lixiguana, que representam o sagrado e o profano; temos o substantivo salamanka que, como já vimos, carrega em si a idéia de mistério e da bruxaria. Já na Corriveau, temos no canto das bruxas no sabá, que depois é reproduzido pelo pai defunto de José, a grande simbologia das bruxas. E, também, na condenação da suposta personagem histórica o símbolo do castigo dado às mulheres; o enforcamento é, na realidade, uma forma de imposição da superioridade masculina, que não deve ser posta em dúvida nunca. Notamos que os símbolos são aquilo que dá sentido aos personagens, aos mitos, às narrativas. São eles que, aliados às idéias de prazer e desejo, vão desenhar aquilo que nós, leitores, imaginaremos. É essa simbologia, também, que articulará em nossas mentes a história contada pelo narrador.

Ligada a essa relação sexual está, também, o caráter bruxólico da Teiniaguá. Uma das grandes buscas da bruxa é a busca pela liberdade, até mesmo a sexual, que esteve em pauta em nosso país, se tomarmos como base a sociedade brasileira dos anos 70. A mulher começou a lutar por igualdade de gênero e utilizou a liberação sexual como forma de grito de liberdade. O fato de a mulher escolher com quem manter relações e tê-las antes do casamento chocou e criou para ela outros estereótipos (que não são os de bruxa, assassina, má, mas, por exemplo, aquele que a equipara a uma prostituta). Nas narrativas, todavia, aquela que decidia com quem manter relações era considerada bruxa, má, sedutora, ligada ao caráter erótico.

Na Corriveau, conforme vimos, existiu uma quebra no tempo dos acontecimentos. Esse tempo pode ser entendido como o período da luta das mulheres pelo seu reconhecimento dentro da sociedade e até da própria literatura. Cem anos se passaram até que a Corriveau pudesse provocar nas pessoas a reflexão de sua culpa ou inocência; até então ela era vista apenas como transgressora e culpada⁹¹. Hoje em dia, podemos dizer que essa quebra no tempo serviu para que a personagem voltasse com mais força na cultura quebequense.

O fato é que a forma como a sociedade de cunho patriarcal do tempo de tais representações via a mulher colaborou com a forma como a própria mulher gaúcha e

⁹¹ Sobre isso ver o capítulo 1.

quebequense são vistas até hoje. Dentre os habitantes da campanha, ainda existem aqueles que elegem tarefas como próprias dos homens e outras próprias das mulheres; estas últimas acabam ficando, em geral, com as tarefas domésticas, a criação dos filhos, nada que as conceda muito poder face à família. No Quebec, o caminho que a Corriveau percorreu quando condenada é até hoje lembrado e, se a mulher conquistou um espaço diferente, é um lugar de acúmulo de funções: ela tem o trabalho, mas também o lar. E no cruzamento da Pointe-Levys está a lembrança da transgressão e suas conseqüências.

Se hoje a sociedade é, pelo menos teoricamente, mais condescendente, aceitando a condição da mulher de mãe, mas também daquela que trabalha fora de casa e até sustenta um filho sozinha, escutar essas histórias, para algumas mulheres, ainda é algo que assusta. É como se essas representações femininas pudessem voltar, a qualquer momento, para assombrá-las e lembrar o quanto sofreram para que a mulher da atualidade pudesse gozar de direitos. Seria interessante estudar essas representações femininas más, bruxas, vítimas da justiça popular também como assombrações que podem voltar como forma de cobrar uma dívida que, em vida, não foi paga; todavia, isto é assunto para outro trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

De João Simões Lopes Neto

A Salamanca do Jarau. In: BETANCOUR, Paulo (Org.). *Obra completa: Simões Lopes Neto*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

Contos gauchescos. Introdução e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

Contos Gauchescos e Lendas do Sul. Edição Crítica com introdução , variantes, notas e glossário por Aurélio Buarque de Hollanda, Prefácio e nota de Augusto Meyer, Posfácio de Carlos Reverbel. Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo : Editora Globo, 1957.

De Philippe Aubert de Gaspé Père

Les Anciens Canadiens. Disponível em: <<http://www.ibiblio.org/beq/pdf/index.htm>>. Acesso em: 26 set. 2008.

Aubert de Gaspé, Philippe Joseph. Disponível em: <http://www.thecanadianencyclopedia.com/index.cfm?PgNm=TCE&Params=F1ARTF0000392>>. Acesso em: 26 set. 2008.

De William Kirby

Le Chien d'Or. Disponível em: [http://fr.wikipedia.org/wiki/William_Kirby_\(%C3%A9crivain\)](http://fr.wikipedia.org/wiki/William_Kirby_(%C3%A9crivain)) Acesso em: 26 set. 2008

Sobre a Teiniaguá

CHAVES, Flávio Loureiro. O rastro da Teiniaguá. In: _____. *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

CHIAPPINI, Ligia. *No entretanto dos tempos: literatura e história em Simões Lopes Neto*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. *Simões Lopes Neto: uma biografia*. Porto Alegre: Age, 2003.

GRANADA, Daniel. *Supersticiones del Río de la Plata*. Montevideo: Capibara, 2003.

LOPES, Cícero Galeno. Teiniaguá ou o estigma do mal e as contradições na composição do personagem híbrido. In: BERND, Zilá; LOPES, Cícero Galeno (Orgs.). *Identidades e estéticas compósitas*. Canoas: Centro Universitário La Salle / Porto Alegre: PPG Letras – UFRGS, 1999.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Introdução e notas de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

MEYER, Augusto. A Salamanca do Jarau. In: _____. *Prosa dos pagos: 1941-1959*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2002.

TESCHAUER, Carlos. *Poranduba rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1929

Sobre “La Corriveau”

DION, Sylvie. A legendificação do *fait divers*: o caso de Marie-Joseph Corriveau a enforcada engaiolada. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 48, p. 83-93, 2005.

GUILBAULT, Nicole. *Il était cent fois La Corriveau*. Québec: Nuit Blanche, 1995.

KIRBY, William. Une empoisonneuse. In: _____. *Le Chien d’Or*. Montréal: Stanké, 1989.

HÉBERT, Anne. *A gaiola de ferro*. Trad. de Nubia Hanciau. Rio Grande: Ed. da FURG, 2000.

LACOURCIÈRE, Luc. Le triple destin de Marie-Joseph Corriveau. *Les Cahiers des Dix*, n. 33, p. 213, 1968.

Sobre mito e cultura oral

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1978.

BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949.

BERGERON, Bertrand. *Du surnaturel*. Québec: Trois-Pistoles, 2006.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2002.

_____. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2006.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2005.

DION, Sylvie. Transgressões e crenças populares: o lendário do Québec. In: DION, Sylvie; BÉLANGER, Alain; HANCIAU, Nubia (Org.). *A América Francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.

DUPONT, Jean-Claude. *Légendes des villages*. Québec: J.-C. Dupont, 1987.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FAGUNDES, Antonio Augusto. *Mitos e lendas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

FONTES, Luísa Cristina dos Santos (Org.). *Literatura e mulher, das linhas às entrelinhas*. Ponta Grossa: Ed. da UEPG, 2002.

LAMAS, Berenice Sica et al. Dos mitos de Pandora, Lilith e Eva e as implicações do feminino na organização. *Psico*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 139-150, jul.-dez. 1994.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Notas e Introdução de Luís Augusto Fischer. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

MACHADO, Irene A. *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: FAPESP, 1995.

WEITZEL, Antônio Henrique. *Folclore literário e linguístico*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1995.

ZAVALA, Virginia; VICH, Víctor (Orgs.). *Oralidad y poder: herramientas metodológicas*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2004.

ZORDAN, Paola. Bruxas: figuras de poder. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 331-341, maio-ago. 2005.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Escritura e nomadismo*. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

Sobre gênero e representação cultural

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 320, set.-dez. 2005.

BERND, Zilá; MIGOZZI, Jacques (Orgs.). *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil / França*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DOTTIN-ORSINI, Mireille. *A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho (Orgs.). *Horizontes Antropológicos: cultura oral e narrativas*. Porto Alegre, ano 5, n. 12, dez. 1999.

HANCIAU, Nubia Jacques. *A feiticeira no imaginário ficcional das Américas*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004.

HEILBORN, Maria Luiza. Usos e abusos da categoria gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.). *Encontro Latino-Americano sobre Gênero e Raça: Y nosotras latinoamericanas?: estudos sobre gênero e raça*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAGARDE, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. Universidad Nacional Autónoma de México, 1997. Col. Posgrado.

MIRANDA, Júlia et al. *Imaginários sociais em movimento: oralidade e escrita em contextos multiculturais*. Lyon: Universidade de Lyon 2; Fortaleza: UFC; Campinas: Pontes, 2006.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo Veintiuno, 1985.

RAMALHO, Christina (Org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990

Geral

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da UnB, 1987.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BERND, Zilá; UTÉZA, Francis (Orgs.). *Produção literária e identidades culturais: estudos de literatura comparada*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

_____. *Representation: cultural representations and signifying practices*, London, California & New Delhi: SAGE Publications, 2003.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Malleus Malleficarum: o Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2005.

LUDMER, Josefina. Mujeres que matan. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. 62, n. 176-177, p. 781-797, jul.-dez. 1996.

STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 1992.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Internet

Bárbaro. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Povo_b%C3%A1rbaro>. Acesso em: 23 set. 2008.

A Salamanca do Jarau. Disponível em: <<http://rosanevolpatto.trd.br/lendasalamandradojarau.html>>. Acesso em: 23 set. 2008.

Les Anciens Canadiens, de Philippe Aubert de Gaspé Pai. Disponível em: <<http://www.ibiblio.org/beq/pdf/index.htm>>. Acesso em: 26 set. 2008.

La Voisin. Disponível em: <http://www.sheluna.com/histoire_legendes_ages.php>. Acesso em: 26 set. 2008.

<http://www.indianamarketing.com/nations/abenaq.htm>. Acesso em: 25 out. 2007.

http://www.ichs.ufop.br/nehm/images/Artigos_nehm/art_fernando_1.pdf. Acesso em: 14 nov. 2008.

Lilith. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332008000100012&script=sci_arttext#nt22. Acesso em: 15 nov. 2008.

http://www.cairn.info/load_pdf.php?ID_ARTICLE=IMIN_007_0077. Acesso em: 15 nov. 2008.

O diabo engarrafado de Asmodée. Disponível em: <http://mythologica.fr/demon/asmodee.htm>. Acesso em: 08 jan. 2009.

O Martelo das Bruxas ou O Martelo das Feiticeiras. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Malleus_Maleficarum>. Acesso em: 18 nov. 2008.

Plaines d'Abraham. Disponível em: http://fr.wikipedia.org/wiki/Plaines_d%27Abraham. Acesso em: 20 nov. 2008.

ANEXO 1⁹²A⁹³ ALCIDES MAIA⁹⁴A SALAMANCA DO JARAU⁹⁵

⁹² Optamos em utilizar a versão da lenda publicada pela Editora Globo, em função da sua riqueza em termos de escritura e crítica, glossário e variantes advindos de Aurélio Buarque de Hollanda. E, também por este motivo, anexaremos a lenda tal qual aparece no livro, obedecendo até mesmo os números de citação que lá aparecem.

⁹³ A: Æ

⁹⁴ Ver a nota 5.

⁹⁵ Em B não há título falso. Essa epígrafe – A Salamanca do Jarau – figura em B, na página em que principia a narração. O duplo título *O Cerro do Jarau – A Salamanca*, que na segunda página adiante se lê, só aparece em A. De modo que em B as notas I e II, em seguida às palavras *Jarau* e *Salamanca*, respectivamente (notas de Simões Lopes Neto), acham-se invertidas. Aliás, essas notas, bem como as outras do autor – 11 ao todo – estão, em A e B, numeradas com algarismos arábicos, seguidos de um arco em parêntese em B. Em A elas vêm no fim da história, sob a epígrafe *Elucidação*, como na edição presente; em B ficam ao pé das páginas, achando-se, naturalmente, omitida aquela epígrafe. Adotei, para elas, algarismos romanos, afim de distinguir as notas de minha autoria.

O CERRO DO JARAU ^IA SALAMANCA ^{II}

I

ERA um dia...

um dia, um gaúcho pobre, Blau, de nome, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais, estava conchavado de posteiro, ali na entrada do rincão; e nesse dia andava campeando um boi barroso.

E no tranqüiito andava, olhando; olhando para o fundo das sangas, para o alto das coxilhas, ao comprido das canhadas; talvez deitado estivesse entre as carquejas – a carqueja é sinal de campo bom –, por isso o campeiro às vezes alçava-se nos estribos e, de mão em pala sobre os olhos, firmava mais a vista em torno; mas o boi barroso, crioulo daquela querência, não aparecia; e Blau ia campeando, campeando...

Campeando e cantando:

Meu bonito boi barroso.
Que eu já contava perdido,
Deixando o rastro na areia
Foi logo reconhecido.

Montei no cavalo escuro
E trabalhei logo de espora;
E gritei - aperta, gente.
Que o meu boi se vai embora!

No cruzar uma picada,
 Meu cavalo relinchou.
 Dei de rédea para a esquerda,
 E o meu boi me atropelou!

Nos tentos levava um laço
 De vinte e cinco rodilhas⁹⁶,
 Pra laçar o boi barroso
 Lá no alto das coxilhas!

Mas no mato carrasqueiro
 Onde o boi ‘stava embretado,
 Não quis usar o meu laço,
 Pra não vê-lo retalhado.

E mandei fazer um laço
 Da casca do jacaré,
 Pra laçar meu boi barroso
 Num redomão pangaré.

E mandei fazer um laço
 Do couro da jacutinga,
 Pra laçar meu boi barroso
 Lá no passo da restinga.

E mandei fazer um laço
 Do couro da capivara
 Pra laçar meu boi barroso
 Nem que fosse a meia-cara;

“Este era um laço de sorte,

⁹⁶ B: rodilhas. // Em A, a vírgula depois de rodilhas está mal impressa, parecendo um ponto, o que deu margem ao erro B.

Pois quebrou do boi a balda”...⁹⁷

.....

No tranqüito ia, cantando, e pensando na sua pobreza, no atraso das suas cousas.

No atraso das suas cousas, desde o dia em que topou – cara a cara! – com o Caipora num campestre da serra grande, pra lá, muito longe, no Botucaraí...

A lua ia recém-saindo...; e foi à boquinha da noite...

Hora de agouro, pois então!...

Gaúcho valente que era dantes, ainda era valente, agora; mas, quando cruzava o facão com qualquer paisano, o ferro da sua mão ia mermando e o do contrário o lanhava...

Domador destorcido e parador, que ⁹⁸por só pabulagem gostava de paletear, ainda era domador, agora; mas, quando gineteava mais folheiro, às vezes, num rede pente, era volteado...

De mão feliz para plantar, que lhe não chocava semente nem muda de raiz se perdia, ainda era plantador, agora; mas, quando a semente ia apontando da terra, dava a praga em toda, tanta, que benzedura não vencia...; e o arvoredado do seu plantio crescia entecado e mal floria, e quando dava fruta, era mixe e era azeda...

E assim, por esse teor, as cousas corriam-lhe mal; e pensando nelas o gaúcho pobre, Blau, de nome, ia, ao tranqüito, campeando, sem topar coo boi barroso.

De repente, na volta duma reboleira, bem na beirada dum boqueirão sufrenou o tostado...; ali em frente, quieto e manso, estava um vulto, de face tristonha e mui branca.

Aquele vulto de face branca... aquela face tristonha!...

Já ouvira falar dele, sim, não uma nem duas, mas muitas vezes...; e de homens que o procuravam, de todas as pintas, vindos de longe, num propósito, para endrôminas de encantamentos..., conversas que se falavam baixinho, como num mêdo; pro caso, os que podiam contar não contavam porque uns, desandavam apatetados e vagavam por aí, sem dizer cousa com cousa, e outros calavam-se muito bem calados, talvez por juramento dado...

Aquele vulto era o santão da salamanca do cerro.

Blau Nunes sufrenou o cavalo.

Correu-lhe um arrepio no corpo, mas era tarde para recuar: um homem é para outro homem !...

E como era ele quem chegava, ele é que tinha de louvar; saudou:

– Laus’ Sus-Cris’!...^{9941b}

⁹⁷ Em B não existem aspasa em parte alguma desta cantiga.

⁹⁸ A e B: - cara à cara! -

– Para sempre, amém! disse o outro, e logo ajuntou: O boi barroso vai trepando cerro acima, vai trepando... Ele anda cumprindo o seu fadário¹⁰⁰...

Blau Nunes pasmou do adivinho; mas repostou:

– Vou no rastro!...

– Está enredado...

– Sou tapejara, sei tudo, palmo a palmo, até à boca preta da fuma do cerro...

– Tu... tu, paisano, sabes a entrada da salamanca?...

– É lá?... Então, sei, sei! A salamanca do cerro do Jarau!... Desde a minha avó charrua, que ouvi falar!...

– O que contava a tua avó?

– A mãe da minha mãe dizia assim:

II

– Na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada – Salamanca – onde viveram os mouros, os mouros que eram mestres nas artes de magia; e era numa fuma escura que eles guardavam o condão mágico, por causa da luz branca do sol, que diz que desmancha a força da bruxaria...

O condão estava no regaço duma fada velha, que era uma princesa moça, encantada, e bonita, bonita como só ela!...

Num mês de quaresma os mouros escarneceram muito do jejum dos batizados, e logo perderam uma batalha muito pelejada; e vencidos foram obrigados a ajoelharem¹⁰¹-se ao pé da Cruz Bendita... e a baterem nos peitos, pedindo perdão...

Então, depois, alguns, fingidos de cristãos, passaram o mar e vieram dar nestas terras sossegadas, procurando riquezas, ouro, prata, pedras finas, gomas cheirosas... riquezas para levantar de novo o seu poder e alçar de novo a Meia-Lua sobre a Estrela de Belém...

E para segurança das suas tranças trouxeram escondida a fada velha, que era a sua formosa princesa moça...

^{41b} A e B : Laus'Sus-Cris'! –

¹⁰⁰ Fadário...

¹⁰¹ B: Obrigados a ajoelharem-se

E devia ter mesmo muita força o condão, porque nem os navios se afundaram, nem os frades de bordo desconfiaram, nem os próprios santos que vinham, não sentiram...

Nem admira, porque o condão das mouras encantadas sempre aplastou a alma dos frades e não se importa com os santos do altar, porque esses são só imagens...

Assim bateram nas praias da gente pampiana os tais mouros e mais outros espanhóis renegados. E como eles eram, todos, de alma condenada, mal puseram pé em terra, logo na meia-noite da primeira sexta-feira foram visitados pelo mesmo Diabo deles, que neste lado do mundo era chamado de Anhangá-pitã e mui respeitado.

Então, mouros e renegados disseram ao que vinham; e Anhangá-pitã folgou muito; folgou, porque a gente nativa daquelas campanhas e a destas serras era gente sem cobiça de riquezas, que só comia a caça, o peixe, a fruta e as raízes que Tupã despejava sem conta, para todos, das suas mãos sempre abertas e fazedoras...

Por isso Anhangá-pitã folgou, porque assim minava para o peito dos inocentes as maldades encobertas que aqueles chegados traziam...; e pois, escutando o que eles ambicionavam para vencer a Cruz com a força do Crescente, o maldoso pegou do condão mágico – que navegara em navio bento e entre frades rezadores e santos milagrosos –, esfregou-o no suor do seu corpo e virou-o em pedra transparente; e lançando o bafo queimaste do seu peito sobre a fada moura, demudou-a em teiniaguá, sem cabeça. E por cabeça encravou então no novo corpo da encantada a pedra, aquela, que era o condão, aquele.

E como já era sobre a madrugada, no crescimento da primeira luz do dia, do sol vermelho que ia querendo romper dos confins por sobre o mar, por isso a cabeça de pedra transparente ficou vermelha como brasa e tão brilhante que olhos de gente vivente não podiam parar nela, ficando encadeados, quase cegos!...

E desfez-se a companhia até o dia da peleja da nova batalha. E chamaram – salamanca – à fumaça desse encontro; e o nome ficou pras furnas todas, em lembrança da cidade dos mestres mágicos.

Levantou-se um ventarrão de tormenta e Anhangá-pitã, trazendo num bocó a teiniaguá, montou nele, de salto, e veio correndo sobre a correnteza do Uruguai, por léguas e léguas, até as suas nascentes, entre serranias macotas.

Depois, desceu, sempre com ela; em sete noites de sexta-feira ensinou-lhe a vaqueanagem de todas as furnas recama-das de tesouros escondidos... escondidos pelos

cauilas, perdidos para os medrosos e achadios de valentes... E a mais desses, muitos outros tesouros que a terra esconde e que só os olhos dos zaoris podem vispar...

Então Anhangá-pitã, cansado, pegou num cochilo pesado, esperando o cardume das desgraças novas, que deviam pegar pra sempre...

Só não tomou tenência que a teiniaguá era mulher...

Aqui está tudo o que eu sei, que a minha avó charrua contava à minha mãe, e que ela já ouviu, como cousa velha, contar por outros, que, esses viram!...

E Blau Nunes bateu o chapéu para o alto da cabeça, deu um safanão no cinto, aprumando o facão...; foi parando o gesto e ficou-se olhando, sem mira, para muito longe, para onde a vista não chegava, mas onde o sonho acordado que havia nos seus olhos chegava de sobra e ainda passava... ainda passava, porque o sonho não tem lindeiros nem tapumes...

Falou então o vulto de face branca e tristonha; falou em voz macia. E disse assim:

III

É certo: não tomou tenência que a teiniaguá era mulher... Ouve, paisano.

No costado da cidade onde eu vivia havia uma lagoa, larga e funda, com uma ilha de palmital, no meio. Havia uma lagoa...

A minha cabeça foi banhada na água benta da pia, mas nela entraram soberbos pensamentos maus... O meu peito foi ungido com os santos óleos, mas nele entrou a doçura que tanto amarga, do pecado...

A minha boca provou do sal piedoso... e nela entrou a frescura que requeima, dos beijos da tentadora...

Mas assim era o fado..., tempo e homem virão para me libertar, quebrando o encantamento que me amarra, duzentos anos hão de findar; eu esperei no entanto vivendo na minha tristeza seca, tristeza de arrependido que não chora.

Tudo o que volteia no ar tem seu dia de aquietar-se no chão...

Era eu que cuidava dos altares e ajudava a missa dos santos padres da igreja de S. Tomé, do lado ao poente do grande rio Uruguai. Sabia bem acender os círios, feitos com a cera virgem das abelheiras da serra; e bem balançar o turíbulo, fazendo ondear a fumaça cheirosa do rito; e bem tocar a santos, na quina do altar, dois degraus abaixo, à direita do

padre; e dizia as palavras do missal; e nos dias de festa sabia repicar o sino; e bater as horas, e dobrar a finados... Eu era o sacristão.

Um dia na hora do mormaço, todo o povo estava nas sombras, sesteando; nem voz grossa de homem, nem cantoria das moças, nem choro de crianças: tudo sesteava. O sol faiscava nos pedregulhos lustrosos, e a luz parecia que tremia, peneirada, no ar parado, sem uma viração.

Foi nessa hora que eu saí da igreja, pela portinha da sacristia, levando no corpo a frescura da sombra benta, levando na roupa o cheiro da fumaça piedosa. E saí sem pensar em nada, nem de bem nem de mal; fui andando, como levado...

Todo o povo sesteava, por isso ninguém viu.

A água da lagoa borbulhava toda, numa fervura, ronquejando tal e qual como uma marmita no borralho. Por certo que lá em baixo, dentro da terra, é que estaria o braseiro que levantava aquela fervura que cozinhava os juncos e as traíras e pelava as pernas dos socós e espantava todos os mais bichos barulhentos daquelas águas...

Eu vi, vi o milagre de ferver toda uma lagoa..., ferver, sem fogo que se visse!

A mão direita, pelo costume, andou para fazer o “Pelo-Sinal”... e parou, pesada como chumbo; quis rezar um “Credo”, e a lembrança dele recuou; e voltar, correr e mostrar o Santíssimo... e tanger o sino em dobre... e chamar o padre superior, tudo para esconjurar aquela obra do inferno... e nada fiz... nada fiz, sem força na vontade, nada fiz... nada fiz, sem governo no corpo!...

E fui andando, como levado, para de mais perto ver, e não perder de ver o espantoso...

Porém logo outra força acalmou tudo; apenas a água fumegante continuou retorcendo os lodos remexidos, onde boiava toda uma mortandade dos viventes que morrem sem gritar...

Era no fim de um lançante comprido, estrada batida e limpa, de todos os dias as mulheres irem para a lavagem; e quando eu estava na beira da água, vendo o que estava vendo, então rompeu dela um clarão, maior que o da luz a pino do dia, clarão vermelho, como dum sol morrente, e que luzia desde o fundão da lagoa e varava a água barrenta...

E veio crescendo para a barranca, e saiu e tomou terra, e sem medo e sem ameaça veio andando para mim a sempre es-capada maravilha..., maravilha que os que nunca viram juravam ser – verdade – e que eu, que estava vendo, ainda jurava ser – mentira!

Era a teiniaguá, de cabeça de pedra luzente, por sem dúvida; dela já tinha ouvido ao padre superior a história contada dum encontradiço que quase chegou de teimar em agarrá-la.

Entrecerrei os olhos, coando a vista, cautelando o perigo; mas a teiniaguá veio-se me chegando, deixando no chão duro um rastro d'água que escorria e logo secava, do seu corpinho verde de lagartixa engraçada e buliçosa...

Lembrei-me – como quem olha dentro duma cerração – , lembrei-me do que corria na voz da gente sobre o entangüimento que traspassa o nosso corpo na hora do encantamento: é como o azeite fino num couro ressequido...

Mas não perdi de todo a retentiva: pois que da água saía, é que na água viveria. Ali perto, entre os capins, vi uma guampa e foi o quanto agarrei dela e enchi-a na lagoa, ainda escaldando, e frenteei a teiniaguá que, da vereda que levava, entreparou-se, trememente, firmando nas patinhas da frente, a cabeça cristalina, como curiosa, faiscando...

De olhos apertados, piscando, para me não atordoar dum golpe de cegueira, assentei no chão a guampa e preparando o bote, num repente, entre susto e coragem, segurei a teiniaguá e meti-a para dentro dela!

Neste passo senti o coração como que martelar-me no peito e a cabeça sonando como um sino de catedral...

Corri para o meu quarto, na Casa-Grande dos santos padres. Entrei pelo cemitério, por detrás da igreja, e desatinado, derrubei cruzeiros, pisoteei ramos, calquei sepulturas!...

Todo o povo sesteava; por isso ninguém viu.

Fechei a guampa dentro da canastra e fiquei estatelado, pensando.

Pelo falar do padre superior eu bem sabia que quem prendesse a teiniaguá ficava sendo o homem mais rico do mundo; mais rico que o Papa de Roma, e o imperador Carlos Magno e o rei da Trebizonda e os Cavaleiros da Tábula...

Nos livros que eu lia, estes todos eram os mais ricos que se conhecia.

E eu, agora!...

E não pensei mais dentro da minha cabeça, não; era uma cousa nova e esquisita: eu via, com os olhos, os pensamentos diante deles, como se fossem cousas que se pudesse tentar com as mãos...

E foram se escancarando portas de castelos e palácios, onde eu entrava e saía, subia e descia escadarias largas, chegava às janelas, arredava reposteiros, deitava-me em camas grandes, de pés torneados, esbarrava-me em trastes que nunca tinha visto e servia-me em baixelas estranhas, que eu não sabia para o que prestavam...

E foram-se estendendo e alargando campos sem fim, perdendo o verde no azul das distâncias, e ainda lindando com outras estâncias que também eram minhas e todas cheias de gadaria, rebanhos e manadas...

E logo cancheava erva nos meus ervais, cerrados e altos como mato virgem...

E atulhava de planta colhida – milho, feijão, mandioca – os meus paióis.

E detrás das minhas camas, em todos os quartos dos meus palácios amontoava surrões de ouro em pó e pilhotes de barras de prata; dependuradas na galhação de cem cabeças de cervos tinha bolsas de couro e de veludo, atochadas de diamantes, brancos como gotas d'água filtrada em pedra, que os meus escravos – saídos mil, chegados dez – , tinham ido catar nas profundas do sertão, muito para lá duma cachoeira grande, em meia-lua, chamada de Iguaçu, muito pra lá doutra cachoeira grande, de sete saltos, chamada de Iguaíra...

Tudo isto eu media e pesava e contava, até cair de cansaço; e mal que respirava um descanso, de novamente, de nova-mente pegava a contar, a pesar, a medir...

Tudo isto eu podia ter – e tinha de meu, tinha! – , porque era o dono da teiniaguá, que estava presa dentro da guampa, fechada na canastra forrada de couro cru, tauxiada de cobre, dobradiças de bronze!...

Aqui ouvi o sino da torre badalando para a oração da meia-tarde...

Pela primeira vez não fui eu que toquei; seria um dos padres, na minha falta.

Todo o povo sesteava, por isso ninguém viu.

Voltei a mim. Lembrei-me de que o animalzinho precisava alimento,

Tranquei portas e janelas e sai para buscar um porongo de mel de lixiguana, por ser o mais fino.

E fui; melei; e voltei.

Abri sutil a porta e tornei a fechá-la ficando no escuro.

E quando descerrei a janela e andei para a canastra a tirar a guampa e libertar a teiniaguá para comer o mel, quando ia fazer isso, os pés se me enraizaram, os sentidos do rosto se arriscaram e o coração mermou no compassar o sangue!...

Bonita, linda, bela, na minha frente estava uma moça!...

Que disse:

IV

– Eu sou a princesa moura encantada, trazida de outras terras por sobre um mar que os meus nunca sulcaram... Vim, e Anhangá-pitã transformou-me em teiniaguá de cabeça luminosa, que outros chamam o – carbúnculo – e temem e desejam, porque eu sou a rosa dos tesouros escondidos dentro da casca do mundo...

Muitos têm me procurado com o peito somente cheio de torpeza, e eu lhes hei escapado das mãos ambicioneiras e dos olhos cobiçosos, relampejando desdenhosa o lume vermelho da minha cabeça transparente...

Tu, não; tu não me procuraste ganoso... e eu subi ao teu encontro; e me bem trataste pondo água na guampa e trazendo mel fino para o meu sustento.

Se quiseses, tu, todas as riquezas que eu sei, entrarei de novo na guampa e irás andando e me levarás onde eu te encaminhar, e serás senhor do muito, do mais, do tudo!...

A teiniaguá que sabe dos tesouros sou eu, mas sou também princesa moura...

Sou jovem... sou formosa..., o meu corpo é rijo e não tocado!...

E estava escrito que tu serias o meu par.

Serás o meu par... se a cruz do teu rosário me não es-conjurar... Senão, serás ligado ao meu flanco, para, quando quebrado o encantamento, do sangue de nós ambos nascer uma nova gente, guapa e sábia, que nunca mais será vencida, porque terá todas as riquezas que eu sei e as que tu lhe carrearás por via dessas!...

Se a cruz do teu rosário não me esconjurar...

Sobre a cabeça da moura amarelejara nesse instante o crescente dos infiéis...

E foi se adelgçando

no silêncio a cadência embalante da fala induzidora...

A cruz do meu rosário...

Fui passando as contas, apressado e atrevido, começando na primeira... e quando tentei a última... e que entre as duas os meus dedos, formigando, deram com a Cruz do Salvador... fui levantando o Crucificado... bem em frente da bruxa, em salvatério... na altura do seu coração... na altura da sua garganta... da sua boca... na altura dos...

E aí parou, porque os olhos de amor, tão soberanos e cativos, em mil vidas de homem outros se não viram!...

Parou... e a minha alma de cristão foi saindo de mim, como o sumo se aparta do bagaço, como o aroma sai da flor que vai apodrecendo...

Cada noite era meu ninho o regaço da moura; mas, quando batia a alva, ela desaparecia ante a minha face cavada de olheiras...

E crivado de pecados mortais, no adjutório da missa trocava os amém, e todo me estortegava e doía quando o padre lançava a bênção sobre a gente ajoelhada, que rezava para alívio dos seus pobres pecados, que nem pecados eram, comparados com os meus...

Uma noite ela quis misturar o mel do seu sustento com o vinho do santo sacrifício; e eu fui, busquei no altar o copo de ouro consagrado, todo laborado de palmas e resplendores; e trouxe-o, transbordante, transbordando...

De boca para boca, por lábios incendiados o passamos... E embebedados cáimos abraçados.

Sol nado, despertei: estava cercado pelos santos padres.

Eu descomposto; no chão o copo, entornado; sobre o oratório, desdobrada, uma charpa de seda, lavrada de bordaduras exóticas, onde sobressaía uma meia-lua prendendo entre as aspas uma estrela... E acharam na canastra a guampa e no porongo o mel... e até no ar farejaram cheiro mulherengo... Nem tanto era preciso para ser logo jungido em manilhas de ferro.

Afrontei o arrocho da tortura, entre ossos e carnes amachucadas e unhas e cabelos repuxados. Dentro das paredes do segredo não havia fritos nem palavras grossas; os padres remordiam a minha alma, prometendo o inferno eterno e espremiavam o meu arquejo, decifrando uma confissão...; mas a minha boca não falou..., não falou por senha firme da vontade, que não me palpitava confessar quem era ela e que era linda...

E raivado entre dois amargos desesperos não atinava sair deles: se das riquezas, que eu queria só pra mim, se do seu amor, que eu não queria que fosse senão meu, inteiro e todo!

Mas por senha da vontade a boca não falou.

Fui sentenciado a morrer pela morte do garrote, que é infame; condenado fui por ter dado passo errado com bicho imundo, que era bicho e mulher moura, falsa, sedutora e feiticeira.

No adro e no largo da igreja, o povo ajoelhado batia nos peitos, clamando a morte do meu corpo e a misericórdia para a minha alma.

O sino começou dobrando a finados. Trouxeram-me em braços, entre alabardas e lanças, e um cortejo moveu-se, compassando a gente d'armas, os santos padres, o carrasco e o povaréu.

Dobrando a finados... dobrando a finados...

Era por mim.

V

E quando, sem mais esperança nos homens nem no socorro do céu, chorei uma lágrima de adeus à teiniaguá encantada, dentro do meu sofrer floreteou uma réstia de saudade do seu cativo e soberano, como em rocha dura serpenteia às vezes um fio de ouro alastrado e firme, como uma raiz que não quer morrer!...

E aquela saudade parece que saiu para fora do meu peito. subiu aos olhos feita em lágrima e ponteou para algum rumo, ao encontro doutra saudade rastreada sem engano... ; parece, porque nesse momento um ventarrão estourou sobre as águas da lagoa e a terra tremeu, sacudida, tanto, de as árvores desprenderem os seus frutos, de os animais estaquearem-se, medrosos, e de os homens caírem de co'cras, agüentando as armas, outros, de bruços tateando o chão...

E nas correntezas sem corpo, da ventania, redemoinhavam em chusma vozes guaranis, esbravejando se soltasse o padecente.

Para trás do cortejo, desfiando o som entre as poeiras grossas e folhas secas levantadas, continuava o sino dobrando a finados... dobrando a finados!...

Os santos padres, pasmados mas sisudos, rezavam encomendando a minha alma; em roda, boquejando, chinas, piás, índios velhos, soldados de couraça e lança, e o alcaide, vestido de samarra amarela com dois leões vermelhos e a coroa d'el-rei brilhando em canutilho de ouro...

A lágrima do adeus ficou suspensa, como uma cortina que embacia o claro ver: e o palmital da lagoa, o boleado das coxilhas, o recorte da serra, tudo isto, que era grande e sozinho cada um enchia e sobrava para os olhos limpos dum homem, tudo isso eu enxergava junto, empastalhado e pouco, espelhando-se na lágrima suspensa, que se encrepava e adelgaçava, fazendo franjas entre as pestanas balançantes dos meus olhos de condenado sem perdão...

A menos de braça, estava o carrasco atento no garrote!

Mas os olhos do meu pensamento, altanados e livres, esses, esses viam o corpo bonito, lindo, belo, da princesa moura, e recreavam-se na luz cegante da cabeça encantada da

teiniaguá, onde reinavam os olhos dela, olhos de amor, tão soberanos e cativos como em mil vidas de homem outros se não viram!...

E por certo por essa força que nos ligava sem ser vista, como naquele dia em que o povo sesteava e também nada viu... por força dessa força, quanto mais os padres e alguazis ordenavam que eu morresse, mais pelo meu livramento forcejava o irado peito da encantada, não sei se de amor perdida pelo homem, se de orgulho perverso do perjuro, se da esperança de um dia ser humana...

O fogo dos borralhos foi-se alteando em labaredas e saindo pela quinha dos ranchos, sem queimá-los... ; as crianças de peito soltaram palavras feitas, como gente grande...; e bandadas de urubus apareceram e começaram a contradançar tão baixo, que se lhes ouvia o esfregar das penas contra o vento..., a contradançar, afiados para uma carniça que ainda não havia porém que havia de haver.

Mas os santos padres alinharam-se na sombra do Santíssimo e borrifaram de água benta o povo amedrontado; e seguiram, como num propósito, encomendando a minha alma; o alcaide levantou o pendão real e o carrasco varejou-me sobre o garrote, infâmia de minha morte, por ter tido amores com uma mulher moura, falsa, sedutora e feiticeira...

Rolou, então, sobre o vento e nele foi a lágrima do adeus, que a saudade destilara.

Deu logo a lagoa um ronco bruto, nunca ouvido, tão dilatado e monstruoso... e rasgou-se cerce em um sangão medonho, entre largo e fundo... e lá no abismo, na caixa por onde ia já correndo, em borbotão, a água lamenta sujando as barrancas novas, lá, eu vi e todos viram a teiniaguá de cabeça de pedra transparente, fogachando luminosa como nunca, a teiniaguá correr, estrombando os barrocais, até rasgar, romper, arruir a boca do sangão na alta barranca do Uruguai, onde a correnteza em marcha despencou-se, espadanando em espumarada escura, como caudal de chuvas tormentosas!...

A gente levantou pro céu um vozear de lástimas e choros e gemidos.

– Que a Missão de S. Tomé ia perecer... e desabar a igreja... a terra expulsar os mortos do cemitério... que as crianças inocentes iam perder a graça do batismo... e as mães secar o leite... e as roças o plantio, os homens a coragem...

Depois um grande silêncio balançou-se no ar, como esperando...

Mas um milagre se fez: o Santíssimo, de si próprio, perpassou a altura das cousas, e lá em cima, cortou no ar turvado a Cruz Bendita!... O padre superior tremeu como em terçã e tartamudo e trôpego marchou para o povoado; os acólitos seguiram, e o alcaide, os soldados,

o carrasco e a indiada toda desandou, como em procissão, emparvados, num assombro, e sem ter mais do que tremer, porque ventos, fogo, urubus e estrondos se humilharam, fenecendo, dominados!...

Fiquei sozinho, abandonado, e no mesmo lugar e mesmos ferros posto.

Fiquei sozinho, ouvindo com os ouvidos da minha cabeça as ladainhas que iam mingando, em retirada... mas também ouvindo com os ouvidos do pensamento o chamado carinhoso da teiniaguá; os olhos do meu rosto viam a consolação da graça de Maria Puríssima que se alonjava... mas os olhos do pensamento viam a tentação do riso mimoso da teiniaguá; o nariz do meu rosto tomava o faro do incenso que fugia, ardendo e perfumando as santidades... mas o faro do pensamento sorvia a essência das flores do mel fino de que a teiniaguá tanto gostava; a língua da minha boca estava seca, de agonia, dura de terror, amarga de doença... mas a língua do pensamento saboreava os beijos da teiniaguá, doces e macios, frescos e sumarentos como polpa de guabiju colhido ao nascer do sol; o tato das minhas mãos tocava manilhas de ferro, que me prendiam por braços e pernas... mas o tato do pensamento roçava sôfrego pelo corpo da encantada, torneado e rijo, que se encolhia em ânsias, arrepiado como um lombo de jaguar no cio, que se estendia planchado como um corpo de cascavel em fúria...

E tanto como o povo ia entrando na cidade, ia eu chegando à barranca do Uruguai; tanto como as gentes, lá, iam acabando as orações para alcançar a demência divina, ia eu começando o meu fadário, todo dado à teiniaguá, que me enfeitiçou de amor, pelo seu amor de princesa moura, pelo seu amor de mulher, que vale mais que destino de homem !...

Sem peso de dores nos ossos e nas carnes, sem peso de ferros no corpo, sem peso de remorsos na alma passei o rio para o lado do Nascente. A teiniaguá fechou os tesouros da outra banda e juntos fizemos então caminho para o Cerro do Jarau, que ficou sendo o paiol das riquezas de todas as salamancas dos outros lugares.

Para memória do dia tão espantoso lá ficou o sangão rasgado na baixada da cidade de Santoomé, desde o tempo antigo das Missões.

VI

Faz duzentos anos que aqui estou; aprendi sabedorias árabes e tenho tornado contentes alguns raros homens que bem sabem que a alma é um peso entre o mandar e o ser mandado...

Nunca mais dormi; nunca mais nem fome, nem sede, nem dor, nem riso...

Passeio no palácio maravilhoso, dentro deste Cerro do Jarau, ando sem parar e sem cansaço; piso com pés vagarosos, piso torrões de ouro em pó, que se desfazem como terra fofa; o areão dos jardins, que calco, enjoado, é todo feito de pedras verdes e amarelas e escarlates, azuis, rosadas, violetas... e quando a encantada passa, todas incendeiam-se num íris de cores rebrilhantes, como se cada uma fosse uma brasa viva faiscando sem a mais leve cinza...; há poços largos que estão atulhados de doblões e de onças e peças de jóias e armaduras, tudo ouro maciço do Peru e do México e das Minas Gerais, tudo cunhado com os troféus dos senhores reis de Portugal e de Gastela e Aragão...

E eu olho para tudo, enfiado de ter tanto e de não poder gozar nada entre os homens, como quando era como eles e como eles gemia necessidades e cuspiam invejas, tendo horas de bom coração por dias de maldade e sempre aborrecimento do que possuía, ambicionando o que não possuía...

O encantamento que me aprisiona consente que eu acompanhe os homens de alma forte e coração sereno que quiserem contratar a sorte nesta salamanca que eu tornei famosa, do Jarau.

Muitos têm vindo... e têm saído piorados, para lá longe irem morrer do medo aqui pegado, ou andarem pelos povoados assustando as gentes, loucos, ou pelos campos fazendo vida com os bichos brutos...

Poucos toparam a parada... ah!... mas esses que toparam, tiveram o que pediram, que a rosa dos tesouros, a moura encantada não desmente o que eu prometo, nem retoma o que dá!

E todos os que chegam deixam um resgate de si próprios para o nosso livramento um dia...

Mas todos os que vieram são altaneiros e vieram arrastados pela ânsia da cobiça ou dos vícios, ou dos ódios: tu foste o único que veio sem pensar e o único que me saudou como filho de Deus...

Foste o primeiro, até agora; quando terceira saudação de cristão bafejar estas alturas, o encantamento cessará, porque eu estou arrependido... e como Pedro Apóstolo que três vezes negou Cristo foi perdoado, eu estou arrependido e serei perdoado.

Está escrito que a salvação há de vir assim; e por bem de mim, quando cessar o meu cessará também o encantamento da teiniaguá: e quando isso se der, a salamanca desaparecerá. e todas as riquezas, todas as pedras finas, todas as peças cunhadas, todos os sortilégios, todos

os filtros para amar por força... para matar... para vencer... tudo, tudo, tudo se virará em fumaça que há de sair pelo cabeça roto do cerro, espalhada na rosa-dos-ventos pela rosa dos tesouros...

Tu me saudaste o primeiro, tu! – saudaste-me como cristão.

Pois bem: alma forte e coração sereno!... Quem isso tem, entra na salamanca, toca o condão mágico e escolhe do quanto quer...

Alma forte e coração sereno! A fuma escura está lá: entra! Entra! Lá dentro sopra um vento quente que apaga qualquer torcida de candeia... e tramado nele corre outro vento frio, frio... que corta como serrilha de geada.

Não há ninguém lá dentro... mas bem que se escuta voz de gente, vozes que falam.... falam, mas não se entende o que dizem, porque são línguas atoradas que falam, são os escravos da princesa moura, os espíritos da teiniaguá... Não há ninguém... não se vê ninguém: mas há mãos que batem, como convidando, no ombro do que entra firme, e que empurram, como ainda ameaçando, o que recua com medo...

Alma forte e coração sereno! Se entrases assim, se te portares lá dentro assim, podes então querer e serás servido!

Mas, governa o pensamento e segura a língua: o pensamento dos homens é que os levanta acima do mundo, e a sua língua é que os amesquinha...

Alma forte, coração sereno!... Vai!

Blau, o guasca, apeou-se maneou o flete e por de seguro ainda pelo cabresto prendeu-o a um galho de cambuí que verga sem quebrar-se; rodou as esporas para o peito do pé; aprumou de bom jeito o facão; santiguou-se, e seguiu...

Calado fez; calado entrou.

O sacristão levantou-se e o seu corpo desfez-se em sombra na sombra da reboleira.

O silêncio que então se desdobrou era como o vôo parado das corujas: metia medo...

VII

Blau Nunes foi andando.

Entrou na boca da toca apenas aí clareada e isso pouco, por causa da enredia da ramaria que se cruzava nela; pra o fundo era tudo escuro...

Andou mais, num corredor dumas braças; mais ainda; sete corredores nasciam deste.

Blau Nunes foi andando.

Enveredou por um deles; fez voltas e contravoltas, subiu, desceu. Sempre escuro. Sempre silêncio.

Mãos de gente, sem gente que ele visse, batiam-lhe no ombro.

Numa cruzada de carreiros sentiu ruído de ferros que se chocavam, tinir de muitas espadas, seu conhecido.

Por então o escuro ia já num luzir de vaga-lume.

Grupos de sombras com feitio de homens peleavam de morte; nem pragas nem fuzilar d'olhos raivosos, porém furiosos eram os golpes que elas iam talhando umas nas outras, no silêncio.

Blau teve um relance de parada, mas atentou logo no dizer do vulto de face branca e tristonha – Alma forte, coração sereno...

E meteu o peito entre o espinheiro das espadas, sentiu o corte delas, o fino das pontas, o redondo dos copos... mas passou, sem nem olhar aos lados, num entono, escutando porém os choros e gemidos dos peledores.

Mãos mais leves bateram-lhe no ombro, como carinhosas e satisfeitas.

Outro mais ruído nenhum ouvia ele no ar quieto da furna que o rangido dos cabrestilhos das suas esporas.

Blau Nunes foi andando.

Andando numa luz macia, que não dava sombra. Enredada como os caminhos dum capim era a furna, dando corredores sem conta, a todos os rumos; e ao desembocar do em que vinha, justo num cotovelo dele, saltaram-lhe aos quatro lados jaguares e pumas, de goela aberta e bafo quente, patas levantadas mostrando as unhas, a cola mosqueando, numa fúria...

E ele meteu o peito e passou, sentindo a cerda dura das feras roçarem-lhe o corpo; passou sem pressa nem vagar, escutando os urros que pra trás iam ficando e morrendo sem eco...

As mãos, de braços que ele não via, em corpos que não sentia, mas que, certo, o ladeavam, as mãos iam-lhe sempre afagando os ombros, sem bem o empurrar, mas atirando-o para adiante..., adiante...

A luz ia na mesma, cor da de vaga-lume, esverdeada e amarela...

Blau Nunes foi andando.

Agora era um lançante e ao fim dele parou num redondel topetado de ossamentas de criaturas. Esqueletos, de pé encostados uns nos outros, muitos, derreados, como numa

preguiça; pelo chão caídas, partes deles, despencadas; caveiras soltas, dentes branqueando, tampos de cabeças, buracos de olhos, pernas e pés em passo de dança, alcatras e costelas meneando-se num vagar compassado, outras em saracoteio...

Aí o seu braço direito quase moveu-se acima, como para fazer o sinal da cruz ;... porém – alma forte, coração sereno! – meteu o peito e passou entre as ossadas, sentindo o bafio que elas soltavam das suas juntas bolorentas.

As mãos, aquelas, sempre brandas, afagavam-lhe outra vez os ombros...

Blau Nunes foi andando.

O chão ia alteando-se, numa trepada forte que ele venceu sem aumentar a respiração; e num desvão, a modo dum forno, teve de passar por uma como porta dele, e aí dentro era um jogo de línguas de fogo, vermelho e forte, como atizado com lenha de nhanduvai; e repuxos d'água, saídos das paredes, batiam nele e referviam, chiando, fazendo vapor; um ventarão rondava ali dentro, enovelando águas e fogos, que era uma temeridade cortar aquele turbilhão...

Outra vez ele meteu o peito e passou, sentindo o mormaço das labaredas.

As mãos do ar mais o palmeavam nos ombros, como querendo dizer – muito bem! –

Blau Nunes foi andando.

Já tinha perdido a conta do tempo e do rumo que trazia; sentia no silêncio como que um peso de arrobas; a claridade mortiça porém, já se lhe assentara nos olhos e tanto, que viu adiante, em sua frente e caminho, um corpo enroscado, sarapintado e grosso, batendo no chão uns chocalhos, grandes como ovos de téu-téu.

Era a boicininga, guarda desta passagem, que levantava a cabeça flechosa, lanceando o ar com a língua de cabelos, preta, firmando no vivente a escama dos olhos, luzindo, preto, como botões de veludo...

Das duas presas recurvas, grandes como as aspas dum tourito de sobreano, pingava uma goma escura, que era a peçonha sobrança por um muito jejum de mortandade, lá fora...

A boicininga – a cascavel amaldiçoada – toda se meneava, chocalhando os guizos, como por aviso, fueirando o ar com a língua, como por prova...

Uma serenada de suor minou na testa do paisano... porém ele meteu o peito e passou, vendo, sem olhar, a boicininga altear-se e descair, chata e tremente.., e passou, ouvindo o chocalho da que não perdoa, o sibilo da que não esquece...

E logo então, que era este o quinto passo de valentia que vencera sem temer – de alma forte e coração sereno – logo então as mãos voantes anediaram-lhe o cabelo, palmearam-lhe mais chegadas os ombros.

Blau Nunes foi andando.

Desembocou num campestre, de gramado fofo, que tinha um cheiro doce que ele não conhecia; em toda a volta árvores em floradas e estadeando frutos; passarinhada de penas vivas e cantoria alegre: veadinhos mansos; capororocas e outro muito bicharedo, que recreava os olhos; e listando a meio o campestre, brotado duma roca coberta de samambaias, um olho-d'água, que saía em toalha e logo corria em riachinho, pipocando o quanto-quanto sobre areão solto, palhetado de malacachetas brancas, como uma farinha de prata...

E logo uma ronda de moças – cada qual que mais cativa – uma ronda alegre saiu dentre o arvoredado, a cercá-lo, a seduzi-lo, a ele Blau, gaúcho pobre, que só mulheres de anáguas resvalonas conhecia...

Vestiam-se umas em frouxo trançado de flores, outras de fios de contas, outras na própria cabeleira solta... ; estas chegavam-lhe à boca caramujos estrambóticos, cheios de bebida recendente e fumegando entre vidros frios, como de geada; dançavam outras num requebro marcado como por música... outras lá acenavam-lhe para a lindeza dos seus corpos; atirando no chão esteiras macias, num convite aberto e ardiloso..

Porém ele meteu os peitos e passou, com as fontes golpeando, por motivo do ar malicioso que o seu bofe respirava...

Blau Nunes foi andando.

Entrou no arvoredado e foi logo rodeado por uma tropa de anões, cambaios e cabeçudos, cada qual melhor para galhofa, e todos em piruetas e medidas, fandanguinhos e volantins, pulando como aranhões, armando lutas, fazendo caretas impossíveis para rostos de gente...

Porém o paisano meteu o peito neles e passou, sem nem sequer um ar de riso no canto dos olhos...

E com este, que era o último, contou os sete passos das provas.

E logo então, aqui, surdiu-lhe em frente o vulto de face tristonha e branca, que, certo, lhe andara nas pisadas, de companheiro – sem corpo – e sem nunca lhe valer nos apuros do caminho; e tomou-lhe a mão.

E Blau Nunes foi seguindo.

Por detrás de um cortinado como de escamas de peixe-dourado, havia um socavão reluzente. E sentada numa banquetta transparente, fogueando cores como as do arco-íris, estava uma velha, muito velha, carquincha e curvada, e como tremendo de caduca.

E segurava nas mãos uma varinha branca, que ela revirava e tangia, e atava em nós que se desfaziam, laçadas que se deslaçavam e torcidas que se destorciam, ficando sempre linheira.

– Cunhã, disse o vulto, o paisano quer!

– Tu, vieste; tu, chegaste; pede, tu, pois! respondeu a velha.

E moveu e ergueu o corpo magro, dando estalos nas juntas e levantou a varinha para o ar: logo o condão coriscou por sobre ela uma chuva de raios, mais que como num temporal desfeito das nuvens carregadas cairia. E disse:

– Por sete provas que passaste, sete escolhas dar-te-ei... Paisano, escolhe! Para ganhar a parada em qualquer jogo... de naipes, que as mãos ajeitam, de dados, que a sorte revira, de cavalos, que se cotejam, do osso, que se sopesa, da rifa... queres?

– Não! – disse Blau, e todo o seu parecer foi se mudando num semblante como de sonâmbulo, que vê o que os outros não vêem... como os gatos, que acompanham com os olhos cousas que passam no ar e ninguém vê...

– Para tocar a viola e cantar... amarrando nas cordas dela o coração das mulheres que te escutarem..., e que hão de sonhar contigo, e ao teu chamado irão – obedientes, como aves varadas pelo olhar das cobras – , deitar-se entregues ao dispor dos teus beijos, ao apertar dos teus braços, ao resfolegar dos teus desejos... queres?

– Não! – respondeu a boca, por mandado só do ouvido...

– Para conhecer as ervas, as raízes, os sucos das plantas e assim poderes curar os males dos que tu estimares ou desfazer a saúde dos que aborreceres;... e saber simpatias fortes para dar sonhos ou loucura, para tirar a fome, relaxar o sangue, e gretar a pele e espumar os ossos,... ou para ligar apartados, achar cousas perdidas, descobrir invejas... ; queres?

– Não!

– Para não errar golpe – de tiro, lança ou faca – em teu inimigo, mesmo no escuro ou na distância, parado ou correndo, destro ou prevenido, mais forte que tu ou astucioso... ; queres?

– Não!

– Para seres mandão no teu distrito e que todos te obedçam sem resmungos;... seres língua com os estrangeiros e que todos te entendam;...: queres?

– Não!

– Para seres ricaço de campo e gado e manadas de todo o pêlo;... queres?

– Não

– Para fazeres pinturas em tela, versos harmoniosos, novelas de sofrimentos, autos de chocarrice, músicas de consolar, labores no ouro, figuras no mármore,... queres?

– Não!

– Pois que em sete poderes te não fargas, nada te darei, porque do que foi prometido nada quiseste. Vai-te.

Blau nem se moveu; e, carpindo dentro em si a própria rudeza, pensou no que queria dizer e não podia e que era assim:

– Teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque tu és tudo!... És tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta de mim, superior a mim. Eu te queria a ti, teiniaguá encantada!...

Mas uma escuridão fechada, como nem noite a mais escura dá parelha, caiu sobre o silêncio que se fez, e uma fôrça torceu o paisano.

Blau Nunes arrastou um passo e outro e terceiro; e desandou caminho; e quando ele andara em voltas e contravoltas, em subidas e descidas, tanto em direita foi bater na boca da fuma por onde havia entrado, sem engano.

E viu atado e quieto o seu cavalo; em roda as mesmas restingas, ao longe os mesmos descampados mosqueados das pontas de gado, a um lado o encordado das coxilhas, a outro, numa aberta entre matos um claro prateado, que era água do arroio.

Memorou o que tinha acabado de ver e de ouvir e de responder; dormindo, não tinha, nem susto lhe tirara o entendimento.

E pensou que tendo tido oferta de muito não lograra nada por querer tudo... e num arranco de raiva cega decidiu outra investida.

Voltou-se para entrar de novo... mas bateu coo peito na parede dura do cerro. Terra maciça, mato cerrado, capins, limos... e nenhuma fresta, nem brecha nem buraco, nem fuma,

caverna, toca, por onde escorresse um corpinho de guri, quando mais passasse porte de homem!...

Desanimado e penaroso, compôs o cavalo e montou; e ao dar de rédea apareceu-lhe pelo lado de laçar o sacristão, o vulto de face branca e tristonha, que tristemente estendeu-lhe a mão, dizendo:

– Nada quiseste; tiveste a alma forte e o coração sereno, tiveste, mas não soubeste governar o pensamento nem segurar a língua!... Não te direi se bem fizeste ou mal. Mas como és pobre e isso te aflige, aceita este meu presente, que te dou. É uma onça de ouro que está furada pelo condão mágico; ela te dará tantas outras quantas quiseses, mas sempre de uma em uma e nunca mais que uma por vez; guarda-a em lembrança de mim!

E o corpo do sacristão encantado desfez-se em sombra na sombra da reboleira...

Blau Nunes, meteu na guaiaca a onça furada, e deu de rédea.

O sol tinha cambado e o Cerro do Jarau já fazia sombra comprida sobre os bamburrais e restingas que lhe formavam assento.

VIII

Na troteada para o posto em que morava, um ranchote de beira no chão tendo por porta um couro – , Blau rumeou para uma venda grande que sortia aquele vizindário, mesmo a troco de courama, cerda ou algum tambeiro; e como vinha de garganta seca e a cabeça atordoada mandou botar uma bebida.

Bebeu; e puxou da guaiaca a onça e pagou; era tão mínima a despesa e o câmbio que veio, tanto, que pasmou, olhando para de, de tão desacostumado que andava de ver dinheiro tanto, que chamasse seu...

E de dedos engatanhados socou-o todo para dentro da guaiaca, sentindo-lhe o peso e o somido afogado.

Calado, montou de novo, retirando-se.

No caminho foi pensando nas todas as cousas que carecia e que iria comprar. Entre aperos e armas e roupas, um lenço grande e umas botas, outro cavalo, umas esporas e emblecos que pretendia, andava tudo por uma mão-cheia de cruzados e a si próprio perguntava se aquela onça encantada, dada para indez, teria mesmo o condão de entropilhar

outras muitas, tantas como as que precisava, e mais ainda, outras e outras que o seu desejo fosse despencando?!...

Chegou ao posto, e como homem avisado, não falou do que fizera durante o dia, apenas do boi barroso, que campeou e não achou; e no seguinte, logo cedo saiu a começar a prova do prometido.

Naquele mesmo negociante ajustou umas roupas tafulonas; e mais uma adaga de cabo e bainha com anéis de prata; e mais as esporas e um rebenque de argolão.

Toda a compra passava de três onças.

E Blau, as fontes latejando, a boca cerrada, num aperto que lhe fazia doer o carrinho, piscando os olhos, a respiração atropelada, todo ele numa desconfiança, Blau, por debaixo do seu balandrau remendado começou a gargantear a guaiaca... e caiu-lhe na mão uma onça... e outra... e outra!... As quatro, que por agora eram tão de jeito!...

Mas não caíram duas e duas ou três e uma, ou as quatro, juntas, porém sim de uma a uma, as quatro, de cada vez só uma...

Voltou ao rancho com a maleta atochada, mas, como homem avisado, não falou do acontecido,

No outro dia seguiu a outro rumo, para outro negociante mais forte e de prateleiras mais variadas. Já levava alinhavado o sortimento que ia fazer, e muito em ordem foi encomendando o aparte das cousas, tendo cuidado em não querer nada de cortar, só peças inteiras, que era para, no caso de falhar a onça, recuar da compra, fazendo um feio, é verdade, mas não 'sendo obrigado a pagar estrago algum. Notou a conta, que andava por quinze onças, uns cruzados pra menos.

E outra vez, por debaixo do seu balandrau remendado, começou a gargantear a guaiaca, e logo lhe foi caindo na mão uma onça... e segunda... outra... e quarta, mais outra, e sexta... e assim de uma em uma, as quinze necessárias!

O negociante ia recebendo e alinhando sobre o balcão as moedas conforme vinham elas minando da mão do pagador, e quando estavam todas disse, entre risonho e desconfiado:

– Cuê-pucha!... cada onça das suas parece que é um pinhão, que é preciso descascar à unha !...

No terceiro dia passou na estrada uma cavalhada; Blau fez parar a tropa e ajustou uma quadrilha, apartada por ele, à sua vontade, e como facilitou o preço, fechou-se o trato.

Ele e o capataz, sós no meio da cavalhada, iam fazendo mover-se os animais; no apinhado de todas, Blau marcava a cabeça que mais lhe agradava pelo focinho, pelos olhos,

pelas orelhas; com um sovêu fino, de armada pequena, reboleava por dentro e ia, certo, laçar o bagual escolhido; se ainda, sem ovas e bons cascos, aprazia-lhe, tirava-o então, como seu, para o potreiro do piquete.

Olho de campeiro, não errou vez alguma a escolha, e trinta cavalos, a flor, foram apartados, custando quarenta e cinco onças.

E enquanto a tropa verdejava e bebia, os tratistas foram para a sombra duma figueira que havia na beira da estrada.

Blau por debaixo do seu balandrau remendado, ainda desconfiando, começou a gargantear a guaiaca... e foi logo aparando, onça por onça, uma, três, seis, dez, dezoito, vinte e cinco, quarenta, quarenta e cinco!...

O vendedor, estranhando aquela novidade e demora, não se conteve e disse:

– Amigo! As suas onças parecem talas de jerivá, que só cai uma de cada vez!...

Depois desses três dias de prova Blau acreditou na onça encantada.

Arrendou um campo e comprou o gado, pra mais de dez mil cabeças, aquerenciado.

O negócio era muito acima de três mil onças, a pagar no recebimento.

Aí o coitado perdeu quase o dia inteiro a gargantear a guaiaca e a aparar onça por onça, uma atrás da outra, sempre uma a uma!...

Cansou-lhe o braço; cansou-lhe o corpo; não falhava golpe, mas tinha de ser como martelada, que não se dá duas ao mesmo tempo...

O vendedor, à espera que Blau completasse a soma, saiu, mateou, sesteou; e quando, sobre a tarde, voltou à ramada, lá estava ele ainda aparando onça trás onça!...

Ao escurecer estava completo o ajuste.

Começou a correr a fama da sua fortuna. E todos espantavam-se, por ele, gaúcho despilchado de ontem, pobre, que só tinha de seu as chilcas, afrontar os abonados, assim do pé para a mão... E também era falado o seu esquisito modo de pagar – que pagava sempre, valha a verdade – só de onça por onça, uma depois de outra e nunca, nunca ao menos duas, acolheradas!...

Aparecia gente a propor-lhe negócio, ainda de pouco preço, só para ver como aquilo era; e para todos era o mesmo mistério.

Mistério para o próprio Blau... muito rico... muito rico... mas de onça em onça, como tala de jerivá, que só cai uma de cada vez... como pinhão da serra, que só se descasca de um a um!...

Mistério para Blau, muito rico... muito rico... Mas todo o dinheiro que ele recebia, que entrava das vendas feitas, todo o dinheiro que lhe pagavam a ele, todo desaparecia, guardado na arca de ferro, desaparecia como desfeito em ar...

Muito rico... muito rico das onças que precisasse, e nunca faltaram para gastar no que lhe parecesse: bastava-lhe gargantear a guaiaca, e elas começavam a pingar;... mas nenhuma das que recebia lhe ficava, todas evaporavam-se como água em tijolo quente...

IX

Então começou a correr um boquejo de ouvido para ouvido... e era que ele tinha parte com o diabo, e que o dinheiro dele era maldito porque todos com quem tratava e recebiam das suas onças, todos entravam, ao depois, a fazer maus negócios e todos perdiam em prejuízos exatamente a quantia igual à de suas mãos recebida.

Ele comprava e pagava a vista, é certo; o vendedor contava e recebia, é certo... mas o negócio empreendido com esse valor era de prejuízo garantido.

Ele vendia e recebia, é certo; mas o valor recebido que ele guardava e rondava, sumia-se como um vento, e não era roubado nem perdido; era sumido, por si mesmo...

O boquejar foi alastrando, e já diziam que aquilo, por certo, era mandinga arrumada na salamanca do Jarau, onde ele foi visto mais de uma feita..., e que lá é que se jogava a alma contra a sorte...

E os mais viverachos já faziam suas madrugadas sobre o Jarau; outros, mais sorros, pra lá tocavam-se ao escurecer, outros, atrevidos, iam à meia-noite, outros ainda ao primeiro cantar dos galos...

E como nesse carreiro de precatados cada um fazia por ir de mais escondido, sucedeu que como sombras se pechavam entre as sombras das reboleiras, sem atinar coa salamanca, ou sem topete para, na escuridão, quebrar aquele silêncio, chamando o santão, num grito alto...

No entanto Blau começou a ser tratado de longe, como um chimarrão rabioso...

Já não tinha com quem pautear; churrasqueava solito, e solito mateava, rodeado dos cachorros, que uivavam, às vezes um, às vezes todos...

A peonada foi saindo e conchavando-se noutras partes; os negociantes nada compravam-lhe e negaceavam para vender-lhe; os andantes cortavam campo para não pararem nos seus galpões...

Blau deu em cismar, e cisma foi que resolveu acabar com aquele cerco de isolamento, que o ralava e esmorecia...

Montou a cavalo e foi ao cerro. Na trepada sentiu aos dois lados barulho nos bamburrais e nas restingas, mas pensou que seria alguma ponta de gado xucro que disparava, e não fez caso; foi trepando. Mas não era, não, gado xucro espantado, nem guaraxaim corrido, nem tatu vadio; era gente, gente que se escondia uns dos outros e dele...

Assim chegou à reboleira do mato, tão sua conhecida e recordada, e como chegou, deu de cara com o vulto de face branca e tristonha, o sacristão encantado, o santão.

Ainda desta vez, como era ele que chegava, a ele competia louvar; saudou, como da outra:

– Laus’ Sus-Cris’ !...

– Para sempre, amém! – respondeu o vulto.

Então Blau, de a cavalo, atirou-lhe aos pés a onça de ouro, dizendo:

– Devolvo! Prefiro a minha pobreza dantes à riqueza desta onça, que não se acaba, é verdade, mas que parece amaldiçoada, porque nunca tem parelha e separa o dono dos outros donos de onças!... Adeus! Fica-te com Deus, sacristão!

– Seja Deus louvado! – disse o vulto e caiu de joelhos, de mãos postas, como numa reza. – Pela terceira vez falaste no Nome Santo, tu, paisano, e com ele quebraste o encantamento!... Graças! Graças! Graças!...

E neste mesmo instante, que era o da terceira vez que Blau saudava no Nome Santo, neste mesmo momento ouviu-se um imenso estouro, que retumbou naquelas vinte léguas em redor do Cerro do Jarau tremeu de alto a baixo, até às suas raízes, nas profundas da terra, e logo, em cima, no chapéu do espigão, apareceu, cresceu, subiu, aprumou-se, brilhou, apagou-se, uma língua de fogo, alta como um pinheiro, apagou-se, e começou a sair fumaça negra, em rolos grandes, que o vento ia tocando para longe, por cima do encordoadado das coxilhas, sem rumo feito, porque a fumaceira inchava e desparramava-se no ar, dando voltas e contravoltas, torcendo-se, enroscando-se, em altos e baixos, num desgoverno, como uma tropa de gado alçado, que espirra e se desmancha como água passada em regador...

Era a queima dos tesouros da salamanca, como dissera o sacristão.

Sobre as caídas do Cerro levantou-se um vozeio e tropel; eram os maulas que andavam rastreando a fumaça encantada e que agora fugiam, desgarrados, como filhotes de perdiz...

X

Para os olhos de Blau o cerro ficou como de vidro transparente, e então viu ele o que lá dentro se passava: os brigões, os jaguares, os esqueletos, os anões, as lindas moças, a boicininga, tudo, torcido e enovelado, amontoado, revolvido, corcoveava dentro das labaredas vermelhas que subiam e apagavam-se dentro dos corredores, cada vez mais carregados de fumaça... e urros, gritos, tinidos, sibildos, gemidos, tudo se confundia no tronar da voz maior que estrondeava no cabeço empenachado do cerro.

Ainda uma vez a velha carquincha transformou-se na teiniaguá... e a teiniaguá na princesa moura... a moura numa tapuia formosa;... e logo o vulto de face branca e tristonha tornou a figura do sacristão de S. Tomé, o sacristão, por sua vez, num guasca desempenado...

E assim, quebrado o encantamento que suspendia fora da vida das outras aquelas criaturas vindas do tempo antigo e de lugar distante, aquele par, juntado e tangido pelo Destino, que é o senhor de todos nós, aquele par novo, de mãos dadas como namorados, deu costas ao seu desterro, e foi descendo a pendente do coxilhão, até a várzea limpa, plana e verde, serena e amornada de sol claro, toda bordada de boninas amarelas, de bibis roxas, de malmequeres 'brancos, como uma cancha convidante para uma cruzada de ventura, em viagem de alegria, a caminho do repouso!...

Blau Nunes também não quis mais ver; traçou sobre o seu peito uma cruz larga, de defesa, na testa do seu cavalo outra, e deu de rédea e d'espacito foi baixando a encosta do cerro, com o coração aliviado e retinindo como se dentro dele cantasse o passarinho verde...

E agora, estava certo de que era pobre como dantes, porém que comeria em paz o seu churrasco...; e em paz o seu chimarrão, em paz a sua sesta, em paz a sua vida!...

Assim acabou a salamanca do Cerro do Jarau, que aí durou duzentos anos, que tantos se contam desde o tempo das Sete Missões, em que estas cousas principiaram.

Anhangá-pitã, também, desde aí, não foi mais visto. Dizem que, desgostoso, anda escondido, por não haver tomado bem tenência que a teiniaguá era mulher...

ELUCIDAÇÃO

I Cerro do Jarau – Na Coxilha Geral de Santana, sobre a linha divisória com a República do Uruguai.

Fica um pouco ao N. da cidade de Quaraí, em campos da família Assunção, de Pelotas. É o ponto culminante (... metros) daquela zona, sendo avisado de muito longe. No fim da guerra dos Farrapos (1845) notaram-se sobre o espigão do Cerro, e parecendo dele sair, grossos rolos de fumaça. É essa a primeira notícia que há do fenômeno.

Outras combustões registraram-se depois, notadamente por 1904, em que se disse mesmo que havia expulsão de valores ígneos.

II Salamanca – Furna encantada; provém a denominação da cidade de Salamanca, na Espanha, onde existia, diz-se, uma célebre escola de magia, no tempo dos Mouros. A seguir a tradição local, o célebre caudilho Bento Manuel deveu a sua sorte guerreira, política e de sua fortuna ao conchavo que ajustou na salamanca do Jarau. Antes dele, alguns, mas depois, nenhum outro aí obteve mais nada dele – “ que o cerro pegou fogo”- quando acabou o encantamento.

III Laus ‘Sus’Cris! Forma abreviada e estranha, é certo, porém expressiva, da saudação – Louvado seja Jesus Cristo! Ouvimo-la inúmeras vezes, em nossa infância.

IV Boi barroso – é a vaga lembrança dum boi encantado, que parecia porém nunca era encontrado por muito procurado que fosse; e também denominação duma antiga dança camponesa , cuja música era ornada de versos que eram cantados durante o folgado.

V Anhangá-pitã – Literalmente, do tupi-guarani : diabo vermelho

VI Teiniaguá – Idem: lagartixa. A teiniaguá encantada também era chamada – carbúnclo, farol – e trazia engasgada na cabeça uma “pedra preciosa que cintilava como brasa e de cor de rubim... Semelhante animal nunca puderam apanhar nem vivo nem morto, porque por suas irradiações desvia os olhos e as mãos dos perseguidores”. (Rev ° C. Teschauer, S.J. na Rev . do Inst° do Ceará, 1911.).

VII Zaoris – V. adiante a lenda referente.

VIII Charruas – Tribo guerreira, indômita, acantonada sobre a Coxilha de Haedo, e dominando o rio Quaraí até o Uruguai e para L. até o Rio Negro. As guerras e contínuas correrias que desde 1750 até mais de um século depois afligiram o Rio Grande e o Estado

Oriental dizimaram esta tribo (como outras) hoje, por bem dizer, extinta. Desse quase acabamento e dispersão é que resulta o esquecimento e a deturpação das lendas que entre tais gente floresceram.

IX Cidade de Santo Tomé – Na Argentina, sobre o rio Uruguai, entre o rio Icamaguã e a cidade riograndense de São Borja. “Destruídas as reduções do Guaíra e expulsos pelos mamelucos, estabeleceram-se os missionários primeiro no centro do Rio Grande do Sul entre os rios Pardo e Jacuí. Mas só por poucos anos. Mais tarde, outra vez perseguidos e expulsos pelos mesmos, refugiaram-se uns para as hediornas Sete Missões, os outros para a margem direita do Uruguai, incorporando-se à redução de São Tomé, de cujas ruínas se levantou depois a cidade do mesmo nome, quase em frente de S. Borja” (Revº C. Teschauer, citado) Existe no arrabalde de S. Tomé a famosa sanga, que o populacho de origem índia ainda hoje aponta como prova do acontecimento e poder da teiniaguá encantada.

X ... tangido pelo Destino – É característico este traço no indivíduo riograndense, que até por hábito doméstico emprega como vulgares expressões – sorte, destino, fado - . Na gente inculta torna-se curiosa a indistinta veneração prestada ao divino e ao diabólico, como forças superiores que aluam sobre os homens.

XI ... aí durou duzentos anos, etc. – Coincide com a lamentação do sacristão encantado a era do período mais calmo das Missões sobre o rio Uruguai, 1650, em que formou-se a lenda.

ANEXO 2

LES ANCIENS CANADIENSPhilippe Aubert de Gaspé Péré¹⁰²

Chapitre quatrième

Sganarelle. – Seigneur commandeur, mon maître, Don Juan, vous demande si vous voulez lui faire l'honneur de venir souper avec lui.

Le Même. – La statue m'a fait signe.

LE FESTIN DE PIERRE

*What! the ghosts are growing ruder,
How they beard me ((...)) To-night
Why this is Goblin Hall,
Spirits and spectres all in all.*

FAUSTUS*La Corriveau*

José, après avoir débridé le cheval, et lui avoir donné ce qu'il appelait une gueulée de foin, se hâta d'ouvrir un coffre que, dans son ingénuité industrielle, il avait cloué sur le traîneau, pour servir, au besoin, de siège et de garde-manger.

Il en tira une nappe dans laquelle deux poulets rôtis, une langue, un jambon, un petit flacon d'eau-de-vie et une bonne bouteille de vin étaient enveloppés. Il allait se retirer à l'écart, lorsque Jules lui dit :

- Viens manger avec nous, mon vieux.
- Oui, oui, dit Arché, venez vous asseoir ici, près de moi.
- Oh! messieurs, fit José, je sais trop le respect que je vous dois...

¹⁰² Disponível em http://fr.wikisource.org/wiki/Les_Anciens_Canadiens_-_La_Corriveau . Acesso em 22 novembro 2008.

– Allons, point de façons, dit Jules; nous sommes ici au bivouac, tous trois soldats, ou peu s'en faut: veux-tu bien venir, entêté que tu es? – C'est de votre grâce, messieurs, reprit José, et pour vous obéir, mes officiers, ce que j'en fais.

Les deux jeunes gens prirent place sur le coffre, qui servait aussi de table; José s'assit bien mollement sur une botte de foin qui lui restait, et tous trois se mirent à manger et à boire de bon appétit.

Arché, naturellement sobre sur le boire et sur le manger, eut bien vite terminé sa collation. N'ayant rien de mieux à faire, il se mit à philosopher: de Locheill, dans ses jours de gaieté, aimait à avancer des paradoxes, pour le plaisir de la discussion.

– Sais-tu, mon frère, ce qui m'a le plus intéressé dans la légende de notre ami ?

– Non, dit Jules, en attaquant une autre cuisse de poulet, et je ne m'en soucie guère pour le quart d'heure: ventre affamé n'a pas d'oreilles.

– N'importe, reprit Arché: ce sont ces diables, lutins, farfadets, comme tu voudras les appeler, qui n'ont qu'un seul oeil; je voudrais que tout le monde s'en répandît parmi les hommes: il y aurait moins de dupes. Certes, il est consolant de voir que la vertu est en honneur même chez les sorciers!

As-tu remarqué de quels égards les cyclopes étaient l'objet de la part des autres lutins? avec quel respect ils les saluaient avant de s'en approcher ?

– Soit, dit Jules; mais qu'est-ce que cela prouve ?

– Cela prouve, répartit de Locheill, que ces cyclopes méritent les égards que l'on a pour eux: c'est la crème des sorciers. D'abord ils ne sont pas hypocrites.

– Bah ! fit Jules, je commence à craindre pour ton cerveau. – Pas si fou que tu le penses, répartit Arché, et voici la preuve: Vois un hypocrite avec une personne qu'il veut tromper: il a toujours un oeil humblement à demi fermé, tandis que l'autre observe l'effet que ses discours font sur son interlocuteur. S'il n'avait qu'un oeil unique, il perdrait cet immense avantage, et serait obligé de renoncer au rôle d'hypocrite, qui lui est si profitable. Et voilà déjà un homme vicieux de moins. Mon sorcier de cyclope a probablement beaucoup d'autres vices ; mais il est toujours exempt d'hypocrisie ; de là le respect qu'a pour lui une classe d'êtres entachés de tous les vices que nous leur attribuons.

– À ta santé, philosophe écossais, dit Jules, en avalant un verre de vin; je veux être pendu si je comprends un mot à ton raisonnement.

– C’est pourtant clair comme le jour, reprit Arché; il faut alors que ces aliments savoureux, pesants, indigestes, dont tu te bourres l’estomac, t’appesantissent le cerveau. Si tu ne mangeais que de la farine d’avoine, comme nos montagnards, tu aurais les idées plus claires, la conception plus facile.

– Il paraît que l’avoine vous revient sur le cœur, l’ami, dit Jules: c’est pourtant facile à digérer, même sans le secours des épices.

– Autre exemple, dit Arché: un fripon qui veut duper un honnête homme, dans une transaction quelconque, a toujours un oeil qui clignote ou à demi fermé, tandis que l’autre observe ce qu’il gagne ou perd de terrain dans le marché: l’un est l’oeil qui pense, l’autre l’oeil qui observe. C’est un avantage précieux pour le fripon: son antagoniste, au contraire, voyant toujours un des yeux de son interlocuteur clair, limpide, honnête, ne peut deviner ce qui se passe sous l’oeil qui clignote, qui pense, qui calcule, tandis que son voisin est impassible, impénétrable comme le destin.

Tournons maintenant la médaille, continua Arché : supposons le même fripon devenu borgne, dans les mêmes circonstances. L’homme honnête, le regardant toujours en face, lit souvent dans son oeil ses pensées les plus intimes : car mon borgne, méfiant aussi, est contraint de le tenir toujours ouvert.

– Un peu, dit Jules en riant aux éclats, pour ne pas se rompre le cou.

– Accordé, reprit de Locheill; mais encore plus pour lire dans l’âme de celui qu’il veut duper. Il faut outre qu’il donne à son oeil une grande apparence de candeur et de bonhomie, pour dérouter les soupçons, ce qui absorberait une partie de ses facultés. Or, comme il y a peu d’hommes qui puissent suivre en même temps deux cours d’idées différentes sans le secours de leurs deux yeux, notre fripon se trouve perdre la moitié de ses avantages; il renonce à son vilain métier, et voilà encore un honnête homme de plus dans la société.

– Mon pauvre Arché, dit Jules, je vois que nous avons changé de rôle: que je suis, moi, l’Écossais sage, comme j’ai la courtoisie de te proclamer, que tu es, toi, le fou de Français, comme tu as l’irrévérence de m’appeler souvent.

Car, vois-tu, rien n’empêcherait la race d’hommes à l’oeil unique, que, nouveau Prométhée, tu veux substituer à la nôtre, qui te devra de grandes actions de grâces, continua Jules en éclatant de rire, rien ne l’empêcherait, dis-je, de clignoter de l’oeil, puisque c’est une recette infailible pour faire des dupes, et de te tenir, de temps en temps, ouvert pour observer.

– Oh! Français! légers Français! aveugles Français! il n'est pas surprenant que les Anglais se jouent de vous par- dessous la jambe, en politique !

– Il me semble, interrompit Jules, que les Écossais doivent en savoir quelque chose de la politique anglaise !

Le visage d'Arché prit tout à coup une expression de tristesse; une grande pâleur se répandit sur ses nobles traits : c'était une corde bien sensible que son ami avait touchée.

Jules s'en aperçut aussitôt, et lui dit :

– Pardon, mon frère, si je t'ai fait de la peine: je sais que ce sujet évoque chez toi de douloureux souvenirs. J'ai parlé, comme je le fais toujours, sans réfléchir. On blesse souvent, sans le vouloir, ceux que l'on aime le plus, par une repartie que l'on croit spirituelle. Mais, allons, vive la joie! continue à déraisonner; ça sera plus gai pour nous deux.

– Le nuage est passé, dit de Locheill en faisant un effort sur lui-même pour réprimer son émotion, et je reprends mon argument. Tu vois bien que mon coquin ne peut un seul instant fermer l'oeil sans courir le risque que sa proie lui échappe. Te souvient-il de ce gentil écureuil que nous délivrâmes, l'année dernière, de cette énorme couleuvre roulée sur elle-même au pied du gros érable du parc de ton père, à Saint-Jean-Port-Joli? Vois comme elle tient constamment ses yeux ardents fixés sur la pauvre petite bête, pour la fasciner. Vois comme l'agile créature saute de branche en branche en poussant un cri plaintif, sans pouvoir détourner un instant les yeux de ceux de l'horrible reptile! Qu'il cesse de le regarder, et il est sauvé. Te souviens-tu comme il était gai après la mort de son terrible ennemi? et bien, mon ami, que mon fripon ferme l'oeil et sa proie lui échappe.

– Sais-tu, dit Jules, que tu es un terrible dialecticien, et que tu menaces d'éclipser un jour, si ce jour n'est pas même arrivé, des bavards tels que Socrate, Zénon, Montaigne et autres logiciens de la même farine? Il n'y a qu'un seul danger, c'est que la logique n'emporte le raisonneur dans la lune.

– Tu crois rire ! dit Arché. Eh bien, qu'un seul pédant, portant la plume à l'oreille, se mêle de réfuter ma thèse sérieusement, et je vois venir cent écrivailleurs à l'affût, qui prendront fait et cause pour ou contre, et des flots d'encre vont couler.

Il a coulé bien des flots de sang pour des systèmes à peu près aussi raisonnables que le mien. Voilà comme se fait souvent la réputation d'un grand homme !

– En attendant, reprit Jules, ta thèse pourra servir de pendant au conte que faisait Sancho pour endormir Don Quichotte. Quant à moi, j’aime encore mieux la légende de notre ami José.

– Vous n’êtes pas dégoûtés ? fit celui-ci, qui avait un peu sommeillé pendant la discussion scientifique.

– Écoutons, dit Arché :

Conticuere omnes, intentique ora tenebant.

– Conticuere... incorrigible pédant, s’écria d’Haberville.

– Ce n’est pas un conte de curé, reprit vivement José; mais c’est aussi vrai que quand il nous parle dans la chaire de vérité: car mon défunt père ne mentait jamais.

– Nous vous croyons, mon cher José, dit de Locheill ; mais continuez, s’il vous plaît, votre charmante histoire.

– Si donc, dit José, que le défunt père, tout brave qu’il était, avait une si fichue peur, que l’eau lui dégouttait par le bout du nez, gros comme une paille d’avoine. Il était là, le cher homme, les yeux plus grands que la tête, sans oser bouger. Il lui sembla bien qu’il entendait derrière lui le tic tac qu’il avait déjà entendu plusieurs fois pendant sa route; mais il avait trop de besogne par devant, sans s’occuper de ce qui se passait derrière lui. Tout à coup, au moment où il s’y attendait le moins, il sent deux grandes mains sèches, comme des griffes d’ours, qui lui serrent les épaules: il se retourne tout effarouché, et se trouve face à face avec la Corriveau, qui se grapignait amont lui. Elle avait passé les mains à travers les barreaux de sa cage de fer, et s’efforçait de lui grimper sur le dos; mais la cage était pesante, et, à chaque élan qu’elle prenait, elle retombait à terre avec un bruit rauque, sans lâcher pourtant les épaules de mon pauvre défunt père, qui pliait sous le fardeau. S’il ne s’était pas tenu solidement avec ses deux mains à la clôture, il aurait écrasé sous la charge. Mon pauvre défunt père était si saisis d’horreur, qu’on aurait entendu l’eau qui lui coulait de la tête tomber sur la clôture, comme des grains de gros plomb à canard.

– Mon cher François, dit la Corriveau, fais-moi le plaisir de me mener danser avec mes amis de l’île d’Orléans.

– Ah ! satanée bigre de chienne ! cria mon défunt père (c’était le seul jurement dont il usait, le saint homme, et encore dans les grandes traverses).

– Diable ! dit Jules, il me semble que l’occasion était favorable ! quant à moi, j’aurais juré comme un païen.

– Et moi, repartit Arché, comme un Anglais.

– Je croyais avoir pourtant beaucoup dit, répliqua d’Haberville.

– Tu es dans l’erreur, mon cher Jules ! Il faut cependant avouer que messieurs les païens s’en acquittaient passablement, mais les Anglais ! les Anglais ! Le Roux qui, après sa sortie du collège, lisait tous les mauvais livres qui lui tombaient sous la main, nous disait, si tu t’en souviens, que ce polisson de Voltaire, comme mon oncle le Jésuite l’appelait, avait écrit dans un ouvrage qui traite d’événements arrivés en France sous le règne de Charles VII, lorsque ce prince en chassait ces insulaires, maîtres de presque tout son royaume ; Le Roux nous disait que Voltaire avait écrit que « tout Anglais jure ». Eh bien, mon fils, ces événements se passaient vers l’année 1445 ; disons qu’il y a trois cents ans depuis cette époque mémorable et juge toi-même quels jurons formidables une nation d’humeur morose peut avoir inventés pendant l’espace de trois siècles !

– Je rends les armes, dit Jules; mais continue, mon cher José.

– Satanée bigre de chienne, lui dit mon défunt père, est-ce pour me remercier de mon dépréfondi et de mes autres bonnes prières que tu veux me mener au sabbat ? Je pensais bien que tu en avais, au petit moins, pour trois ou quatre mille ans dans le purgatoire pour tes fredaines. Tu n’avais tué que deux maris : c’était une misère ! aussi ça me faisait encore de la peine, à moi qui ai toujours eu le cœur tendre pour la créature, et je me suis dit : Il faut lui donner un coup d’épaule ; et c’est là ton remerciement, que tu veux monter sur les miennes pour me traîner en enfer comme un hérétique !

– Mon cher François, dit la Corriveau, mène-moi danser avec mes bons amis; et elle cogna sa tête sur celle de mon défunt père, que le crâne lui résonnait comme une vessie sèche pleine de cailloux.

– Tu peux être sûre, dit mon défunt père, satanée bigre de fille de Judas l’Escariot, que je vais te servir de bête de somme pour te mener danser au sabbat avec tes jolis mignons d’amis !

– Mon cher François, répondit la sorcière, il m’est impossible de passer le Saint-Laurent, qui est un fleuve béni, sans le secours d’un chrétien.

– Passe comme tu pourras, satanée pendue, que lui dit mon défunt père; passe comme tu pourras; chacun son affaire. Ah ! oui ! compte que je t’y mènerai danser avec tes chers amis, mais ça sera à poste de chien comme tu es venue, je sais comment, en traînant ta belle cage qui aura déraciné toutes les pierres et tous les cailloux du chemin du roi, que ça sera un

escandale, quand le grand voyer passera ces jours ici, de voir un chemin dans un état si piteux! Et puis, ça sera le pauvre habitant qui pâтира, lui, pour tes fredaines, en payant l'amende pour n'avoir pas entretenu son chemin d'une manière convenable! Le tambour-major cesse enfin tout à coup de battre la mesure sur sa grosse marmite. Tous les sorciers s'arrêtent et poussent trois cris, trois hurlements, comme font les sauvages quand ils ont chanté et dansé « la guerre », cette danse et cette chanson par lesquelles ils préludent toujours à une expédition guerrière. L'île en est ébranlée jusque dans ses fondements. Les loups, les ours, toutes les bêtes féroces, les sorciers des montagnes du nord s'en saisissent, et les échos les répètent jusqu'à ce qu'ils s'éteignent dans les forêts qui bordent la rivière Saguenay.

Mon pauvre défunt père crut que c'était, pour le petit moins, la fin du monde et le jugement dernier.

Le géant au plumet d'époinette frappe trois coups; et le plus grand silence succède à ce vacarme infernal. Il élève le bras du côté de mon défunt père, et lui crie d'une voix de tonnerre: Veux-tu bien te dépêcher, chien de paresseux, veux-tu bien te dépêcher, chien de chrétien, de traverser notre amie? Nous n'avons plus que quatorze mille quatre cents rondes à faire autour de l'île avant le chant du coq: veux-tu lui faire perdre le plus beau du divertissement ?

– Vas-t'en à tous les diables d'où tu sors, toi et les tiens, lui cria mon défunt père, perdant enfin toute patience.

– Allons, mon cher François, dit la Corriveau, un peu de complaisance! tu fais l'enfant pour une bagatelle; tu vois pourtant que le temps presse: voyons, mon fils, un petit coup de collier.

– Non, non, fille de Satan ! dit mon défunt père. Je voudrais bien que tu l'eusses encore le beau collier que le bourreau t'a passé autour du cou, il y a deux ans : tu n'aurais pas le sifflet si affilé.

Pendant ce dialogue, les sorciers de l'île reprenaient leur refrain :

Dansons à l'entour, Toure-loure ; Dansons à l'entour.

– Mon cher François, dit la sorcière, si tu refuses de m'y mener en chair et en os, je vais t'étrangler ; je monterai sur ton âme et je me rendrai au sabbat. Ce disant, elle le saisit à la gorge et l'étrangla.

– Comment, dirent les jeunes gens, elle étrangla votre pauvre défunt père ?

– Quand je dis étranglé, il n'en valait guère mieux, le cher homme, reprit José, car il perdit tout à fait connaissance.

Lorsqu'il revint à lui, il entendit un petit oiseau qui criait : qué-tu ?[1]

– Ah ça ! dit mon défunt père, je ne suis donc point en enfer, puisque j'entends les oiseaux du bon Dieu ! Il risque un œil, puis un autre, et voit qu'il fait grand jour ; le soleil lui reluisait sur le visage. Le petit oiseau, perché sur une branche voisine, criait toujours : qué-tu ?

– Mon cher petit enfant, dit mon défunt père, il m'est malaisé de répondre à ta question, car je ne sais trop qui je suis ce matin : hier encore je me croyais un brave et honnête homme craignant Dieu ; mais j'ai eu tant de traverses cette nuit, que je ne saurais assurer si c'est bien moi, François Dubé, qui suis ici présent en corps et en âme. Et puis il se mit à chanter, le cher homme :

Dansons à l'entour, Toure-loure ; Dansons à l'entour.

Il était encore à moitié ensorcelé. Si bien toujours, qu'à la fin il s'aperçut qu'il était couché de tout son long dans un fossé où il y avait heureusement plus de vase que d'eau, car sans cela mon pauvre défunt père, qui est mort comme un saint, entouré de tous ses parents et amis, et muni de tous les sacrements de l'Église, sans en manquer un, aurait trépassé sans confession, comme un orignal au fond des bois, sauf le respect que je lui dois et à vous, les jeunes messieurs. Quand il se fut déhâlé du fossé où il était serré comme une étoc (étau), le premier objet qu'il vit fut son flacon sur la levée du fossé; ça lui ranima un peu le courage. Il étendit la main pour prendre un coup ; mais, bernique! Il était vide! la sorcière avait tout bu.

– Mon cher José, dit de Locheill, je ne suis pourtant pas plus lâche qu'un autre ; mais, si pareille aventure m'était arrivée, je n'aurais jamais voyagé seul de nuit.

– Ni moi non plus, interrompit d'Haberville.

– À vous dire le vrai, mes messieurs, dit José, puisque vous avez tant d'esprit, je vous dirai en confidence que mon défunt père, qui, avant cette aventure, aurait été dans un cimetière en plein cœur de minuit, n'était plus si hardi après cela ; car il n'osait aller seul faire son train dans l'étable, après soleil couché.

– Il faisait très prudemment ; mais achève ton histoire, dit Jules.

– Elle est déjà finie, reprit José ; mon défunt père attela sa guevalle, qui n'avait eu connaissance de rien, à ce qu'il paraît, la pauvre bête, et prit au plus vite le chemin de la maison ; ce ne fut que quinze jours après qu'il nous raconta son aventure.

– Que dites-vous, maintenant, monsieur l’incrédule égoïste, qui refusiez tantôt au Canada le luxe de ses sorciers et sorcières ? dit d’Haberville.

– Je dis, répliqua Arché, que nos sorciers calédoniens ne sont que des sots comparés à ceux de la Nouvelle-France ; et que, si je retourne jamais dans mes montagnes d’Écosse, je les fais mettre en bouteilles, comme le fit LeSage de son diable boiteux d’Asmodée.

– Hem ! hem ! dit José, ce n’est pas que je les plaindrais, les insécrables gredins, mais où trouver des bouteilles assez grandes ? voila le plus pire de l’affaire.

Note

↑ L’auteur avoue son ignorance en ornithologie. Notre excellent ornithologiste, M. LeMoine, aura peut-être la complaisance de lui venir en aide en classant, comme il doit l’être, ce petit oiseau dont la voix imite les deux syllabes qué- tu. Ceci rappelle à l’auteur l’anecdote d’un vieillard non compos mentis qui errait dans les campagnes, il y a quelque soixante ans. Se croyant interpellé lorsqu’il entendait le chant de ces hôtes des bois, il ne manquait jamais de répondre très poliment d’abord : « Le père Chamberland, mes petits enfants », et, perdant patience : « Le père Chamberland, mes petits b...s. »

ANEXO 3

LE CHIEN D'OR

WILLIAM KIRBY

XXXIII**La Corriveau**

Angélique dit adieu à son frère quand il la quitta dans le vestibule de la maison. Jusque là elle semblait ne l'avoir pas vu. Elle monta l'escalier qui conduisait à sa chambre. Son oeil était fixe et sa démarche, hardie, signes de colère et de résolution.

C'était dans cette chambre qu'elle avait reçu Le Gardeur, et scellé sa destinée! c'était là qu'elle avait rompu le dernier lien qui pouvait la retenir dans le sentier de l'honneur et de la vertu. L'amour de Le Gardeur pouvait la sauver, elle le rejeta!

Lisette, qui l'avait vu monter, éprouvait une sorte de crainte et n'osait l'aborder. Elle entr'ouvrit la porte, puis la referma, décidée à attendre dans l'antichambre.

Angélique détacha son manteau et se laissa choir dans un fauteuil. Le manteau resta à ses pieds. Elle avait les cheveux sur les épaules et comme en désordre. Elle se prit le front dans ses mains et fixa un oeil hagard sur la flamme du foyer qui s'éveillait de moment en moment, et jetait un reflet clair dans la pièce et sur les peintures suspendues aux murailles. Les portraits paraissaient revivre et l'inviter par leur sourire à l'espérance et à la gaieté. Mais elle ne les regardait point; elle n'aurait pas voulu les regarder.

Elle avait oublié de faire allumer sa lampe, mais elle aimait le demi-jour; et les pensées sombres qui l'obsédaient se seraient peut-être évanouies à la lumière: elles venaient des ténèbres et se complaisaient dans les ténèbres. Nous sommes instinctivement portés à nous assimiler ce qui nous entoure. Si nous sommes lumière et joie, il faut que tout soit joie et lumière comme nous; si nous sommes tristesse et obscurité, le sombre seul nous plaît.

Angélique aurait détesté le joyeux éclat de la lampe; la mystérieuse lumière de l'âtre qui se perdait dans les angles noirs et lui permettait de remplir la chambre de tous les fantômes de son imagination, lui était plus agréable.

Tout à coup, elle joignit les mains et leva les bras au-dessus de sa tête:

– Par Dieu! il faut que cela se fasse! il le faut! murmura-t-elle entre ses dents.

Elle se tut aussitôt.

– Quoi donc? se demanda-t-elle ensuite. Et elle se prit à rire comme pour se moquer d'elle-même.

– Il m'a dit: sa vie! Il n'avait pas cette intention, non! il ne l'avait pas. Il m'a traitée comme un enfant gâté. Il me donne sa vie et me refuse une lettre de cachet! Un don que sa bouche menteuse m'a fait; mais non son coeur! N'importe! il tiendra sa promesse!... il la tiendra malgré lui!... Il n'y a pas d'autre moyen!... Il faut que cela se fasse, il le faut!

Alors, elle crut voir son vieux confesseur, le P. Vernout, qui la menaçait du doigt, comme il avait coutume de faire quand elle s'accusait de quelque faute légère; mais ses yeux étaient pleins de larmes. Elle se détourna vivement, comme pour se débarrasser de l'importune vision. Elle ne voulait pas voir, même en songe, la main bénie qui se levait pour lui montrer l'abîme où elle courait.

Angélique venait d'entrer dans un monde nouveau, un monde de pensées mauvaises et de tentations caressées, un chaos, un gouffre lugubre, où des sifflements de démons lui répétaient sans cesse cette parole fatale: sa vie! sa vie! sa vie!

Et la pensée de haine qui l'avait terrifiée naguère reprenait une forme plus séduisante. Sa rivale, comme elle appelait l'infortunée captive de Beaumanoir, sa rivale venait d'être condamnée par celui qui était son maître!

Mais comment accomplir cette chose qu'elle n'osait nommer? La question était épineuse pour une personne nullement habituée au crime. Le forfait se présenta à ses esprits sous mille formes terribles; elle trouva mille genres de mort différents. Elle choisit le premier, puis le rejeta pour un autre, puis pour un autre encore; dans son trouble, elle ne put s'arrêter à aucun.

Elle se leva et tira vivement le cordon de la sonnette. La porte s'ouvrit, et Lisette parut avec son oeil vif et sa bouche rieuse. Ce n'était pas Lisette qu'elle voulait. La malheureuse Angélique repoussait sa dernière planche de salut. Sa résolution était prise.

– Ma chère maîtresse, commença Lisette, vous devez être fatiguée, vous devez avoir besoin de sommeil. Il est presque jour. Puis-je vous être utile?

Le petite parleuse ne donnait seulement pas le temps à sa maîtresse de dire ce qu'elle voulait.

– Non, Lisette, je ne m'endors point: je ne me déshabille point maintenant: j'ai beaucoup à faire encore. Il faut que j'écrive. Envoyez-moi Fanchon Dodier.

Angélique comprenait qu'il fallait tromper Lisette d'abord. La servante sortit sans dire un mot, mais un peu froissée, et elle alla prévenir Fanchon.

Fanchon monta aussitôt. Elle avait dans les yeux un malicieux reflet de plaisir. Elle savait bien que Lisette était un peu de mauvaise humeur, mais elle ne pouvait pas deviner pourquoi elle la remplaçait auprès de Mlle Angélique. Elle jugeait que c'était tout de même pour elle un assez grand honneur.

– Fanchon Dodier, fit Angélique, j'ai perdu mes bijoux au bal, et j'en suis désespérée. Vous êtes plus sagace que Lisette: dites-moi comment faire pour les retrouver et je vous donnerai une belle robe neuve.

Angélique, rusée qu'elle était, se doutait bien de la réponse. Fanchon bondit de joie. C'était une grande marque de confiance qu'elle recevait là.

– Oui, madame! répondit-elle vivement, je saurais bien quoi faire si je perdais mes bijoux... Mais les dames qui savent lire et écrire et qui ont, pour les aviser, les plus habiles gentilshommes, n'aimeraient pas à recourir aux moyens que les pauvres filles d'habitants emploient quand elles sont dans la peine et l'inquiétude.

– Et que feriez-vous Fanchon, si vous étiez dans la peine et l'inquiétude?

– Eh bien! madame, si j'avais perdu mes bijoux...

Elle appuya singulièrement sur ce mot; la rusée comprenait qu'Angélique n'avait rien perdu.

– Si j'avais perdu mes bijoux, dit-elle, j'irais trouver ma tante Josephte Dodier. C'est la plus habile femme de tout Saint-Vallier. Si elle ne vous dit pas tout ce que vous voulez savoir, personne ne vous le dira.

– Comment! Josephte Dodier, la Corriveau, c'est votre tante?

Angélique le savait, mais elle pensait en imposer plus aisément à la soubrette, en feignant de l'ignorer.

– Oui, répondit Fanchon, les gens grossiers l'appellent la Corriveau; mais elle est ma tante quand même. Elle est mariée avec mon oncle Louis Dodier. Elle appartient à une bonne famille, et sa mère était une dame qui venait de France, une dame qui connaissait intimement toutes les dames de la cour. Elle est partie de France secrètement, mystérieusement, paraît-il, mais je n'ai jamais su pourquoi. A Saint-Vallier, les gens avaient coutume de branler la tête et de se signer quand ils parlaient d'elle. Ils font la même chose aujourd'hui quand ils parlent de ma tante Josephte, la Corriveau, comme ils l'appellent, et ils ont peur de son mauvais oeil noir, comme ils disent. C'est une femme redoutable que ma tante Josephte, madame! mais elle peut vous dire la passé, le présent et l'avenir... Si elle poursuit le monde de ses injures et de son mépris, c'est parce qu'elle connaît tout le mal qu'il fait. Le monde lui rend bien ses outrages, mais il a peur d'elle en attendant.

– Mais est-ce que ce n'est point mal, est-ce que ce n'est pas défendu par l'Église, de consulter une pareille créature, une sorcière? demanda Angélique.

– Oui, madame, Cependant, les jeunes filles la consultent quand même, dans leurs peines et si elles perdent quelque objet. Il y a aussi bien des hommes qui vont l'interroger pour savoir l'avenir, et ce qu'ils doivent faire en certaines circonstances. Puisque les prêtres ne peuvent pas dire à une jeune fille si son amoureux lui est fidèle, je ne vois point pourquoi il serait défendu d'aller le demander à la Corriveau.

– Je n'oserais pas consulter votre tante, Fanchon; les gens riraient de moi.

– Mais, il n'est pas nécessaire que le monde le sache, madame. Au reste, il paraît que ma tante possède des secrets qui feraient pendre ou brûler la moitié des femmes de Paris, s'ils étaient divulgués. Elle les tient de sa mère et les garde fidèlement. Son plus proche voisin n'en a jamais entendu souffler mot. Elle n'aime point les bavards, n'a pas d'amis et n'en a nul besoin. Si vous voulez la consulter, ne craignez rien, elle est la discrétion même.

– J'ai entendu dire qu'elle est, en effet, bien habile et bien redoutable, votre tante; mais je ne saurais me rendre à Saint-Vallier pour la voir; je ne puis sortir sans attirer l'attention, comme le fait une simple fille d'habitant.

– Savez-vous bien, madame, répliqua Fanchon qui se rappelait probablement quelque incident personnel, savez-vous bien qu'une fille d'habitant n'est pas plus capable d'échapper à l'attention qu'une grande dame? Si elle va à l'église et regarde de côté seulement: Tiens! elle est venue à l'église pour voir les garçons! Si elle se tient éloignée des jeunes gens: elle a peur! Si elle rend visite à un voisin: elle veut le rencontrer! Si elle reste à la maison: elle attend son

voisin!... Mais les filles de la campagne se moquent bien de cela, madame! Si c'est vrai qu'elles tendent leurs filets, elles prennent du poisson, parfois! Ainsi, nous ne nous occupons nullement de ce que les autres disent, et nous en disons plus que tout le monde. Mais, madame, continua la servante babillarde, je comprends qu'il ne convient guère que vous alliez voir ma tante Josephte. Je l'amènerai ici. Elle sera enchantée de venir à la ville et d'être utile à une aussi grande dame.

– Oh! non, Fanchon; non! Ce n'est pas bien, cela; c'est mal!... Pourtant, il faut que je retrouve mes bijoux... C'est bon! allez la chercher; ramenez-la avec vous. Mais, attention, Fanchon! Si vous dites un mot de cela à qui ou à quoi que ce soit: aux hommes, aux animaux ou aux arbres que vous verrez sur votre chemin, je vous coupe la langue.

Fanchon eut peur du regard terrible de sa maîtresse.

– J'y vais, madame, dit-elle d'une voix tremblante, et ne parlerai pas plus qu'un poisson. Vais-je partir immédiatement?

– Tout de suite si vous le voulez. Il est bientôt jour et il vous faut aller loin. Je vais dire au vieux Cujon, le sommelier, de louer un canot sauvage. Je ne veux pas vous faire conduire par des Canadiens, car ils ne feraient pas la moitié du chemin avant de vous arracher votre secret. Vous descendrez en canot et vous remonterez par terre avec votre tante. Comprenez-vous bien? Amenez-la ici au retour, mais pas avant minuit. Je laisserai la porte entr'ouverte, afin que vous ne fassiez point de bruit. Vous la conduirez immédiatement à ma chambre. Soyez prudente! allez vite! et pas un mot à qui que ce soit!

– Soyez tranquille, madame; nous ne ferons pas assez de bruit pour effrayer une souris, seulement! affirma Fanchon toute radieuse et fière de l'entente secrète qui existait maintenant entre elle et sa maîtresse.

– Encore une fois, Fanchon, gare à votre langue! Si vous me trahissez, aussi sûrement que vous êtes en vie, je vous la couperai!

– Oui, madame!...

Sa pauvre langue, paralysée par la crainte, lui resta entre les dents et elle la mordit cruellement, comme pour l'avertir de son devoir.

– Vous pouvez partir, dit Angélique. Voici de l'argent. Vous donnerez cette pièce d'or à la Corriveau, pour lui prouver que j'ai besoin d'elle. Les canotiers chargeront probablement le double pour la traverser.

– Non, madame; généralement ils ne lui chargent rien du tout, répliqua Fanchon. Ce n'est pas l'amour qui les rend si généreux, je pense bien; mais la crainte. Antoine Lachance, l'un des canotiers, dit, lui, qu'elle porte à la piété autant qu'un évêque, et qu'il se récite plus d'Ave Maria dans le canot où elle embarque, que dans tout Paris, le dimanche.

– Je devrais, moi aussi, réciter mes Ave Maria, dit Angélique, quand Fanchon fut sortie; mais ma langue se dessèche et ma bouche est une fournaise d'où les mots de la prière ne sortent plus!... Cette fille, Fanchon, n'est pas une fille de confiance; mais je n'ai pas autre chose à faire dire à sa tante. Il faut que je sois prudente avec la Corriveau, et que je l'amène à me suggérer ce que je veux faire... Madame de Beaumanoir, votre destinée n'est pas, comme vous le croyez, entre les mains de l'intendant! Il eut mieux valu, pour vous, obéir à des lettres de cachet que tomber entre les mains de la Corriveau!...

Le soleil parut. Il inonda de ses douces clartés la fenêtre près de laquelle Angélique venait de s'approcher» Angélique se retourna, comme pour ne pas voir la lumière du ciel. Elle aperçut son image qui se dessinait vive et nette dans la grande glace vénitienne. Elle se trouva pâle, l'air dur, l'oeil plein d'un feu sombre. Elle se prit à trembler, se détourna encore, pour ne plus se voir et s'avança lentement, péniblement vers son lit. Il lui semblait qu'elle avait vieilli, que la rage grondait dans son âme, et qu'elle s'était déshonorée pour l'amour de cet intendant infidèle, qui l'oubliait, et lui reprochait maintenant de s'être avilie comme nulle femme au monde.

– C'est sa faute! c'est sa faute! s'écria-t-elle en se tordant les mains... Si elle meurt, c'est sa faute à lui et non la mienne! Je l'ai supplié de l'éloigner, et il n'a pas voulu! C'est sa faute! C'est sa faute!

Elle tomba dans un sommeil fiévreux, pénible, fatigant, plein de songes affreux, qui dura jusqu'au milieu du jour.

Les dernières années du règne de Louis XIV, règne si long, si plein de gloire et d'infortunes, furent déshonorées par la corruption des mœurs et marquées du signe fatal de la décadence. Des crimes de toutes sortes se commettaient chaque jour, mais l'empoisonnement surtout jetait la terreur dans la population. C'est qu'il avait atteint le raffinement d'un art cultivé avec amour, et que la science lui prêtait ses lumières.

Antonio Exili, un Italien, avait, comme beaucoup d'autres alchimistes de cette époque, passé plusieurs années à chercher la pierre philosophale et l'élixir de vie. Mais à force d'essayer à changer en or les métaux communs, il tomba dans la misère. La nature de son

travail le conduisit toutefois à étudier sérieusement les poisons et leurs antidotes. Il fréquenta les grandes universités et les écoles célèbres du continent, puis vint terminer ses études sous un fameux chimiste allemand nommé Glaser.

Mais ce fut une femme, Béatrice Spara, de Sicile, qui lui révéla le terrible secret de *l'aqua tofana* et de la *poudre de succession*. Il fut lié avec cette femme, une de ces incompréhensibles créatures dont l'amour des plaisirs ou du pouvoir n'est égalé que par la cruauté avec laquelle elles se débarrassent de tout ce qui les gêne. Béatrice Spara avait reçu, comme un héritage lointain et maudit, des antiques sorcières de la race impériale, la manière de préparer ces subtils poisons.

L'empoisonnement était étudié comme un suprême moyen de la politique, dans les fastueux palais des Borgia, des Orsini, des Scaliger, des Borroméo. Et non seulement dans les palais, mais dans les faubourgs des villes; dans les tours sombres, dans les solitudes des Apennins on pouvait trouver de ces enfants perdus de la science qui savaient composer des poisons subtils, terribles, mortels dont les traces étaient invisibles, et qui donnaient à la mort de la victime l'apparence d'une mort tout à fait naturelle.

Pour échapper à la vengeance de Béatrice Spara, qu'il avait trompée, Exili quitta Naples et vint à Paris. Il trouva, dans cette grande ville, plus d'une occasion d'exercer son art infernal et de montrer avec quelle habileté il préparait les poisons.

Malgré toutes ses précautions, il fut enfin soupçonné, et la police eut les yeux sur lui. Il fut arrêté, puis envoyé à la Bastille. Là, le hasard lui donna pour compagnon de cellule, Gaudin de Sainte-Croix, un jeune noble, l'ami de la marquise de Brinvilliers. De Sainte-Croix apprit de lui le secret de la *poudre de succession*.

Ils furent tous deux libérés faute de preuves. De Sainte Croix organisa un laboratoire dans sa maison et se mit à l'oeuvre. Il révéla son secret à la marquise de Brinvilliers qui se proposa d'en faire son profit. Elle voulait devenir la femme de ce jeune noble, car elle l'aimait à la folie. Alors elle ne vit rien de mieux à faire que d'empoisonner son mari. Après son mari, ce fut le tour de son père; après son père, son frère. Et puis, prise de vertige, aveuglée, folle du besoin de tuer, elle versa de tout côté le fatal poison, sema partout la mort, et jeta l'épouvante dans tout le royaume.

La *poudre de succession* était une poudre légère, presque impalpable, sans goût, sans odeur; *l'aqua tofana*, un liquide aussi limpide qu'une goutte de rosée. Ce poison pouvait tuer instantanément ou petit à petit, et dans un nombre de jours, de semaines ou de mois marqué

d'avance. La mort était aussi certaine dans un cas que dans l'autre, et la victime qui souffrait longtemps croyait mourir de la paralysie, de la phtysie ou de quelque fièvre dévorante, selon la manière dont la préparation était faite.

L'aqua tofana causait d'ordinaire la mort sur-le-champ; la *poudre de succession* y mettait certains apprêts, des formes, du temps. Elle brûlait la poitrine; le feu gagnait les yeux, qui devenaient horriblement éclatants, pendant que tout le reste du corps vivait à peine.

A l'apparition de ce poison terrible, la mort se glissa comme un esprit implacable, morne et silencieuse au foyer de maintes familles. L'amitié, la sollicitude veillaient inutilement; les êtres les plus chers étaient mystérieusement frappés. L'homme aujourd'hui florissant de santé se demandait anxieusement s'il ne serait pas le lendemain, cloué dans son tombeau. La science des médecins s'avouait vaincue.

Malheur aux heureux du monde! Malheur aux riches, à ceux qui occupaient des positions lucratives, à l'homme qui possédait une belle femme!... à la femme qui pouvait faire des jalouses!... Le poison servait les déshérités, les envieux, les esclaves de la luxure! Le soupçon, la crainte, la terreur venaient s'abattre sur le seuil des plus tranquilles maisons! la défiance troublait les coeurs des époux; les enfants ne savaient plus si le respect filial les rendait justes aux yeux des parents, et les parents tremblaient pour leurs cheveux blancs.

A Paris, la terreur dura longtemps. Les mets restaient intacts sur les tables; personne n'osait vider sa coupe de vin. Chacun allait sur le marché, faire sa provision de denrées; chacun cuisait ses aliments, mangeait seul, dans sa chambre... Mais, vaines précautions! la fatale poudre était semée sur l'oreiller qui vous invitait au sommeil, *l'aqua tofana* versée comme une rosée fraîche et subtile sur les bouquets de fleurs... que dis-je? le pain des hôpitaux, la table frugale des couvents, les hosties consacrées, le vin du sacrifice, tout! tout fut sali, profané, souillé, par le diabolique poison!

Un jour, une petite fiole *d'aqua tofana* fut trouvée sur la table de la duchesse de la Vallière. De là, grande agitation à la cour. Une rivale jalouse qui voulait hâter la chute de l'infortunée Louise, déjà quelque peu délaissée, avait apportée secrètement cette fiole mortelle. Elle espérait que le soupçon s'élèverait implacable contre la plus douce des créatures.

L'étoile de la Montespan resplendissait à l'orient. Son lever était glorieux. L'étoile de la Vallière se couchait au milieu des nuages de l'occident. Mais le roi devina la ruse infâme, et continua à honorer de sa confiance la seule maîtresse qui l'ait aimé sincèrement et pour lui-

même. Tout en lui gardant son estime, cependant, il recherchait de nouvelles amours. Louise sut alors prouver la vérité de son attachement en renonçant aux honneurs, aux richesses, aux splendeurs de la cour, pour se vêtir de bure et s'enfermer dans le cloître austère des carmélites.

Le roi, irrité de ces lâches moyens de la jalousie, alarmé à l'aspect du poison qui se glissait jusque dans son palais, institua sans délai la *Chambre Ardente*.

Cette *Chambre Ardente* était un tribunal chargé de découvrir, de juger et de faire brûler les assassins et les empoisonneurs. *La Régnie* fut le président de ce tribunal. C'était un coeur dur, un esprit soupçonneux, mais un homme habile et d'une impitoyable justice. Les empoisonneurs et les assassins se jouèrent de lui et le réduisirent au désespoir.

On voit, dans les annales criminelles de cette époque, que le disciple d'Exili, Gaudin de Sainte-Croix, fut trouvé mort dans son laboratoire, près de son creuset.

Le masque de verre qu'il portait pour se garer des exhalaisons vénéneuses, tomba et se brisa pendant qu'il surveillait une opération chimique, et les vapeurs empoisonnées qu'il aspira le tuèrent sur-le-champ. Ce fut un fil d'Ariane entre les mains de Desgrais, le chef de la police de Paris.

La correspondance de Sainte-Croix fut saisie et ses relations avec la marquise de Brinvilliers et ses rapports avec Exili furent aussitôt connus. Exili reprit le chemin de la Bastille. La marquise comparut devant la *Chambre Ardente*. Alors, dit l'abbé Pirol, son confesseur, la beauté remarquable de ses traits, l'azur de ses yeux, la blancheur de son teint, la grâce de sa démarche, lui attirèrent les vives sympathies de la populace qui trouvait incompatibles tant de charmes et tant de cruauté.

Mais *La Régnie* fut inflexible. Il la condamna à une mort affreuse. Elle subit la torture, elle eut la tête tranchée, son corps fut brûlé sur la place de Grève et ses cendres jetées aux quatre vents du ciel. Ainsi finit la plus belle et la plus méchante des dames de la cour de Louis XIV.

Exili fut condamné à être brûlé vif, mais comme il se rendait au lieu de l'exécution, la populace l'arracha du tombereau et le mit en pièces.

Alors, pendant quelque temps, le crime eut peur, et le peuple honnête respira en paix. Ce ne fut pas long; l'arbre de la science du mal renaquit plus vivace que jamais, comme l'indestructible upas. La Voisin parut. Elle était une élève d'Exili. Sorcière et diseuse de bonne aventure, elle pratiqua de concert avec Le Sage et Le Vigoureux la magie, la nécromancie et l'empoisonnement. Sa maison fut achalandée et sa renommée se répandit au loin. La duchesse

de Bouillon et la comtesse de Soissons, mère du prince Eugène, accusées d'avoir eu des rapports avec cette femme scélérate, furent bannies du royaume.

La *Chambre Ardente* reprit son oeuvre de juste vengeance. Desgrais découvrit les crimes de la Voisin et de ses associés, et les bûchers s'allumèrent de nouveau sur la place de Grève.

La coupable Voisin laissa une fille, Marie d'Exili; cette enfant, jetée sur le pavé de Paris, fut recueillie par la charité. Sa grâce était remarquable, son esprit pervers. Elle échappa bientôt à la surveillance de ses protecteurs et se mit à vivre de sa beauté. Plus tard, quand les ans commencèrent à flétrir ses charmes, elle se souvint de l'art diabolique de ses parents et se fit à son tour empoisonneuse à gage.

Elle fut enfin soupçonnée. Mais elle avait à la cour une protectrice puissante qui l'avertit du danger, et elle s'enfuit déguisée en paysanne. Elle s'embarqua pour la Nouvelle-France, sur un vaisseau qui amenait des filles honnêtes destinées à devenir les femmes des braves colons.

Elle fut accueillie avec bienveillance. Personne ne soupçonnait, sous son modeste costume et son air ingénu, la redoutable héritière de l'art maudit d'Antonio Exili et de la sorcière Voisin.

Marie Exili garda bien son secret.

Le sieur Corriveau, un riche habitant de Saint-Vallier, avait besoin d'une servante. Il la vit, la trouva parfaitement convenable, bien jolie, sans doute, et l'amena dans sa maison.

Peu de temps après, Mme Corriveau mourait. Ni le médecin, ni le curé ne purent comprendre sa maladie ou deviner la cause de sa mort.

Corriveau, devenu veuf, convola avec sa servante. Il mourut, lui aussi, dans un espace de temps bien court. Il laissait tous ses biens à sa femme. Il lui laissait aussi une petite fille qui était le portrait fidèle de sa mère.

Marie Exili, la veuve Corriveau, se consola de ses splendeurs passées et de l'amitié des grands de la cour, dans la paix profonde de sa retraite, et dans l'affection sincère de sa fille. La petite Marie Josephte avait l'instinct du mal, et elle surprit peu à peu tous les secrets que l'amour maternel aurait voulu taire.

Elle apprit à composer des poisons comme son aïeul Exili, et à faire des sortilèges comme la Voisin, sa grand-mère.

Elle se fit raconter plus d'une fois la mort de cette sorcière, et il lui semblait alors qu'elle sentait les morsures des flammes qui montaient du bûcher vengeur; elle se sentait prise de rage contre la société qu'elle accusait d'injustice.

Sortie d'une pareille source, en possession de si terribles secrets, Marie-Josephte Corriveau ne pouvait guère ressembler aux naïves paysannes de son village.

Les années suivirent les années, la jeunesse s'envola, et la petite fille d'Exili demeura seule et solitaire à son foyer déjà redouté. Elle se consumait dans l'ennui.

Alors, il circula dans la paroisse une rumeur étrange: il y avait un trésor quelque part et la Corriveau savait où le trouver. Elle seule le savait. C'était elle, la rusée commère, qui avait lancée cette menteuse rumeur. Le truc réussit.

Un habitant un peu simple et fort cupide, Louis Dodier, crut faire preuve de flair et de tact en épousant la femme qui possédait un tel secret.

Le mariage fut peut-être béni, mais il demeura stérile. Nul ange ne vint tendre ses petits bras comme pour exciter la tendresse maternelle, et amollir la dureté de ce coeur. La femme Dodier maudit sa stérilité, et livra son âme à toutes les passions mauvaises. Mais elle fut aussi adroite que méchante, et sut longtemps déjouer les soupçons. Elle faisait une aumône par ostentation, et les bonnes gens l'attribuaient à la charité; elle disait la bonne aventure aux jeunes filles, et les jeunes filles la trouvaient aimable; elle avait des paroles vides comme des bulles d'air, mais parées des plus vives couleurs de l'amitié.

Elle était haïe et redoutée de ses voisins.

Néanmoins, bien qu'on fit le signe de la croix sur la chaise où elle s'asseyait, on lui souhaitait la bienvenue quand elle entraît, et le bonsoir quand elle sortait. Elle allait chez le riche et chez le pauvre; elle faisait des dupes partout, et partout, au lieu de la maudire, on lui donnait de l'argent ou des remerciements.

Elle se croyait au-dessus de tous les gens qui l'entouraient, à cause des horribles secrets de famille qu'elle savait, et elle se disait avec une superbe étrange, qu'ils ne vivaient tous que par sa permission. Elle pouvait les anéantir en un clin d'oeil. Il y avait quelque chose de sublime dans cette satanique vanité.

Pour elle, l'amour ne fut qu'un moyen d'arriver à ses fins cupides. Elle ne le ressentit jamais et ne s'occupa jamais de l'inspirer, excepté par intérêt. Tous les sentiments nobles s'étaient éteints dans son âme comme la flamme d'une lampe où il n'y a plus d'huile. Seules au fond de son coeur grouillaient l'avarice sordide avec la haine de la société.

Sa mère, Marie Exili, sur le point d'expirer, l'avait appelée auprès d'elle pour lui commander de ne point se livrer à la pratique des sciences occultes, mais de s'attacher à son mari, et de vivre comme une honnête femme, afin de ne pas mourir de la mort désespérée de ses aïeuls.

Marie-Josephte écouta patiemment sa mère, mais agit à sa guise. Le sang d'Antonio Exili et de la Voisin qui coulait dans ses veines ne pouvait se calmer à la voix tardive de cette moribonde. Puis, elle voulait se venger de quelques ennemis. La société de son mari l'ennuyait, elle ne trouva plus assez d'émotions dans la pratique de la magie et de l'horoscope et elle se souvint qu'elle était née sorcière et empoisonneuse.

Telle était la femme qu'Angélique des Meloises appelait à son secours, à l'heure des sombres perplexités où elle se trouvait.

Angélique n'était pas encore sans éprouver des craintes et des remords. Sa conscience se réveillait toujours, et c'est en vain qu'elle s'efforçait de l'étouffer. Elle avait, la malheureuse fille, caressé le crime dans sa pensée, mais jamais encore elle ne l'avait touché de sa main vierge. Elle s'aveuglait sur l'énormité du forfait qu'elle préparait, et se faisait accroire qu'elle serait moins coupable s'il était accompli par une autre main que la sienne. Elle prenait Dieu à témoin qu'elle ne voulait pas persévérer dans le mal. Elle commettrait cette faute, mais rien que celle-là, jamais d'autres! Sa rivale disparue, elle vivrait saintement et ferait pénitence. Elle n'aurait plus de tentations. Elle se purifierait par son mariage avec Bigot, par sa position de grande dame dans la colonie, par son ascension au ciel de la cour de Versailles!...

Beaumanoir et ses souvenirs odieux disparaîtraient dans la distance et la nuit du temps. Hélas! c'est toujours ainsi que l'esprit malin s'efforce de nous abuser. Une faute, c'est peu de chose, un pas à côté de la voie droite, ce n'est pas aller loin. Il y a encore du mérite à s'arrêter là; l'entraînement est si vif, la Providence, réellement, nous devra récompenser de notre bonne volonté!

Fanchon Dodier partit de bonne heure pour aller trouver la Corriveau, comme le voulait Mlle des Meloises. Elle ne traversa pas le fleuve pour suivre ensuite la route trop fréquentée de Lévis à Saint-Vallier, mais elle se rendit au quai de la Friponne où l'attendait un canot avec deux Indiens.

Elle évitait ainsi des rencontres qui pouvaient devenir un sujet d'embarras. Il fallait tout prévoir, et Angélique n'avait rien oublié.

Elle n'avait pas oublié, non plus, que si la Corriveau la servait pour de l'argent, pour de l'argent elle pouvait aussi la trahir. Il était donc sage de la rendre solitaire.

Sur la grève de Stadacona, comme on appelle encore la batture de la rivière Saint-Charles, il y avait toujours un certain nombre d'Indiens demi-civilisés, mais profondément corrompus. C'étaient des canotiers, et jamais sur la mer ou les rivières, nul homme ne sut conduire un canot et manier une pagaie comme eux. Si les passagers étaient nombreux et la recette bonne, ils fumaient, jouaient aux dés et buvaient joyeusement; si la fortune se montrait revêche, ils s'enveloppaient dans leur couverture de laine blanche pour dormir paresseusement.

Ils exerçaient leur métier honnêtement, toutefois, et se sentaient fiers de la confiance que l'on mettait en leur parole.

Fanchon les connaissait un peu. Elle s'embarqua sans crainte et s'assit sur la peau d'ours, tendue comme un tapis, au fond du canot d'écorce.

Les Indiens poussèrent au large. Mornes, silencieux, suivant leur habitude, ils répondaient à peine aux éternelles questions de la jeune messagère qu'ils avaient ordre de conduire à Saint-Vallier. La mer commençait à baisser et leur canot glissait comme une feuille sur le courant rapide. Ils se mirent bientôt à chanter en langue sauvage, et d'une voix sourde, ce refrain monotone et cadencé:

Ah! ah! Tenaouich tenega!

Tenaouich tenega, ouich ka!

et tout en le chantant, ils plongeaient tour à tour leurs pagaies dans les vagues du fleuve et la lumière du soleil.

Fanchon pensa:

– C'est à mon sujet qu'ils chantent, bien sûr. Mais je m'occupe bien de cela! Il n'y a pas de chrétiens qui parlent jargon! C'est assez pour faire sombrer le canot. Puisqu'ils ne veulent pas causer avec moi, je vais réciter des *Pater* et des *Ave*, je vais me recommander à la bonne sainte Anne pour qu'elle m'obtienne la grâce de faire un bon voyage.

Et elle commença une série de prières toujours interrompues par de nouvelles distractions.

Toujours ramant, toujours chantant, les deux Sauvages passèrent les vertes collines de la rive sud et les bords de l'île d'Orléans couronnée de forêts et baignée de lumière, et bien avant midi, ils vinrent s'arrêter au fond de l'anse de Saint-Vallier.

Fanchon sauta sur la grève. Elle se mouilla un pied en sautant ainsi, et cela lui fit perdre un peu sa bonne humeur. Ses conducteurs ne l'avaient pas aidée. Dans l'opinion des Indiens, c'est la femme qui doit aider l'homme, et elle n'a besoin de personne.

La galanterie des Français envers les femmes leur a toujours paru une chose absurde, incompréhensible, et rien jamais n'a pu modifier leur manière de voir à ce sujet.

– Ce n'est pas que je tiens à toucher ces mains de Sauvages, murmura Fanchon, mais ils auraient dû quand même se montrer mieux élevés! Puis elle continua, en relevant le bord de sa robe pour montrer un pied gentiment fait, mais trempé jusqu'à la cheville. Voyez donc! Ils devraient savoir qu'il y a de la différence entre leurs squaws boucanées et une fille de la ville. Si elles ne valent pas la peine qu'on se dérange pour elles, nous, c'est différent. Mais ces Sauvages ne sont bons qu'à tuer des chrétiens ou à se faire tuer. J'aimerais autant faire la révérence à un ours qu'à un Indien.

Les Sauvages laissèrent tomber sur son pied humide un regard profondément indifférent, prirent leur pipe, s'assirent sur le bord du canot et se mirent à fumer en silence.

– Vous pouvez vous en retourner, leur dit Fanchon, sèchement. Je reste ici; je ne remonte pas avec vous autres. Je prie le bon Dieu qu'il vous blanchisse!

C'est toujours bien comme rien d'attendre quelque chose de bon d'un Sauvage.

– Marie-toi avec moi, sois ma squaw, Ania, répliqua l'un des canotiers en riant finement, le bon Dieu blanchira nos papposes (enfants) et leur donnera les belles manières des visages pâles.

– Ouais! je ne t'épouserai pas pour tout l'or du roi! Comment! prendre un Sauvage pour porter les fardeaux comme Fifine Pérotte! j'aimerais mieux mourir! je te trouve bien hardi, Paul Lacrosse, de me parler de mariage. Retourne à la ville. Je n'oserais plus remettre les pieds dans ton canot. Il fallait du courage pour y venir d'abord; mais c'est Mademoiselle qui vous a choisis, ce n'est pas moi. Je ne vois pas pourquoi je n'aurais pas préféré les frères Belleau, les plus beaux garçons de Québec, qui étaient là, à flâner sur la batture avec leur embarcation.

– Ania est la nièce de la vieille femme à la médecine, qui reste à Saint-Vallier, dans le wigwam de pierre. Elle va la voir, hein? demanda l'autre Indien avec un brin de curiosité.

– Oui, je m'en vais voir ma tante Dodier: pourquoi pas? Il y a des pots remplis d'or enterrés dans sa cave, Pierre Ceinture. Je puis bien te dire cela.

– Des pots pleins d'or! ho! oui! Ania va en demander à la Corriveau, de l'or, hein? fit Paul Lacrosse.

– La Corriveau a de la médecine et tout; apportes-en, hein? ajouta Pierre Ceinture.

– Je ne vais chercher ni or, ni médecine, je vais voir ma tante; si cela te regarde, Pierre Ceinture, je ne vois pas trop quelle chose au monde ne te regarde pas, riposta Fanchon, un peu aigrement.

– Mlle des Meloises donne de l'argent à Ania pour aller à Saint-Vallier, mais pas pour revenir, hein? demanda Paul Lacrosse.

– Mêlé-toi de tes affaires, Paul, et je m'occuperai des miennes. Mlle des Meloises vous paie pour me conduire à Saint-Vallier et non pour me débiter des impertinences. C'est assez. Voici votre argent; maintenant, vous pouvez retourner à la rue du Sault-au-Matelot et vous saouler comme il faut, si le coeur vous en dit.

– Ça, c'est bon! dit l'un des Sauvages. J'aime à me saouler, et cette nuit on boira! Tu aimerais à me voir, hein? Ce serait mieux que d'aller voir la Corriveau... Les habitants disent qu'elle parle au diable, la Corriveau, et qu'elle envoie des maladies sur les wigwams des hommes des bois. Ils disent, les habitants, qu'elle est capable de tuer les blancs rien qu'à les regarder. Les Indiens ne sont pas si aisés à tuer que cela, eux! C'est l'eau de feu qui les tue, l'eau de feu, le tomahawk ou le fusil.

– C'est encore bon qu'il se trouve quelque chose pour vous détruire, race mal élevée! riposta Fanchon. Regardez donc mes bas! Ah! si je raconte à la Corriveau ce que tu dis d'elle, Pierre Ceinture, il y aura de la peine dans ta cabane.

– Ne fais pas cela, Ania, hein! supplia le Sauvage en faisant le signe de la croix. Si tu le contes, vois-tu, la Corriveau fera une figure de cire qu'elle appellera Pierre Ceinture, et elle la mettra devant le feu pour la faire fondre; et à mesure qu'elle fondra, moi, vois-tu, je dépérirai. Ne fais pas cela, hein!

Pierre Ceinture croyait sincèrement à cette folle superstition qu'il avait recueillie chez les habitants.

– C'est bon! laissez-moi; retournez à la ville et dites à Mlle des Meloises que je me suis rendue heureusement. Les deux Indiens ressentirent une certaine inquiétude. L'air de Fanchon ne les rassurait point; au contraire. Ils songeaient à la Corriveau dont le pouvoir surnaturel pouvait les atteindre sous les bois les plus épais, et dans les retraites les plus éloignées. Ils firent un salut à la jeune fille, puis sans parler, ils poussèrent leur canot dans le fleuve et remontèrent vers la ville.

Fanchon Dodier se trouvait au pied d'une colline en pente très douce, où soufflait une brise fraîche, où s'étendaient des prairies et des champs de blé. Une longue file de maisons

blanches, traversant la campagne, se découpaient sur le fond vert des prés et tout à coup, au loin, devenaient plus drues, comme pour former un petit village autour de l'église paroissiale. L'église s'élevait à l'intersection de deux ou trois chemins. L'un de ces chemins, assez étroit et couvert de gazon usé par les voitures, conduisait à la maison de pierre de la Corriveau, dont la cheminée apparaissait au moment où l'on perdait de vue le clocher. Le grand chemin, avec des maisons échelonnées de chaque côté se prolongeait loin, en se rétrécissant toujours jusqu'à ce qu'il parut comme un fil blanc dans la forêt sombre.

La maison de la Corriveau était bâtie dans un trou; on ne la voyait pas de l'église, et c'est à peine si le son de la cloche bénite ondulait jusque là. Elle était inconmode et sombre, avec ses étroites fenêtres et sa porte inhospitalière. Elle s'appuyait à la forêt. Un ruisseau tapageur se repliait comme un serpent pour l'enlacer. Devant la porte, un petit clos de verdure en désordre, mal cultivé; des plantes aromatiques avec des mauvaises herbes: de la barbane, du fenouil odorant, des chardons, du stramonium infect. Tout cela, entouré d'un petit mur de cailloux entassés au hasard et sans mortier. Au milieu de ce clos s'élevait un arbre et sous cet arbre, dans un vieux fauteuil, une vieille femme morose et songeuse. C'était Marie-Josephte Dodier surnommée la Corriveau.

La Corriveau était grande, droite, basanée. Elle avait les cheveux et les yeux extrêmement noirs. Ses traits n'étaient pas repoussants; elle avait été belle un jour; ses regards n'avaient rien de désagréable, au repos, quand ils n'étaient point chargés de haine. Ses lèvres minces et cruelles ne riaient jamais, excepté à l'aspect du gain.

Lorsque Fanchon arriva dans le petit enclos, la Corriveau portait une robe d'étoffe brune, découpée avec un goût remarquable. Elle tenait de sa mère ce reste d'amour de la toilette et de la propreté. Des souliers assez petits la chaussaient presque coquettement comme une dame, disaient les habitants. Elle ne traînait jamais de sabots et n'allait jamais nu-pieds comme la plupart des autres femmes. Elle était fière de ses pieds et se disait avec amertume et regret qu'ils auraient pu faire sa fortune, ailleurs qu'à Saint-Vallier.

Elle était là, la tête basse et songeuse, ne s'apercevant pas de la présence de sa nièce, qui la regardait et n'osait parler. Elle avait un air dur, redoutable. Ses doigts, pendant qu'elle

songeait ainsi, obéissaient à des mouvements vifs, nerveux, comme si elle eut joué à la mora avec quelque mauvais génie. Exili, son aïeul, faisait aussi cet involontaire mouvement des doigts, et les gens disaient qu'ils jouaient à la mora avec le diable son fidèle compagnon.

Elle marmottait quelque chose. Elle aimait à outrager son sexe dans le refrain d'une sale chanson de Jean de Meung qu'elle fredonnait alors:

Toutes vous êtes, serez ou fûtes,

De fait ou de volonté pûtes!

– Ce n'est pas joli, tante, de dire cela, exclama Fanchon en se précipitant pour embrasser la vieille, ce n'est pas joli cela, et ce n'est pas vrai...

La Corriveau fit un bond à la vue de sa nièce.

– Si ce n'est pas joli, c'est vrai, affirma-t-elle. Il n'y a rien de bon à dire de notre sexe, et les hommes qui le vantent sont des fous. Mais, continua-t-elle, en la regardant avec des yeux perçants comme des vrilles, quel vent mauvais ou quelle diabolique affaire t'amènent aujourd'hui à Saint-Vallier, Fanchon?

– Ni vent mauvais, ni diabolique affaire, tante; je viens de la part de ma maîtresse pour vous demander de monter à Québec. Elle veut vous consulter au sujet de certaines choses et elle se ronge les ongles d'impatience en vous attendant.

– Et comment se nomme cette personne qui ose ainsi, sans plus de gêne, donner des ordres à la Corriveau?

– Ne vous fâchez pas, tante, c'est moi qui l'ai conseillée de vous mander près d'elle, et je me suis offerte pour venir au devant de vous. Ma maîtresse est une grande dame qui s'attend bien de monter encore; c'est Mlle Angélique des Meloises.

– Mlle Angélique des Meloises! On la connaît!... Une grande dame, en effet... qui finira par descendre assez bas! Une mijaurée aussi vaine que belle qui voudrait épouser tous les hommes de la Nouvelle-France et tuer toutes les femmes qui se trouvent sur son chemin. Au nom du sabbat, que peut-elle vouloir de la Corriveau!

– Elle n'a pas dit un mot contre vous, tante, et je vous prie de ne pas la traiter de cette façon; vous me faites peur et je n'oserai pas m'acquitter de mon message. Mlle des Meloises m'a chargée de vous donner cette pièce d'or, comme garantie de l'importance de ma mission et de son sincère désir de vous voir.

Fanchon défit un noeud dans le coin de son mouchoir et tira un beau louis d'or qu'elle glissa dans la main de sa tante. La Corriveau saisit de ses doigts crochus comme un pied de harpie, le précieux métal et le fit miroiter avec délice.

– Il y a trop longtemps, dit-elle, que je n'ai vu pareille pièce d'or pour ne pas la tenir comme il faut!

Et elle cracha dessus pour la chance.

Fanchon, toute rassurée, lui dit alors qu'il y en avait bien d'autres louis d'or comme celui-là, dans la maison d'où elle venait.

– Mademoiselle pourrait en remplir votre tablier, tous les jours, si elle le voulait, ajouta-t-elle... Elle va se marier avec l'intendant.

– Se marier avec l'intendant! exclama la Corriveau, vraiment!... C'est peut-être pour cela qu'elle veut me voir tout de suite... Je comprends... Se marier avec l'intendant!... Si l'affaire réussit la Corriveau aura de l'or... beaucoup d'or!...

– Peut-être que c'est cela, en effet, tante; je le voudrais bien. Aujourd'hui cependant elle désire vous consulter pour autre chose. Elle a perdu ses bijoux au bal et elle désire que vous l'aidiez à les retrouver.

– Elle a perdu ses bijoux, dis-tu? Est-ce qu'elle t'a recommandé de me dire cela, qu'elle a perdu ses bijoux?

– Oui, ma tante, c'est ce qu'elle m'a chargée de vous dire.

La Corriveau devina qu'un autre motif se cachait derrière celui-ci.

– Une histoire bien vraisemblable! murmura la Corriveau. Croire qu'une femme aussi riche va prendre la peine de m'envoyer chercher à Saint-Vallier, pour que je l'aide à retrouver quelques bijoux! N'importe, laissons faire. Fanchon, je vais aller à la ville avec toi. Je ne refuse pas une si bonne offre. Il y a de l'or pour toutes les femmes. J'en ai toujours eu moi. Tu en auras aussi toi, à ton tour, si tu sais ouvrir les mains à propos.

– Ce serait le temps, maintenant, ma tante; mais comment voulez-vous? des pauvres filles en service n'ont pas beaucoup d'avantages. Nous sommes heureuses encore d'accepter la main... même quand elle est vide. Les hommes sont si rares aujourd'hui, à cause de la guerre, qu'ils pourraient avoir autant de femmes qu'ils ont de doigts si cela était permis. J'ai entendu dire à la mère Tremblay– et je crois qu'elle avait raison– que l'Église ne considérerait pas la moitié assez notre position.

– La mère Tremblay! la charmante Joséphine du lac Beauport, cette vaurienne qui aurait voulu se faire sorcière et n'en fut pas capable! s'écria la Corriveau. Satan n'en voudrait

pas, ajouta-t-elle, avec un air de mépris profond. Est-elle encore ménagère et chambrière à Beaumanoir? demanda-t-elle.

Fanchon était assez honnête pour ne pas aimer ce langage injurieux.

– Ne parlez pas ainsi, tante, observa-t-elle, la mère Tremblay n'est pas méchante. Bien que je l'aie quittée pour aller servir Mlle des Meloises, je n'ai rien de mal à dire contre elle.

– Pourquoi as-tu quitté Beaumanoir? demanda la Corriveau.

Fanchon réfléchit un moment, et elle crut qu'il valait mieux ne pas dire tout ce qu'elle savait. La Corriveau en apprendrait assez long d'Angélique. Dans tous les cas, Mlle des Meloises dirait ce qu'elle voudrait.

– Pour dire la vérité, ma tante, répondit-elle, je n'aimais pas dame Tremblay, j'aimais mieux demeurer dans la compagnie de Mlle Angélique. Mlle Angélique est une beauté, vous savez, et les toilettes qu'elle porte sont encore plus belles que celles des livres de modes de Paris. Je les vois ces livres, ils sont toujours sur sa table. Puis elle me permet de copier des patrons et de porter les robes qu'elle ne met plus; des robes plus belles encore que les robes neuves des autres dames.

La Corriveau donna quelques petits coups de tête en signe d'approbation.

– Elle est assez libérale, fit-elle, elle donne ce qui ne lui coûte rien et prend tout ce qu'elle peut avoir. Tiens, Fanchon, elle est comme les autres! Toutes les femmes seraient bonnes, parfaites, s'il n'y avait dans le monde ni hommes, ni argent, ni toilette!

– Vous parlez trop mal, s'écria Fanchon, irritée, je ne vous écouterai plus... j'entre voir mon vieil oncle Dodier. Il me regarde par la fenêtre depuis dix minutes et n'ose pas venir me parler. Vous êtes un peu trop dure pour le pauvre vieux, tante... Pourquoi donc l'avez-vous épousé si vous ne pouvez pas l'aimer un peu?

– Pourquoi? parce que je voulais avoir un mari, et qu'il voulait avoir mon argent... Voilà! Le marché a été conclu de part et d'autre franchement...

Et la vieille se mit à rire! à rire! Et il y avait quelque chose d'horrible, d'inférieur dans sa joie.

– Je croyais qu'on se mariait pour être heureux, reprit Fanchon.

– Heureux! quelle sottise! C'est le diable qui fait les mariages pour augmenter le nombre des pécheurs et nourrir le feu de l'enfer.

– Ma maîtresse dit qu'il n'y a rien comme une union bien assortie pour assurer le bonheur, et je le crois; aussi, je ne manquerai pas la première occasion, tante, je vous l'assure!

– Tu es folle, Fanchon! Ta maîtresse mérite de porter l'anneau de Cléopâtre et d'être la mère d'une race de sorciers et d'arlequins... Pourquoi m'a-t-elle envoyé chercher? dis, sérieusement.

Fanchon se signa en disant:

– Dieu la préserve tante; elle ne mérite pas cela!

La Corriveau cracha cyniquement à ce nom sacré.

– Mais que veux-tu que j'y fasse? répondit-elle, c'est en elle, cela, Fanchon, c'est en nous tous! Si elle n'est pas méchante aujourd'hui, elle le sera demain. Mais, tiens, entre; va voir ton imbécile d'oncle; je vais faire mes préparatifs de voyage. Nous partirons immédiatement. Des affaires comme celles d'Angélique des Meloises ne se retardent point.

XXXIV

Les Parques

Fanchon se dirigea vers la maison pour aller voir son oncle. Alors, dès qu'elle fut seule, la Corriveau prit une expression épouvantable, et ses yeux, pleins d'un feu sombre, se fixèrent sur le sol comme pour regarder les abîmes intérieurs.

Elle demeura ainsi pendant quelques minutes, les bras croisés sur la poitrine, morne, ouvrant et fermant les doigts par une secousse nerveuse, et comme pour accompagner le mouvement mesuré de son pied qui frappait la terre.

– C'est pour tuer, ce n'est pas pour chercher des bijoux que cette fille a besoin de moi, grinça-t-elle.

Et l'ivoire de ses dents parut comme un éclair livide entre ses lèvres minces et cruelles. Elle continua:

– Elle a une rivale et elle veut que je l'en débarrasse charitablement, en lui servant de la manne de l'aïeul Nicolas. Angélique des Meloises est audacieuse, fausse et rusée comme vingt femmes, et elle est discrète comme une nonne. Elle est riche, ambitieuse et elle empoisonnerait volontiers la moitié du genre humain pour arriver à ses fins. Elle est une femme selon mon coeur et mérite que je m'expose avec elle... Si elle réussit dans son projet,

elle aura des richesses immenses... et moi, en possession de son secret, je la tiendrai bien! moi, je serai sa maîtresse et la maîtresse de toute sa fortune! de tout son or! de tout son or! Et puis...

Elle revit d'un coup d'oeil la destinée fatale de ses aïeux...

– Et puis, ajouta-t-elle, j'aurai peut-être besoin, un jour de la protection de l'intendant...qui sait?

Un frisson étrange lui passa dans les veines, mais elle se remit aussitôt.

– Je sais ce qu'elle veut, reprit-elle, je vais en emporter! Elle connaîtra le secret de Béatrice Spara; ce sera ma sauvegarde! Elle est digne de le savoir, tout aussi digne que la Brinvilliers!

La Corriveau entra dans sa chambre, ferma la porte sur elle, tira de son sein un paquet de clefs et se dirigea vers un meuble de forme singulière rangé dans un coin. Ce meuble était d'un bois noir importé d'Orient. Un vieil ouvrier italien, fort habile, y avait sculpté des figures étranges, d'après des dessins étrusques, et l'avait muni de tiroirs secrets et de cachettes invisibles.

Il avait appartenu à Antonio Exili, qui le fit confectionner, pour y serrer, disait-il, ses formules cabalistiques et ses préparations alchimiques, quand il cherchait la pierre philosophale et l'élixir de vie; mais en réalité, pour y cacher les drogues d'où ses alambics tiraient *l'aqua tofana*, et ses creusets la *poudre de succession*.

Dans le coin le mieux dissimulé de ce meuble, se trouvaient quelques petites fioles remplies d'un liquide cristallin, dont chaque goutte pouvait détruire une existence. La Corriveau prit ces fioles et les plaça soigneusement dans un coffret d'ébène pas plus grand qu'une main de femme. Il y avait déjà dans ce coffret plusieurs petits flacons de pilules, semblables à de la graine de moutarde. C'étaient des essences de poisons qui, mêlés à l'aqua tofana, donnaient au meurtre infâme toute l'apparence d'une mort naturelle.

Dans ce coffret d'ébène se trouvait aussi le sublimé d'une poussière noire, mortelle, qui servait à tempérer les rougeurs ardentes de la fièvre et à faire pourrir la racine de la langue. Là encore, la fétide poudre de stramonium, qui s'attache aux poumons et fait râler comme l'asthme; la quinine qui glace et fait trembler comme les miasmes des marais pontins; l'essence de pavot dix fois sublimé qui tue comme l'apoplexie; et enfin cette plante sardonique qui donne à la victime le rire douloureux de la folie.

La connaissance de toutes ces plantes, de toutes ces herbes maudites, avec le moyen de s'en servir et de pratiquer les enchantements, venaient d'abord de Médée de Colchide, qui

s'enfuit avec Jason. La Grèce et Rome ensuite furent en possession de la fatale science. Puis une longue succession d'empoisonneurs et de sorciers la fit descendre, après des siècles, jusqu'à Exili, et à Béatrice Spara qui la léguèrent à la Corriveau.

Mais la Providence ne cessa jamais de s'élever contre les projets des méchants. Elle sait tirer le bien du mal et désire la réhabilitation de l'homme. En face des actions coupables elle place les bonnes oeuvres, en face du mensonge la vérité.

Les recherches des alchimistes et des empoisonneurs conduisirent à des découvertes chimiques importantes, et des hommes de bien utilisèrent, pour sauver leurs semblables, ces drogues redoutables qui, jusque-là, n'avaient servi qu'à les tuer. L'axiome *similia similibus curantur* devint l'étendard ou le cri de ralliement des plus illustres écoles de médecine.

La Corriveau ouvrit un autre tiroir secret et en tira, d'une main hésitante, comme si elle n'eut pas été tout à fait décidée, un petit stylet luisant, aigu, dont la seule vue faisait passer du froid dans les veines. Elle en toucha la pointe avec son pouce, machinalement, par habitude, et le cacha dans sa robe.

– Cela peut servir, murmura-t-elle... pour me défendre, ou pour achever mon oeuvre. Béatrice Spara aimait mieux ce stylet que le poison.

Elle se révéla satisfaite d'avoir tout prévu, plaça le coffret dans sa poitrine et sortit de sa chambre.

L'avenir lui souriait en ce moment-là. D'abord, il y avait l'appât de l'argent, puis l'honneur d'essayer son habileté et d'exercer son art sur une grande dame, comme le faisaient Exili et la Voisin, au temps glorieux de Louis XIV.

Elle était prête et ne demandait plus qu'à partir.

Le bonhomme Dodier amena la calèche à la porte de la maison.

C'était une lourde voiture à deux roues, portée sur des ressorts de frêne. Le cheval, un vigoureux poney normand, lisse, lustré, bien harnaché, était évidemment l'objet des prédilections de son maître, et paraissait fort sensible à ses caresses.

La Corriveau monta dans la calèche avec une agilité remarquable pour son âge, s'assit à côté de Fanchon, et donna du fouet au cheval qui partit comme une flèche.

– Pourquoi du fouet? murmura le bonhomme en branlant la tête... un cheval si vigoureux!

Bientôt les deux femmes furent hors de vue. Angélique ne sortit pas de la journée. Les heures lui parurent longues et la pensée de sa confiante rivale fut sans cesse comme un fardeau pesant qui l'écrasait.

La nuit arriva. Les lampes furent allumées et la flamme de l'âtre prit une teinte de sang dans l'obscurité. Angélique avait défendu sa porte. Pas d'exception! Elle avait donné congé à Lisette pour jusqu'au lendemain, et elle attendait la Corriveau avec anxiété. Sa magnifique robe de bal gisait toujours négligemment sur le plancher où la veille, elle l'avait laissé tomber comme sa robe d'innocence!

Elle était belle, mais son expression cruelle rappelait Médée jurant de se venger de Creuse. Un de ses bras était nu, ses cheveux d'or tombaient jusqu'à terre, ses lèvres serrées indiquaient une résolution inébranlable, ses yeux flamboyaient, ses mains jointes se crispaient comme du fer sur un brasier, et ses pieds semblaient marquer les mesures du chant de mort qui montait du fond de son âme.

Une pensée de pitié se réveilla un instant: elle la chassa.

– Si elle ne meurt pas, se dit-elle, moi, je mourrai!... Nous ne pouvons plus vivre toutes deux. L'une de nous est de trop! Et je le tuerais lui aussi s'il hésitait dans son choix! Mais que son sang retombe sur elle-même et sur lui!... Non, ce n'est pas moi qui l'ai voulu. L'insensée! elle s'aveuglait au point de rejeter sur ses victimes le crime qu'elle méditait! au point de se croire presque innocente quand elle aurait payé une main étrangère pour le perpétrer! Comme si elle pouvait se mentir à elle-même, comme si elle pouvait tromper l'oeil de Dieu!

– Pourquoi, se disait-elle, pourquoi cette femme s'est-elle trouvée sur mon chemin? Pourquoi est-elle allée à Beaumanoir? Pourquoi Bigot m'a-t-il refusé une lettre de cachet? Je ne lui aurais pas fait de mal à cette étrangère; je l'aurais seulement envoyée loin d'ici. Elle s'assit et demeura silencieuse. L'horloge, dans le calme profond, faisait entendre son tic tac régulier, presque lugubre. Le vent soufflait à la fenêtre, un grillon sous le foyer de pierre jetait son cri monotone; dans le bois de la cloison, la vrillette invisible bruissait comme une montre qui aurait marqué les secondes pour les morts. Dehors, la cloche du couvent sonna minuit et le chien se mit à hurler dans la cour.

Aussitôt, Angélique entendit le craquement léger d'une porte qui s'ouvre avec précaution, et le frôlement d'une robe sur les marches de l'escalier. Elle frissonna, puis, se levant comme si elle avait été poussée par un ressort, elle murmura avec terreur:

– La voici! Elle est venue! et avec elle tous les démons qui aiment le meurtre!

Un coup fut aussitôt frappé dans sa porte, et d'une voix qui s'efforçait en vain de paraître assurée, elle dit d'entrer.

Fanchon ouvrit la porte, fit une révérence et introduisit la Corriveau qui s'avança d'un pas ferme et se trouva bientôt en face d'Angélique.

Les deux femmes se regardèrent instinctivement, curieusement, profondément, comme pour surprendre leurs plus intimes pensées. Elles se devinèrent et comprirent qu'elles pouvaient compter l'une sur l'autre, pour le mal sinon pour le bien.

Ce fut un pacte entre elles, avant qu'une parole fut prononcée, et les esprits mauvais qui les possédaient se serrèrent la main.

Et cependant, comme ces deux créatures étaient différentes l'une de l'autre aux yeux des hommes! Mais comme elle se ressemblaient aux yeux de Dieu qui sonde les coeurs et les reins!

Angélique, rayonnante de jeunesse et de beauté, avec sa chevelure d'or comme une couronne de lumière autour de la tête, avec ses grâces parfaites, faisait aimer l'oeuvre du Créateur et bénir sa puissance.

La Corriveau, sévère, noire, anguleuse, la figure sillonnée de lignes cruelles, perverses; la Corriveau, sans pitié dans le regard, sans pitié sur les lèvres, sans pitié dans le coeur, de glace pour la vertu, de feu pour le mal faisait haïr l'humanité.

Et cependant, ces deux femmes étaient comme deux esprits nés du même souffle.

L'une aurait pu être l'autre. L'orgueilleuse beauté ne possédait pas un meilleur coeur que la Corriveau, et la sorcière de Saint-Vallier n'aurait pas été moins séduisante, ni moins ambitieuse qu'Angélique, si elle fut née riche et belle.

La Corriveau salua Mlle des Meloises. Celle-ci fit signe à Fanchon de se retirer. Fanchon sortit à regret, car elle avait espéré assister à l'entrevue de sa tante avec Angélique. Elle soupçonnait quelque chose de plus intéressant que la perte des bijoux.

Angélique invita la Corriveau à ôter son chapeau et son manteau; puis elle s'assit près d'elle dans sa chaise moelleuse, et la conversation commença. Une conversation banale, insignifiante, qui dura longtemps. Elles semblaient avoir peur l'une et l'autre d'aborder le sujet véritable qui les réunissait à cette heure de la nuit.

– Madame est bien la plus belle que j'aie vue, toutes les femmes l'admettent, tous les hommes le jurent, commença enfin la Corriveau.

Et sa voix âpre et dure grinça comme la porte de l'enfer qu'elle entr'ouvrait avec cette parole flatteuse.

Angélique sourit pour toute réponse. Un compliment, même de la Corriveau, c'était toujours un compliment; mais elle éprouvait une poignante anxiété; elle marchait au bord de l'abîme. Encore une minute et il lui faudrait s'y précipiter. L'explication allait venir.

La Corriveau continua avec cette intonation captieuse qu'elle prenait pour faire des dupes:

– Vous pouvez tout espérer en ce monde, mademoiselle, vous pouvez aspirer à la plus haute fortune: et pour cela, nul besoin de sorciers, ni de sortilèges, vos charmes incomparables suffisent! Les plus belles perles de la mer ne pourraient rien ajouter à la richesse et à l'éclat de votre étonnante chevelure!... Permettez-moi de la toucher un peu, mademoiselle.

La Corriveau souleva une tresse épaisse et la mit en regard de la lumière; les cheveux eurent des reflets d'or. Angélique se retira vivement, comme sous la morsure du feu, arracha sa tresse des mains de la sorcière, et frémit d'horreur et de honte.

C'était le dernier avertissement de son ange gardien.

– Ne touchez pas à mes cheveux! s'écria-t-elle avec vivacité. J'ai joué mon âme et ma vie sur un coup de la fortune, mais j'ai consacré ma chevelure à Notre-Dame de Sainte-Foy. Elle n'est plus à moi; n'y touchez pas, Mme Dodier.

Angélique, toute jeune, s'était en effet agenouillée devant la niche de la Madone, à Sainte-Foy, pour faire le sacrifice de sa plus belle parure.

– Je veux la garder pure, continua-t-elle; je dois la garder pure, vous le comprenez. Ainsi, bonne dame Dodier, pardonnez-moi ce mouvement un peu vif; ne soyez pas fâchée.

– Bah! riposta la Corriveau avec une moue dédaigneuse, je ne me fâche pas pour si peu, et je suis accoutumée à ces bizarreries d'humeur. Ceux qui réclament mes services se brouillent toujours avec eux-mêmes avant de s'accorder avec moi.

– Savez-vous pourquoi je vous ai fait venir, à pareille heure, bonne dame Dodier? demanda Angélique, brusquement.

– Appelez-moi la Corriveau; je ne suis pas la bonne dame Dodier! Mon nom est maudit et je l'aime à cause de cela! Et vous aussi, mademoiselle, vous devriez le préférer, car ce n'est pas pour une oeuvre sainte que vous m'avez mandée. Du moins, les gens qui prient ne l'appelleraient point ainsi. Vous voulez que je vous aide à retrouver vos bijoux? Est-ce bien cela?

La Corriveau n'en croyait rien, c'était visible.

– C'est ce que j'ai dit à Fanchon. Il fallait un prétexte. Je savais bien que vous devineriez un motif plus sérieux. On ne fait pas venir une femme de Saint-Vallier à Québec, pendant la nuit, pour chercher quelques misérables bijoux.

– C'est bien ce que je pensais, fit la sorcière, en montrant dans un sourire sardonique, une rangée de dents blanches aussi menaçantes que celles des fauves. C'est bien ce que je pensais! Le joyau que vous avez perdu, c'est le coeur de votre bien-aimé, et vous espérez que la Corriveau va vous le rendre au moyen de quelque charme. N'est-ce pas cela?

Angélique se dressa soudain, puis, fixant audacieusement la vieille femme:

– Oui, exclama-t-elle, c'est cela!... c'est plus que cela!... Ne devinez-vous point? Vous êtes sagace, pourtant, et vous n'avez pas coutume d'avoir besoin qu'on vous en dise si long...

– Ah! ah! murmura la Corriveau, en la regardant à son tour avec des yeux verts où s'allumait la cupidité, ah! ah! vous avez une rivale!... je comprends! Une femme plus puissante que vous, malgré votre beauté et les séductions de votre esprit, a charmé les yeux et ravit le coeur de celui que vous aimez, et vous voulez que je vous aide à triompher de l'impertinente et à ramener l'infidèle. N'est-ce pas cela, cette fois?

– - Oui, c'est cela, vous dis-je, mais c'est plus encore! Ne pouvez-vous pas deviner? Voyons, devinez donc!

Et, appuyant lourdement sa main gauche sur l'épaule de la méchante vieille, elle se pencha à son oreille et lui murmura quelques paroles horribles. La Corriveau l'entendit et la comprit cette fois. Elle la regarda sérieusement.

– Oui, je le sais, répondit-elle, vous voulez vous débarrasser de votre rivale. Vos yeux, votre bouche, votre coeur, demandent sa mort; mais votre main a peur et n'ose obéir! Vous voulez que la Corriveau fasse votre ouvrage... Tuer sa rivale, c'est sans doute, pour une femme, une tâche agréable. Mais pourquoi me mêler de cela, moi? Qu'ai-je à y gagner? que m'importent votre amoureux et vos amours, Mlle des Meloises?

Angélique écoutait avec terreur, tomber de la bouche d'une étrangère, les paroles de mort qu'elle méditait elle-même et n'osait prononcer. Elle fut sur le point de nier, de se révolter; elle tremblait; cependant elle persista dans sa résolution.

– Je comprends, reprit-elle, que mes amours vous occupent peu, mais ne négligez point vos intérêts. Écoutez, la Corriveau, vous aimez l'or. Eh bien! je vous en donnerai tant que vous en voudrez, si vous venez à mon secours. Aidez-moi et vous ne le regretterez pas;

c'est moi qui vous le dis. Votre fortune est faite! mais si vous refusez, vous aurez lieu de vous en repentir. Entendez-vous, la Corriveau? vous vous en repentirez! Vous serez brûlée comme sorcière et vos cendres seront répandues sur Saint-Vallier! par Dieu! je vous le jure!

A ce moment, la Corriveau cracha sur le plancher, comme elle avait déjà fait. C'était pour dire qu'elle crachait à la face du Seigneur.

– Vous êtes folle de me parler ainsi, Angélique des Meloises! répliqua-t-elle ensuite. Savez-vous bien qui je suis? Savez-vous qui vous êtes? Vous êtes un pauvre papillon qui vient battre de l'aile contre la Corriveau. N'importe, j'aime votre audace. Les femmes de votre temps sont rares. Le sang d'Exili n'était peut-être pas plus vaillant que le vôtre! Vous demandez la mort d'une femme qui n'a pas craint d'allumer dans votre âme l'enfer de la jalousie, et vous voulez que je vous indique le moyen de vous venger!

– Je veux que vous me vengiez vous-même! affirma Angélique d'une voix impatientée.

Elle était fatiguée de tous ces détours; il fallait en finir. Elle ajouta sur un ton plus conciliant:

– Et je vous récompenserai dignement, magnifiquement.

– Tuer un homme ou une femme, c'est toujours un plaisir, même quand ça ne rapporte rien, répondit la Corriveau avec cynisme; mais je ne vois pas pourquoi je me jetterais dans le danger pour vous, Mlle des Meloises. Avez-vous assez d'or pour payer le risque?

La glace était rompue, complètement rompue; Angélique pouvait parler maintenant, elle pouvait jouer cartes sur table.

– Dame Dodier, assura-t-elle, je vous en donnerai plus que vous ne pensez, plus que vous n'en avez jamais vu.

– C'est possible, mademoiselle, c'est possible; mais, voyez-vous, je suis vieille, et ne me fie à personne. Donnez-moi un gage de votre sincérité, s'il vous plaît, avant d'ajouter un mot de plus. Les affaires sont les affaires!

Elle tendit ses deux mains.

– Un gage? de l'or? répliqua Angélique; oui, la Corriveau, oui! je vais vous lier à moi par une chaîne d'or. Je ne compterai pas; on n'a pas compté avec moi. Vous allez devenir la femme la plus riche de Saint-Vallier, la plus riche paysanne de la Nouvelle-France!

– Je ne suis pas une paysanne! riposta la Corriveau avec fierté. Je suis d'une race ancienne et redoutable comme les Césars de Rome. Mais, bah! cela ne vous intéresse nullement. Donnez-moi un gage de votre bonne foi et je suis à votre service.

Angélique se leva aussitôt, ouvrit un écritoire, prit une longue bourse de soie pleine de louis d'or et la jeta à l'âpre sorcière, comme elle eut fait d'un sou.

Le métal précieux étincelait entre les mailles claires de la bourse. La Corriveau saisit avec la rapacité d'une harpie, l'infâme salaire du crime, le porta à ses lèvres et du bout de son doigt maigre le caressa à travers les mailles espacées.

– Ce sont en effet des arrhes magnifiques! s'écria-t-elle. Maintenant, ordonnez, mademoiselle, j'obéis. Seulement je me réserve le choix des moyens. Je devine suffisamment la nature de votre peine et le remède que vous désirez; mais je ne saurais également deviner le nom de l'infidèle qui vous délaisse et celui de la rivale dont le sort vient d'être scellé.

– Je ne vous dirai pas le nom de cet homme qui me trahit... Non! je ne puis pas vous le dire...

Elle éprouvait de la répugnance à déclarer qu'elle aimait Bigot.

– Je voudrais bien vous nommer ma rivale, ajouta-t-elle, mais je ne la connais aucunement.

– Voilà qui est drôle! fit la Corriveau, vous voulez frapper une personne que vous ne connaissez point!

– Je ne sais pas son nom, mais je sais où elle est! Tenez! la Corriveau, la vie de cette créature, c'est ma mort à moi! c'est l'anéantissement de toutes mes espérances, le renversement de tous mes projets! Débarrassez-moi d'elle et je vous donnerai dix fois plus d'or que vous en avez là! Elle est à Beaumanoir, dans une chambre secrète.

La Corriveau fit un mouvement de surprise.

– La dame de Beaumanoir? murmura-t-elle... la dame que des Abénaquis ont amenée d'Acadie?... Je l'ai vue dans les bois de Saint-Vallier, un jour que je cueillais de la mandragore. Elle me demanda un peu d'eau au nom de Dieu. Je lui donnai du lait, mais en la maudissant. Je n'avais pas d'eau. Elle me remercia. Oh! quels remerciements! quels remerciements! Jamais personne n'avait parlé avec tant de douceur à la Corriveau! Elle me demanda s'il y avait loin pour aller à Beaumanoir et dans quelle direction ça se trouvait. Je ne pus m'empêcher de lui souhaiter un bon voyage quand elle s'éloigna avec ses guides indiens.

Angélique devint un peu inquiète et se sentit légèrement froissée, en voyant la Corriveau manifester quelque sympathie pour la recluse de Beaumanoir.

– Vous la connaissez, dit-elle; eh bien, c'est très heureux. Elle se souviendra de vous sans doute; vous aurez facilement accès auprès d'elle, et vous gagnerez tout de suite sa confiance.

La Corriveau battit des mains et jeta un étrange éclat de rire, un éclat de rire sinistre et caverneux comme s'il fut monté d'un abîme.

– Je la connais, dites-vous? pas plus que cela! Elle m'a remercié avec bonté. C'est ce que j'ai dit, n'est-ce pas? Ensuite, quand elle fut partie, je la maudis dans mon coeur, parce qu'elle était belle et bonne, deux qualités que j'abhorre.

– Dites-vous qu'elle est belle? Quant à sa bonté, je m'en inquiète peu; elle ne lui servira de rien auprès de cet homme. Mais est-elle belle? C'est ce que je veux savoir, la Corriveau! Est-elle plus belle que moi? Qu'en pensez-vous?

La Corriveau arrêta sur Angélique ses yeux perçants et se mit à rire.

– Plus belle que vous? Écoutez! C'est comme une vision que j'ai vue. Elle était extrêmement belle et triste! j'ai pu me la figurer plus ravissante qu'elle n'était à cause de sa bonté. Ah! comme elle parlait avec douceur! Jamais, depuis que je suis au monde, jamais personne ne m'a parlé comme cela!

Angélique des Meloises grinça les dents de colère.

– Qu'avez-vous fait ensuite? demanda-t-elle. Ne lui avez-vous pas souhaité la mort? N'avez-vous pas pensé que l'intendant ou n'importe quel homme pouvait oublier et trahir, pour l'amour d'elle, toutes les autres femmes du monde? qu'avez-vous fait?

– Ce que j'ai fait? j'ai continué à cueillir de la mandragore dans la forêt, et j'ai entendu que vous me fissiez appeler auprès de vous. Vous voulez punir l'intendant qui vous néglige pour une autre, une autre plus belle et meilleure que vous?

C'était hardi de la part de la Corriveau, mais c'était juste. Elle savait toute la vérité maintenant.

Ces paroles rudes mirent le comble à la haine jalouse d'Angélique et l'affermirent dans ses résolutions. Il n'y a rien pour envenimer la jalousie comme ces rapports, ces confidences d'une officieuse amitié ou d'une langue indiscreète.

– Sa vie ou la mienne! s'écria-t-elle avec véhémence; l'une de nous deux est de trop. Tuez-la! j'ai de l'or.

Angélique aurait préféré mourir mille fois plutôt que de vivre pour n'avoir que les miettes du festin de l'amour où serait assise une rivale.

– La tuer! c'est aisé à dire, mademoiselle. N'importe, je ne vous ferai pas défaut; fut-elle la Madone même, je la hais pour sa bonté, comme vous, pour sa beauté... Tiens! encore une bourse comme celle-ci, et dans trois fois trois jours il y aura deuil au château de Beaumanoir, et personne ne saura comment est morte la concubine du chevalier Bigot.

Angélique s'élança avec l'ardeur d'une panthère sur sa proie, et, poussant un cri de triomphe, elle serra la Corriveau dans ses bras et l'embrassa sur les joues.

– Oui, c'est bien comme cela qu'il faut l'appeler, dit-elle, sa concubine! Sa femme, elle ne l'est point, elle ne le sera jamais! Merci! un million de fois merci! la Corriveau! si votre prédiction s'accomplit! Dans trois fois trois jours, à compter de ce moment, vous avez dit?

La Corriveau ne tenait guère aux caresses et cherchait à se débarrasser; mais Angélique lui entourait le cou avec une de ses longues tresses blondes:

– Tout à l'heure, je ne voulais pas vous permettre de toucher à mes cheveux, fit-elle, mais à présent je vous enchaîne avec, pour vous prouver que je vous aime et que je veux à jamais vous attacher à ma fortune!

– Fi donc! votre amour! est-ce que j'en ai besoin, moi? gardez-le pour les hommes, répliqua la vieille malfaisante, en repoussant Angélique et en dépliant les boucles de la chevelure qui lui faisait un collier d'or.

– Comprenez-moi bien, continua-t-elle, je vous sers pour de l'argent et non pour votre amitié; mais j'ai du plaisir quand même à faire peser ma main sur un monde qui me déteste et que je hais.

Puis elle leva les deux mains en les recourbant, comme pour laisser dégoutter, du bout de ses doigts, le poison mortel.

– La mort, reprit-elle, la mort tombe sur qui je veux la faire tomber. Elle tombe si mystérieusement, si subitement, que les esprits de l'air ne savent point d'où elle vient; *l'aqua tofana* ne laisse jamais de trace!

Angélique écoutait avec terreur. Elle tremblait et cependant désirait en entendre davantage.

– Quoi! la Corriveau, exclama-t-elle, vous possédez le secret de *l'aqua tofana*?... de *l'aqua tofana* que le monde croyait perdue avec les cendres de ses possesseurs, qui furent brûlés sur la place de Grève, il y a deux générations!

– De pareils secrets ne se perdent jamais, reprit l'empoisonneuse, ils sont trop précieux. Peu d'hommes, encore moins de femmes refuseraient d'aller écouter aux portes de l'enfer pour les surprendre. Écrivez le secret de la confection de *l'aqua tofana* sur les lambris

des palais, les panneaux des boudoirs, les murs des cloîtres, les planches de la rue, et, pour le lire, le roi superbe, la grande dame, la nonne pieuse, le vil mendiant, monteront s'il le faut, sur un tréteau de feu!... Montrez-moi votre main, Angélique, acheva-t-elle brusquement.

Angélique tendit sa main. Elle la saisit, regarda attentivement ses doigts effilés et sa paume ovale.

– J'en vois assez, reprit la Corriveau, j'en vois assez dans ces splendides mains, pour perdre tout le monde. Vous êtes digne de devenir mon héritière! de recueillir ma succession maudite! toute ma science! toutes mes connaissances! Ces doigts sont faits pour cueillir le fruit défendu et le présenter aux hommes pour leur malheur. L'occasion seule manque, mais le tentateur n'est jamais loin. Angélique des Meloises, je vous révélerai peut-être un jour le grand secret; en attendant, je vais vous prouver que je le possède.

XXXV

Flacons tout remplis de drogues vénéneuses

La Corriveau tira de son sein la petite boîte d'ébène et la déposa sur la table avec un geste solennel. Angélique se signa, par distraction ou par effroi.

– Ne faites pas le signe de la croix! exclama la sorcière d'un ton de colère; nulle bénédiction ne peut descendre ici! Avec ce qu'il y a dans cette petite boîte, je puis anéantir toute la population de la Nouvelle-France.

Angélique porta sur le coffret un regard avide, anxieux, comme si elle eut voulu pénétrer le mystère de destruction qu'il gardait, puis elle le toucha d'une main caressante, mais effrayée, brûlant de l'ouvrir et n'osant pas.

– Ouvrez-le, lui dit la Corriveau, pesez sur le ressort et vous allez voir apparaître un écrin digne d'une reine.

C'était le cadeau de noce de Béatrice Spara. Il a appartenu à la famille Borgia. Lucrece Borgia le reçut d'un horrible parent, qui l'avait eu du prince des démons.

Angélique pressa le ressort, le couvercle se leva et une lueur éclatante s'échappa tout à coup. Angélique tout éblouie, tout effrayée» repoussa le coffret et fit quelques pas en arrière. Elle avait cru aspirer l'odeur d'un mortel parfum.

– Je n'ose pas m'approcher de ce coffret, dit-elle, son éclat m'épouvante, son odeur me fait mal.

– Bah! riposta la Corriveau, l'effet d'une imagination malade, et d'une conscience timorée! Il faut que vous vous débarrassiez de ces deux choses-là, d'abord, si vous voulez ensuite débarrasser Beaumanoir de votre rivale. *L'aqua tofana*, entre des mains timides, est doublement dangereuse: elle tue aussi bien celui qui ne sait pas la verser que celui qui la boit dans sa coupe fatale.

Angélique fit un effort pour vaincre sa répugnance ou dompter sa crainte, mais inutilement. Elle ne voulut plus toucher au coffret.

La Corriveau la regarda un peu curieusement, comme si elle se fut défiée de sa faiblesse. Ensuite, elle approcha le coffret et en tira une fiole dorée, couverte de symboles étranges, pas plus grosse que le petit doigt d'un enfant. Ce qu'il y avait dedans brillait comme des diamants au soleil.

Elle l'agita et des millions d'étincelles s'allumèrent soudain dans l'étrange liquide. C'était de *l'aqua tofana* non diluée, de *l'aqua tofana* que nulle pitié n'avait tempérée, foudroyante, indestructible. Une fois administrée, c'en était fait de la victime: pas plus d'espoir pour elle que pour l'âme du damné! Une goutte sur la langue d'un Titan et le Titan serait tombé foudroyé comme par le tonnerre des dieux.

C'était le poison de la colère et de la vengeance qui n'attendent point et bravent la justice du monde. C'est avec ce poison que la Borgia tua les convives qu'elle réunit dans son palais, et que Béatrice Spara, dans sa fureur, foudroya la belle Milanaise qui lui avait volé le coeur d'Antonio Exili.

Rarement cette eau formidable était employée pure. Elle servait plutôt de base à une centaine de préparations diverses qui tuaient lentement, prudemment, au gré de l'ambition, de l'avarice, de la crainte et de l'hypocrisie.

Angélique, assise près de la table, la joue appuyée sur sa main et penchée vers la Corriveau, écoutait, buvait pour ainsi dire ces explications, comme le désert brûlant boit l'eau que lui verse un nuage. Elle avisa une petite fiole pleine d'un liquide aussi blanc que le lait et d'une apparence aussi inoffensive.

– Qu'est-ce que ceci? demanda-t-elle.

– Cela? fit la Corriveau, c'est du *lait de miséricorde*. Il produit la phtysie et le dépérissement, sans causer de douleurs. Il fait son oeuvre dans l'espace d'une lune ou deux. On dit d'un homme alors: l'infortuné! une consommation galopante l'emporte! Oui! parce que la

main d'un ennemi le pousse! Avec ce lait, l'homme fort devient un squelette, la jeune fille rose et fraîche devient blême, maigre, décharnée, et personne ne peut deviner le secret de la tombe qui se ferme; et ni prière, ni sacrement ne sauraient empêcher le fatal résultat de se produire.

Elle sortit une autre fiole du coffret.

– Cette fiole, reprit-elle, en se caressant les lèvres du bout de sa langue de vipère, et avec une évidente satisfaction, cette fiole contient un poison mordicant qui empoigne le coeur comme le feraient les griffes d'un tigre, et fait tomber à l'heure marquée d'avance la victime désignée. Les imbéciles viennent et déclarent emphatiquement: Mort par la visite de Dieu!

– La visite de Dieu! répéta-t-elle d'un ton de mépris, et elle cracha de nouveau, la misérable! comme elle avait coutume de faire à ce saint nom.

– Le Lion, ajouta-t-elle, dans son langage cabalistique, le Lion fait mûrir les fruits de mort du levant; des fruits qui tuent contre la volonté de Dieu. Celui qui possède ce flacon est le maître de la vie!

Elle replaça la petite fiole avec un soin tout particulier. C'était son poison favori.

– Cette autre, continua la Corriveau, après avoir remplacé celle qu'elle venait de montrer, pour en tirer une troisième, cette autre cause la paralysie; puis celle-ci allume dans les veines la lente mais inextinguible flamme du typhus. Cette autre encore détruit toute la sève du corps humain et change le sang en eau. Celle-là, une fiole verte comme une émeraude, renferme de l'essence de mandragore, distillée quand le soleil entre dans le Scorpion. Quiconque boit de cette liqueur, ajouta-t-elle, embrassant le petit flacon avec délice, quiconque boit de cette liqueur meurt dans les tourments indicibles de la lubricité.

Il y avait aussi, dans ce coffret, une petite bouteille d'un liquide noir, semblable à de l'huile.

– C'est une relique du passé, ceci, fit la sorcière; c'est un héritage des Untori, les parfumeurs de Milan, qui répandirent avec leur huile embaumée, le deuil et la mort dans toute la grande cité.

L'histoire horrible des parfumeurs de Milan a été écrite, depuis la Corriveau, par la plume magnifique de Manzoni.

– Cela, continua-t-elle, c'est pour venger les chagrins, les déboires, les humiliations des malheureux dont l'amour est dédaigné; et la mort qui frappe l'infidèle ou l'insensible, paraît si naturelle que les plus habiles médecins ne sauraient avoir de soupçons, ou ne pourraient les justifier s'ils en avaient.

– C'est assez! c'est assez! cria Angélique, dégoûtée et prise de frayeur, car si cruels que fussent ses désirs, elle mettait toujours de la délicatesse dans ses moyens. A vous entendre, continua-t-elle, on se croirait au sabbat des sorcières. Je ne veux point de ces choses-là; c'est indigne! Que ma rivale meure, mais qu'elle meure comme une grande dame! Il ne faut pas festoyer sur son cadavre comme des vampires. Vous devez avoir, dans ce coffret, des fioles d'une meilleure couleur et d'un meilleur bouquet? Qu'est ceci?

Elle montrait une petite bouteille rose, d'une forme singulière, cachetée et portant sur son cachet le mystique pentagone. C'est plus beau et d'un effet aussi sûr peut-être que le *lait de miséricorde*, remarqua-t-elle; qu'est-ce que c'est?

La vieille partit d'un rire sardonique et méchant.

– Votre sagesse n'est que folie, Angélique des Meloises! répliqua-t-elle; vous voulez tuer votre rivale et en même temps l'épargner! C'est le parfum que la Brinvilliers avait apporté au grand bal de l'Hôtel de Ville. Elle en versa secrètement quelques gouttes sur le mouchoir de la belle Louise Gauthier, et quand Louise Gauthier le respira, quelques moments après, elle s'affaissa sur le parquet. On voulut la relever, elle était morte. Personne ne put deviner comment ni pourquoi. Elle aimait Gaudin de Sainte-Croix, l'amant de la Brinvilliers, comme la dame de Beaumanoir aime l'intendant que vous aimez aussi.

– Bien! elle a eu sa récompense, observa Angélique froidement. J'aurais fait comme la Brinvilliers. Avez-vous autre chose à dire de ce précieux parfum?

– J'ai à dire qu'il est incomparable. Trois gouttes sur un bouquet de fleurs et celui qui sentira le bouquet s'évanouira pour ne se réveiller que dans l'autre monde. La victime meurt sans souffrir, le sourire sur les lèvres, comme si le baiser d'un ange recueillait son dernier soupir. N'est-ce pas que c'est un baume précieux, mademoiselle?

– O flacon béni! s'écria Angélique en le portant à ses lèvres, ô flacon béni! tu seras l'ange qui prendra dans un baiser le dernier soupir de ma rivale!... Elle s'endormira sur des roses!... La Corriveau, préparez sa couche!

– C'est une mort douce, et qui convient à celle qui meurt d'amour ou par la main d'une rivale généreuse, murmura la sorcière; mais moi, je préfère les breuvages plus amers et aussi infailibles.

– La dame de Beaumanoir ne sera pas plus malaisée à tuer que Louise Gauthier, répliqua Angélique en faisant rayonner la petite fiole à la lumière de la lampe; les serviteurs du château ne la connaissent même pas, et l'intendant n'osera pas plus faire connaître sa mort que sa vie.

– Êtes-vous bien sûre, mademoiselle, que l'intendant n'osera pas faire connaître sa mort? demanda la Corriveau fort sérieusement.

C'était une considération importante cela, la maille principale de la chaîne qu'elle longeait.

– Si j'en suis sûre? Oui, bien sûre! répondit Angélique avec un air de triomphe. Il n'a même pas voulu l'exiler lorsque je l'en suppliais, de crainte que l'on connût son séjour à Beaumanoir. Nous pouvons en toute sûreté courir le risque de lui déplaire; c'est le seul risque, car il me soupçonnera peut-être d'avoir tranché ce noeud qu'il ne sait pas comment défaire.

– Vous êtes hardie! exclama la Corriveau dans son admiration, vous êtes digne de porter la couronne de Cléopâtre, la reine de toutes les magiciennes, de toutes les enchanteresses! Je redoute moins vos ordres, maintenant; et j'y obéirai avec moins de regret, car l'esprit qui vous anime est fort.

– C'est bien, la Corriveau! que le parfum de la Brinvilliers m'apporte la fortune et le bonheur que j'ambitionne et je vous verserai de l'or à pleines mains! Des roses, la Corriveau! Prenez des roses! que la dame de Beaumanoir meure en respirant des roses!

– Oui, mais où trouver des roses maintenant? elles ont fini de fleurir.

La Corriveau n'aimait pas cette disposition à la clémence et soulevait l'objection avec plaisir.

– Les roses n'ont pas fini de fleurir pour elle, repartit Angélique, et le destin est moins cruel que vous.

Et, tirant un large rideau de pourpre, elle découvrit, dans un enfoncement de la pièce, une foule de vases remplis de fleurs de toutes sortes.

– Les roses fleurissent toujours ici, ajouta-t-elle; vous pourrez en faire un bouquet pour la dame de Beaumanoir.

– Vous êtes d'une rare prévoyance, mademoiselle, et Satan n'a plus rien à vous apprendre, en ruses comme en amour.

– En amour! repartit Angélique avec vivacité, ne prononcez pas ce mot! non! Il y a longtemps que je l'ai sacrifié, l'amour!... Si je ne l'avais fait, je ne consulterais point la Corriveau aujourd'hui...

Angélique eut une pensée de regret pour Le Gardeur en disant cela.

– Non! ce n'est pas l'amour qui arme mon bras, reprit-elle, mais c'est la duplicité d'un homme devant qui je me suis humiliée! c'est la vengeance que j'ai jurée à une femme pour

l'amour de laquelle je suis bafouée! Voilà ce qui me pousse au mal! Mais qu'importe, fermez votre coffret, la Corriveau, nous allons arrêter les détails de l'affaire maintenant.

La Corriveau ferma le coffret, laissant de côté, sur la table, la petite fiole de la Brinvilliers, avec un poison rose qui scintillait comme un rubis sous les rayons de la lampe. Ensuite, elle vint s'asseoir près d'Angélique, et toutes deux, tête contre tête, d'une voix basse, et avec une mutuelle et lugubre sympathie, elles se mirent à discuter la disposition du château. L'une et l'autre avaient adroitement fait parler Fanchon Dodier, et connaissaient toutes les habitudes de Caroline, les chambres qu'elle occupait, ses heures de repos et de travail. Angélique savait que l'intendant serait absent de la ville pendant quelques jours, en conséquence des nouvelles qui venaient d'être reçues de France. L'infortunée Caroline serait donc privée, pendant ce temps-là, de sa vigilante protection.

Elles causèrent longtemps, toujours assises l'une contre l'autre, de leur diabolique dessein. Mlle des Meloises n'avait plus maintenant le sourire dans la figure; ses ravissantes fossettes qui rendaient les hommes fous d'amour s'étaient effacées; ses lèvres entr'ouvertes d'ordinaire, comme un calice de fleur, pour laisser couler des paroles douces comme le miel de l'Hymette, ses lèvres se serraient laidement comme celles de la Corriveau, et paraissaient également cruelles et sans pitié.

Ses cheveux tombaient en désordre sur sa robe blanche. Ils auraient pu orner le front d'un ange; et cependant, à ce moment-là, ils semblaient se hérissier de fureur comme les serpents sur la tête de Méduse. Les pensées mauvaises qui l'obsédaient, en la transfigurant, la faisaient ressembler à la Corriveau, et quand elles se regardaient toutes deux, en nouant leur trame infâme, chacune d'elles se reconnaissait dans la face de l'autre.

Comme pour réveiller leur conscience, l'horloge, dans le fond de la chambre, sonnait les heures fugitives. Elles n'entendaient rien! L'aiguille marqua pour toujours chacune de leurs mauvaises pensées, chacune de leurs paroles de mort.

La Corriveau enveloppa le coffret dans son tablier, et se penchant davantage vers Angélique, elle lui dit:

– Arrosez bien vos fleurs, mademoiselle, car dans trois jours je viendrai faire un bouquet, et je vous promets qu'avant trois fois trois jours il y aura des chants de tristesse à Beaumanoir.

– Que cela se fasse vite et sûrement! répliqua Angélique d'un ton rude, et n'en parlez plus! Votre voix est lugubre comme si elle sortait des sombres galeries qui mènent à l'enfer. Qu'il me tarde que tout soit fini! Je pourrai alors en ensevelir la mémoire dans la tombe du silence et de l'oubli pour jamais! oui, pour jamais! Mais pourquoi me désolerais-je d'un acte que vous accomplissez vous-même? Oui, d'un acte que vous accomplissez vous-même, et non pas moi! répéta-t-elle, comme si elle pouvait rendre vrai ce sophisme en le réaffirmant.

Elle voulait oublier son crime; elle ne songeait pas que c'est l'intention qui rend coupable, et que devant Dieu le péché existe lors même que l'acte n'est pas accompli. Elle essayait de s'étourdir par les subtilités du raisonnement, mais elle savait bien mieux que la malheureuse qu'elle poussait au crime avec de l'or, combien grande était la faute qu'elle méditait. Hélas! la jalousie l'aveuglait, et son ambition n'avait pas de frein. Une chose encore l'inquiétait. Qu'allait penser l'intendant? Qu'allait-il dire s'il la soupçonnait du meurtre? Elle redoutait réellement l'investigation. Cependant, elle comptait sur le pouvoir de ses charmes. Après tout, elle pouvait risquer puisque lui-même, par sa parole un peu téméraire, s'était fait son complice.

Si en ce moment elle pensa à Le Gardeur, ce ne fut que pour étouffer impitoyablement le dernier cri de l'amour. A son souvenir, elle se révoltait comme se cabre une cavale sur le bord d'un précipice.

Elle se leva subitement et dit à la Corriveau de se retirer, de crainte qu'elle ne changeât d'idée. Il se faisait encore un combat dans son coeur.

La Corriveau se mit à rire de cette dernière lutte d'une conscience presque morte, et lui souhaita le bonsoir. Il était deux heures après minuit, et elle allait demander à Fanchon de la conduire chez une vieille femme de sa connaissance qui lui donnerait un lit avec la bénédiction du diable.

Angélique, lasse et troublée, lui dit qu'elle lui souhaitait aussi le bonsoir au nom du diable, puisqu'elle préférait cela. La vieille rit encore, et d'un rire moqueur toujours, se leva et sortit.

Fanchon s'était endormie. Elle s'éveilla en sursaut, renoua vite ses idées et offrit à sa tante de l'accompagner. Elle avait l'espoir d'apprendre quelque chose de ce qui s'était passé entre elle et Mlle des Meloises. Tout ce qu'elle put savoir, ce fut que les bijoux étaient retrouvés.

La Corriveau s'en alla clopin-clopat dans l'obscurité et se rendit chez la vieille femme, son amie. Elle se proposait de demeurer là, jusqu'après l'exécution de ses criminels desseins.

XXXVI

La porte large mais honteuse d'un mensonge

Huit jours après l'entrevue de la Corriveau avec Mlle des Meloises, le comte de la Galissonnière était dans son cabinet de travail, assis à une table chargée de papiers et entouré des principaux conseillers de la colonie. Des cartes géographiques et des peintures ornaient les murs recouverts de tapisserie. C'était là qu'il réunissait d'ordinaire son conseil pour les affaires de tous les jours.

Devant lui un amas de lettres, de mémorandums, de mémoires; dépêches des ministres du roi, marquées du grand sceau de la France; rapports des officiers en garnison dans tous les postes de la colonie; déclarations des guerriers indiens de l'est et du grand ouest, écrites en hiéroglyphes sur des feuilles d'écorce de bouleau, blanches comme de l'argent. Et parmi tout cela, un paquet de lettres nouvellement reçues du hardi et entreprenant La Vérendrye, qui explorait le cours lointain de la Saskatchewan et la terre des Pieds-Noirs, et une foule de lettres des missionnaires qui évangélisaient des régions sauvages et presque inconnues de ceux qui avaient charge de les gouverner.

En ces jours-là, le bureau du gouverneur, au château Saint-Louis, n'était jamais calme, jamais solitaire, jamais vide. Les ambitieux, les guerriers, les conquérants s'y coudoyaient. De là, comme de l'ancre d'Éole, sortaient les orages et les tempêtes qui ébranlaient le continent.

A côté du gouverneur était assis Mgr l'évêque de Pontbriand, puis un secrétaire. Devant lui se trouvaient l'intendant, Varin, Penisault et d'Estèbe. A l'un des bouts de la table,

de la Corne de Saint-Luc, Rigaud de Vaudreuil, Claude de Beauharnois et l'abbé Piquet examinaient, avec une attention extrême et un profond intérêt, des dépêches indiennes gravées sur des écorces.

Deux hommes de loi en robe bordée d'hermine et en rabats, des livres sous le bras, un rouleau de papier à la main, attendaient, à l'extrémité de la pièce. Ils étaient venus plaider les questions de droit de la concession et de la juridiction de certains fiefs.

Bien que l'intendant fût brouillé avec plusieurs gentilshommes qui se trouvaient là, il n'en laissait rien paraître. Il ne fallait pas que les affaires publiques souffrissent de ses rancunes personnelles.

Il était gai, charmant, loin, bien loin de soupçonner la trahison qui se préparait, la vengeance épouvantable d'une femme qu'il admirait contre une femme qu'il aimait. Quelquefois il exprimait son opinion avec un peu de hauteur, mais toujours avec courtoisie.

Il ne baissait ni les yeux ni la voix devant un adversaire, mais il riait et plaisantait avec tout le monde également; il s'observait beaucoup toutefois quand il fallait, en bon politique, adresser quelque flatterie à ses patrons ou à ses protectrices de Versailles.

Au fond de la bibliothèque, on apercevait, par une porte entr'ouverte, la noble et blonde tête de Peter Kalm. Cet enthousiaste chercheur s'était assis à une petite table, derrière une muraille de livres qui s'élevait toujours.

Le travail du conseil était commencé. Le secrétaire avait lu maints documents déjà; les débats, les discussions suivaient régulièrement et les jugements étaient rendus ou réservés selon les cas.

Le comte de la Galissonnière avait de la méthode; il allait vite en affaires, se montrait sans préjugé, franc et décidé. Il était aussi honnête dans le conseil que vaillant sur le gaillard de son vaisseau. L'intendant montrait presque une égale habileté et une aussi grande connaissance de la politique; il jouissait, en outre, d'une influence plus considérable à la cour de Louis XV. Il n'avait pas la franchise du gouverneur, car il lui fallait cacher trop de turpitudes et tenir l'autorité aussi longtemps que possible.

Avec des caractères, des opinions, des habitudes si contraires, ils ne pouvaient pas s'aimer; cependant, ils se traitaient avec égards dans le conseil, et avec un certain respect mutuel pour leurs talents.

La plupart des papiers qui se trouvaient sur la table concernaient l'administration intérieure de la colonie. C'étaient des requêtes du peuple qui se plaignait des exactions des commissaires de l'armée; des observations au sujet des décrets de l'intendant; et des arrêts de

la haute Cour de justice déclarant que la grande compagnie avait le droit d'exercer certains nouveaux monopoles.

La discussion était vive. De la Corne de Saint-Luc dénonça vigoureusement les nouvelles ordonnances de l'intendant, et il fut soutenu par Rigaud de Vaudreuil et le chevalier de Beauharnois. Bigot n'essaya point de prouver que ces ordonnances étaient basées sur les principes d'une saine économie, ce qui, du reste, eut été peine perdue, car il avait affaire à des adversaires trop habiles. Il se contenta de sourire et de faire lire, par son secrétaire, les dépêches des ministres de Versailles approuvées par le roi, dans un lit de justice. Ces dépêches justifiaient tout ce qui avait été fait en faveur de la grande compagnie.

Sans cesse entravé par les pouvoirs de toutes sortes conférés à l'intendant, le gouverneur se sentait incapable de faire triompher la justice et le droit. Dans les instructions particulières qu'ils lui adressaient, les ministres lui recommandaient de reconnaître les prétentions de l'intendant et de la grande compagnie. Tout ce qu'il pouvait faire dans les intérêts du peuple et du roi, — intérêts en opposition avec ceux des courtisans avides et des orgueilleuses beautés de la cour, — c'était d'adoucir un peu les coups mortels portés au commerce et aux ressources de la Nouvelle-France.

Bigot défendit de toutes ses forces un décret qui autorisait l'émission d'une quantité illimitée de papier monnaie. Il déploya une grande finesse et invoqua tous les sophismes. Il se montra savant dans cet art d'éblouir et de tromper avec des chiffres, dont Law fut le maître en France, et la compagnie du Mississippi, l'exemple frappant.

De la Corne de Saint-Luc fit au projet une opposition sérieuse.

Nous n'avons que faire, s'écria-t-il, de ce papier menteur, qui servira à dépouiller le fermier de son grain et l'ouvrier de son salaire! S'il faut, pour payer le luxe des paresseux de la cour, tout l'or et tout l'argent de la colonie, les habitants pourront encore, comme dans les premiers jours, se servir, pour acheter et vendre, de peaux de castors et de peaux de rats musqués. Les uns représenteront les livres, et les autres, les sous. Ce système des assignats a été essayé sur une petite échelle par l'intendant Hocquart, et cependant, il a appauvri et volé la colonie. Si ce nouveau projet proposé par de nouveaux Laws, — et il regarda l'intendant dans les yeux, — doit être mis en vigueur dans toute son étendue, vous n'entendrez bientôt plus ici le son de deux pièces de monnaie qui se touchent, la colonie tombera dans l'indigence et s'il faut la racheter de sa misère, le trésor royal même sera complètement épuisé! Promettre, ce n'est point payer! clama le vieux militaire; de même qu'avoir faim ce n'est pas manger! Je voudrais que personne, pas plus moi que les autres, n'eût jamais ce dangereux pouvoir de transformer

des chiffons en monnaie, et de faire circuler des valeurs fictives au lieu de valeurs réelles! Les habitants connaissent le prix des peaux de castors qu'ils reçoivent en échange de leur blé, mais ils ne savent pas ce que représentent ces morceaux de papier qui peuvent être aussi nombreux et aussi inutiles que les feuilles de la forêt.

La discussion fut longue. Le gouverneur écouta avec son silence approbateur, les adversaires de la mesure, mais il avait reçu ordre, en secret, de supporter le projet de l'intendant. Il sanctionna donc, bien malgré lui, le décret qui devait inonder la colonie d'assignats sans valeur et que personne ne rachèterait, ce qui devait augmenter la misère du peuple et préparer l'asservissement à l'étranger.

Les papiers, les mémorandums, les documents de toutes sortes étaient mis de côté à mesure que le conseil dépêchait son travail, et déjà sur la grande table tout à l'heure très chargée, il n'y avait presque plus rien. Plusieurs des gentilshommes désiraient l'ajournement, car la séance durait depuis longtemps et ils étaient fatigués. Les deux avocats ne plaidèrent pas et leur cause fut remise à un autre jour. Ils n'en furent pas fâchés, car si le délai coûtait quelque chose à leurs clients, il leur rapportait une augmentation d'honoraires.

Les avocats de la vieille France, dont parle La Fontaine dans une fable charmante, ne différaient guère de leurs confrères à la longue toge de la Nouvelle-France; ils ne différaient pas du tout même sous le rapport de l'habileté à préparer un mémoire de frais et à utiliser les ruses du métier. Alors comme aujourd'hui, et aujourd'hui comme alors, l'avocat mange l'huître et les plaideurs se divisent l'écaillé.

Au moment où le gouverneur allait ajourner la séance, il reçut un paquet scellé du sceau royal. Il le fit ouvrir par le secrétaire. Dans ce paquet se trouvaient des papiers également scellés et marqués «personnel». Le secrétaire le lui remit et il en prit connaissance immédiatement. Il paraissait lire avec intérêt, et l'impression qu'il ressentait se trahissait sur sa figure.

Il les mit sur la table, les reprit, les lut de nouveau et les passa à l'intendant.

Bigot eut vite fait de les parcourir des yeux. Il fit un bond de surprise et un froncement de sourcils. Mais il réprima vite ce mouvement, et se mordit les lèvres avec une colère mal dissimulée.

Il renvoya les papiers au comte, de l'air indifférent d'un homme qui n'a rien à y voir.

— Les ordres de la marquise de Pompadour seront exécutés fidèlement, dit-il. Je vais la faire chercher, cette demoiselle, je vais la faire chercher sans retard. Je la crois quelque part dans un fort ou dans un camp, faisant joyeuse vie.

Bigot comprenait le danger. Les dépêches étaient sérieuses et le gouverneur ne manquerait pas de déployer la plus grande diligence dans l'accomplissement du devoir nouveau qui lui incombait.

Pendant un instant, il fut comme ahuri. Puis, s'apercevant que les yeux se braquaient sur lui, il se mit à parler encore. Il parla avec une hardiesse qui ressemblait à un défi:

– Je prie Votre Excellence, commença-t-il, en s'adressant au gouverneur, de vouloir bien expliquer aux conseillers la nature de cette dépêche. Elle ne surprendra nullement ceux qui connaissent l'étourderie des femmes, et gagnera au noble baron de Saint-Castin la sympathie de tous.

– Elle fera naître de la sympathie pour sa fille, également, car c'est à cause de leurs sentiments généreux, souvent, que ces infortunées se perdent, répliqua le gouverneur. C'est bien la plus étrange histoire que j'aie entendue.

Les gentilshommes assis autour de la table fixèrent sur le comte des regards avides et surpris, et de la Corne de Saint-Luc, en entendant prononcer le nom du baron de Saint-Castin, s'écria!

– Au nom du ciel, comte! qu'y a-t-il donc dans ces dépêches? Le baron de Saint-Castin est mon ami et mon compagnon d'armes.

– Je vais vous le dire, messieurs, répondit le comte; ce n'est pas un secret en France, ce n'en sera plus un ici, cette lettre...

Il tenait dans sa main le papier déplié.

– Cette lettre est du baron de Saint-Castin que vous connaissez tous. C'est un pathétique appel à mon amitié, à mon honneur, à mon devoir, pour que je l'aide à retrouver sa fille, qu'un lâche ravisseur sans doute a emmenée loin du toit paternel. Il la croyait passée en France, mais il l'y a vainement cherchée. Il paraît maintenant qu'elle est restée dans la colonie, cachée sous un faux nom ou un déguisement honteux... Et cette autre dépêche, continua le gouverneur, vient de la marquise de Pompadour. La marquise m'ordonne de faire l'impossible pour retrouver Mlle de Saint-Castin. Elle menace de faire entasser à la Bastille, comme du poisson sec– c'est son expression– tous ceux qui de près ou de loin ont aidé à enlever ou à cacher cette jeune fille.

Certes! tous les gentilshommes du conseil étaient émus, désolés, et de la Corne de Saint-Luc plus que les autres. Il se leva et frappant la table de sa main ouverte:

– Par saint Christophe! s'écria-t-il, j'aurais mieux aimé perdre un membre à la bataille, que de voir mon vieux compagnon ainsi affligé dans son enfant! dans cette angélique enfant

que j'ai tant de fois portée dans mes bras comme un agneau de Dieu!... Vous savez, messieurs, ce qu'il lui est arrivé!...

Le vieux soldat regardait l'intendant comme s'il eut voulu le foudroyer.

– Vous savez ce qu'il lui est arrivé. Eh bien! j'affirme et je soutiens qu'elle a conservé dans sa chute la pureté d'une sainte! Chevalier Bigot, c'est vous qui devez répondre à ces dépêches. C'est votre affaire! Si Mlle de Saint-Castin est perdue, vous savez, vous, où la trouver!

Bigot se leva aussitôt. La fureur et la crainte donnaient à ses yeux une expression terrible. Ce n'était pas de la Corne de Saint-Luc qui lui faisait peur, c'était la pensée que le secret de Beaumanoir pouvait être éventé. Les menaces de la Pompadour l'inquiétaient et paralysaient son audace. Il ne fallait rien moins que la certitude de perdre la faveur de cette haute protectrice pour l'empêcher d'avouer qu'il était coupable et qu'il était prêt à braver les conséquences de son crime. La large mais honteuse porte du mensonge s'ouvrait devant lui. Furieux contre de la Corne de Saint-Luc et contre lui-même, il s'y précipita lâchement. Il mentit.

– Chevalier, dit-il, en faisant un effort extraordinaire pour se contenir, j'ai entendu et compris vos paroles, et je saurai vous en demander compte dans l'occasion. Je déclare maintenant, par déférence pour Son Excellence le gouverneur et les gentilshommes qui siègent dans ce conseil, que quelles qu'aient été mes relations passées avec Mlle de Saint-Castin,– et je l'ai aimée, je ne m'en cache point,– son enlèvement n'est pas mon oeuvre et j'ignore absolument où elle s'est retirée.

– Déclarez-vous sur votre parole de gentilhomme que vous ne savez pas où elle est? demanda le gouverneur.

– Je le déclare sur ma parole de gentilhomme! répéta l'intendant, rouge de honte ou de colère. Plus que cela, ajouta-t-il, je répondrai moi-même à la dépêche de la comtesse, bien que vous n'ayez pas le droit de me demander de le faire, comte. Et vous ne me le demandez pas, non plus, je le sais!

Puis, se tournant vers de la Corne de Saint-Luc, il continua:

– Chevalier de la Corne de Saint-Luc, je ne sais pas plus que vous, moins que vous, peut-être, où s'est enfuie la fille du baron de Saint-Castin, et je déclare que je suis prêt à croiser le fer avec le premier gentilhomme qui osera douter un instant de la parole de François Bigot.

Varin et Penisault se regardèrent d'une façon qui indiquait le doute et la surprise. Ils savaient bien qu'une dame étrangère, dont on ne disait pas le nom, vivait mystérieusement renfermée dans les chambres secrètes de Beaumanoir; Bigot l'avait déclaré à ses intimes. Mais quels que fussent leurs soupçons, ils se donnèrent garde de les laisser deviner. Au contraire, Varin, qui était toujours prêt à mentir, affirma avec serment que l'intendant disait vrai.

De la Corne de Saint-Luc avait l'air d'un lion qu'on veut enchaîner. Rigaud de Vaudreuil, en vieux familier, lui ferma la bouche avec sa main. Il craignait la violence de la réplique et ce qui s'en suivrait nécessairement. Il se pencha à son oreille:

– Comptez jusqu'à cent avant de répondre, de la Corne! murmura-t-il. L'intendant a le droit d'être cru sur parole comme les autres gentilshommes. On se bat pour un fait, non pour une supposition. Soyez prudent. Nous ne savons pas, après tout, s'il a juré faux.

– Mais je le crois, moi! riposta de la Corne.

Le vieux militaire rageait, mais enfin, ses soupçons n'étaient pas des faits, et il comprit qu'il ne pouvait appuyer ses accusations sur des preuves solides. Alors il s'efforça de reprendre possession de lui-même.

– J'ai peut-être été un peu trop vif, Rigaud, dit-il, mais quand je songe au Bigot d'autrefois, comment puis-je avoir confiance au Bigot d'aujourd'hui? N'importe! par Dieu! je la retrouverai, la fille de mon vieil ami! je la retrouverai, fut-elle à dix pieds sous terre, et dussé-je, pour cela, bouleverser toute la face de la Nouvelle-France, j'en fais le serment! De la Corne de Saint-Luc sait tenir ses serments.

Il prononça cette dernière parole de manière à être entendu, et en regardant Bigot. L'intendant le maudit vingt fois entre ses dents, car il connaissait l'énergie et la sagacité qu'il déployait quand il avait à coeur de réussir dans une entreprise. Il se doutait bien que de la Corne découvrirait aussitôt la présence d'une étrangère au château de Beaumanoir, surtout parce que cette étrangère était la fille du baron de Saint-Castin.

Le pieux évêque s'était levé pendant que de la Corne et l'intendant échangeaient des paroles de menaces. Il aurait bien voulu calmer la colère qui sourdait et rétablir la paix dans les coeurs, mais il savait que l'intervention du prêtre ne servirait de rien en cette occasion. L'honneur et le respect d'eux-mêmes pourraient seuls toucher ces deux hommes et les empêcher de s'abandonner à des excès de langage ou à des voies de fait regrettables. Il se tint debout, les mains jointes, priant en attendant l'occasion favorable de leur rappeler la septième béatitude: *Beati pacifici*.

Bigot sentait dans quelle position difficile la marquise l'avait mis, en écrivant au gouverneur au lieu de lui écrire à lui-même. Pourquoi a-t-elle fait cela? se demandait-il avec colère... Me soupçonne-t-elle donc? Il ne pouvait pas en venir à une autre conclusion; elle le soupçonnait. Elle ne voulait pas s'adresser à lui dans cette circonstance parce qu'elle le savait aimé de Mlle de Saint-Castin. C'était bien elle, en effet, cette royale maîtresse, qui l'avait empêché d'épouser la belle Acadienne. Il aurait pu aisément, jusqu'à cette dernière minute, renvoyer chez elle la jeune captive; mais il ne le pouvait plus maintenant qu'il avait menti au gouverneur et au conseil.

Une chose cependant lui parut absolument nécessaire: tenir secrète, à tout prix, la présence de Caroline au château de Beaumanoir; c'est-à-dire la tenir secrète jusqu'à ce qu'il pût envoyer la malheureuse jeune fille loin, dans les bois avec les tribus sauvages. Elle attendrait là, dans la solitude, la fin des recherches et l'oubli de l'affaire.

Bigot éprouva de la honte à cette pensée lâche. Ce n'était que la première pourtant. Il n'était pas facile, il n'était pas sûr, non plus, de confier la captive à ces tributs nomades. Un bruit, une rumeur, qui se répandrait à peine dans un rayon de deux lieues, en France, pouvait aisément, dans les plaines de l'Amérique, voler à des centaines de milles. Les voyageurs et les Indiens marchaient vite et loin. Ce premier moyen ne valait pas autant qu'il semblait de prime abord. La garder à Beaumanoir, c'était impossible. Le gouverneur et l'indomptable de la Corne de Saint-Luc sauraient bien l'y découvrir. L'embarras était grand, et le dilemme difficile à résoudre. Il ne voulait pas, pour se sauver lui-même, faire le moindre mal à sa victime, ni profiter du délaissement où elle se trouvait pour ajouter encore à son malheur.

Pendant qu'il se plongeait dans ces réflexions pénibles, le conseil continuait à expédier les affaires. A la fin, las de chercher une solution qui n'arrivait pas, il se leva.

– Avec le consentement de Son Excellence, dit-il, je proposerai l'ajournement.

Il était fatigué et voulait sortir. Puis, au palais, le dîner attendait. Un superbe dîner, arrosé d'un vin d'or, qui pouvait soutenir la comparaison avec le meilleur vin des caves du château Saint-Louis. Il pria le gouverneur et les autres gentilshommes de lui faire l'honneur de le suivre.

La séance fut aussitôt levée; les papiers disparurent dans les tiroirs, et une conversation vive et gaie fit un instant oublier les soucis.

Bigot accosta l'abbé Piquet.

– C'est jeûne, monsieur l'abbé, fit-il; mais tout de même s'il vous plaisait de venir bénir ma table profane, j'en serais enchanté! Vous me devez une visite, vous savez, et moi, je vous

dois des remerciements pour la manière dont vous avez supporté ma querelle avec le chevalier de la Corne, tout à l'heure. J'ai compris vos reproches et vous n'avez pas parlé. C'était mieux. Je vois que vous comprenez le monde où vous vivez, comme vous comprenez cet autre monde où vous désirez que nous allions tous vivre ensuite.

L'abbé salua respectueusement. Le dîner ne le tentait guère, car il avait souvent entendu parler de la licence qui régnait à la table de l'intendant. Mais il était prêtre et homme politique, et cette double qualité lui permettait de poursuivre certains projets qu'il ne perdait pas de vue. Il était de ceux qui auraient dîné avec Satan pour l'amour de Dieu et des pécheurs.

– Merci, Excellence, répondit-il en riant, j'ai fait des centaines de lieues, en raquettes, à travers des régions désertes, pour aller baptiser ou confesser un pauvre Sauvage, et cela sans invitation! je ne refuserai donc pas de marcher un mille pour bénir votre table profane, comme vous l'appellez, lorsque vous m'invitez si cordialement. Je m'efforce comme saint Paul, mon maître, de me faire tout à tous; et je me trouve également chez moi dans le palais et dans le wigwam.

– Bien dit! monsieur l'abbé, bien dit! je vous aime, moi, dévoués missionnaires! Vos pieds sont nus souvent, mais vos coeurs sont toujours brûlants! Vous serez les bienvenus au palais de l'intendant comme dans le wigwam du Sauvage. Je serais bien aise de causer avec vous de cet établissement que vous vous proposez de fonder à la Présentation.

– Chevalier, je dois vous avouer que c'est la grande raison qui me fait accepter votre invitation. C'est un des projets que j'ai le plus à coeur, comme ministre de Dieu parmi les hommes.

– Si je ne puis vous imiter, cher monsieur l'abbé, je ne vous en admire pas moins. Je vous promets que tout se passera convenablement et que vous aurez une excellente occasion de convaincre l'intendant de l'importance de votre projet pour la soumission des Iroquois.

L'abbé accompagna Bigot au palais. Il était charmé de son affabilité, et nourrissait l'espoir de l'intéresser sérieusement à sa politique indienne.

L'intendant invita aussi le Procureur du roi et l'autre gentilhomme avocat, qui trouvèrent agréable et avantageux d'aller s'asseoir à la table somptueuse du palais.

Le gouverneur et trois ou quatre de ses intimes, l'évêque, de la Corne de Saint-Luc, Rigaud de Vaudreuil et le chevalier de Beauharnois, restèrent dans la salle du conseil, à causer de l'affaire de Caroline de Saint-Castin. Ils ressentaient une grande pitié pour la pauvre jeune fille et une sympathie profonde pour le père malheureux. Ils se perdaient en conjectures et ne savaient où diriger leurs recherches.

– Je la trouverai! s'écria de la Corne de Saint-Luc. En quelque lieu qu'elle soit cachée ou que l'ait conduite son ravisseur, je la trouverai! J'irai dans tous les forts, dans tous les camps, dans toutes les maisons, dans toutes les cabanes indiennes; je ferai explorer toutes les cachettes, tous les antres, tous les arbres creux! je la retrouverai! Pauvre enfant! pauvre enfant délaissée!

– La Corne, reprit le gouverneur, jamais le galant esprit de la chevalerie ne disparaîtra tout à fait, tant que vous serez là, pour enseigner aux gentilshommes leurs devoirs envers les belles dames. Restez à dîner avec moi; nous allons nous occuper de cette affaire. Pas d'excuse aujourd'hui! Mon vieil ami Kalm va se joindre à nous. Il est aussi bon philosophe que vous êtes bon soldat. Restez et nous aurons mieux que la fumée de la pipe pour nous égayer.

– La fumée de la pipe n'est pas à dédaigner, Excellence! répliqua La Corne qui était grand fumeur. J'aime bien votre Suédois. Il débite ses maximes avec une gravité qui plaît, et je les écoute avec le plaisir d'un enfant qui reçoit des amandes. Ma philosophie pratique n'est pas toujours d'accord avec ses théories cependant; mais je sens que je dois croire bien des choses que je ne comprends pas.

– Fort bien! alors, vous resterez; et vous aussi, Beauharnois, et vous aussi, Rigaud. L'abbé Piquet est allé dire le bénédicité chez l'intendant, Mgr l'évêque le dira ici. Nous allons dresser la table au sommet de l'Olympe; nous aurons le nectar et l'ambrosie. Un dîner des dieux!

Les gentilshommes partagèrent la franche gaieté du comte et acquiescèrent à ses désirs.

Le comte appela Kalm.

Le philosophe était tellement absorbé par l'étude, qu'il n'avait pas même eu connaissance des paroles acerbes échangées entre de la Corne et l'intendant. Courbé sur ses livres, il copiait dans un cahier précieux, pour les conserver et les retrouver au moment opportun, les pensées profondes, les idées neuves, les maximes sages qui élèvent l'âme et agrandissent l'esprit, et en écrivant, il baissait et relevait sa belle tête blonde, par un mouvement régulier, et comme pour approuver les savants qu'il étudiait.

Le gouverneur répéta son invitation, et cette fois Kalm entendit. Il se leva derrière sa pile de livres et sourit à l'ami qui le rappelait à la vie réelle. Un instant après, il se mettait à table avec les autres gentilshommes.

– Kalm, commença le gouverneur d'une voix émue, ceci me rappelle notre temps d'étudiants à Upsal, alors que nous portions le chapeau blanc à bord noir. Le bon vieux temps!

Vous vous souvenez que les écoliers vous appelaient l'ingénieur, parce que vous vous entouriez toujours alors d'une muraille de livres et d'une provision de raisonnements qui vous rendaient inattaquable comme les murs de Mûdgard.

– Ah! comte, c'était en effet le bon temps! Nous n'étions pas alors, comme aujourd'hui, ni trop vieux ni trop sages! Devant nous, derrière nous, tout était lumière! Chaque soir nous entrions dans nos alcôves comme les oiseaux dans leurs nids, et l'aile de Dieu s'ouvrait pour nous couvrir. Chaque matin, c'était un rayonnement nouveau, rayonnement de la science, de la santé, de la jeunesse et de la gaieté!... Comme le jeune Linnée était fier des géants ses frères!... Pauvres ambitieux! nous nous pensions des aigles, et nous étions des poussins sans plumes!... Vous n'avez pas oublié, comte, la langue des hommes du Nord?

– Non, certes! je ne l'ai pas oubliée! repartit le gouverneur, et je ne l'oublierai jamais! Écoutez, Kalm.

Et il se mit à redire, avec un excellent accent, quelques vers d'une ballade suédoise, fort populaire autrefois parmi les étudiants d'Upsal:

Smeriges man akter jag att lofva
Om Gud, vill mig nader gifva!
Deras dygd framfora med akt och hag
Den stund der jag ma lefva!
Noble peuple de la Suède,
Peuple vaillant, tant que battra mon coeur,
Si Dieu m'entend que j'intercède,
Je chanterai ta force et ta grandeur!

– Je ne l'ai pas oubliée, n'est-ce pas Kalm, votre belle langue? reprit le gouverneur. J'aime beaucoup cette vieille terre du Nord et son langage antique; un langage fait pour les bouches honnêtes et franches comme les vôtres, braves Suédois! Quelle est l'ancienne chanson des Goths? Voyons!

Allsmaktig Gud, han hafver them wiss
Som Sverige aro tro!
Bade nu ock forro forutan all twiss
Gud gifve them ro!

Svenske man! I sagen! Amen!
 Som I Sveriges rike bo!
 Garde le Suédois toujours fidèle et ferme!
 Dieu tout-puissant, sois son appui!
 L'amour de sa patrie est le premier qui germe
 Et le dernier qui meurt en lui!
 Garde le Suédois, ô Dieu! fidèle et ferme,
 Dans l'avenir comme aujourd'hui!

Au souvenir gracieux de sa patrie et de son foyer, au bord de l'orageuse Baltique, Kalm sentit des larmes mouiller ses paupières, et un long soupir souleva sa poitrine. Il saisit les mains de son ancien ami.

– Merci, comte! fit-il, merci, Rolland Michel Barrin! Je ne savais pas qu'au fond de la lointaine Amérique, j'entendrais parler si loyalement de ma chère patrie! Les louanges que j'entends me sont d'autant plus agréables, qu'elles viennent d'un homme qui connaît mon pays, un homme dont les paroles et les actions sont toujours marquées au coin de la plus admirable sagesse.

– Kalm, si je n'étais Français, je voudrais être Suédois. Mais voici la cloche du château qui sonne... La cloche sonne pour avertir le peuple de la ville que le gouverneur dîne et qu'il ne faut pas l'interrompre! Les affaires sont remises à demain, Kalm! J'ai gardé quelques amis pour dîner avec nous. Nous allons boire et manger à notre plus intime connaissance.

Kalm s'aperçut, en entendant parler de dîner, que son appétit se réveillait menaçant. Il fut charmé des dispositions de ses nouveaux amis. Puis il fallait se reposer un peu de l'étude. Comme tous les hommes sages, il était un mangeur joyeux et un solide buveur. Mais il n'oubliait jamais le soin de sa santé et son amour de la sobriété. Il savait jusqu'où aller; il ne dépassait pas la limite qu'il s'était fixée, et, comme un bon Suédois, il remerciait le Seigneur de toutes les bonnes choses qu'il nous donne.

XXXVII

L'arrivée de Pierre Philibert

Le dîner du comte de la Galissonnière ne fut pas seulement un temps consacré à boire et à manger. Si la nourriture fut succulente et le vin généreux, capable, comme dit le Psalmiste, de faire briller les visages, la conversation savante et relevée nourrit l'intelligence et réjouit les esprits.

Quand la nappe fut enlevée, les gouttes de vin doré, tombées sur la table, bien essuyées, le sommelier apporta, sur un plateau, une large boîte d'argent remplie de tabac, des pipes et une bougie allumée, comme c'était l'usage dans les réunions où il n'y avait pas de femmes. Il déposa tout cela sur la table, avec une précaution qui trahissait son amour pour la plante indienne, et son admiration pour les nuages de fumée odorante qui bientôt allaient flotter au-dessus de la tête des heureux fumeurs.

– C'est un dîner de garçons, messieurs, dit le gouverneur, en bourrant sa pipe. Nous allons profiter de l'absence des dames pour offrir l'encens au Manitou qui, le premier, a songé à dissiper avec du tabac les ennuis de l'humanité.

Chacun s'empressa de prendre une pipe et de la charger jusqu'au bord, chacun excepté Kalm, qui portait toujours la sienne, une pipe d'écume de mer, profonde et sombre comme un coucher de soleil dans la Baltique. Il la remplit lentement, comme pour jouir d'avance, en foulant du pouce ou de l'index les feuilles hachées, l'alluma, poussa deux ou trois fortes bouffées de suite, puis il se rejeta en arrière dans sa chaise et fit monter des nuages bleus, légers, parfumés. Il aurait fait sécher de jalousie un majestueux bourgmestre de Stockholm, siégeant au grand conseil de nuit, dans le vieux Raadhus de la cité des Goths.

Ils étaient là, plusieurs gentilshommes, autour de la table du gouverneur, tous francs et loyaux, tous heureux de se connaître et de se voir. Pas un qui n'eût voyagé plus qu'Ulysse, et qui n'eût aussi, comme lui, traversé des cités étranges, observé des caractères singuliers, des mœurs et des coutumes bizarres, et acquis, en feuilletant le livre de l'humanité, une grande expérience.

La lecture des dépêches de France avait cependant laissé une trace visible d'inquiétude dans l'esprit des conseillers. Il était facile de prévoir, d'après la marche des événements, que la colonie serait détachée bientôt de la mère-patrie. Pour prévenir ce malheur et sauver la France elle-même, il faudrait que Dieu fît surgir un homme selon son cœur.

Le comte vit bien que les pensées graves dont il était obsédé envahissaient aussi l'esprit de ses hôtes, et il s'efforça de ramener la bonne humeur en rappelant des souvenirs agréables et des sujets variés et intéressants.

– Kalm, dit-il, en s'appuyant sur le coude, de cette façon douce et prévenante, qui lui gagnait les coeurs, Kalm, nous avons tourné bien des feuillets, depuis le temps où nous suivions les cours à Upsal. La marée de la science, depuis lors, a monté et baissé bien des fois.

– Et nous sommes revenus en arrière, parfois comte. Une ère de découvertes est toujours suivie d'une époque de scepticisme. Et cette dernière époque dure jusqu'à ce que les savants apprennent à soumettre leurs nouvelles théories aux vieilles et éternelles vérités. Notre âge devient chaque jour de moins en moins croyant. Nous cherchons, pour éclairer nos temples, des lumières nouvelles, pendant que le soleil, au-dessus de nos têtes, verse toujours comme auparavant des flots de clartés.

– Je pense que vous avez raison, Kalm. Les écrits de Voltaire et de Rousseau porteront de mauvais fruits, des fruits qui pourraient bien tuer la France.

– Ils la tueront! Elle ne croit déjà plus, et elle livre son coeur aux passions infâmes. *Absit omen!* Mais je redoute pour votre beau pays une heure d'horribles calamités. L'indifférence qu'il manifeste à l'égard de ses colonies, est, à mon avis, un symptôme de sa décadence. Il ne regarde que ses intérêts du moment et s'abandonne à un lâche égoïsme.

Le gouverneur ne put s'empêcher de penser sérieusement aux lamentables dépêches qu'il venait de recevoir. Il savait que la France était entre les mains des extorqueurs et des pillards. L'argent était l'unique mobile. Tout pour l'argent, rien sans l'argent! Un petit nombre s'enrichissait scandaleusement; presque tous tombaient dans une misère affreuse. Entre les deux classes de la société, les riches et les pauvres, le roi et les sujets, s'ouvrait un abîme où tout allait s'engloutir. Les colonies d'abord devaient disparaître.

Il n'osa pas exprimer les craintes qu'il ressentait; il ne voulut pas le faire; ce n'était pas le moment. Il fit tomber la conversation sur un autre sujet.

– Kalm, dit-il, souvent, quand nous étions à Upsal, nous avons discuté la question de l'ancienneté de la terre, et spécialement de ce nouveau continent qui est devenu le nôtre, et que ni l'un ni l'autre nous n'avions jamais vu. Que pense Upsal aujourd'hui de cette question? Ses philosophes ont-ils renouvelé le débat qui nous avait tant passionnés?

– Souvent, comte, et la cause a fait des progrès, répondit le Suédois d'un air confiant. Une lumière nouvelle brille maintenant, qui promet d'éclairer toute la philosophie.

En effet, répliqua le gouverneur, que ces sujets relevés intéressaient vivement, j'ai vu quelque part ce que vous m'affirmez là. Et quel est l'enseignement de la nouvelle philosophie?

– Ce n'est pas tant une philosophie nouvelle qu'une philosophie mieux éclairée, riposta Kalm. Si nous remontons au commencement, nous reconnaissons que le monde est ancien comme le temps, et qu'avant la création, le temps n'existait pas; il n'y avait que l'éternité.

– Pensée profonde et qui doit être vraie, observa le gouverneur.

– Je la crois vraie. La science plonge dans le passé et surprend les révolutions des âges de ténèbres, comme elle pénètre les mystères de l'avenir. Le mouvement infiniment rapide de la lumière céleste a son contrepoids dans la lenteur infinie des changements qui s'opèrent sur notre planète.

– Vous croyez encore, Kalm, que le monde est extrêmement vieux. C'était votre thèse favorite à Upsal, je m'en souviens.

– Alors comme aujourd'hui, comte. Écoutez bien. Il alla prendre dans un petit cabinet de minéralogie, un morceau de charbon que des voyageurs avaient apporté des monts Alleghanys.

– Il y a des millions de siècles, commença-t-il, dans les profondeurs du temps, la terre était couverte d'une végétation prodigieuse et le soleil l'inondait d'une lumière intense comme celle de l'équateur aujourd'hui... Les végétaux se condensèrent, et produisirent ce morceau de charbon qui n'est en fin de compte, comme le prouve l'analyse, que la chaleur et la lumière du soleil, sous une forme tangible et concrète. Le dernier mot de la chimie est chaleur et lumière, rien que cela, mais derrière cela se cache la cause des causes, l'amour et la sagesse de Dieu. Brûlez ce charbon, vous rendez la liberté aux rayons si longtemps emprisonnés du vieux soleil, et ils vous donnent ces rayons, la chaleur et la lumière des temps primitifs.

Cette fougère, continua le philosophe, en tirant une petite branche d'un vase de Sèvres, cette fougère est l'expression d'une idée divine. Ses pores si petits contiennent d'innombrables principes de vie. Qu'est-ce que le principe de la vie? Dieu! Dieu qui est partout et dispose tout avec une sagesse infinie. La conservation des êtres créés est une continuelle création. Chaque instant de leur vie renferme un miracle égal au miracle de la création première par la divine parole. La puissance du Verbe qui a fait sortir le monde du néant peut seule l'empêcher d'y retomber.

– J'aime votre philosophie, Kalm, répliqua le comte. Je m'imagine facilement que le monde est très vieux, et qu'il a vu bien des retours de sa jeunesse et de sa vieillesse.

– Et il en verra bien d'autres encore. La forme de la matière est destructible, mais pas son essence. Pourquoi? Parce qu'elle est une conception du verbe éternel par qui toute chose a

été faite. La terre est le piédestal de Dieu, dans un sens plus élevé que la science n'est capable de le définir.

– Cette fougère a eu un commencement, remarqua de Beauharnois, qui s'intéressait vivement à ces sortes de questions, mais il fut un temps où elle n'existait pas. Comment pouvez-vous savoir, Kalm, le moment où elle a commencé à exister?

– La terre elle-même a écrit son histoire en hiéroglyphes, dans son livre de pierres, avant que l'homme ne parut, pour compter le temps et les époques. L'homme ne sait pas quand cette branche a commencé à fleurir; mais il sait, d'après le livre de la Genèse, l'ordre de la création, et elle a paru le troisième jour. Alors, cette partie de l'Amérique était desséchée, tandis que l'océan passait sur la face de l'Europe et de l'Asie.

– Donc pour vous le Nouveau-Monde, c'est le vieux, le premier-né de toutes les terres? demanda de Beauharnois.

La fumée sortait en orbes légers de la pipe du philosophe et s'étendait en nuages d'argent sous le plafond de la salle.

– Incontestablement, chevalier, répondit-il, en lançant une odorante bouffée de fumée. J'ai comparé les rocs, les plantes et les arbres de l'Amérique du Nord, les uns avec les autres; j'ai étudié les poissons, les oiseaux, les quadrupèdes et les hommes, et j'ai reconnu que tout portait un cachet d'antiquité auprès de laquelle l'antiquité de l'Europe ne semble remonter qu'à hier.

– Nos savants académiciens n'ont encore rien affirmé à ce sujet, Kalm, reprit le comte, et je n'ai pas la prétention de me croire plus sage qu'eux; mais j'ai souvent entendu de la Corne soutenir que la race indienne de l'Amérique en est arrivée, à force de vieillir, à une espèce de pétrification, et que les Sauvages eux-mêmes prétendent que leurs enfants ont autant d'instinct, de réflexions et d'habileté que les blancs devenus hommes.

– La race américaine est si vieille, interrompit de la Corne de Saint-Luc, qu'il semble impossible qu'elle retrouve jamais sa jeunesse; elle est tellement immobile dans son engourdissement moral, que rien ne pourra jamais la réveiller. Elle restera ce qu'elle est, jusqu'à ce qu'elle disparaisse de la terre.

– Et cependant, observa Kalm, ces Indiens peuvent se vanter d'être les héritiers d'une civilisation perdue, qui remplit l'Amérique de ses oeuvres merveilleuses, alors que le reste du monde était encore plongé dans les ténèbres de l'ignorance.

– J'ai vu sous les tropiques, reprit de la Corne, les ruines de cités immenses et les temples de dieux étrangers que je ne veux pas appeler des démons.

– Ce ne serait ni philosophique, ni chrétien, répliqua Kalm. Cependant, il est une preuve de l'ancienneté de l'homme rouge de l'Amérique que je trouve concluante, bien que je puisse l'apprécier aussi justement que vous. C'est la beauté, la richesse, le charme du langage de ces diverses tribus. Un pareil langage ne peut être que le fruit de la civilisation; il le prouve, comme le galet démontre, par sa rondeur et son poli, qu'il a été roulé par les flots. Ce ne sont pas les misérables chasseurs que l'on connaît qui ont pu trouver une si splendide manière d'exprimer leurs pensées.

– Leur langage est tellement au-dessus de leur condition, Kalm, affirma de la Corne, qu'il est évident qu'ils descendent d'une race civilisée dont ils ont gaspillé l'héritage et perdu le souvenir.

Kalm reprit après un instant:

– L'Amérique est très ancienne, tout le proclame. Ses rochers apparaissaient, quand l'Europe dormait encore sous l'océan. Dernièrement, j'examinais avec étonnement et respect la vieille chaîne des Laurentides, à l'aspect décrépît; ces assises granitiques qui sont aux autres montagnes du globe, ce que sont les pyramides d'Égypte aux autres monuments de l'homme. Leur aspect vénérable révèle à l'esprit émerveillé une insondable antiquité. Là, nous trouvons, marqués par des coteaux sablonneux, les véritables rivages que battirent les eaux de la mer dans les premiers âges du monde. Ces rives premières, les poètes n'ont pu les voir que dans leurs rêves, telles qu'elles apparurent d'abord formant la limite des premières terres qui surgirent de l'Océan universel, au commandement du Créateur. Lorsque Dieu dit: «Que les eaux se réunissent en un endroit et que la terre sèche apparaisse!» les Laurentides apparurent, et le reste de la terre demeura dans le secret du divin Créateur. Un jour peut-être, on retrouvera là, si jamais cela se trouve, les premières traces de la vie sur la terre.

– Et notre flore et notre faune, interrogea de Beauharnois, ne sont-elles pas les plus antiques du monde? Il me semble que c'est admis aujourd'hui.

– Certainement! répondit Kalm.

Puis, se tournant vers le gouverneur, il ajouta:

– Vous vous en souvenez, comte? Rudberg avait coutume de déclarer que le cheval, l'éléphant, le chameau et le boeuf ne sont pas des indigènes du Nouveau-Monde; que le buffalo des prairies de l'ouest garde le type du mammoth; que le dindon, le condor et le lama portent le sceau d'une origine plus ancienne que tout autre animal de l'Europe ou de l'Asie.

Il y avait là quelques spécimens de poissons et de coquillages; Peter Kalm prit un poisson, un *garpique* du lac Ontario, la dernière espèce vivante d'une classe d'êtres qui

peuplèrent les eaux primitives de la terre, avant que les autres êtres pussent entendre le *fiât* du Créateur.

– Vos eaux, dit-il, sont comme vos terres, les plus vieilles. Les plus rares antiquités de l'Europe sont des choses modernes, comparées à ce poisson qui semble venir des profondeurs de l'éternité. Il nous apprend que le monde était peut-être plus violent et plus cruel alors qu'aujourd'hui. Voyez ces défenses, ces dents menaçantes, cette forme propre à l'attaque comme à la fuite! Quel rêve terrible du passé! Combien ancienne, comte, doit être l'Amérique, qui garde encore dans ses mers intérieures ces reliques vivantes des premiers temps!

– Devons-nous donc en conclure, demanda de Beauharnois, que les indigènes de l'Amérique ne sont pas des hommes nouveaux, mais des descendants dégénérés de quelque race civilisée et aujourd'hui oubliée tout à fait? Néanmoins bien des gens instruits les font venir de la Tartarie et du Japon.

– *Non liquet!* S'il en était ainsi, ils n'auraient pas manqué d'amener avec eux le cheval, la vache et le mouton, les contemporains de l'homme en Asie; et cependant, sans le concours de ces animaux, l'Amérique primitive était arrivée à une grande civilisation.

– Vous aimez toujours, Kalm, à relire dans Platon, ce que des prêtres égyptiens avaient raconté à Solon au sujet de la mystérieuse Atlantide.

– Et j'y crois à ce récit des prêtres de l'Égypte, comte! Les Pyramides ne s'élevaient pas encore et l'Atlantide était connue. Mais les relations avec cette terre éloignée ne pouvaient qu'être accidentelles; autrement il y aurait eu échange de produits. Colomb aurait vu sans doute des arbres fruitiers de l'Asie transplantés sur les rivages américains quand il retrouva le Nouveau-Monde. Je dis: retrouva, car ce sont les hommes du Nord qui ont découvert l'Amérique. Je réclame pour eux cet honneur! Le soleil de la civilisation américaine s'est couché avant que l'aurore ait lui pour l'Asie. Il s'est couché, mais en projetant sur le Mexique et le Pérou un magnifique reflet d'or qui s'est éteint, hélas! dans le sang versé par les Espagnols.

– Il a projeté ses reflets plus loin encore, reprit de la Corne. Dans mes voyages à l'intérieur, près des montagnes, j'ai contemplé les remparts et les restes de cités anciennes presque réduites en poussières et recouvertes de la forêt séculaire. Et sous les forêts des tropiques, – comme je l'ai dit il y a un instant, – quelles ruines étonnantes des temples de la prière! quelles inscriptions! quelles images! quelles sculptures!

– J'ai reçu aujourd'hui même, reprit le gouverneur, une lettre du sieur de la Vérendrye, qui m'informe que là-bas, sur les bords sauvages et âpres du lac Supérieur, il a trouvé des

traces d'exploitation des mines de cuivre, de plomb et d'argent. Or, aucune des tribus qui hantent ces rivages ne se souvient d'avoir entendu parler de tels travaux.

– Il est possible que ces territoires aient formé un immense empire autrefois, repartit Kalm. Les Américains ont, comme les Chinois, une foule de dialectes, mais une écriture unique en hiéroglyphes, et ils se comprennent tous ainsi. Tous les Sauvages, comte, depuis la mer du Nord jusqu'au golfe du Mexique, sont capables de dire ce que signifient les signes dépeints sur les bandes d'écorce qui sont là devant vous.

Les savants discoureurs laissèrent un moment reposer leurs graves sujets de conversation, remplirent leurs coupes d'un vin délicieux, puis, après avoir bu, dégustèrent un nouveau tabac, et la fumée se reprit à monter en vagues bleuâtres dans la pièce qui s'obscurcissait comme le ciel à l'approche d'un orage.

Rigaud de Vaudreuil n'avait point pris part à la discussion. Il était patriote et soldat, brave et honnête, mais il n'entendait rien en antiquités et détestait souverainement ces choses surannées.

Il aurait aimé, par exemple, à savoir l'opinion du philosophe sur la guerre et les signes du temps.

– Vous avez un passe-port, Kalm, commença-t-il, pour voyager en Angleterre et dans les colonies anglaises; je ne veux pas vous demander quels préparatifs militaires vous avez vus sur votre passage, ce serait manquer aux lois de l'honneur et de l'hospitalité; mais je puis bien vous demander ce que vous pensez de la politique anglaise à l'égard de l'Amérique.

– Certainement, chevalier, et voici ma réponse: L'Angleterre veut conquérir la Nouvelle-France, ni plus, ni moins. Les colonies anglaises la pressent de le faire– elles ont peur de vous– et la mère patrie est trop désireuse d'humilier la France, sa rivale, pour reculer devant les conséquences, quelles qu'elles puissent être. Votre conquête, c'est la base de leur politique.

– C'est ce que nous pensions tous, répliqua Rigaud de Vaudreuil. C'est aussi ce qu'ils essaient de faire depuis un siècle. Ils réussiront quand le dernier Canadien digne de ce nom sera couché sur la frontière, pas avant! Je vous remercie, Kalm, d'avoir parlé si franchement, bien que vos paroles ne soient pas très encourageantes.

Il lui serra la main.

– Vous avez parlé des conséquences, fit-il, un instant après. Quelles seraient-elles donc, dans votre opinion?

– La France aura sa revanche, monsieur de Vaudreuil J'ai assez vu, assez observé pour dire que c'est la peur de la France qui tient les colonies anglaises dans l'obéissance et la fidélité. Les hommes politiques de la Nouvelle-Angleterre semblent embrasés de ce souffle de feu qui passa sur l'Angleterre, il y a un siècle. Ils pourraient acclamer un Cromwell; un roi, jamais! Si ces colonies vous conquièrent, elles se lèveront dans leur orgueil pour secouer le joug de la mère patrie. Ce sera une nouvelle lutte entre le peuple et le roi. La guerre éclatera, et alors la France pourra se venger. L'Angleterre verra tous ses ennemis se joindre aux rebelles pour la frapper au coeur et lui arracher ces belles colonies qui font sa grandeur et sa force!

– Pardieu! Kalm, vous parlez comme un prophète! s'écria de Vaudreuil. Oui, ce serait une belle vengeance, une vengeance aussi douce que la conquête aurait été amère! Nous sommes au courant, ici, des secrètes manoeuvres des partisans de l'idée républicaine, dans la Nouvelle-Angleterre. Ils nous ont fait déjà des avances que nous avons repoussées, parce que ces gens sont les pires ennemis de notre Église et de notre roi.

– Ils veulent d'abord, avec le secours de l'Angleterre, renverser votre souverain, puis ensuite, aidés de la France, ils chasseront du Nouveau-Monde la royauté anglaise. La guerre sera longue et sanglante: elle enfantera des inimitiés séculaires.

– Par saint Michel! Kalm, vos paroles ont toutes les couleurs de la vérité, interrompit de la Corne de Saint-Luc; mais la France ne trahira pas ses enfants; elle sera fidèle à l'honneur et l'hostilité des provinces anglaises ne saurait l'effrayer.

– Puisse-t-il en être ainsi, chevalier! répondit Kalm en chargeant sa pipe de nouveau. Il faudrait, pour former une civilisation digne de ce grand continent, que la courtoisie et l'urbanité du peuple français pussent s'unir à la rude énergie de l'Anglais. Heureux le pays où les qualités de ces deux grands peuples se fondront ensemble! Et je crois l'entrevoir, ce pays, dans les ombres de l'avenir!...

– Vous croyez l'entrevoir? reprit le gouverneur. Comment? Faites-nous part des secrets qui vous sont révélés! Nous sommes tous des philosophes, ce soir, et nous reconnaissons que le prophète est proche de Dieu quand il contemple les choses du futur.

– Je vois venir un jour, repartit Kalm, où les colonies anglaises se révolteront et secoueront le joug de l'Angleterre! Je vois venir un jour où les colonies anglaises voudront proclamer leur indépendance. Alors, elles tendront vers vous des mains suppliantes, car elles auront besoin d'amis et de secours!... Et la Nouvelle-France! la Nouvelle-France devenue province anglaise ne les écoutera point et détournera la tête! Elles vous demanderont le

secours de votre épée, de la Corne de Saint-Luc! le secours de votre épée, Rigaud de Vaudreuil! et vous les repousserez! Vous resterez fidèles à votre nouveau souverain! Et vienne un temps où l'Angleterre, lâche et dégénérée, vous abandonne comme le fera bientôt la France, le dernier coup de canon qui sera tiré pour la défense de son drapeau, le sera par un Canadien français.

– Par tous les saints du paradis! exclama de la Corne de Saint-Luc.

– Par tous les damnés de l'enfer! s'écria de Vaudreuil, faisant flamme comme un volcan, cessez vos prédictions, Kalm, cessez! Cassandra n'a jamais annoncé à Troie de pareilles choses! C'est impossible ce que vous dites là, absolument impossible!

– Impossible ou non, je le vois, et ce n'est pas éloigné, répondit Kalm fort tranquillement.

– Quelque chose qu'il arrive, jamais la loyale, la catholique Nouvelle-France ne s'unira aux puritains hérétiques de la Nouvelle-Angleterre. S'il est vrai que nous aimions peu la vieille Angleterre, nous aimons encore moins la Nouvelle-Angleterre, continua de la Corne de Saint-Luc. Nous ne prendrions, certes, jamais la part de cette dernière contre la première. Et puis, nous n'oublierons jamais la France! jamais! exclama-t-il.

– Mais la France vous abandonnera. Elle vous vendra pour un plat de lentilles.

– La France, la chevaleresque France! elle tombera l'épée au poing, si jamais elle tombe!

– La France, aujourd'hui, n'est plus la France des chevaliers, mais la France des courtisans! Elle est avide et troque son honneur pour de l'or!... Mais, pardon! je ferme les yeux devant cette sombre vision. Chevalier, votre main! Vous sauverez votre pays, s'il peut être sauvé.

– Laissons reposer un peu cette malheureuse politique, proposa le gouverneur, et n'ajoutons pas aux tourments d'aujourd'hui les terreurs de demain. Kalm représente ici la vieille université d'Upsal, buvons un verre à sa santé, buvons un skal suédois en son honneur!

Les coupes furent remplies et le skal fut bu avec enthousiasme.

Le comte se rejeta en arrière dans sa chaise et se prit à songer:

– Six lustres, trente ans, dit-il, ont passé sur nos têtes et blanchi nos cheveux, Kalm, depuis que nous avons terminé notre cours de botanique. Nous avons pour professeur un homme plus jeune que nous, un homme qui faisait la gloire et l'admiration de l'université, comme depuis, il a fait la gloire et l'admiration du monde. Linnée était encore élève de Olaf

Celsius et de Gammal Rodbeck quand il ouvrait aux élèves et aux professeurs les trésors de la nature. Puisse-t-il longtemps porter la couronne que le monde lui a mise sur le front!

– S'il vous entendait, comte, répliqua Kalm, il se sentirait tout honteux, car il est aussi humble qu'il est grand. Comme Newton, il dit qu'il n'a fait que ramasser quelques petits cailloux sur les rivages encore inexplorés du vaste océan de la vérité.

– Je le sais, mais nous ne devons pas faire taire la reconnaissance. Quel temps glorieux que ce temps-là! et qu'il était doux d'avoir de tels hommes pour maîtres! Gammal Rodbeck ne cessait de nous dire que nous avions l'honneur d'être traités absolument de la même façon, que son royal pupille, le brave Charles XII.

– Oui, repartit Kalm au souvenir que réveillait ce nom, cela faisait cesser nos murmures dans les jours de disette, quand la portion ne répondait pas à l'appétit. Nous trouvions le gruau meilleur, quand nous songions que c'était cet humble mets qui avait formé les os et les muscles du vainqueur de la Nerva.

Le gouverneur se laissa emporter par le flot des réminiscences.

– Nos compagnons de classe ont vieilli comme nous, Kalm, et comme nous, maintenant qu'ils ont la sagesse des cheveux blancs, ils s'aperçoivent qu'il n'y a rien de neuf sous le soleil et que tout est vanité. Où est Crusenstolpe?

– Il vit dans le château de ses ancêtres à Wermland, chassant le cerf, cultivant l'orge, élevant un essaim de jeunes Suédois qui porteront son nom et serviront leur roi et leur pays.

– Et Engelshem?

– Dans l'armée. C'est un vaillant cuirassier finlandais.

– C'est en effet un brave garçon, j'en suis sûr, observa le gouverneur. Et Stroembom, notre Waterbull, où est-il?

– Dans la marine; il garde les falaises de la Baltique.

– Et Sternberg? continua le comte avec la curiosité d'une jeune fille qui rappelle ses compagnes de couvent.

– Conseiller d'État à la cour du roi Frédéric, comme il l'était à la cour de la reine Ulrique. Moi je suis un humble professeur de philosophie à Abo. Markenshiold prêche le patriotisme et la religion aux Dalcarliens. C'est peine perdue. Mais les Dalcarliens aiment qu'on leur dise qu'ils remplissent bien leurs devoirs envers Dieu et le roi, et ils ne priseraient guère un orateur qui négligerait cette précaution.

– Il y en a encore un autre de nos compagnons de classe, et c'était un prodige celui-là, Swedenborg, qu'est-il devenu?

– Swedenborg? il est à Stockholm, en corps... Son âme, elle, est rendue au septième ciel!

– Que voulez-vous dire, Kalm? Swedenborg était le plus beau génie de l'Université.

– Et il ne l'a pas perdu son génie. Peu d'esprits peuvent le suivre dans son essor. Il a étudié la terre, maintenant il explore le ciel et l'enfer. Il n'est pas comme le Dante, guidé à travers des régions imaginaires par un Virgile ou une Béatrice, mais par une permission divine, il converse avec les bons anges ou les esprits mauvais au séjour du bonheur ou de la désolation.

– Vous me surprenez, Kalm, continua le gouverneur, Swedenborg qui était le meilleur mathématicien de la classe et le plus fin observateur de la nature! Olaf Celsius l'appelait un philosophe éminent, et il méritait ce nom. Il n'était rien moins qu'un fol enthousiaste.

– C'est vrai, mais vous n'ignorez pas, comte, que sous nos neiges et nos glaces, couvent des feux terribles qui font parfois irruption pour illuminer ou dévaster la terre.

Le gouverneur regarda Kalm comme pour l'approuver.

– Je vous reconnais bien, là, dit-il, ô Suédois, avec votre génie brillant et froid comme un soleil d'hiver, votre génie curieux et profond, qui veut soulever le voile dont se couvre l'inconnu et voir ce que nul n'a pu encore deviner; génie mêlé du mysticisme primitif et charmant d'Edda et de la race d'Odin... Mais quand l'avez-vous rencontré Swedenborg?

– Je l'ai rencontré à sa résidence de Hornsgata, justement le jour de mon départ. Vous connaissez Hornsgata, près de Stockholm? Il était au milieu de son verger, dans sa maison d'été, sa retraite favorite. C'est de là qu'il voit les cieux ouverts et qu'il écrit les merveilleux secrets, – Arcana celestia, – dont le monde, un jour, fera ses délices.

– Vous m'étonnez, Kalm! jamais je n'aurais supposé qu'il se serait consacré à de pareils travaux. Il a donc renoncé à la philosophie pour chercher une nouvelle voie dans la science et la théologie!... Il est devenu fou à force de sagesse. Peu d'hommes ont cette excuse. Quant à moi j'étudie la philosophie dans les choses visibles, dans une pierre, une plante, une goutte d'eau, un être animé quel qu'il soit. Mon livre c'est la nature; et la raison m'aide à le commenter. Je trouve cela suffisant. J'aime la théologie, mais je l'abandonne à ceux qui ont charge de l'enseigner et de l'interpréter. Credo in sanctam Ecclesiam Catholicam I Mes pères y ont cru et j'espère qu'ils ont été sauvés. J'y crois et elle me sauvera!

– L'homme sage ne juge pas Dieu, observa l'évêque, qui avait écouté avec plaisir la conversation des deux anciens étudiants d'Upsal.

Et il ajouta:

– Nous devons l'accepter tel qu'il s'est révélé, et c'est en vain que la curiosité cherche à pénétrer le mystère dont il s'enveloppe. Nous ne pouvons pas même juger les hommes avec justice.

– Je m'incline avec déférence, répondit Kalm. Au fond, nous croyons tous la même chose, et nous ne différons que dans les signes extérieurs. La mer, à sa surface, paraît infiniment divisée, quand les vagues roulent, roulent sans cesse au souffle des vents, mais dans ses profondeurs elle forme une masse compacte unie et calme. En Suède, monseigneur

l'évêque, nous sommes un peu curieux. Nous aimons à connaître la raison de tout; pourquoi l'homme a été créé, d'où il vient, où il va. Nous soulevons une à une les pierres de la science, pour voir sur quoi elles reposent. Nous allons, quand c'est possible, au fond de toutes les choses, et nous questionnons Dieu lui-même en l'étudiant dans ses oeuvres comme dans sa parole.

– Écoutez, fit l'évêque en levant la main, l'angélus sonne dans les tours et les beffrois, et des millions de chrétiens s'agenouillent avec la simplicité de l'enfance pour prier. Ils ne connaissent pas un mot de théologie, pas un mot de philosophie! Notre Père qui est au ciel entend la prière du coeur sincère qui demande le pardon du passé et des grâces pour l'avenir. Croyez-vous cela, Kalm?

– Sans doute, monseigneur, et j'en remercie Dieu! C'est lui qui nous accorde la grâce du salut, et les humbles seuls sont dignes de la recevoir.

– Puissions-nous la recevoir cette grâce, ajouta l'évêque, et il prononça, à haute voix, la prière en l'honneur de l'Incarnation.

Il se fit un silence de quelques instants, puis, tous se levèrent et chacun récita pieusement, à voix basse, la salutation de l'ange et la sainte invocation qui l'accompagne d'habitude, pendant que sonnait l'angélus. Quand on eut fini, la compagnie se remit à table et l'on reprit de nouveau les verres.

La conversation n'avait guère intéressé Rigaud de Vaudreuil qui bâillait en se cachant le mieux possible. Il détestait les philosophes et les appelait une bande de sceptiques et de railleurs, qui travaillaient à détruire la religion et finiraient par s'attaquer au roi et à la France.

Chacun de nous a son sujet favori de discussion, un sujet où il se sent à l'aise et fort. Il est plaisant de voir un homme silencieux, s'élancer tout à coup, et comme emporté par un coursier vigoureux, sur le terrain qu'il connaît et qu'il aime.

Rigaud de Vaudreuil était taciturne comme un Sauvage, mais si vous lui parliez de guerre, il devenait tout feu, et c'était plaisir de l'entendre. Il partait au galop comme le cheval de bataille à l'appel du clairon.

Le gouverneur s'aperçut de l'ennui qui se peignait sur sa figure, et amena fort adroitement la conversation sur un sujet auquel ce vaillant soldat pourrait prendre part. Rigaud de Vaudreuil raconta alors ce qu'avaient fait, pour la défense de la colonie, les troupes du roi et les loyaux Sauvages. Il dit aussi les travaux qui restaient inachevés à cause de la négligence de la cour, et de la division de l'autorité en Nouvelle-France. Le gouverneur

contrôle la campagne, le général en chef commande l'armée et l'intendant tient l'argent— le nerf de la guerre!

— Le roi espère de nouvelles victoires! s'écria-t-il. Nous en gagnerons! dussions-nous les payer dix fois de notre sang! Mais ses courtisans, mais ses maîtresses, mais tous ces vampires qui entourent le trône, nous extorquent les dernières bribes de nos richesses! Entre les mains de Bigot, la Nouvelle-France va perdre la dernière goutte de son sang et le dernier sou de son trésor. Ici comme en Acadie, les soldats ne reçoivent plus leur solde! ici comme en Acadie, probablement, ils seront obligés de piller leurs compatriotes pour vivre! N'est-ce pas vrai, de la Corne? fit-il en se tournant vers son illustre camarade.

De la Corne de Saint-Luc fumait avec ardeur en écoutant Rigaud de Vaudreuil, et il se perdait dans un nuage bleuâtre qui s'épaississait toujours.

— C'est vrai! c'est trop vrai! Rigaud, répondit-il. La Nouvelle-France aura la destinée de l'Acadie; elle sera brisée comme ceci— il prit sa pipe et la cassa,— à moins qu'un feu nouveau ne s'allume dans les coeurs français! à moins que le France ne soit gouvernée par des hommes d'Etat honnêtes et capables, et que le règne des courtisanes, des prodiges et des philosophes ne finisse! Vous êtes historien, Kalm, continua-t-il. Eh bien! je vous demande d'écrire que la Nouvelle-France,— si jamais elle est perdue— ne l'aura pas été à cause de la valeur des Anglais ou du manque de patriotisme de ses enfants, mais parce que, dans la mère patrie, la richesse sera devenue lâche, la loyauté se sera éteinte, le sentiment de l'honneur et l'orgueil national n'existeront plus! Si la France perd l'Amérique, c'est qu'elle n'aura pas le coeur de conserver ce que ses fils ont si bravement conquis! Quand une nation aime mieux son or que son sang, mieux la paix que l'honneur, elle est condamnée! Elle n'aura bientôt plus, peut-être, pour racheter sa misérable existence, ni sang, ni or, ni honneur! Son sang, le meilleur, s'en ira illustrer d'autres terres; son or servira à payer les tributs honteux que lui imposeront les vainqueurs, et son honneur s'effondrera pour jamais dans l'océan de la dégradation nationale!

En articulant ces paroles de feu, de la Corne de Saint-Luc était le fidèle interprète de presque tous les hommes intelligents de la colonie. Ils se sentaient moitié délaissés et tout à fait dédaignés par la mère patrie. La politique de la France, on commençait à le sentir et les plus habiles le comprenaient parfaitement, subissait l'influence perverse de Voltaire qui ourdissait alors sa cabale anticoloniale. Voltaire! qui plus tard manqua de coeur et de

patriotisme au point d'allumer des feux de joie pour célébrer la défaite de Montcalm! et la perte par la France de sa plus grande colonie!

Chose étrange! après un laps de temps de plus d'un siècle, il a surgi une race d'Anglais qui se sont faits les successeurs des encyclopédistes français pour poser en principe que seule la richesse fait la grandeur d'une nation et que, pour l'Angleterre, le seul moyen de rester un État puissant et respecté est de se débarrasser de ses colonies, de s'aliéner le coeur de millions de ses plus loyaux sujets, de briser les éléments les plus forts de sa puissance nationale en divisant son empire et en poussant ses fragments dans les bras de ses ennemis! Espérons que le peuple anglais fera sourde oreille à d'aussi pernicieux arguments.

Il existe des Voltaire et des Diderot anglais qui croient en l'efficacité de la pusillanimité nationale et qui l'enseignent. Ils sont comme cet homme poursuivi par les loups qui leur jetait de sa voiture tous ses enfants les uns après les autres, dans l'espérance d'assouvir la faim de ces animaux féroces, et de sauver son ignoble vie, au prix de tout sentiment de devoir et d'humanité, au prix de l'honneur et des droits que la nature elle-même avait à ce qu'il se sacrifiât pour le salut de ses enfants.

Voltaire et les philosophes se firent de la liberté une image fantaisiste qu'ils appelaient l'Angleterre, image qui, vraie en elle-même, était fausse dans la conception qu'ils en avaient et qu'ils dégradaient par l'usage factieux qu'ils firent de leur idéal.

Il en est de même de ces Anglais, successeurs de Voltaire, qui se font une idée fantaisiste d'une divinité qu'ils appellent l'Amérique. Ils rampent à ses pieds, lui rendant un culte moitié idolâtre, moitié poltron, mais dégénérant tout à fait du sentiment de bravoure et de l'esprit d'indépendance qui animait la nation anglaise.

Les funestes prédictions de la Corne de Saint-Luc furent inutiles. Les événements se précipitèrent. Une lutte désespérée commença pour sauver la domination, française. Chacun fit son devoir envers Dieu et envers son pays; la bravoure et le dévouement furent sans bornes, et les soldats canadiens sacrifièrent leurs biens, leurs familles et leur vie pour défendre le drapeau national!

La Nouvelle-France n'avait jamais contemplé tant d'héroïsme, recueilli tant de gloire! jamais l'Amérique n'avait vu de si beaux combats! Hélas! la mère patrie ne se réveilla point de sa criminelle torpeur! Aujourd'hui qu'il n'y a plus de Pompadour, que ne donnerait-elle pas pour ces quelques arpents de neige alors si lâchement cédés à l'Angleterre!

Mais ces douloureux événements n'étaient pas encore sortis des ténèbres de l'avenir. L'orage grondait. Les nobles convives du comte de la Galissonnière pouvaient ressentir de l'inquiétude, mais pas de découragement encore, pas de désespoir.

Pendant que l'on versait du vin, ou que l'on remplissait de tabac les pipes culottées, un serviteur annonça Pierre Philibert.

Tous se levèrent pour lui souhaiter la bienvenue.

Pierre semblait inquiet, mal à l'aise. Cependant, de si cordiales poignées de mains le remirent aussitôt.

– Pierre, dit le comte, j'espère bien que ce n'est pas un mauvais vent qui vous ramène à la ville d'une manière aussi inattendue. Vous êtes le bienvenu, toutefois, et le vent qui nous ramène nos amis est toujours un bon vent.

– C'est un vent maudit qui me ramène, Excellence! répondit-il en prenant son siège.

– Comment? qu'y a-t-il? Mme de Tilly et sa charmante nièce se portent-elles bien?

– Très bien, mais elles ont de la peine. Le diable a de nouveau mis la main sur Le Gardeur. Le malheureux jeune homme a succombé à la tentation. Il est revenu en ville, et personne ne peut lui faire entendre raison. Un déchaîné!

– Comme sa soeur doit souffrir! soupira le gouverneur. Elle donnerait sa vie pour le sauver!... Je la plains! je vous plains aussi, Pierre!

En disant ceci, il serra loyalement la main du jeune colonel.

– Je n'éprouve pas moins de pitié, ajouta-t-il, pour l'infortuné jeune homme qui nous cause à tous tant de chagrin.

– Oui, Excellence, Le Gardeur est plus digne de pitié que de blâme. Il a été tenté au-dessus de ses forces.

De la Corne de Saint-Luc s'était levé; il arpentait la pièce et paraissait fort surexcité.

– Pierre Philibert, fit-il, où est-il le pauvre garçon? Il faut le chercher, le trouver! Quel démon s'est emparé de lui? Le démon du vin, qui mord comme un serpent et rend fou? le démon du jeu, qui fait tinter les dés et l'or comme une musique néfaste aux oreilles des faibles? ou le pire de tous, le démon qui n'est jamais vaincu, la femme?

– Les trois ensemble, chevalier! De Péan est venu à Tilly, et lui a remis un message de la part d'une femme. Vous savez qui. Il est devenu fou, complètement fou. Cent hommes ne l'auraient pas tenu. Il s'est mis à boire et à jouer avec de Péan, nuit et jour, à l'auberge du

village, et celui qui se serait avisé d'intervenir aurait mal passé son temps. Ils sont venus à la ville aujourd'hui, tous les deux.

– De Péan, reprit de la Corne de Saint-Luc, le vilain serpent! Un digne instrument des mensonges et des infamies de Bigot! Je parie qu'il n'a pas été de lui-même à Tilly. C'est l'intendant qui est au fond de l'affaire. Il voudrait ruiner le plus noble garçon de la Nouvelle-France!

– C'est possible, répliqua Philibert, mais l'intendant seul n'aurait pas été capable de le ramener à Québec. C'est la lettre de cette redoutable sirène qui l'a de nouveau attiré dans le gouffre mortel.

– Oui, mais Bigot s'est servi d'elle, riposta de la Corne de Saint-Luc, qui n'en démorait pas.

– Peut-être avez-vous raison, mais moi je pense que c'est elle qui se sert de l'intendant, affirma le colonel.

– Et qu'avez-vous fait depuis votre arrivée, Pierre Philibert? demanda l'évêque; avez-vous vu Le Gardeur?

– Non, monseigneur. Je les ai suivis à la ville, lui et de Péan. Je me suis rendu au palais où ils étaient entrés. L'intendant m'a reçu avec la plus exquise courtoisie. Je lui ai dit que je désirais voir Le Gardeur; il m'a répondu que c'était impossible en ce moment-là. En même temps, j'ai entendu le bruit des dés, le son des pièces d'argent, des rires, des cris... J'ai reconnu Le Gardeur à sa voix, et lui ai fait remettre ma carte avec quelques mots. Il me l'a renvoyée après y avoir griffonné des ordures... Cependant l'écriture n'est pas de sa main, bien qu'il ait signé cela de son nom. Lisez, Excellence; voyez! Je ne veux pas répéter ces choses. Dites-moi ce qu'il faut que je fasse pour protéger mon honneur et en même temps sauver mon ami. Pauvre Le Gardeur! il n'a pas écrit cela, jamais! Ce n'est pas possible! Il a signé sans savoir ce qu'il faisait.

– Par saint Martin! exclama de la Corne de Saint-Luc, qui venait de lire la carte, quelqu'un mordra la poussière pour cela! Quant à Le Gardeur, prenez-le en pitié, pardonnez-lui! Il n'est pas tant à blâmer que ces coquins de la Friponne qui trouveront un jour l'épée de la Corne de Saint-Luc une peu longue pour leurs petites poitrines.

– Pardonnez! mes chers amis, pardonnez! recommanda l'évêque, ce n'est pas ainsi que doivent parler des chrétiens.

– Non, mais ainsi que parlent des gentilshommes, riposta de la Corne de Saint-Luc avec humeur, et je soutiens qu'un vrai gentilhomme est un bon chrétien. Cependant, monseigneur, vous faites votre devoir, je le reconnais, et je vous en félicite; mais je ne vous promets pas l'obéissance. David a tué Goliath en duel, et Dieu et les hommes l'ont exalté pour cela.

– Il ne se battait pas pour son compte, riposta l'évêque en souriant. Goliath avait défié les armées du Dieu vivant et David s'arma de l'épée pour le salut de son roi.

– *Confiteor!* monseigneur! mais la logique du coeur l'emporte souvent sur celle de la tête, et le sabre est fait pour sabrer les polissons!

– Je m'en retourne chez moi maintenant, fit Pierre. Je reverrai Votre Excellence à ce sujet.

– Quand vous voudrez, Pierre; je suis à votre disposition, répondit le gouverneur.

Tous les hôtes se levèrent. C'était pour tous le moment de se retirer.

Le gouverneur et Kalm passèrent dans le musée et se mirent à étudier, comme deux écoliers, les minéraux, les plantes, les oiseaux, les animaux de toutes sortes. Ils oublièrent le monde, et ses projets, et ses batailles, pour admirer les richesses, la beauté et la vérité des règnes de la nature, dans le Nouveau-Monde.

XXXVIII

Une mauvaise nuit au dedans et au dehors

Le chevalier de Péan n'avait, en effet, que trop bien réussi à perdre de nouveau Le Gardeur. Quelques jours lui avaient suffi pour cette oeuvre avilissante, et il triomphait maintenant.

A Tilly, il s'était retiré à l'auberge du village, n'osant pas accepter l'hospitalité de la noble châtelaine. Mais il venait au manoir tous les jours, pour régler des affaires dont l'intendant l'avait chargé. Un prétexte, pas autre chose.

Il était reçu poliment, mais avec froideur; ce qui ne l'empêchait point de se montrer fort galant. Il aurait voulu gagner les bonnes grâces des dames ou, du moins, faire tomber leurs préjugés.

Il voulut une fois aborder Amélie, un peu plus familièrement, peut-être, que ne le permettait la stricte politesse; mais il ne fut pas tenté d'essayer une seconde fois. Elle répondit à ses paroles flatteuses par un regard tellement chargé de mépris, par un mouvement d'aversion tellement prompt, qu'il resta stupéfait.

La justice d'une femme qui se sent heureuse d'être aimée a quelque chose d'implacable. Elle craint toujours, cette femme, que la force et la pureté de son dévouement ne soient soupçonnées.

De Péan grinça des dents et jura de se venger de cet outrage. Il appelait cela un outrage, lui, cette juste répugnance que la vertu éprouvait à le voir. Il jura qu'avant longtemps Amélie expierait cruellement cet odieux acte de mépris.

Un de ses rêves les plus caressés s'envolait pour ne plus revenir. Il avait regardé avec envie l'immense fortune et la haute position de la jeune châtelaine de Repentigny; la cupidité s'était allumée plus vive encore que l'amour dans son âme basse, et les charmes incomparables de la sage beauté le touchaient moins que la pensée de ses richesses.

Il n'était pas assez magnanime pour supporter bravement la perte de ses espérances. Il ne comprenait pas, dans sa sotte vanité, quand il se regardait avec béatitude, qu'une femme put lui préférer un autre homme; il ne comprenait pas qu'une femme suivrait pieds nus, s'il le fallait, un gueux qu'elle aime, et refuserait de chausser des sandales d'or pour marcher avec un riche qu'elle n'aime pas.

Quand Amélie fut entrée dans sa chambre, elle dit à Héloïse de Lotbinière qu'elle n'aurait pas voulu traiter un gentilhomme aussi rudement que cela, parce qu'une femme ne doit jamais répondre par le mépris à l'amour d'un homme, quand cet homme est honnête et sincère.

– Mais le chevalier de Péan, ajouta-t-elle, est si faux, si présomptueux que je ne puis souffrir qu'il me parle comme à une amie. Je suis, je veux rester une étrangère pour lui.

– Tu t'es montrée trop bonne encore, lui répondit Héloïse en l'entourant de son bras; s'il se fut adressé à moi, je me serais autrement moquée de ses flatteries. Je l'aurais payé avec la même monnaie. Je l'aurais laissé s'avancer au bord du précipice, faire de tendres aveux, offrir sa loyale main, puis, alors je l'aurais laissé tomber du haut de ses espérances, comme du haut du rocher on laisse tomber un caillou dans le gouffre de la chaudière...

– Tu as toujours été plus hardie que moi, Héloïse; je ne pourrais, pour rien au monde, faire cela. Je ne veux causer de peine à personne, pas même au chevalier de Péan. Et puis, cet

homme, je le crains; tu sais pourquoi. Il a sur Le Gardeur une puissance extraordinaire, une autorité qui m'épouvante. Quand ils sont quelque part ensemble, je voudrais y courir, pour éloigner ou prévenir sa maligne influence, pour protéger mon frère bien-aimé! Hier encore, au salon, je me suis longtemps attardée avec eux; trop longtemps! et de Péan a pu supposer que je me plaisais en sa présence.

– O mon Amélie! ma soeur! Oh! laisse-moi t'appeler ainsi. J'éprouve les mêmes craintes que toi pour Le Gardeur!... pour Le Gardeur que j'aime sans espérance et que je voudrais voir heureux!

– Ne dis pas sans espérance, chère Héloïse, fit Amélie, en embrassant avec tendresse son amie, Le Gardeur n'est pas insensible à ta douceur et à ta beauté.

– Hélas! Amélie, je sais bien que mon attachement est inutile! je n'ai aux yeux de ton frère, ni grâces, ni vertus... Hier encore, il m'a laissée pour causer d'elle avec de Péan... D'elle, Angélique des Meloises!... Et comme il était animé, transporté, plein de feu! comme les questions se pressaient sur ses lèvres ardentes!... J'ai bien souffert, va!...

Elle cacha son visage couvert de larmes dans le sein de son amie et se mit à sangloter comme si tout son coeur se fut brisé dans une angoisse.

Amélie pleura quelques moments avec elle. Elle songea que de Péan pouvait bien avoir apporté à Le Gardeur un message, un souvenir peut-être de la dangereuse coquette. Elle le rappelait peut-être, du fond de son boudoir enchanté. Alors, rien ne pourrait retenir le malheureux jeune homme, ni les observations, ni les prières, ni les pleurs! rien!

– Dieu le garde! fit-elle, d'une voix plaintive. Il est perdu s'il retourne à la ville... deux fois perdu! Perdu comme gentilhomme! perdu pour l'amour qu'il rêve!... Cette femme se sert de lui comme d'un instrument, pour arriver à son but infâme, et elle le rejettera indignement! Pauvre Le Gardeur! comme il aurait été heureux avec toi, Héloïse! comme il aurait été heureux!

Elle embrassa les joues pâles et trempées de larmes d'Héloïse, et toutes deux, pendant quelques minutes, la tête appuyée sur le même oreiller, gardèrent un silence plein d'amertume.

La nuit était orageuse. Le vent s'était élevé de l'est dans l'après-midi, et le soir, avec la marée montante, il avait doublé de fureur. Il fouettait les fenêtres et les arbres, s'engouffrait dans les cheminées avec un grondement de tonnerre, faisait rendre aux bois tourmentés, des gémissements de cataractes.

La nuit tomba par torrents, comme si le ciel eut voulu laver les souillures de la terre. Les murailles du manoir restaient immobiles comme le roc, et la tempête ne pouvait les ébranler; cependant, ce vent, cette pluie, ce fracas inouïs causaient de l'effroi aux deux jeunes filles. Elles se pressèrent l'une contre l'autre, comme deux oiseaux dans le nid léger que secoue la bourrasque et elles s'endormirent en priant pour Le Gardeur.

De Péan avait rempli sa mission fidèlement, mais à regret. Il aurait bien mieux aimé laisser Le Gardeur à Tilly, et il enrageait à la pensée de le voir renouer avec Angélique des relations si heureusement rompues.

Mais c'était sa destinée, sa fatale destinée de bossu, comme il le disait, d'être toujours maltraité par quelque femme. N'importe! Le Gardeur paierait bien pour cela! Il boirait et se dégraderait assez qu'Angélique regretterait de l'avoir fait revenir.

Il savait bien qu'Angélique ne songeait pas à l'épouser; il savait également que Bigot ne songeait pas davantage à épouser Angélique. Il les connaissait parfaitement l'un et l'autre. Il n'en était pas moins jaloux cependant. Une chose le consolait dans ses regrets, une chose faisait sourire sa mauvaise humeur: si la femme qu'il aimait pour ses richesses lui avait échappé, celle qu'il recherchait pour son esprit et sa beauté, lui tomberait comme un flacon d'or entre les mains, ou par dépit, ou par amour. Peu lui importait le motif.

Ce fut à l'auberge du village de Tilly qu'il commença à mettre à exécution son projet honteux. Il n'ignorait pas qu'au manoir des yeux vigilants auraient veillé sur sa victime. A l'auberge, personne ne le gênerait, personne n'interviendrait, et il aurait pour l'aider, le vin, le jeu, le souvenir de Mlle des Meloises.

Si Le Gardeur portait à ses lèvres altérées, au nom d'Angélique, une coupe pleine de vin, s'il prenait dans ses mains les cartes ou les dés pour tenter la fortune, et s'enivrer des émotions du jeu, c'en serait fait de lui; toutes ses bonnes résolutions, ses principes vertueux s'effondreraient pour jamais. Il secouerait le joug de ses gardiens, et reprendrait sa liberté! Il reviendrait à la ville, où la grande compagnie l'attend pour une oeuvre qu'il ne soupçonne point, et dont il connaîtra l'odieux que lorsqu'il sera trop tard pour se repentir.

De Péan se souvient d'une parole de Bigot, et il croyait avoir trouvé sa vengeance. Le Gardeur et Amélie verraient ce qu'il en coûte pour enlever au gentilhomme ses espérances et démolir ses ambitions.

Le lendemain fut un jour humide et mauvais. Le vent souffla fort, et sous sa froide haleine, les arbres secouèrent les gouttelettes restées aux feuilles. Le gazon des champs était

presque sombre, comme le firmament du ciel. Les chemins boueux s'allongeaient comme des serpents noirs sous les bois ou dans les plaines; les ruisseaux coulaient à pleins bords, et leurs eaux jaunies par le sable des prairies s'en allaient se perdre dans le grand fleuve, à peine visible à travers le brouillard.

Là-bas, sur le rivage rocailleux, les vagues venaient mourir tour à tour et rapidement avec un murmure sonore au pied de la falaise, l'église dessinait à peine sa silhouette grise dans le voile blanc de la bruine; et la cloche, quand elle sonnait pour la prière, faisait à peine entendre sa voix sainte, aux fidèles frileusement enfermés dans leurs demeures.

Personne sur le chemin noir de boue, si ce n'était de temps en temps une femme qui courait chez la voisine, les pieds crottés et la tête enveloppée dans un châle.

Cependant, il y avait du monde à la vieille auberge; des bateliers, des habitants qui profitaient de la pluie pour se réunir, boire un coup. Dans un coin, tout près du foyer qui flambait, un petit vieillard, la face illuminée par la flamme et le vin, la robe retroussée jusqu'à la ceinture, se chauffait les jambes avec une satisfaction qu'il ne cherchait pas à dissimuler. C'était maître Pothier dit Robin.

A côté de lui, Jean La Marche évoquait, avec une verve infatigable, les souvenirs de l'émeute et les qualités de son violon alors si indignement écrasé, pressait sur son coeur un autre violon nouvellement éclos, et coupait, dans son désir de ne rien oublier, la parole à tous ceux qui commençaient un récit.

Parler plus souvent qu'à son tour, c'était presque un exploit quand maître Pothier était là; car il possédait, ce vieux notaire, une terrible vigueur de langue. Avec ses phrases prises dans les codes, et ses citations latines, il réussissait à embarrasser Jean, mais le violoneux prenait alors son instrument, attaquait un air gai, appelait sur lui l'attention, et la discussion était à recommencer. L'arrivée de maître Pothier dans le village était presque un événement. Non pas que ses visites fussent bien rares, mais parce qu'il était aimé, après tout, ce savant homme de loi, qui vidait si lestement un verre et si vite embrouillait une affaire.

A peine s'était-il installé chaudement dans un fauteuil, en face de l'âtre brûlant, avec ses paperasses et ses bouquins, que toute la seigneurie connaissait la grande nouvelle, et qu'une douzaine de braves plaideurs se flattaient déjà d'avoir raison les uns des autres, en deux mots et à bon marché.

Au reste, il y avait de la besogne de taillée pour la plume du notaire. Songez-y, toutes les querelles et tous les procès-verbaux d'une année à mettre en blanc et en noir! Les moribonds l'avaient attendu pour mourir, ne voulant trépasser qu'en bonne et due forme, et

laisser leurs dernières volontés clairement, formellement exprimées; les promis l'avaient attendu pour signer le contrat qui devait les enchaîner l'un à l'autre à jamais. Le feu sacré de l'amour pouvait brûler leur coeur, mais le flambeau de l'hymen ne s'allumait que lorsque les conditions des épousailles avaient été couchées sur une feuille de papier fort et scellées par une étoile de cire rouge.

Le notaire avait affaire à de mauvais payeurs, assez souvent, mais il se tirait gaiement d'embarras. Ils ne se gênaient guère pour le faire travailler; pourquoi se serait-il gêné pour les faire payer?

– Combien allez-vous me charger, maître Pothier, pour me griffonner un acte de *damnation*? lui demanda Louis Du Sol.

– Cela dépend, répondit le rusé vieillard.

– C'est un cochon raisonnable que...

– Comment, tu veux *damner* un cochon raisonnable?...

– Oui, je veux donner un cochon raisonnable pour l'usage d'un petit morceau de terre en bas du moulin.

– Faudra-t-il y mettre un sceau?

– Oui, maître Pothier, un sceau, tout!

Maître Pothier gratta sa perruque de l'air le plus grave du monde.

– Un acte de *damnation* de première qualité, solide, inattaquable, te coûtera cinq livres, dit-il; un de moyenne qualité, avec deux ou trois portes pour sortir, te coûtera trois livres; un mauvais, qui ne liera personne et ne signifiera rien, ne te coûtera qu'un franc. A ton choix, Louis.

L'habitant crut qu'un acte de *damnation* tout à fait ordinaire et le plus commun, était tout ce qu'il fallait. Dans tous les cas, il ne se trouverait pas plus lié que l'autre partie et pourrait tout aussi bien commencer la chicane et faire un joli procès.

Avec maître Pothier, il fallait toujours finir par causer de chicane et de procès. Son havresac sentait la loi comme celui d'un médecin, la drogue.

Les habitants de Tilly étaient de braves gens, qui respectaient leur seigneuresse; mais ils avaient un penchant à l'ergotage et aimaient à faire voir qu'ils connaissaient les subtilités de la coutume de Paris et de Rouen.

Ils payaient régulièrement les cens et rentes; mais depuis quelques années, Mme de Tilly leur en faisait remise à cause de la dureté des temps.

Ils faisaient moudre leur grain au moulin banal, et n'avaient pas le droit d'aller ailleurs. Ils donnaient en paiement quelques poignées de ce grain pour chaque minot. Il y avait une sérieuse discussion pour savoir si une poignée était une poignée ou bien un jointée comme le prétendait toujours Joachim, le brave meunier.

Mme de Tilly gardait ses pigeons dans le colombier, pour les empêcher de piller les champs de ses censitaires. Mais il fallait savoir combien elle avait le droit d'en garder et combien aussi les habitants devaient en nourrir. La table, la porte, les cloisons de l'auberge se couvraient alors de chiffres blancs, joliment fantastiques, que le cidre finissait toujours par effacer.

Maître Pothier et La Marche discutaient toujours.

– D'après la coutume de Rouen, affirma le vieux notaire, Mme de Tilly peut avoir un colombier capable de nourrir et de manger toute la seigneurie. C'est son droit.

– Dites donc aussi, répliqua Jean La Marche qui se faisait le défenseur du peuple, dites donc qu'elle peut user du droit de grenouillage, comme le seigneur de Marais Le Grand.

– Et sans doute! Jean La Marche, sans doute qu'elle le peut! C'est un droit inhérent aux fiefs normands.

Seulement, comme il n'y a pas de grenouillère à Tilly, les bons habitants ne sont pas obligés de se lever la nuit pour aller faire taire les grenouilles. S'il y avait des grenouilles, mon bon, vous iriez pendant toute la nuit qui précéderait le mariage de votre seigneur, en fouetter, avec de longues gaules, les ondes verdâtres, et vous chanteriez, pour inviter les grenouilles à se taire et votre maître à ronfler:

Pa! pa! rainotte, pa!

Notre Seigneur dort, que Dieu gê! [d](#)

Note d: [\(retour\)](#) Cette obligation de battre les grenouillères et ce droit du seigneur, sont de sottes histoires inventées par la calomnie et propagées en haine de l'ancienne noblesse, par l'ignorance et le préjugé, tel que l'ont établi plusieurs auteurs, notamment Louis Veuillot, dans son livre intitulé: «Le Droit du Seigneur.»

– C'est une curieuse coutume, maître Pothier; et l'on endure ça?

– Avez-vous été marié déjà? reprit Jean La Marche, au bout d'un instant.

Maître Pothier le regarda d'un air moqueur, puis il éclata de rire.

– Moi, marié? fit-il, ha! ha! l'idée!... Non! Je connais trop bien la loi pour cela. Non! Jean La Marche, je ne me suis jamais marié... Mariez-vous, si vous l'aimez, je suis prêt à écrire votre contrat de mariage sur une feuille de papier large et blanche comme la robe de noce de votre future; mais ne me demandez pas d'encourir l'obligation de payer le droit du seigneur qui existe d'après la coutume de Normandie!

– Mais il paraît qu'il n'existe plus ce droit-là, riposta Jean en regardant les autres personnes qui se trouvaient dans la pièce.

– Bah! répondit Nicolas Houdin, un grand gaillard: je suis à Tilly depuis soixante ans, et je n'ai jamais entendu dire que nos nobles seigneurs l'aient revendiqué.

– Je parle du droit, reprit le notaire, et non pas de la pratique; de la possibilité de la chose, non de son actualité.

– C'est du latin, pensa Houdin, il ne faut pas douter.

– Oui, je comprends, vous avez raison, maître Pothier, ajouta-t-il.

Jean La Marche reprit tout radieux:

– Quant à nous, dans tous les cas, nous en serons exemptés, car c'est une seigneuresse bien généreuse que nous avons à Tilly; buvons à sa santé!

– Je veux bien boire, Jean La Marche, riposta le vieux notaire, mais tu ne me prendras pas comme cela. Etudie, mon jeune homme, et respecte la loi! Ce droit est transmissible, c'est prouvé par les arrêts de la Cour de Bourges. Respecte la loi.

– Je la respecte, la loi, et je veux qu'elle me protège à mon tour, reprit Jean La Marche. Vous savez, que l'hiver dernier, ma pauvre Fifine a pris un gros rhume et est morte. Eh bien! elle a laissé une soeur que je voudrais épouser. Elle est bien prête à dire: oui, la soeur; le curé dit: non, et les femmes disent: oh! oh! Je serais curieux de savoir maintenant ce que dit la loi. Peut-on se marier avec la soeur de sa femme?

Les habitants s'approchèrent pour écouter. Tout le monde de la paroisse connaissait les intentions de Jean La Marche. Les hommes le raillaient, les femmes le plaignaient. Maître Pothier dressa l'oreille comme un cheval au son de la trompette, et s'écria:

– As-tu envie d'être pendu, Jean La Marche?

– Moi, pendu pour cela?

– Oui, pendu, jusqu'à ce que mort s'en suive!...

– Est-ce vrai, comme l'affirme le bedeau, reprit Jean La Marche, qu'un homme est bigame quand il a deux femmes?

– Comment! une telle ignorance des lois divines et humaines...

– Attendez que j'achève, toujours, répliqua Jean La Marche. Quand il a deux femmes dans le cimetière?

– La bigamie mérite la corde; votre cas est sérieux, et rien que la pensée de cette infamie, c'est un crime cousin germain de la potence, affirma le vieux notaire avec une emphase risible.

– Je ne crois pas cela, maître Pothier; où sont vos autorités?

– Mes autorités? Écoute, Jean La Marche.

Et il défila avec aplomb et d'une voix chantante:

Si vous consultez nos auteurs,

Législateurs et glossateurs,

Jason, Aliciat, Cujas,

Ce grand homme si capable!

La polygamie est un cas,

Est un cas pendable!

Si ce n'est pas assez pour vous faire pendre, Jean La Marche, continua-t-il, c'est que vous n'en valez pas la corde. C'est l'opinion de Molière, comme c'est la mienne aussi. Et maintenant, je vous condamne à faire venir du cidre et à payer votre écot.

L'opinion du vieux notaire triompha, il fut acclamé; les applaudissements firent trembler la salle.

– N'importe! dit Jean La Marche, vous allez entendre une belle chanson, ma meilleure; c'est l'apologie du cidre. Champlain lui-même l'a apportée de Normandie. Remplissez vos gobelets et tenez-vous prêts à faire chorus.

Il fit vibrer son violon et, levant le bras avec l'élégance du virtuose qui fait glisser l'archet sur les cordes sonores, il se mit à chanter:

De nous, se rit le Français,

Mais pourtant, quoiqu'il en die,

Le cidre de Normandie

Vaut bien son vin quelquefois!

Coule, avale, et loge! loge!

Il fait grand bien à la gorge!

Ta douceur, ô cidre beau,

A te boire me convie,
 Mais pour le moins, je t'en prie,
 Ne me trouble pas le cerveau!
 Coule, avale, et loge! loge!
 Il fait grand bien à la gorge!
 Voisin, ne songe à procès;
 Prends le bien qui se présente!
 Mais que l'homme se contente,
 Il en a toujours assez.
 Coule, avale, et loge! loge!
 Il fait grand bien à la gorge!

Tous les autres firent chorus en choquant les unes contre les autres, leurs coupes remplies, ou en frappant la table de chêne pour marquer la mesure.

Maître Pothier était dans le ravissement. Il s'écria les bras au ciel:

– La santé de Mme de Tilly, maintenant, et de la jeune et jolie châtelaine, Mlle Amélie!

Il n'y avait pas une voix discordante. L'enthousiasme grandissait toujours.

– La santé et le bonheur du jeune seigneur de Repentigny! reprit encore maître Pothier, et que celui qui refusera de remplir sa coupe ait toujours la bourse vide.

– Chut! maître Pothier, fit Jean La Marche, le jeune seigneur est dans le salon avec le chevalier de Péan et deux autres bouledogues de la Friponne. Ils jouent aux dés et boivent du vin chaud.

– Le chevalier de Péan! le secrétaire de l'intendant est ici! répéta le vieux notaire à voix basse. Quel diable l'amène à Tilly?

– Quelque satanique affaire, dans tous les cas, affirma Jean La Marche. J'ai pris le large, il y a huit jours, car j'avais peur qu'il ne vint pour faire une enquête sur la bagarre. A la fin, voyant qu'il ne s'agissait pas de cela, et dévoré d'une soif ardente, je suis revenu aux armes de Tilly. Le connaissez-vous, le chevalier de Péan, maître Pothier?

– Si je le connais! Je connais tous les chiens de la ville, gros et petits.

– C'est un gai luron, mais il a la duperie écrite dans l'oeil, ou je ne suis pas juge. Qu'en pensez-vous, maître Pothier?

– Ce que j'en pense? Jean La Marche, répondit le notaire, gravement en secouant la tête, je pense qu'il serait digne d'être le secrétaire de Caius Verres lui-même.

– Caius Verres, qu'est-ce que cela? demanda le violoneux avec respect, car il respectait la science, et d'autant plus qu'il la connaissait moins.

– Caius Verres, reprit le notaire, c'était un renard! Un homme rusé comme un renard, c'est-à-dire, il était romain, et pour bien parler de lui, il faut le faire dans la langue de Rome. Il fut intendant de la Sicile *populatae vexatae funditus eversaеque provinciae*, comme notre pauvre Nouvelle-France, et c'est mon opinion!

Le brave Jean La Marche fut enchanté de cette réponse savante. Cela ressemblait au latin qu'il entendait à l'église, ça devait être vrai par conséquent.

XXXIX

Mère Malheur

Les habitants de l'auberge de Tilly s'étaient mis à causer des affaires de la colonie, et surtout de la dernière razzia des commissaires royaux. Maître Pothier, la tête en arrière, sur le dossier de sa chaise, l'air songeur, écoutait en faisant tourner ses pouces l'un contre l'autre. Tout à coup, il se pencha vers Jean La Marche:

– As-tu dit, Jean La Marche, lui demanda-t-il, que Le Gardeur de Repentigny jouait aux dés et buvait du vin chaud avec le chevalier de Péan et deux bouledogues de la Friponne?

– Oui, je l'ai dit, répondit Jean qui paraissait attristé. Il a rompu sa chaîne, notre jeune seigneur, et je crois qu'il ne se laissera pas reprendre de sitôt.

– Comment! riposta maître Pothier, le meilleur acte que je pourrais faire, ne le tiendrait pas mieux qu'un fil d'araignée. Ces de Repentigny, ils sont obstinés comme des mules, et ne supportent aucun joug. Pauvre garçon! Sait-on, au manoir, qu'il est ici à boire et à jouer?

– Non! Vous comprenez que toute la pluie du ciel n'aurait pu empêcher Mlle Amélie et Madame de le relancer jusqu'ici. Pierre Philibert, son ami, un grand officier du roi, maintenant, est allé à Batiscan pour des affaires qui regardent l'armée, m'a dit le groom; sans

cela, Le Gardeur ne serait pas à l'auberge comme nous, pauvres habitants, qui ne savons que faire à la maison quand la femme coule la lessive.

– Pierre Philibert! fit le notaire en se frottant les mains, je le connais. Un héros comme Saint-Denis! C'est lui qui est allé à Beaumanoir chercher Le Gardeur. Il l'a ramené comme un chat fait de son chaton.

– Comment! entre ses dents?

– Pas de plaisanteries, Jean, sois convenable, remarqua le notaire légèrement froissé. N'étire pas mes comparaisons comme un fil, ou comme ton esprit. C'est dommage qu'il ne soit pas ici, le colonel Philibert, il le sortirait bien lui, son ami Le Gardeur...

Après cette réplique, le notaire alla se mettre à la fenêtre où la pluie se précipitait avec fureur. La nuit approchait et les ombres commençaient à couvrir les bois et les champs. Sur le cap, les grands pins noirs se berçaient au vent en poussant des plaintes lugubres.

Maître Pothier suivit du regard la route vaseuse qui s'enfonçait dans l'obscurité. Il y avait une lieue pour se rendre au manoir. Une lieue, par un temps pareil, c'était long. Il se tourna vers Pâtre où flambaient les sarments, songea au bon cidre, aux joyeux camarades, et revint s'asseoir bien tranquillement dans son fauteuil.

Il tira sa pipe, son sac à tabac et se mit à fumer. Il était décidé d'attendre le beau temps au coin du feu. Cependant il était inquiet, agité. Le bruit des voix, le son de l'argent, le choc des dés d'ivoire, les éclats de rire qui venaient du salon, tout cela le troublait fort. Il vida quelques bons verres pour se calmer. Il devint lourd, somnolent. Il en prit d'autres alors pour se réveiller.

– Bah! se dit-il en lui-même, un homme est capable de marcher à la pluie, quand il est capable de venir s'asseoir près du feu. La cause est jugée: j'ai perdu!

– Jean La Marche, veux-tu venir au manoir avec moi, ce soir? demanda-t-il au violoneux.

Jean avait la langue passablement embarrassée. Ses pensées flottaient dans une mer de vin.

– Au manoir? fit-il, le chemin est long comme un cantique de Noël, maître Pothier, et la pluie va gâter les cordes de mon violon. N'importe, maître Pothier, pour vous être agréable, j'irai. Ces chiens de la Friponne hurlent de plus en plus fort. Ils vont dévorer Le Gardeur avant demain matin. Je vais vous accompagner. Donnez-moi la main, vieux Robin Mais, diable! mon siège est bien pesant: je ne viens plus à bout de me lever!

Après plusieurs essais infructueux, s'aidant mutuellement avec une touchante fraternité, ils réussirent enfin à se mettre sur leurs jambes, et sortirent, bras dessus bras dessous.

La pluie tombait dru, l'eau coulait dans le chemin, les ombres s'épaississaient.

Ils allaient toujours, glissant, avançant, reculant, riant, chantant, le notaire avec son sac de cuir plein de vieux papiers, le violoneux avec son instrument emmailloté dans une flanelle verte.

Ils arrivèrent ainsi à la porte d'une petite cabane noire, la demeure de Roger Bontemps, un vieux camarade.

– Si nous entrons, une minute, fit le violoneux, pour nous faire sécher un peu.

– Ou pour tremper un peu le dedans, afin que le dehors ne soit pas jaloux, répondit le notaire.

Ils entrèrent. L'humble propriétaire les reçut à bras ouverts et les fit asseoir près d'un bon feu.

Maître Pothier tira sa gourde, Jean La Marche prit son violon. Il fallait bien se dédommager un brin des ennuis de la route.

Les minutes passèrent vite, les heures sonnèrent plusieurs fois, la gourde fut vidée jusqu'au fond, le violon se mit à râler des variations inconnues, le notaire et le musicien roulèrent l'un contre l'autre sur la pierre du foyer, avec leur hôte, et dormirent profondément jusqu'au jour.

Quand ils s'éveillèrent, le soleil brillait et l'orage était loin. Ils recueillirent leurs esprits et se souvinrent comment et pourquoi ils se trouvaient ainsi chez l'ami Roger Bontemps. Ils eurent honte, avouons-le, pas énormément, mais un peu, et se demandèrent s'ils allaient se rendre au manoir ou retourner au village.

Pendant qu'ils délibéraient, un petit domestique du manoir passa. Il revenait de l'auberge où Mme de Tilly l'avait envoyé dès le point du jour. Il apprit à maître Pothier que Le Gardeur venait de partir en canot, pour la ville, avec le chevalier de Péan et ses associés.

Le départ de maître Pothier et de Jean La Marche avait laissé un grand vide dans l'hôtellerie. Avec eux le rire, la gaieté, la chanson, le mot drôle semblaient s'en être envolés. Les habitués, tous plus ou moins gaillards, se retirèrent tour à tour, sans bruit, et comme un peu soucieux. Il n'y avait plus d'argent dans le gousset, peut-être, et le crédit n'était pas fameux. Ou bien l'image de la femme, à la maison, s'offrait à leur esprit. Elle aurait son mot à

dire, la femme! Elle ne s'était guère amusée, elle, et la colère s'était amoncelée toute la nuit dans son coeur. Ce serait une tempête plus redoutable, au retour, que celle du dehors.

Les joueurs restèrent plus longtemps à l'auberge et se livrèrent sans contrainte à de tapageuses démonstrations, quand ils se virent seuls.

Paul Gaillard, l'hôtelier, un brave homme, fort timide et pas du tout accoutumé aux grands personnages, se montrait le moins possible, et seulement quand on l'appelait. Il avait son jeune seigneur en grande estime, et il aurait bien voulu le voir partir pour le manoir. Un moment il se pencha, tout rougissant, à son oreille et lui demanda s'il voulait bien accepter sa calèche pour s'en retourner. Le Gardeur et ses compagnons éclatèrent de rire. Le pauvre Gaillard se sauva, mais il envoya quelqu'un avertir Mme de Tilly de ce qui se passait chez lui.

Les deux compères que de Péan avait fait venir de Québec, pour l'aider à perdre Le Gardeur, étaient Le Mercier et Eméric de Lantagnac, deux âmes damnées de l'intendant. Ils étaient accourus avec plaisir.

De Péan n'eut aucune difficulté à décider Le Gardeur à venir à l'auberge, rencontrer des compagnons qui s'y trouvaient comme par hasard, affirma-t-il.

A la taverne, il fallut boire. On ne se retrouve pas comme cela, sans éprouver du plaisir et sans se montrer courtois.

On causa de tout et d'autres choses encore. Le nom d'Angélique des Meloises revint souvent, à dessein, sur les lèvres de de Péan, Le Gardeur pensait, lui, à ce mot cruel qu'elle lui avait jeté à la face: «Je vous aime, mais je ne serai jamais votre femme,» et il se sentait humilié, désolé. Il ne disait rien, quand les autres parlaient d'elle. Mais il buvait plus souvent qu'à son tour.

Il devint expansif, jaseur, jovial; de Péan l'étudiait, l'épiait. Quand il jugea le moment venu, il dit:

– Nous allons boire aux beaux yeux d'Angélique des Meloises, la plus adorable femme de la Nouvelle-France! que celui qui refuse soit considéré comme un païen!

Eméric de Lantagnac, qui était trop ivre pour savoir ce qu'il disait, prit aussitôt la parole:

– Le Gardeur ne boira pas à cette santé, cria-t-il, et j'en ferais autant, à sa place, moi!... jamais je ne boirai à une fille qui me jouera des tours comme Angélique en a joués à Le Gardeur.

– Quels tours m'a-t-elle joués? demanda Le Gardeur qui s'irritait.

– Elle a joué à la coquette avec vous, et maintenant elle vise plus haut, c'est un prince du sang qu'il lui faut, rien de moins.

– Est-ce elle qui dit cela, ou si c'est vous qui l'inventez!

– Toutes les femmes de la ville affirment qu'elle l'a dit. Mais vous savez, Le Gardeur, les femmes ont plus vite fait un mensonge sur le compte des autres femmes, qu'un homme une addition de dix dizaines.

De Péan eut peur que Lantagnac ne compromit son oeuvre. Il parlait trop.

– Je ne crois pas cela, moi, affirma-t-il à Le Gardeur. Angélique est trop franche et trop fière pour mettre ainsi les gens au courant de ses affaires personnelles. Les jeunes filles supposent qu'elle vous a trompé, et elles jubilent; cela leur vaut une chance de plus. N'est-ce pas ainsi que les femmes calculent, Le Mercier?

– Oui, et la Friponne aussi, répondit-il.

– Au reste, continua de Péan, j'ai la preuve qu'Angélique ne trompe pas notre ami.

– Par Dieu! s'écria Le Gardeur, on s'occupe bien de mes affaires, à la ville. De quel droit? je serais curieux de le savoir.

– Un droit inaliénable que les femmes tiennent d'Eve. La première fois que le père Adam a tourné le dos, la mère Eve a parlé de lui avec Satan.

Le Gardeur s'emportait.

– Angélique des Meloises est aussi sensible que belle, s'écria-t-il, et elle n'a pas dû parler ainsi! Non, par Dieu! elle n'a jamais dit à personne qu'elle s'était jouée de moi!

Il vida alors comme pour se donner plus de courage, un plein gobelet d'eau-de-vie. Sa figure s'empourpra aussitôt et ses yeux lancèrent des flammes.

– Non! elle n'a pas dit cela! répéta-t-il avec emportement. J'en jurerais sur la tête de ma mère, et je tuerais l'insolent qui soutiendrait le contraire!

– C'est cela, Le Gardeur, continua de Péan. Mais le moyen de s'attacher une femme n'est pas de s'éloigner d'elle. Tout le monde sait qu'elle vous préfère à tout autre; pourquoi risqueriez-vous de perdre la partie, en demeurant plus longtemps ici?

– Mon Atalante est trop agile, de Péan; j'abandonne la course! Je n'ai pas l'avantage d'Hippomène, moi!

– N'avez-vous pas jeté quelques pommes d'or à ses pieds?

– Je m'y suis jeté moi-même... et elle ne s'est pas arrêtée!

Le Gardeur se versa un autre verre d'eau-de-vie. De Péan l'attira dans la pièce voisine.

– Le Gardeur, fit-il, vous êtes demandé à la ville. Voici un billet qu'Angélique vous envoie. Elle me l'a glissé dans la main, en rougissant, au moment où je partais pour Tilly. Je lui ai promis de vous le remettre. Le billet, gracieusement plié, était bien de l'écriture de l'enchanteresse. Un tas de jolies choses, légères, piquantes, douces. Elle s'ennuyait à mourir dans cette ville insignifiante... Le bal de l'intendant n'avait pas été une affaire brillante, parce que Le Gardeur n'y était pas... Sa maison était morne et délaissée... Bref, elle voulait le voir pour une affaire sérieuse.

– Vous voyez bien que cette femme vous aime à la folie, dit de Péan.

– Pensez-vous? demanda Le Gardeur, sérieusement. Bah! continua-t-il, je n'ai plus de confiance aux femmes.

– Je vous dis qu'elle vous aime! Lisez donc comme il faut! Viendriez-vous si elle vous aimait?

– Je descendrais, pour elle, au fond de l'enfer! Mais pourquoi me tentez-vous, de Péan?

– Vous n'avez donc pas compris ses paroles? Elle vous demande pour son bonheur et son bien...

– C'est vrai! pourtant, c'est vrai! Par Dieu! je n'ai pas le coeur assez dur pour refuser. J'y vais; je pars!

– Nous nous embarquerons au point du jour.

– Au point du jour, c'est bon! Vous m'avez fait boire, de Péan, n'importe! c'est mieux. Je veux boire jusqu'à l'heure du départ. Il me sera plus aisé de laisser ma tante et ma soeur. Pierre Philibert va être fâché. Mais il peut s'en venir. Ils peuvent tous s'en venir! Je m'en veux pourtant, de Péan... Je m'en veux, je me déteste! Mais pour moi, Angélique des Meloises est tout!... Je l'aime trop, c'est péché, de Péan!

De Péan vit que Le Gardeur était mûr pour la ruine. Il le ramena à la table de jeu où Le Mercier et Lantagnac brassaient les dés et l'argent, avec une ardeur qui tenait du vertige. La partie commencée la veille se prolongea jusqu'à l'aurore. Un vin nouveau fut apporté, les enjeux redoublèrent, les émotions devinrent plus poignantes.

Dès que la lumière du matin parut, tous quatre se levèrent de table, et, les yeux rougis, le front hâve, les cheveux en désordre, les habits tachés de vin, ils prirent le chemin de la grève.

Des canotiers les attendaient, en fumant, assis sur le bord de leur canot.

Ils s'embarquèrent, le canot fut poussé au large, puis se mit à descendre sur le fleuve devenu calme, en ouvrant un léger sillon où tremblotaient les premières lueurs de l'aube.

De Péan triomphait. Et pourtant, ce triomphe lui faisait mal, car sa jalousie ne dormait point. Il se mit à chanter, puis à conter des histoires à faire rougir les canotiers qui ramaient en silence. De Lantagnac et Le Mercier le secondaient de leur mieux. Le Gardeur était trop bien élevé et trop délicat pour répéter des obscénités, même quand il était ivre.

Après quelques heures de cette joyeuse course, ils longeaient la falaise où s'est perchée la capitale. Ils décrivrent une courbe, passèrent devant la rue du Sault-au-Matelot, où les bateliers s'étaient réunis pour s'amuser en attendant la besogne. Ces bateliers leur lancèrent une volée de plaisanteries. Mais ils se turent aussitôt que le canot fut près du bord, car ils reconnurent les amis de l'intendant. C'était la peur. Ils savaient que les gens de la Friponne ne badinaient pas souvent et se montraient rancuniers. Au reste, l'intendant venait de faire punir sévèrement tous ceux qu'il avait pu convaincre de participation à la dernière émeute, et il fallait se montrer prudent.

Le canot s'arrêta au quai de la Friponne. De Péan et ses compagnons débarquèrent tranquillement. Personne n'osait même les regarder. L'intendant les attendait. Ils se rendirent au palais où des chambres avaient été préparées pour Le Gardeur.

Le Gardeur de Repentigny était en la puissance de Bigot.

– Je vous félicite, dit Bigot à de Péan; votre mission a été couronnée du plus beau succès. Nous le tiendrons bien, maintenant... Il faut le tenir sans cesse sous l'influence des liqueurs, jusqu'à ce que nous en ayons fini.

– Je comprends! répondit de Péan, Eméric et Le Mercier le feront boire; Cadet, Varin et les autres le feront jouer... Il faut le plumer parfaitement avant qu'il se décide à accomplir vos desseins.

– A votre gré, de Péan. Mais veillez sur lui; qu'il ne laisse point le palais. Ses amis vont le chercher. Philibert, que je hais, viendra. Je ne veux pas qu'il le voie. Vous en répondez sur votre tête! Vous ferez en sorte que Le Gardeur l'insulte... Vous êtes capable d'arranger cela!

On sait que de Péan s'acquitta bien de son engagement.

La Corriveau avait hâte de commencer son oeuvre maudite. Elle se cachait toujours chez son ancienne amie, la mère Malheur, un bouge où elle s'était réfugiée, on s'en souvient, après sa première entrevue avec Angélique des Meloises.

Ce bouge malpropre semblait faire partie du rocher auquel il s'adossait. C'était une petite construction, en pierre brute, surmontée d'un toit aigu, avec des auvents qui descendaient bas comme pour la cacher.

Le seul être vivant qui l'habitait d'ordinaire était la mère Malheur, une vieille méchante, une vieille sans coeur, qui vendait du bon vent aux matelots et de la chance aux chasseurs. On la soupçonnait même d'exercer d'autres industries non moins condamnables. A force de pratiquer les superstitions, elle en était venue à croire un peu à ses propres impostures. Elle admirait la Corriveau, et la Corriveau, pour la récompenser de son amitié, lui avait révélé quelques-uns de ses diaboliques secrets, les moins importants, comme de raison.

Mère Malheur la recevait toujours avec un plaisir sincère, la fêtait, la choyait, la servait de son mieux; jamais cependant elle ne se montrait trop curieuse. Elle ne l'interrogeait pas sur les motifs qui l'amenaient à la ville. Elle en devinait toujours assez long probablement. Au reste, ces deux femmes se connaissaient assez pour se comprendre sans de longs discours.

Ce jour-là, la Corriveau se montrait plus réservée que jamais, et mère Malheur plus curieuse que de coutume. Elle avait parlé, mère Malheur, de toutes les drogues qu'elle avait vendues, de tous les horoscopes qu'elle avait tirés, des bonnes chances promises aux voyageurs, et des vents favorables garantis aux marins, et la Corriveau ne s'était vantée de rien; pas la moindre confidence en retour. Evidemment elle était sombre, la Corriveau; elle était songeuse, inquiète. Elle méditait quelque chose.

– Si vous avez besoin de mes services, dame Dodier, lui dit-elle, enfin, ne vous gênez pas. Je crois que vous avez quelque tâche à accomplir. Quelquefois, petite aide fait grand bien. Je me mettrais dans le feu pour vous, dame Dodier! et pour n'importe quelle autre personne au monde je ne voudrais pas me brûler un doigt.

– Je sais cela, mère Malheur, je sais cela! Vous avez raison, je médite quelque chose, et je vais avoir besoin de vous. Cependant, je ne puis vous dire pourquoi ni comment.

– Est-ce d'un homme qu'il s'agit, ou d'une femme? Rien que cela, dame Dodier, je ne vous demande rien de plus.

Elle regardait la Corriveau avec des yeux brillants de convoitise et de curiosité.

– C'est d'une femme, répondit la Corriveau; ainsi vous allez m'aider. Vive notre sexe, toujours, mère Malheur, pour un forfait bien conditionné! Je ne vois pas trop à quoi serviraient les femmes si ce n'était à se tuer les unes les autres pour l'amour de ces vauriens d'hommes!

Mère Malheur se prit à rire d'un rire hideux, en mettant ses longs doigts crochus sur les épaules maigres de sa maîtresse:

– A quoi elles serviraient, les femmes, dites-vous? à tenter l'homme, et à jeter la semence de tous les maux!

– Nous deux, par exemple, mère Malheur, nous sommes terriblement tentantes! repartit la Corriveau en riant à son tour d'un air cynique.

– Eh! nous avons eu notre jeunesse! vous vous en souvenez? nous n'étions pas les moins séduisantes, ni les plus insensibles.

– Bah! s'écria la Corriveau, j'aurais voulu être homme, mois! le destin s'est fièrement trompé en me faisant femme!

– Je suis contente d'être femme, moi, dame Dodier, oui, ma foi! Les hommes ne sont pas capables d'être la moitié aussi méchants que les femmes, surtout quand elles sont jeunes et jolies.

Et elle rit tant que ses yeux rouges et chassieux se remplirent de larmes.

– C'est vrai ce que vous dites là, mère Malheur! les plus belles femmes sont toujours les plus méchantes. Belle et cruelle! belle et cruelle! c'est un vieux dicton. Mais bah! nous sommes toutes pareilles; nous portons toutes la marque de Satan.

La Corriveau avait l'air d'Hécate en prononçant ce blasphème contre la femme.

– La marque de Satan! reprit mère Malheur, je l'ai sur un genoux, voyez! J'ai été, un jour, citée devant la haute Cour d'Arras, à cause de ce signe de sorcellerie. Mais le juge— un imbécile— a déclaré que c'était un grain de beauté et que je n'étais pas du tout sorcière pour cela. Tout de même, je l'ai ensorcelé comme il faut. Le pauvre garçon! il mourut dans le cours de l'année et le diable vint, sous la forme d'un chat se coucher sur son tombeau, jusqu'à ce que ses amis eussent planté une croix. Je vous le répète, je suis contente d'être femme, parce qu'il est toujours aisé de se faire belle et d'être méchante. C'est ce que je dis aux jeunes filles qui viennent me consulter, et elles me donnent double salaire pour cela.

– Eh bien! pas moi! Les femmes, mère Malheur, elles nous méprisent, nous appellent des vauriennes, des sorcières, et elles font pis que nous: elles mentent, frappent, tuent pour l'amour d'un homme qu'elles trahiront demain. Salomon, le plus sage des hommes, n'a trouvé dans son temps, qu'une femme vertueuse sur mille; aujourd'hui, il n'en trouverait pas une dans tout le monde. Apportez-moi un verre de vin, mère Malheur; je suis fatiguée de voyager, dans l'obscurité, jusqu'à la maison de cette joyeuse dame dont il est question.

Mère Malheur avait une cruche d'excellent vin qu'un matelot lui avait apportée après l'avoir volée à bord de son vaisseau; elle en remplit deux grands gobelets.

– Vous ne m'avez toujours pas dit le nom de cette dame.

– Non, et je ne vous le dirai pas encore. Seulement, sachez qu'elle est capable de nous en remontrer à toutes deux. Mais j'ai fini d'aller chez elle.

La Corriveau ne se rendit plus en effet chez Mlle des Meloises. Mais elle fut tenue au courant des agissements de l'intendant. Il était allé aux Trois-Rivières, pour affaires urgentes, et pouvait y demeurer une semaine.

Angélique avait questionné Varin, pour savoir ce qui s'était passé au conseil. Varin lui fit un compte-rendu fantaisiste et raconta tout autre chose que la vérité. S'il eut dit que le gouverneur avait ordre de chercher Mlle de Saint-Castin, et qu'il fallait à tout prix la trouver, elle se serait empressée de le voir pour le conseiller de faire visiter Beaumanoir. Elle aurait pu ainsi éloigner sa rivale, sans avoir besoin de recourir au crime.

Il ne devait pas en être ainsi.

Mère Malheur était mieux informée. Une servante de Varin, qui venait la consulter assez souvent et qui ne se faisait pas un scrupule de bavarder, lui avait tout dit. Elle savait cela, elle, d'un petit domestique, son amoureux, qui avait espionné son maître l'intendant pendant qu'ils causaient ensemble des lettres du baron et de la Pompadour. Elle se hâta d'accourir chez la vieille sorcière avec sa nouvelle intéressante, et un pot de confitures volé à la cuisine. Mère Malheur montra autant d'empressement à tout révéler à la Corriveau.

La Corriveau comprit aussitôt qu'il fallait empêcher Mlle des Meloises de connaître cela. Elle changerait d'avis, ne voudrait plus faire périr sa rivale, et la récompense promise pour le forfait serait perdue. Elle ne l'entendait pas ainsi, la Corriveau! Elle avait mis la main dans le pot et ne devait pas le retirer vide. La chance était trop belle, le crime trop noir, pour y renoncer.

La malheureuse Angélique, victime de ses passions d'abord, allait devenir victime de la Corriveau. Sans en faire tout à fait sa confidente, la Corriveau résolut de se servir sans retard cependant de sa vieille amie, et d'utiliser ses infâmes services. Il n'y avait plus de temps à perdre.

Mère Malheur avait été servante à Beaumanoir autrefois. Elle connaissait parfaitement la maison. Dans les jours d'ardeur et de folie de la jeunesse, elle était souvent entrée ou sortie clandestinement, par le passage souterrain, qui reliait la tour aux voûtes du château. Elle était

familière avec dame Tremblay. La charmante Joséphine de jadis l'avait souvent consultée, dans les instants critiques où son coeur large était également divisé entre ses nombreux admirateurs. Maintenant, le plus grand plaisir de ces deux vieilles friponnes était de s'asseoir à une petite table, en face l'une de l'autre, avec une tasse de thé ou un verre de rhum, et de rappeler ce temps éloigné de leur jeunesse scabreuse. Cela avait la senteur du vice aimé, et ragaillassait leurs esprits, comme la senteur du foin nouvellement fauché nous rappelle que l'été est revenu, et que c'est le temps des ébats joyeux dans les vertes prairies. La Corriveau ne doutait point que la captive de Beaumanoir ne fût Mlle de Saint-Castin. Le souvenir de la rencontre d'une jeune blanche et des Abénaquis, dans le bois de Saint-Vallier, et des questions qu'elle lui adressa au sujet de l'intendant, la confirma dans son opinion. Elle résolut d'envoyer sa complice nouvelle au château, sous prétexte de faire une visite à dame Tremblay, mais en réalité pour qu'elle pût lui préparer les voies à elle-même, et la mettre en communication avec la captive.

Si Caroline se décidait à admettre la Corriveau dans sa chambre privée, et à lui accorder un peu de confiance, le reste irait bien. Elle dit cela avec une satisfaction singulière, la Corriveau, que le reste irait bien. Puis, ce ne serait pas Mlle des Meloises qui pèserait l'or... le prix du sang! Une fois le crime consommé, elle verrait! Elle allait devenir toute puissante et terriblement redoutable, la sorcière de Saint-Vallier. Elle serait riche enfin, très riche! Mlle des Meloises partagerait bien sa fortune avec elle, plutôt que de s'exposer aux conséquences d'une trahison. Si la mort de cette recluse doit être pour elle un élixir de vie, pour la Corriveau, elle sera la pierre de touche de la fortune.

Le lendemain, mère Malheur se rendait à Beaumanoir. Elle portait, pour Mlle de Saint-Castin, une lettre d'une écriture italienne. Marie Exili avait enseigné l'écriture à sa fille.

Les personnes qui savaient écrire étaient assez rares à cette époque, surtout parmi le peuple. Aussi les gens s'étonnaient assez de trouver cet art chez la Corriveau, et ils supposaient charitablement qu'elle l'avait appris du diable, tout comme elle avait appris de lui à les ensorceler.

Mère Malheur présentait une cordiale réception. Il y aurait sans doute: tasse de thé agrémenté d'eau-de-vie, évocation des souvenirs court vêtues. Elle fit donc sa grande toilette: une coiffe avec large dentelle, un chapeau pointu, des boucles d'oreilles, des souliers avec boucles de cuivre, un jupon court et des bas rouges.

Elle partit appuyée sur sa canne. Elle trottait dru. Arrivée sur la grève de la rivière Saint-Charles, elle appela le passeur qui se hâta de venir.

Le passeur, c'était toujours Jean Le Nocher.

Il fit le signe de la croix, quand elle mit le pied dans son bac, et prenant son aviron, il se hâta de ramer comme pour avoir fini le plus tôt possible.

Il ne voulut pas accepter de péage, mais ce ne fut pas par galanterie, assurément. Babet s'en aperçut et elle accourut:

– Payez à moi, mère Malheur, fit-elle, c'est la même chose.

Et elle mit la monnaie dans sa poche en disant à son mari:

– Vous êtes fou, l'argent ne sent pas mauvais. Au reste, nous le donnerons à l'église et ça le purifiera.

Mère Malheur était accoutumée au mépris et aux railleries du monde; cependant, la remarque de Babet la blessa. Elle frappa du bout de sa canne le sol avec fureur, et faisant signe de son doigt osseux, elle s'écria:

– Que le diable prenne soin de vous, Babet!... Et comment se fait-il que vous soyez devenue la femme d'un honnête homme? il n'y avait donc pas de sorcière alors? Ah! vos belles joues roses deviendront blanches comme un morceau de craie, avant que vous en attrapiez un autre, quand celui-ci sera mort! Regardez!...

Et, avec le bout de sa canne, toujours, elle fit un pentagone sur le sable.

– Quand ce signe sera effacé, continua-t-elle, attention! les malheurs commenceront. Ce n'est pas moi qui les cause, ces malheurs, je ne fais que les prédire! Adieu, dame Babet, bon voyage à moi! mauvaise chance à vous!

La vieille sorcière s'éloigna, marchant vite, à l'aide de son bâton, sur le bord du chemin qui conduisait à Charlesbourg.

Jean était terrifié: Babet, rouge de colère, se frappa dans les mains en criant:

– Va-t-en, vieille méchante! je voudrais te voir monter à la lune dans un baril de goudron enflammé!... Mauvais voyage..., mauvais voyage! D'abord, tu ne sors jamais que pour le mal!

Jean dit à Babet, d'un air triste et d'un ton lamentable:

– Elle a laissé la marque de Satan sur le sable; allons-nous l'effacer, ou demander au curé qu'il vienne avec l'eau bénite? Pour sûr, qu'il arrivera malheur à quelqu'un!

– Mais si le malheur ne tombe pas sur nous, Jean, qu'est-ce que cela fait? Pas besoin de pleurer! Laissons ce signe, et le curé l'effacera. Il détournera bien la malédiction.

– C'est bon! laissons-la aussi longtemps que possible cette marque du diable, puisque le malheur ne doit arriver que lorsqu'elle sera effacée.

Il courut à la maison chercher une cuve, et la mit sur le signe fatal, en guise de couvercle.

Mère Malheur, tour à tour riant et maudissant, monta la route de Charlesbourg, et vint s'arrêter un instant sous le vieil arbre qui ombrageait la *Couronne de France*.

Deux ou trois habitants vidaient, en causant, leur gobelet de cidre. Ils s'empressèrent de lui faire place.

Elle s'assit, les fixa de ses petits yeux rouges et leur causa tant d'effroi, ou de répugnance, qu'ils s'éloignèrent l'un après l'autre et la laissèrent seule.

Dame Bédard et sa fille Zoé vinrent la trouver. La conversation s'engagea aussitôt. Zoé voulait savoir le bonheur qui l'attendait dans son ménage. Elle pria la sorcière de soulever un coin du voile qui lui dérobait l'avenir.

Mère Malheur se rendit à ses désirs et lui dit une foule de choses agréables, sans doute, car après son départ, la jeune fille affirma que jamais diseuse de bonne aventure ne pouvait deviner la vérité et lire dans l'avenir comme cette bonne vieille. Elle la trouvait une bonne vieille; et les gens qui parlaient mal d'elle, étaient tous des mauvaises langues.

Quand elle raconta à sa mère les prédictions qui venaient d'être faites à son sujet, sa mère se mit à rire et fut toute joyeuse comme une aïeule près du berceau de son premier petit-fils.

Mère Malheur ne savait pas au juste pourquoi elle se rendait à Beaumanoir, mais elle flairait du sang et cela lui donnait du courage.

Elle se remit en route, et vite, vite! la main crispée sur sa canne noueuse, laide comme un gnome, un rayon du feu de l'enfer dans les yeux, elle entra dans la forêt.

Ses pieds maudits fouillaient dru et reculaient, avec un bruit sec, les feuilles de pourpre et de safran tombées des rameaux, pour faire un tapis au sol flétri. Le ciel était d'azur, l'air frais et embaumé, mais pour elle tout paraissait ténèbres. Elle haïssait les splendeurs de Dieu.

C'était l'été de la Saint-Martin, l'été des Sauvages, comme disent les habitants, et la nature, à la veille de s'endormir dans le tombeau de l'hiver, sous son épais linceul de neige, prodiguait comme pour se faire regretter davantage, dans une heure de douce ivresse, ses charmes ravissants et ses glorieuses beautés.

Mère Malheur abominait les rayons de lumière qui jouaient dans les feuillages éclatants, les oiseaux qui chantaient de bonheur, les souffles parfumés qui murmuraient

partout, parce que c'était la bonté de Dieu qui faisait descendre ces rayons du ciel, chanter ces oiseaux sur les arbres, courir ces souffles odorants dans l'espace. Elle arriva enfin, tout essoufflée, à la porte du château, et un cruel sourire parut sur ses lèvres. Ceux qui l'aperçurent d'abord, récitèrent un *Ave Maria* pour détourner les mauvais sorts de leur tête, et la saluèrent poliment ensuite. Ils n'étaient pas fâchés, car, pour une pièce d'argent, ils sauraient enfin si l'amant est fidèle, si l'insensible se laissera toucher, si la richesse viendra un jour, et mille choses qu'il n'est pas indifférent de connaître.

Dame Tremblay sortait par la porte de derrière du château, comme elle arrivait.

– Sur ma vie! s'écria-t-elle, c'est la mère Malheur! Bonjour! ma vieille âme damnée! Vous avez deviné que je voulais vous voir, c'est sûr! Entrez, venez vous reposer. Vous devez être fatiguée, la mère, hormis que vous soyez venue à cheval sur un manche à balai... Entrez, ne vous occupez point de ces jeunesses.

Elle faisait allusion aux domestiques qui, la tête dans les portes, chuchotaient entre eux. Les deux vieilles femmes entrèrent. Dame Tremblay conduisit mère Malheur à sa chambre et lui versa un verre d'eau-de-vie.

– Prenez ceci, dit-elle, cela va vous réconforter. Il est excellent, ce cognac. J'en prends, moi, de temps en temps, un plein dé, comme cela, et je m'en trouve bien.

Quand j'étais la charmante Joséphine, j'avais coutume de mettre mes lèvres sur le bord des gobelets que je présentais aux galants, et je ne buvais pas plus qu'une mouche. Les coquins! ils ne voulaient boire que dans ces gobelets! Hélas! mère Malheur! ajouta-t-elle, d'un air dolent et en branlant la tête, nous ne pouvons pas rester toujours jeunes et belles!

– Non, c'est vrai; mais nous pouvons demeurer alertes et joyeuses, et c'est ce que nous avons fait! Vous ne buvez pas la vie goutte à goutte, et je parie que si quelqu'un vous proposait de vous conduire à l'église, vous seriez capable d'y courir encore, mieux que n'importe quelle jeune fille de la Nouvelle-France.

La repartie de mère Malheur fit rire aux éclats dame Tremblay. Elle approcha sa chaise de sa vieille camarade et la regardant en face:

– Quelles nouvelles? demanda-t-elle.

Elle était douée d'une vive curiosité, la mère Tremblay, et se tenait au courant de tout ce qui se passait à la ville et à la campagne; elle éprouvait autant de plaisir à répandre les rumeurs qu'à les recueillir, et ne se séparait jamais d'une personne sans qu'elle n'en eût tiré tous ses secrets.

Le mystère qui entourait Mlle de Saint-Castin l'intriguait assez, conséquemment. Elle s'irritait de ne pouvoir le pénétrer, et taxait presque d'impertinence la réserve de cette fille qui ne voulait pas même dire son nom.

Le plus extraordinaire, c'est que l'intendant lui avait défendu de chercher à pénétrer le secret de sa captive. En fallait-il plus pour irriter même la plus indolente curiosité! Mère Malheur arrivait fort à propos.

– Vous sentez-vous bien maintenant, mère Malheur? demanda-t-elle à sa visiteuse. Ce petit verre vous a rendue colorée comme une pivoine.

– Je me sens très bien, oui. Il est vraiment bon, ce cognac; il réchauffe sans brûler... Ce verre, c'est ce qui m'est arrivé de plus heureux aujourd'hui...

– Il doit y avoir du nouveau à la ville: des naissances, des mariages, des décès. Il doit y avoir des relations tendres, des heureux, des malheureux en amour; des noms proclamés, des réputations naufragées. Voyons! mère Malheur, parlez, dites tout... J'aurai quelque chose d'intéressant à vous conter... Encore une petite goutte de ce bon cognac.

– Décidément, dame Tremblay, la tentation est trop forte, répondit mère Malheur.

Elle se versa un bon coup, et le verre à la main, elle commença à rapporter les rumeurs qui couraient les rues de la ville, et elle leur donnait des couleurs agréables et des tournures piquantes.

Dame Tremblay était ravie.

– Maintenant, dit-elle, j'ai un secret à vous confier, mère Malheur.

Elle parlait bas et d'une façon mystérieuse.

– C'est un secret formidable, reprit-elle, attention! il vaudrait mieux être brûlée vive que de le révéler Ici, dans le château, il y a une dame, une vraie dame s'il en fut jamais, qui vit dans la retraite la plus profonde. L'intendant seul peut la voir... et moi! Elle est aussi belle et aussi triste que Notre-Dame-des-Douleurs. Ce qu'elle est, je puis le deviner; mais son nom, impossible! Je donnerais mon petit doigt pour le savoir, cependant.

– Je ne comprends pas, dame Tremblay, qu'on ait des secrets avec vous. Tout de même, vous m'apprenez là une chose vraiment extraordinaire. Une femme qui est cachée ici! Et vous ne pouvez pas la connaître? C'est drôle!

– C'est pourtant la vérité. Si je vous disais que j'ai essayé toutes les ruses; mais elle a été plus fine que moi. Si c'était un homme, j'en viendrais bien à bout. Quand j'étais la

charmante Joséphine du lac Beauport, je pouvais rouler les hommes comme un fil autour de mon doigt, mais cette femme, c'est un noeud inextricable.

– Que savez-vous d'elle? quels sont vos soupçons, dame Tremblay?

– Ma foi, je vous dirai bien que je la crois un peu comme nous toutes, les femmes, pas meilleure que de raison. L'intendant le sait bien, lui, et Mlle des Meloises. Elle aussi, la pauvre captive, connaît un peu ses misères, car elle prie et pleure beaucoup. C'est pour cela qu'elle se montre si discrète.

– Savez-vous bien, dame Tremblay, que c'est une grande nouvelle que vous m'apprenez là, reprit mère Malheur, dissimulant du mieux qu'elle pouvait la joie extrême qu'elle ressentait, et bien décidée à ne pas laisser échapper une si belle occasion de servir la Corriveau. Mais qu'attendez-vous de moi en cette circonstance?

– Ce que j'attends de vous? le voici. Vous allez voir cette dame, mère Malheur, sous le plus grand secret, bien entendu! et vous lirez dans ses mains tous les secrets qu'elle nous cache. Vous comprenez?

– Je ferai tout ce que vous voudrez, dame Tremblay, tout ce que vous voudrez! Seulement, il faudra que je la voie seule.

– Quant à moi, je le veux bien, mais je ne sais pas si elle consentira. Elle a une tête! je n'oserais pas la solliciter trop vivement... Tenez! ce mystère de femme me trouble étrangement. J'en maigris. Voyez donc mes coudes, mes genoux!... Je n'ai pas été dans un pire état depuis le temps du bonhomme Tremblay. Ce pauvre homme!... Je vais aller lui demander si elle veut faire dire sa bonne fortune. Elle est délaissée de tout le monde, désespérée. Une femme désespérée s'accroche à tout. C'est ce que j'ai fait quand j'ai épousé, d'après votre conseil, le sieur Tremblay.

Dame Tremblay s'essuya la bouche et les joues avec le coin de son tablier et descendit à l'appartement de Caroline.

Mlle de Saint-Castin, assise à sa fenêtre, travaillait à une dentelle, en songeant à ses joies d'autrefois et à ses douleurs d'aujourd'hui. Et souvent elle relevait son front pâle comme pour regarder le ciel qui se déroulait sur les bois jaunissants, et alors son ouvrage reposait sur ses genoux, entre ses mains immobiles.

Elle rappelait une à une, comme des perles précieuses les paroles que l'intendant lui avait adressées en partant pour les Trois-Rivières. Sa voix avait une douceur inaccoutumée, sa

main semblait plus chaude et plus loyale, son regard, plus tendre et plus franc! Comme il avait paru ému quand, sur la galerie, en se séparant d'elle, il lui recommanda de prendre bien soin de sa santé et de retrouver les roses d'Acadie!

– Oh! les pauvres roses d'Acadie, pensait-elle douloureusement, elles ne refleuriront plus jamais!... je les ai trop longtemps arrosées de mes larmes... trop longtemps en vain!... Il est trop tard, Bigot, trop tard!

Elle fut arrachée à ses réflexions amères par trois petits coups frappés dans sa porte.

Dame Tremblay entra, sous prétexte de tout mettre en ordre dans la chambre, et commença à raconter les petites nouvelles du dehors, sans paraître y attacher d'importance, tout en époussetant, ou essuyant les meubles.

Mlle de Saint-Castin l'écoutait d'une oreille assez indifférente.

– Il vient d'entrer une singulière vieille, au château, dit-elle à la fin, en regardant la jeune fille. C'est une femme de la ville. Elle est si savante qu'elle connaît tout. Elle sait interpréter les songes; elle peut voir dans une glace, ou dans votre main, le passé, le présent et l'avenir.

Caroline releva la tête et laissa tomber sa broderie. La vieille ménagère continua:

– C'est réellement une femme étonnante, dangereuse même. Il n'est peut-être pas bon d'avoir des rapports avec elle. Cependant, je sais qu'elle est souvent consultée. Elle m'avait prédit mon mariage avec le bonhomme Tremblay... Mais elle m'annonça sa mort ensuite. Il est mort comme elle l'avait dit, et dans le mois qu'elle avait désigné... Quant à moi, j'ai raison de croire en elle et... de lui garder de la reconnaissance.

La curiosité de Mlle de Saint-Castin s'éveillait. Le sang indien qui coulait dans les veines de cette fille, lui avait donné quelque chose du caractère superstitieux et naïf de ses pères.

Elle venait de faire ce rêve singulier: «Un homme, la figure couverte d'un voile épais, la menait en croupe sur un cheval noir comme la nuit. Le cheval noir courait comme le vent. Il se rendit ainsi aux confins du monde et là, l'homme masqué, qu'elle n'avait pu reconnaître la renferma dans une montagne pour jusqu'à la fin des temps. Mais un ange éblouissant entr'ouvrit le rocher, la prit dans ses bras et l'emporta à travers l'espace radieux, au pied du Rédempteur, parmi les élus du ciel».

Et ce rêve étrange l'inquiétait. Elle n'avait pas pu voir la face de son ravisseur, mais elle savait que c'était un homme qu'elle aimait, un homme qui l'aimait aussi, mais d'un amour inavouable.

L'arrivée au château d'une personne capable d'expliquer les songes, lui parut une bonne fortune, une permission de la Providence, peut-être.

– Je serais heureuse de consulter cette vieille femme, dit-elle à dame Tremblay.

La ménagère se hâta de l'aller quérir. Elle revint au bout de cinq minutes. Le bâton de la sorcière faisait, à chaque pas, retentir lugubrement le plancher du corridor.

Mère Malheur entra. Son aspect repoussant produisit une impression pénible sur l'esprit délicat de Caroline. Elle s'assit après y avoir été invitée, et attendit les questions qu'il plairait à la jeune curieuse de lui adresser.

Elle préparait d'avance ses explications de manière à passer pour habile en flattant les espérances de sa nouvelle dupe.

Caroline raconta le songe étrange qu'elle avait eu, et la diseuse de bonne aventure lui prédit l'heure de la délivrance et du triomphe, par les soins d'un ami ignoré.

Cette promesse fit sourire l'infortunée et la prédisposa en faveur de la vieille femme.

Mère Malheur, regardant tout autour de la pièce, pour s'assurer que les portes étaient bien fermées, reprit:

– Madame, je puis vous dire autre chose que la signification de votre songe, si vous le voulez; je suis capable de découvrir qui vous êtes et pourquoi vous êtes ici.

Caroline se dressa stupéfaite en face de la sorcière.

– Vous savez qui je suis, balbutia-t-elle, et pourquoi je suis ici?... c'est impossible! je ne vous ai jamais vue...

– C'est vrai, vous ne m'avez jamais vue; mais je vais vous dire quand même qui vous êtes: vous êtes la fille du baron de Saint-Castin. N'est-ce pas vrai?

La sorcière avait un aspect effrayant en parlant ainsi.

– O Mère des miséricordes! s'écria Mlle de Saint-Castin, tout effrayée, ayez pitié de moi!... Mais qui êtes-vous donc, ajouta-t-elle, vous qui me connaissez si bien?

– Je ne suis qu'une messagère, madame. Je suis venue ici pour vous apporter une lettre de la part d'une amie qui vous connaît mieux que moi, et qui désire beaucoup vous voir, et vous communiquer des choses de la plus haute importance.

Elle lui remit le billet plié de la Corriveau.

– Une lettre? fit Caroline, quel est ce mystère?... Est-ce de l'intendant?

– Non, madame, c'est d'une femme.

Caroline rougit et trembla en prenant la lettre.

– C'est d'une femme, pensait-elle, il doit y avoir des motifs sérieux.

La Corriveau affirmait qu'elle était une amie inconnue, désireuse de la protéger dans un moment critique... Le baron de Saint-Castin savait sa fille en la Nouvelle-France, et il était autorisé par le roi, à la chercher partout. S'il la retrouvait, elle serait envoyée en France...

Elle connaissait bien d'autres choses qu'elle ne pouvait pas écrire, mais qu'elle lui confierait dans une entrevue.

Elle connaissait le passage souterrain qui allait de la tour aux voûtes du château. Elle s'y rendrait la nuit suivante, à minuit juste, et elle irait frapper à la porte de la chambre secrète.

L'intendant serait probablement une huitaine de jours aux Trois-Rivières, et en son absence, Beaumanoir serait probablement visité.

Caroline frissonnait en parcourant cette lettre. Après la rougeur de la honte, la pâleur de la crainte se peignit sur sa belle figure.

– Que aire, ô mon Dieu! que faire? exclama-t-elle en se tordant les bras dans une amère angoisse.

Mère Malheur la regardait avec indifférence, avec curiosité, et ne se sentait nullement émue.

– Mon père, mon père bien-aimé! continua-t-elle, mon père que j'ai tant offensé, va venir ici, la colère dans l'âme, m'arracher à ma cachette!... Oh! je mourrai de honte à ses genoux! Oh! que les montagnes tombent sur moi et m'ensevelissent avec ma honte! que faire? où fuir? Bigot! Bigot! pourquoi m'avez-vous trahie?...

Mère Malheur, froide, dure, impassible, la regardait toujours.

– Mademoiselle, dit-elle, il n'y a qu'un moyen de vous sauver, c'est de suivre les conseils de l'amie qui vous écrit. Elle vous trouvera, j'en suis sûre, une bonne cachette. Voulez-vous la voir?

– La voir? Mais qui est-elle? Ne me trompe-t-on pas? La connaissez-vous?

Et elle regardait mère Malheur finement, pour voir si elle surprendrait une fausseté dans son air.

– Je crois que tout est vrai, madame, répondit la vieille scélérate. Mais, vous comprenez, je ne suis qu'une pauvre messagère, moi, et je n'affirme point ce que j'ignore. Mais celle qui m'envoie pourra vous dire tout.

– L'intendant la connaît-il, cette femme?

– Il me semble qu'il lui a dit de veiller sur vous en son absence. Elle est vieille et c'est une amie. Voulez-vous la voir?

– Oui! oui! c'est bon. Dites-lui de venir... Ah! j'ai besoin de la voir!... Mais vous aussi vous êtes âgée, et vous avez de l'expérience; pensez-vous qu'elle va véritablement me sauver? Le pensez-vous?

Elle joignait les mains avec un douloureux désespoir en disant cela.

– Si elle ne vous sauve point, personne au monde ne vous sauvera.

– Hâtez-vous, alors, hâtez-vous! Qu'elle vienne demain dans la nuit! Je l'attendrai dans la chambre secrète... Je l'attendrai comme, dans la vallée de la mort, le condamné attend l'ange de la délivrance.

Mère Malheur n'avait plus rien à dire, plus rien à apprendre.

Elle avait admirablement réussi dans sa mission satanique et la Corriveau, sa digne camarade, allait chaleureusement la féliciter.

Elle fit un salut respectueux à Mlle de Saint-Castin et se retira, clopin-clopant, en l'espionnant de l'oeil.

Caroline s'assit, après avoir rendu le salut, et se mit à relire la lettre mystérieuse.

Elle ne remarqua point le regard faux et le sourire fourbe de la vieille femme qui s'arrêta, dans la porte entre-bâillée, pour jouir encore du succès de sa criminelle mission.

– Cela sent la mort, grommela la vieille en sortant. La Corriveau doit venir ici à son tour, mais elle viendra en messagère elle aussi!... Cette jeune fille est trop belle, et sa mort devra faire la fortune de quelqu'un. Il faut que j'aie ma part moi aussi: je l'ai bien gagnée. Dans la galerie, elle rencontra dame Tremblay qui brûlait de savoir le résultat de l'entrevue.

Elles montèrent toutes deux à la chambre de cette dernière, s'assirent à la petite table, burent du thé avec du cognac, et recommencèrent à causer sérieusement, les yeux dans les yeux.

Mère Malheur raconta, avec une verve étonnante et toujours en recommandant le secret, une foule de choses complètement fausses. Elle mentait hardiment et finement, la vieille!

– Mais qui est-elle, mère Malheur? Ne vous a-t-elle pas révélé son nom? N'avez-vous pas lu dans ses mains demanda dame Tremblay.

– Si, dame Tremblay, dans les deux mains! dans les deux... C'est une jeune fille de Ville-Marie, qui s'est échappée de sa famille pour suivre l'intendant. Ses parents voulaient l'enfermer dans un couvent pour la guérir de son amour... Vous savez, le couvent guérit si bien l'amour qu'aucun philtre ne peut le réveiller.

Et la vieille se prit à rire comme pour se moquer de ce qu'elle affirmait.

Dame Tremblay soutenait le contraire.

– Bah! dit-elle, quand j'étais la charmante Joséphine du lac Beauport, mes parents ont voulu, une fois, essayer de ce moyen-là. Le couvent ne m'aurait guère guérie. Tous les jeunes gens de la ville seraient venus me voir au parloir... Mais vous ne m'avez pas tout dit encore, mère Malheur? Espère-t-elle que l'intendant l'épousera? Va-t-elle devenir la maîtresse du château?

– Elle l'est déjà la maîtresse, dame Tremblay. L'intendant ne lui refusera rien, et l'épousera probablement avant longtemps. Vous verrez! C'est tout.

– Non! non! vous en connaissez plus long que cela. Ne vous a-t-elle pas avoué qu'elle est jalouse de cette belle effrontée d'Angélique des Meloises, qui veut de gré ou de force avoir Bigot pour mari?

– Non, elle n'a pas prononcé ce nom-là. Mais elle aime l'intendant et voit des rivales dans toutes les jeunes femmes! Et elle a raison, ricana la vieille.

– Elle craint Angélique des Meloises comme le poison, affirma dame Tremblay. Comme de raison elle n'a pas osé vous avouer cela à vous, comme à moi... Mais, voyons! est-ce que réellement elle ne vous a pas dit son nom!

– Non, je vous l'assure. Ces filles-là, voyez-vous, perdent leur nom et n'en trouvent pas d'autres, répliqua la sorcière avec un ricanement moqueur.

– Je vous avoue, mère Malheur, que je n'ai pas le courage de me moquer d'elle, reprit dame Tremblay d'une voix légèrement émue. Si elle a perdu son nom, c'est par amour et non par haine. Il n'y a que vos dames sans coeur qui rient de nous parce que nous en avons trop. Quand même tout le monde la mépriserait, moi, je la plaindrais; c'est un ange et je l'aime... quand j'étais la charmante...

– Oh! nous avons toutes, comme cela, été des anges, dans un temps ou dans l'autre, et le monde a vu bien des chutes, interrompit la vieille, d'un ton mélancolique, comme si quelques lointaines réminiscences fussent revenues soudainement à sa pensée.

Dame Tremblay reprit:

– Vous m'interrompez toujours, mère Malheur, mais n'importe! je disais que personne, quand j'étais la charmante Joséphine du lac Beauport, ne pouvait soutenir sans mentir effrontément, que... Vous ne m'écoûtez plus? eh bien, c'est dommage! Prenons une autre tasse de thé avec encore une goutte de cognac, et vous allez descendre à la cuisine, dire la bonne aventure à ces paresseuses de servantes qui passent leur temps à parler des garçons, et dépensent tout ce qu'elles gagnent en rubans, en dentelles, en colifichets de toutes sortes. Avez-vous jamais vu des filles comme celles de ce temps-ci? Sont-elles ridicules, un peu, avec leurs talons hauts, leur fard, leurs garnitures! On ne peut plus les distinguer d'avec leurs maîtresses. Quand j'étais la...

Mère Malheur l'interrompt encore une fois.

– J'y vais à la cuisine, dit-elle, j'y vais. Ces pauvres servantes, il faut les amuser un brin, ne pas démolir si vite l'édifice de leurs espérances, et les rendre heureuses d'une félicité qui n'arrivera peut-être jamais.

Elle sortit. Dame Tremblay la suivit.

– Je ne pourrai pas m'attarder longtemps, fit-elle, j'ai une longue route à parcourir avant la nuit.

Le temps de satisfaire la curiosité des plus hardie, de promettre des maris fidèles aux plus jalouses et de la richesse à toutes, puis elle fit ses adieux à dame Tremblay et elle reprit en hâte, marchant vite, avec son bâton, le chemin de la ville.

La Corriveau l'attendait avec impatience, et dès qu'elle mit les pieds sur le seuil de sa cabane, au pied du rocher, elle lui demanda d'une voix anxieuse, en courant! au-devant d'elle:

– L'avez-vous vue, mère Malheur? Lui avez-vous remis ma lettre?... Vous ôterez votre chapeau, après. N'hésitez pas, parlez!

Elle ne venait pas à bout de dénouer les attaches de son chapeau, mère Malheur. La Corriveau vint à son secours.

– Eh bien! parlez donc, dit-elle encore.

– Oui! oui! elle l'a, votre lettre. Elle a avalé mes histoires comme de l'eau. Elle vous attend au coup de minuit, demain. Elle vous fera entrer, dame Dodier... Mais est-ce elle qui vous fera sortir?

Mère Malheur, son chapeau à la main, regardait la Corriveau d'un oeil méchant.

– Si elle me fait entrer, répondit la Corriveau, je sortirai bien toute seule! Pourquoi cette question?

– Parce que je lis dans vos yeux un dessein diabolique et vous ne m'en faites point part. C'est mal cela, dame Dodier.

– Pouah! nous sommes de société. Vous verrez bien!... Mais quelle apparence a-t-elle cette mystérieuse dame de Beaumanoir?

La Corriveau s'assit et appuya sa main décharnée sur le bras de sa complice.

– L'apparence d'une condamnée à mort, répondit celle-ci; elle est trop bonne pour vivre. Le chagrin n'est pas fait pour une aussi divine créature.

– Il y a quelque chose de pire que le chagrin, pour cette sorte de créature, répliqua froidement la Corriveau.

– Comme on fait son lit on se couche, riposta mère Malheur.

Et elle ajouta:

– C'est ce que je dis toujours aux petites curieuses qui viennent me questionner. Et ma foi! Le proverbe leur plaît assez.

– Les folles! exclama la Corriveau... j'irai demain soir au château pour la voir, cette merveilleuse beauté. L'intendant revient dans deux jours, et il pourrait bien l'éloigner. Vous a-t-elle parlé de lui?

– Non, Bigot est un diable plus puissant que celui que nous servons; je le crains.

– Bah! je ne crains ni le diable ni les hommes. A minuit, mère Malheur? C'est à minuit qu'elle m'attend?

– Oui, passez par le couloir, dans les voûtes, et allez frapper à la porte de la chambre secrète. Elle vous fera entrer. Mais dites donc, est-elle condamnée?

Ne pouvez-vous pas lui montrer un peu de pitié?

Mère Malheur éprouvait de la crainte et de la commisération. Le regard angélique de la jeune victime l'avait agitée comme le vent fait d'une feuille sèche.

– Tiens! mère Malheur! riposta la Corriveau, en se moquant, elle a fondu votre vieux coeur de roche! Qui aurait jamais pensé cela? Pourtant, reprit-elle aussitôt, son regard m'a bien amollie pendant une minute, dans le bois de Saint-Vallier.

– Elle n'est pas du tout comme les autres filles que j'ai vues, affirma mère Malheur, pour s'excuser, je gagerais qu'il n'y a pas plus de mauvais esprits dans son âme que dans une église.

– Vous radotez, mère Malheur! fit la Corriveau en éclatant de rire. Je vais à l'église, moi, et je prie. Mais c'est le diable que j'invoque: et je le vois, derrière l'autel, qui me fait des signes d'encouragement.

– Vous êtes plus chanceuse que moi! je vais quelquefois le prier aussi à l'église, et je ne le vois jamais.

Et les deux vieilles maudites se prirent à ricaner, en répétant les litanies du diable qu'elles récitaient dans l'église de Dieu.

– Il s'agit maintenant, observa la Corriveau, de décider comment je me rendrai à Beaumanoir. Il me faudra aller à pied, comme vous avez fait, mère Malheur. Je prendrai le sentier qui traverse la forêt. Il faut que je ne sois pas vue. Il y va de ma vie.

– La lune se lève vers neuf heures, répondit mère Malheur, ce sera le moment d'entrer dans les bois. Etes-vous sûre du chemin?

– Le chemin? J'y entre comme dans ma robe! Je connais un canotier sauvage qui me débarquera sur la batture de Beauport et ne soufflera mot. Je n'irai pas m'exposer à l'espionnage de maître Jean Le Nocher ou de sa Babet.

– Ma parole d'honneur! dame Dodier, vous êtes malaisée à prendre et vous seriez capable de jouer à cache-cache avec Satan. Pourtant, ajouta-t-elle cyniquement, je crois qu'il finira par nous trouver... quand nous serons dans notre dernière cachette.

– Bah! vogue la galère! exclama la Corriveau en se levant. Ça ira comme ça pourra! Je me rendrai à Beaumanoir sur mes jambes, et pour trouver le chemin plus court et moins fatigant, je m'imaginerai que je porte des jarretières d'or et des pantoufles d'argent. Mais vous devez avoir faim, mère Malheur, après une aussi longue marche. Je vous ai préparé un bon souper. Venez manger au nom du diable, ou bien je vais dire le bénédicité pour vous faire étouffer.

La table était bien servie, et les mets plus succulents que ne l'aurait fait supposer l'aspect misérable du taudis. Le pot de confitures, apporté par l'infidèle servante de Varin, n'avait pas été oublié.

Les deux vieilles compagnes s'assirent en face l'une de l'autre.

La Corriveau eut une pensée infernale qui fit tressaillir les mânes de Béatrice Spara, d'Exili et de la Voisin. Elle sourit en elle-même et se dit que la prudence était une chose d'un prix infini.

Il y avait entre les deux vieilles femmes, au milieu de la table, une bouteille d'eau de vie. Et les deux misérables buvaient, riaient, se moquaient de leurs dupes et de leurs victimes, et chantaient des refrains obscènes.

Le lendemain, la Corriveau fit connaître à Mlle des Meloises son intention de visiter Beaumanoir le soir même.

Angélique éprouva de la joie à cette nouvelle, mais en même temps, elle pâlit et frissonna. C'était la peur que la tentative ne réussit pas ou que le crime fut découvert.

Elle envoya porter, à la chaumière de la mère Malheur, par un inconnu, un bouquet de roses magnifiques enfermées dans un coffret. Elle avait tremblé en cueillant ces fleurs dignes de parer l'autel de l'Agneau.

La Corriveau plaça le coffret dans une petite chambre noire, où le soleil n'entrait jamais, et dont la sale fenêtre s'ouvrait sur le rocher, à deux pas.

Elle l'ouvrit et ses petits yeux méchants lançaient des flammes à la vue des roses parfumées attachées avec un ruban bleu, et d'une bourse de soie pleine de pièces d'or.

Elle colla la bourse sur sa joue, l'embrassa avec passion et la cacha dans sa poitrine.

Puis regardant le bouquet:

– Les belles fleurs! les douces fleurs! dit-elle... Les hommes croient que ces choses-là ne font point de mal.... Elles sont comme celle qui les donne, belles en dehors encore..., et belles en dedans, aussi, comme celle qui va les recevoir.

Elle réfléchit pendant une minute en les regardant.

– Angélique des Meloises, reprit-elle, vous m'envoyez ces roses avec votre or, parce que vous me supposez plus méchante que vous! Allons donc! Vous êtes digne d'être couronnée reine de l'enfer, cette nuit, avec ces roses suaves!...

Elle regarda par la fenêtre et vit un rayon de soleil couchant illuminer, à la cime, un angle du rocher.

– Il est temps que je me prépare pour mon voyage, pensa-t-elle.

Elle dénoua ses longs cheveux grisonnants et les laissa tomber sur ses épaules. Elle prit le coffret d'ébène qu'elle tenait toujours caché dans son sein, et le déposa avec un soin particulier sur une tablette. L'ayant ouvert, elle en tira une petite fiole dorée, le faune antique, remplie d'un liquide brillant. Elle l'agita et des milliers d'étincelles s'allumèrent aussitôt.

Elle prit un mouchoir, le plia et le mit sur sa bouche et ses narines, pour se préserver de la volatile essence, puis, tenant le bouquet au bout de son bras, elle versa dessus quelques gouttes du liquide étrange en prononçant les paroles cabalistiques que la terrible Béatrice Spara avait apprises à Antonio Exili, et que sa mère lui avait enseignées à elle, sans en trop savoir la signification.

Hecaten Voco!

Voco Tisiphonem!

Spargens avernales aquas,

Te morti devoveo, te Diris ago!

Les fatales gouttes tombèrent comme une douce rosée sur les fleurs. Les roses étincelèrent d'un éclat nouveau. Chacune de leurs feuilles, chacun de leurs pétales furent imprégnés de l'impitoyable poison. La mort s'exhalerait maintenant avec chaque atome de leurs parfums.

La Corriveau enveloppa le bouquet dans un papier d'argent, le remit dans la petite boîte et se prépara à sortir.

XL

Plus d'espoir! C'est le cri du corbeau

C'était la veille de la Saint-Michel. La nuit s'étendait calme sur les bois de Beaumanoir, et la lune à son déclin, versait une lueur pâle à travers les nuages qui montaient de l'orient et annonçait l'orage.

A sa lumière légère et tremblante, on pouvait distinguer, comme un serpent luisant, un petit sentier qui s'enfonçait dans les ombres de la forêt, et dans le petit sentier marchait, vite et avec précaution, la forme noire d'une femme.

Cette femme se rendait au château.

Elle était vêtue comme une paysanne et portait une petite boîte sous son bras. Dans cette petite boîte, il y avait une chandelle et un bouquet de roses enveloppé dans un tissu d'argent; rien de plus.

Une femme honnête y aurait mis un rosaire. Mais la femme qui s'en allait ainsi, sous les bois, n'était pas honnête.

Pas un bruit autour d'elle, excepté le crépitement des feuilles mortes sous ses pieds, le glapisement des renards ou les cris rauques des hiboux.

Depuis longtemps elle n'était passée là, cette femme, mais elle se souvenait encore des cailloux noirs et des troncs dénudés qui jalonnaient la route. Pas loin, elle devrait trouver, sur la droite, une grosse pierre et, tout près de cette pierre, un autre sentier qui conduisait à la tour.

Cette pierre, elle pouvait bien s'en souvenir et la reconnaître, car elle l'avait fait servir au crime, un jour...

Maintenant Dieu seul et elle s'en souvenaient... Cela l'inquiétait peu, mais Dieu n'oublie rien!

Tout à coup, dans la clarté douteuse de la lune sous le feuillage, elle s'imagina voir apparaître devant ses yeux une forme humaine. En même temps, un frémissement de feuilles la fit tressaillir de peur. Elle se crut découverte.

C'était la pierre grise du crime qui prenait la forme d'une femme, dans le jeu des rayons et des ombres.

Les habitants disaient que cet endroit était hanté par un fantôme: une femme habillée de gris. Cette infortunée avait été empoisonnée par un amant jaloux.

La Corriveau lui fit manger de la manne de Saint-Nicolas et elle tomba morte à ses pieds, sous les yeux de son bien-aimé.

Alors, lui, il s'enfuit dans la forêt, en proie aux plus cruels remords, tomba malade et fut dévoré par les loups.

Seule au monde, la Corriveau connaissait ce drame sanglant.

S'apercevant que c'était la pierre grise d'autrefois qui l'avait épouvantée, elle se mit à rire.

– Bah! les morts ne reviennent pas, murmura-t-elle. Et puis, si elle revenait, elle, cela me ferait une compagne de route.

La misérable n'aurait peut-être pas eu peur, si l'image de sa pâle victime lui était apparue pour lui reprocher sa cruauté.

La cloche du château sonna douze coups. Dans la forêt et les montagnes voisines, le son argentin se répercuta mélancoliquement.

La Corriveau sortit du bois, longea la haie du côté de l'ombre et entra dans la tour.

Elle se trouva dans une chambre carrée, obscure comme une caverne. Un rayon de lune, descendant par la fenêtre grillée, la traversait d'un bout à l'autre.

Elle s'assit sur une pierre pour se reposer un peu et se recueillir. Elle avait besoin de toute sa prudence et de toute sa force pour l'oeuvre qui allait se consommer.

Les chiens hurlaient d'une façon lugubre, comme s'ils avaient deviné l'infernale machination. Elle n'en avait point peur, car ils étaient enfermés dans la cour du château.

– Me voici rendue saine et sauve, pensa-t-elle. Personne ne m'a vue! On dit qu'il y a un oeil qui voit tout, une oreille qui entend tout. Si Dieu me voit et m'entend, il ne m'empêche toujours pas d'accomplir mes desseins. Cette nuit encore je veux agir, et toutes les prières de la victime désignée ne serviront de rien. Si Dieu existe, il me laisse vivre et il laisse périr la dame de Beaumanoir!

Il y avait, dans un coin de la tour, un escalier de pierre tournant qui montait jusqu'au toit et descendait jusqu'aux voûtes.

Ces voûtes épaisses avaient servi de magasins autrefois, quand les habitants du château, à l'approche des Iroquois, venaient s'enfermer dans la tour.

Après un moment de repos, la Corriveau, comme impatientée d'en avoir fini, passa sous une porte cintrée qu'elle avait observée dans l'ombre et se trouva sur un palier du grand escalier.

– C'est par là, murmura-t-elle. De la lumière maintenant!

Elle ferma la porte sur elle par mesure de prudence et alluma sa bougie.

Comme on disait la tour hantée par des esprits, les servantes du château se donnaient garde d'y entrer. Les hommes même qui s'y aventuraient passaient pour des braves.

La Corriveau, sa lumière à la main, descendit à pas lents au fond des voûtes ténébreuses. C'était une large caverne en pierre, véritable demeure de la nuit noire, dont l'obscurité humide semblait absorber la faible et vacillante lumière qu'elle portait. De rudes colonnes de pierres brutes séparaient en trois parties cette espèce de caverne.

Un mince filet d'eau tombant dans une auge de pierre entraît d'un côté, traversait les voûtes et se perdait du côté opposé. Son murmure incessant et monotone, semblait celui d'une clepsydre marquant les heures de l'éternité.

La Corriveau s'avança résolument, comme une personne qui sait où elle va et connaît son chemin. Elle se trouva bientôt en face d'un panneau en bois, comme ceux du château. Elle l'examina attentivement avec sa lumière, pour voir comment il s'ouvrait.

Mère Malheur lui avait parlé de ce panneau, de sorte qu'elle n'eut pas de peine à le faire tourner. Il suffisait de savoir où le toucher.

Elle ne le referma point sur elle. Le couloir où elle entraît conduisait à la chambre secrète. Il n'y avait plus d'obstacles; le chemin était libre.

Elle n'avait point frayeur, car elle ne pouvait rien rencontrer de pire qu'elle-même. Devant elle, point de crainte ni d'hésitation, derrière elle, point de remords!

Elle trouvait le chemin long, et les voûtes plus basses semblaient peser sur sa tête maudite.

Elle arriva à une porte de fer grillée, sous une arche lourde.

Cette porte! elle séparait la lumière des ténèbres, le bien du mal, l'innocence de la culpabilité.

D'un côté de l'entrée, dans une chambre éblouissante de lumière, une jeune fille, confiante, généreuse, victime de sa douce naïveté; de l'autre côté, s'avançant d'un pas furtif, dans une route déserte, la méchanceté, la menace, la cruauté!...

O Caroline de Saint-Castin! pauvre martyre de l'amour! pauvre victime de la jalousie! parmi toutes ces pensées qui obsèdent votre esprit, dans la solitude et le silence de cette nuit lamentable, n'est-il pas une pensée de crainte et de terreur? Comment pouvez-vous tranquillement et sans soupçon, attendre cette femme inconnue qui vient d'une façon si mystérieuse, frapper à la porte de votre dernier refuge?

Hélas Caroline comptait les minutes une par un à mesure que l'aiguille les marquait sur le cadran de l'horloge!

Elle tremblait, mais elle ne savait pas pourquoi. Elle avait hâte d'entendre dans sa porte les coups fatals! Elle ne soupçonnait nullement une intention criminelle. Son ange gardien s'était détourné pour pleurer. La Providence semblait l'avoir abandonnée...

Peu à peu, les bruits du château s'éteignirent. Comme minuit approchait, elle descendit à la chambre secrète pour recevoir l'étrange visiteuse qui avait tant de choses à lui révéler.

Elle était mise avec soin, mais fort uniment. Ses longs cheveux noirs flottaient sur son cou et ses épaules. Elle portait une longue robe blanche retenue à la taille par un ceinturon noir: Un refrain de deuil dans un hymne joyeux! Elle ne portait aucun ornement, sauf une bague que lui avait donnée Bigot, un gage d'amour dont elle ne voulait point se séparer et qui soutenait son espérance. Hélas! la pauvre enfant, elle si constante, ne se doutait pas combien était futile ce talisman! Un souffle de l'enfer allait bientôt emporter sa jeune existence, et avec elle ses peines terrestres!

Elle prit sa guitare et, machinalement, ses doigts voltigèrent sur les cordes harmonieuses. Une romance qu'elle aimait beaucoup, et redisait souvent, autrefois, dans ses heures d'ivresse, quand sa vie était tout ensoleillée, lui revint à la mémoire. Elle soupira et d'une voix basse et douce, pendant que la guitare pleurait suavement comme une harpe éolienne, elle se mit à chanter ces paroles mélancoliques:

La linotte, sur l'aubépine,
 A l'heure où la cloche sonnait,
 Chantait, et sa voix argentine
 Comme un chant des cieux résonnait!
 Comme un chant des cieux quand la rose
 Fleurit sur le bord du chemin,
 Et quand les pleurs d'un ange arrose
 Ses douces feuilles de carmin!
 O linotte joyeuse, cesse
 Sur l'arbre vert, tes chants joyeux!
 Ma patrie est dans la tristesse,
 Mon pauvre coeur est soucieux!
 Mon pauvre coeur plein de souffrance
 N'espère plus au lendemain!
 J'ai pris la coupe d'espérance
 Mais elle tombe de ma main!

La lampe jetait un vif éclat, et quand la captive suspendit son chant, le silence parut profond comme dans un sépulcre.

Elle écouta pour s'assurer si un bruit de pas ne se ferait point entendre, et son coeur battait affreusement.

La pensée que son père la cherchait et qu'il allait arriver dans la colonie, lui causait une grande terreur. Elle aurait bien voulu le revoir, ce père bien aimé! elle serait prête à se jeter à ses genoux, à mourir pour expier sa faute; mais lui pardonnerait-il même à ce prix-là?... Pardonnerait-il à Bigot?... Non! et l'un des deux mourrait!...

Ah! si Dieu voulait prendre sa vie dès maintenant, avant que sa honte soit connue, dans la tombe où elle est déjà enfermée, loin du regard des hommes, dans l'oubli!... Elle se leva, se jeta à genoux, dans un élan de douleur incommensurable, conjura le Christ de lui pardonner, supplia la Mère de miséricorde d'intercéder pour elle, la misérable pécheresse! pour elle qui allait entendre sonner l'heure de la honte et de l'expiation!

Le bruit de pas, sourd et lent, résonna dans le passage souterrain. Elle se dressa frémissante, en joignant les mains comme pour une prière nouvelle.

– Pourquoi craindrais-je? pensait-elle, je n'ai jamais fait de mal à personne...

Et les pas lourds et lugubres résonnaient de plus en fort sous les voûtes sombres.

Caroline s'approcha de la porte de fer. L'ange allait au devant du démon.

Deux petits coups se firent entendre. Elle trembla violemment et souleva la tapisserie. Quelque chose lui dit alors de ne pas ouvrir. Elle hésita. Mais la pensée que le château serait fouillé jusque dans ses plus intimes cachettes, lui rendit sa première résolution.

– Que Dieu me protège! soupira-t-elle. Et elle tira le verrou.

La lampe de la chambre secrète éclaira tout à coup la figure de l'étrange visiteuse, et Caroline, qui s'attendait à voir apparaître une forme repoussante, fut toute surprise de se trouver en présence d'une femme comme une autre, vêtue en paysanne et ne portant rien qu'une petite boîte sous le bras.

La Corriveau fixa un oeil curieux sur cette jeune fille qui ressemblait à un ange. Elle l'examina de la tête aux pieds, remarqua les plis gracieux de sa robe blanche, ses longues tresses noires, ses formes ravissantes, son air doux et résigné, sa suave beauté et elle sentit comme une jalouse colère se réveiller dans sa vieille âme corrompue. Elle pensa et un sourire méchant glissa sur ses lèvres minces, elle pensa:

– Cela va faire un beau cadavre!... jamais la Brinvilliers, jamais la Voisin n'ont versé le poison à une plus belle victime!

Caroline surprit le regard perçant, le sourire satanique de la méchante vieille, et elle recula effrayée.

La Corriveau s'apercevant de la mauvaise impression qu'elle faisait sur la jeune fille, se composa aussitôt un maintien plus avenant. Elle affecta de la sympathie, de la compassion. Il fallait inspirer la confiance ou se résigner à perdre, peut-être, le fruit de bien des peines et la perspective d'une grande fortune.

Caroline vite rassurée, s'imagina qu'elle avait mal vu, se persuada qu'il ne fallait point écouter sa première impression. Le costume de la paysanne, le panier inoffensif, l'attitude prise par la Corriveau, se donnant l'air respectueux d'une personne qui attend qu'on lui parle, bannirent toute crainte de l'âme de Caroline et la laissèrent toute à sa curiosité.

La Corriveau ne voulait point user de violence dans l'accomplissement de son forfait. Cependant, elle s'était armée d'un stylet de fin acier, le même que Béatrice Spara avait laissé dans le cœur de Beppa Farinata, quand elle la surprit dans la chambre d'Antonio Exili.

Elle ne s'en servirait qu'à la dernière extrémité et pour se protéger.

Ce seraient les roses, les roses éclatantes et parfumées qui tueraient la confiante jeune fille! Elle les savourerait comme un bouquet nuptial et le poison se mêlerait à l'enivrant arôme. La douce mort!

Personne ne devinerait la cause d'une si prompte et si regrettable fin. On dirait de Caroline de Saint-Castin: Morte par la visite de Dieu!

XLI

Un forfait sans nom

Caroline de Saint-Castin, debout, une main sur le dossier de sa chaise, regardait la Corriveau. Elle aurait voulu dire quelque chose et les paroles ne lui venaient point. Elle semblait abasourdie.

Elle tenait la lettre que lui avait apportée mère Malheur.

– Est-ce vous qui avez écrit ceci? demanda-t-elle enfin.

La Corriveau fit un signe affirmatif.

– Oh! dites-moi franchement, est-ce la vérité?

– C'est la pure vérité.

Il était surprenant qu'une simple paysanne put écrire aussi correctement et connaître si bien le baron de Saint-Castin.

– Au nom du ciel, s'écria Caroline, qui êtes-vous? je ne vous ai jamais vue!

– Vous m'avez vue déjà, répliqua la Corriveau.

Caroline la regarda fixement, cherchant à se souvenir, mais ne put la reconnaître.

La Corriveau continua:

– Votre père est le baron de Saint-Castin, et vous, madame, vous aimeriez mieux mourir que d'être trouvée ici. Ne me demandez pas comment je sais cela, ce serait inutile. Quant à moi, je ne suis que ce que je parais être.

– Vous êtes vêtue en paysanne, mais vous parler en dame. Vous êtes sous un déguisement... Pourquoi venez-vous me visiter de cette étrange façon?

– Je vous le répète, je suis ce que je parais, et je viens vous trouver ainsi, parce que je ne puis venir autrement.

– Vous dites que je vous ai vue déjà; je ne m'en souviens pas.

– Dans le bois de Saint-Vallier. Vous rappelez-vous d'avoir rencontré là, une paysanne qui cueillait de la mandragore? Vous aviez soif et elle vous donna du lait. Vous étiez avec des Sauvages.

Ce fut un éclair dans l'esprit de la jeune fille, et une douce confiance lui revint aussitôt.

– Je m'en souviens! s'écria-t-elle. Et vous étiez habillée comme maintenant, absolument!... Je vous remercie de la bonté que vous m'avez témoignée alors, oui, je vous en remercie!

Elle lui tendit la main.

La Corriveau la prit dans la sienne, mais ne la pressa point. Elle demeurait froide, insensible. Elle répliqua, adoucissant autant que possible sa voix rauque, et montrant une fausse compassion:

– J'ai été bonne pour vous alors, et je veux l'être encore aujourd'hui. Je viens pour vous secourir.

Elle sourit encore de son diabolique sourire, mais le réprima aussitôt.

– Je ne suis qu'une pauvre femme, dit-elle; cependant je vous apporte un petit présent pour vous prouver que je ne vous ai pas oubliée.

Elle mit la main sur le coffret.

– Oh! je ne doute pas de votre amitié, bonne dame, répondit Caroline, mais vous savez comme je suis inquiète. Parlez-moi donc de mon père, d'abord; dites-moi tout ce que vous savez... Je suis dans une angoisse mortelle!

– Il est en route pour la colonie, affirma la Corriveau, et il sait que vous êtes ici.

– Ici? à Beaumanoir? mais c'est impossible! Personne ne le sait! exclama Caroline en levant ses mains jointes dans un élan de désespoir.

– Si personne ne le savait, mademoiselle, comment en serais-je instruite, moi, fit la sorcière? Votre père a des lettres du roi pour vous faire chercher partout.

Elle alla, de nouveau, pour offrir le coffret, mais elle pensa qu'il valait mieux attendre encore.

– Que Dieu ait pitié de moi! cria Mlle de Saint-Castin.

Après un sanglot elle reprit:

– Mais l'intendant? que savez-vous de lui?

– L'intendant? le roi lui a ordonné de vous rendre à votre père, et il le fera, à moins que le gouverneur ne le prévienne... Le gouverneur vous cherche.

Caroline fut sur le point de défaillir.

– Le gouverneur va faire fouiller le château de fond en comble, reprit la Corriveau, et dès demain, peut-être.

– Mon Dieu! mon Dieu! exclama la jeune victime, en se cachant le visage dans ses mains, que ne suis-je dans une tombe profonde où seul vous me verrez! Faites-moi miséricorde, car je n'ai plus rien à attendre de la clémence des hommes!... Je mérite mon malheur! La mort n'est rien; ce qui est terrible, c'est de savoir que ma honte ne mourra pas avec moi!

La Corriveau souriait encore et ses doigts crochus caressaient la petite boîte mortelle.

Le moment approche! le moment approche! murmura-t-elle entre ses dents venimeuses.

Caroline fit un pas vers elle.

– Est-ce bien la vérité que vous me dites-là? répéta-t-elle encore d'une voix suppliante... Comment, vous, une étrangère, pouvez-vous donc être informée de cela?

– C'est la vérité, et je viens pour vous sauver; mais, je ne puis vous en dire davantage... C'est peut-être de la part de l'intendant lui-même que je suis ici... Il veut vous cacher pour que l'on ne vous trouve point.

Un rayon d'espérance traversa l'âme assombrie de la condamnée. Bigot, en effet, devait songer à la sauver. Il était intéressé à le faire, puisque c'est lui qui l'avait perdue!

Elle se cramponna à cette pensée comme le noyé à une planche.

– C'est Bigot qui vous envoie! exclama-t-elle en souriant, rougissant et pleurant à la fois. Il veut me faire conduire ailleurs! Oh! soyez bénie, messagère du bonheur! soyez bénie!

– Il désire que je vous conduise à Saint-Vallier, répondit la vieille mégère, et quand le danger sera passé, vous reviendrez ici.

– Oh! je le reconnais bien!... Comme il est bon lorsqu'il est laissé à ses propres volontés!... C'est comme cela que je l'ai connu autrefois!... L'avez-vous vu? vous l'avez vu! Il vous a parlé? que vous a-t-il dit?

– L'heure arrive! l'heure arrive! pensait joyeusement la vieille empoisonneuse. Ca va aller!

Et elle répondit:

– Je l'ai vu et il m'a parlé; mais pas longtemps. Il est sévère, l'intendant, et ne s'amuse guère à causer avec des personnes de ma condition. Cependant il m'a chargé de vous remettre un gage de son amour. Il m'a dit que vous sauriez bien ce que cela signifie. Le voici ce gage, madame, dans ce coffret. Puis-je vous le remettre à présent?

– Un gage de son amour! un souvenir de lui! Vous n'êtes donc pas une femme, vous? Pourquoi tant tarder à me le remettre? pourquoi ne pas me l'avoir donné tout de suite?... Je n'aurais pas tant hésité à vous croire, moi. Donnez! donnez! Ah! qu'il soit béni!

La Corriveau pâlit légèrement malgré sa dureté de cœur, et un frémissement imperceptible passa sur sa main pendant qu'elle ouvrit la petite boîte. Elle prit le bouquet, le dépouilla, en se détournant à demi de son enveloppe d'argent et le présenta à l'impatiente jeune fille.

– Qu'il est beau! exclama Caroline en le saisissant de ses deux mains. C'est un bouquet céleste! un radieux gage d'amour!

Et le portant à ses lèvres, souriante, ravie, transfigurée par le plaisir, elle l'embrassa avec passion, et en aspira ardemment les senteurs exquises et les poisons mortels.

Aussitôt, sa tête radieuse se pencha en arrière, ses yeux noirs regardèrent dans le vague, et tenant toujours le bouquet fatal sous ses baisers, elle tomba morte aux pieds de la Corriveau.

Un rire sauvage, terrible, épouvantable, fit tressaillir les murs de la chambre secrète.

Le sang de plusieurs générations d'empoisonneurs et d'assassins se prit à courir brûlant dans les veines de la sorcière, et elle parut comme une tigresse devant sa proie.

La morte était là, souriant encore, encore radieuse de sa dernière pensée de joie. L'horrible meurtrière se pencha pour s'assurer si le poison avait fait son oeuvre: déjà, le coeur ne battait plus, et nul souffle ne passait sur les lèvres entr'ouvertes.

Elle ne devait plus se réveiller qu'à la voix de Dieu, au jour de la résurrection.

– N'importe! grommela l'empoisonneuse, la Corriveau ne fait pas son ouvrage à moitié; s'il y a un reste de vie là-dedans, il partira.

Et deux fois, d'une main ferme, elle plongea dans le sein de sa victime sans vie, son poignard aigu.

Un mince filet de sang courut sur la robe blanche et ce fut tout.

Caroline de Saint-Castin était devant Dieu. Elle avait franchi ce redoutable passage que nul ne connaît. Heureux celui qui a la foi pour appui, à ce moment où les amitiés de la terre ne peuvent plus le soutenir! Heureux celui qui meurt dans la charité, car la charité est une lampe divine qui éclaire l'âme dans son vol vers les cieux.

La Corriveau demeura penchée sur le cadavre de sa victime pour examiner les effets de *l'aqua tofana*.

C'était la première fois qu'elle osait administrer le subtil poison de la Borgia.

– *L'aqua tofana* agit comme un charme, murmura-t-elle. C'est Béatrice Spara qui l'a composée... Je l'aime mieux que son stylet... J'ai été folle de me servir de cet instrument... Je me suis souillé les mains de sang.

Elle s'essuya, et ses doigts firent une empreinte rouge sur la robe blanche.

La cloche du château sonna un coup. Il était une heure.

Sa voix solitaire semblait, dans la maison endormie, une voix accusatrice. Mais personne ne s'éveilla pour chercher l'auteur du forfait qui venait de s'accomplir.

La Corriveau l'entendit et se leva. Sa tâche était finie.

Elle fit avec une jalouse curiosité le tour de la chambre secrète, et remarqua la richesse des meubles et des décorations. Elle aperçut sa lettre sur une chaise, la saisit fiévreusement, la déchira et en jeta les morceaux sur le parquet. Elle s'en repentit aussitôt, les ramassa, et les mit dans son coffret, avec le bouquet de roses qu'elle arracha des mains du cadavre.

Elle voulait le jeter dans le bois.

Elle ouvrit un écritoire dans l'espoir d'y trouver de l'argent; mais il n'y en avait point. Elle n'eut pas le temps de chercher ailleurs.

Elle fut tentée d'emporter le diamant que la morte avait au doigt. Elle le fit glisser, l'examina d'un oeil ardent de convoitise, mais finalement n'osa pas le voler, de peur de se compromettre. Elle le rendit au cadavre.

– Cela me ferait découvrir, murmura-t-elle... Il vaut mieux ne rien emporter que ce qui vient de moi, et vite, sauvons-nous!

Elle mit le coffret sous son bras et jeta un dernier regard, un regard de satisfaction sur la victime qui gisait là, comme un ange tombé dans les combats du Seigneur. La lampe se reflétait dans ces beaux grands yeux qui ne voyaient plus, et cependant semblaient se fixer avec douleur et miséricorde sur l'empoisonneuse.

Ce regard fit peur à la Corriveau. Elle se détourna vivement, puis, rallumant sa bougie, elle sortit, oubliant de fermer sur elle la lourde porte de fer de la chambre secrète.

Arrivée à la tour, elle monta le grand escalier. Sur le palier, elle éteignit sa lumière, puis s'approcha de la porte béante où la lune plongeait un pâle rayon. Elle franchit le seuil désolé, et debout, immobile, perçant l'obscurité de son oeil inquiet, elle écouta longtemps.

Tout dormait au loin, dans la forêt et le château; seul le filet d'eau murmurait en courant sur les cailloux.

Alors elle s'enfonça, comme un spectre noir, dans les bois où elle avait passé une heure auparavant.

Elle allait apprendre à Angélique des Meloises qu'elle n'avait plus de rivale,... mais qu'elle avait à payer le prix du sang.

Elle entra dans la ville aux premières lueurs de l'aube. Un brouillard épais noyait tous les objets: les arbres, les maisons, le fleuve et les rochers, et elle put se rendre sans être vue à la cabane de la mère Malheur.

Elle se reposa quelques instants, défendit à sa vieille camarade de la questionner, puis sortit de nouveau pour se rendre chez Mlle des Meloises.

On ne voyait point à dix pas dans les rues, et personne ne la remarqua.

Angélique était debout. Elle ne s'était pas mise au lit cette nuit-là. Une fièvre brûlante l'avait agitée sans cesse, la fièvre du mal, de la peur, de l'inconnu menaçant. De sa fenêtre, les yeux souvent fixés sur la chaîne sombre des montagnes qui dominaient le château, elle avait suivi les péripéties du drame sanglant.

Maintenant l'empoisonneuse devait arriver!... Maintenant la confiante victime devait s'être livrée!... La messagère de la mort réussirait-elle?... Et quel serait le résultat de ce crime?... Ne s'en repentirait-elle point?... Resterait-il ignoré?... Bigot oublierait-il la morte?... Le sang innocent ne crierait-il pas vengeance?...

Une foule de pensées terribles ne cessèrent de la torturer.

Elle ouït le bruit d'un pas.

– C'est elle! s'écria-t-elle, et une flamme lui monta au visage, puis aussitôt elle pâlit affreusement. Elle courut ouvrir.

La Corriveau entra sans dire une parole. Les yeux des deux femmes s'étaient parlé, s'étaient compris.

Angélique attira l'empoisonneuse dans sa chambre, la poussa vers une chaise, lui saisit les épaules de ses mains frémissantes, et la regardant avec anxiété:

– Est-ce fait? dit-elle; est-ce fini?

La Corriveau eut un sourire méchant.

– Avez-vous réussi? Est-elle morte? répéta-t-elle.

– Oui, répondit la Corriveau, c'est fait, et bien fait!... Mais qu'est-ce que cela signifie? ajouta-t-elle, en se dressant en face de la belle jeune fille, on dirait, par la manne de Saint-Nicolas, que vous éprouvez déjà des regrets!

Les rêves brillants d'Angélique venaient de s'effacer; la lumière faisait subitement place aux ténèbres... Sa rivale n'existait plus et rien ne devait plus, pourtant, entraver son ambition et faire obstacle à ses succès... O moqueries du sort!... ce qu'elle désirait tout à l'heure, elle le regrettait maintenant! Les voix du plaisir et de l'amour qui chantaient au fond de son âme, se sont changées en sanglots, les cris d'allégresse en cris de vengeance!... Meurtrière! meurtrière!... Et la justice des hommes et la justice de Dieu!...

– Oui, j'ai des regrets! répondit-elle... Non, pourtant, pas encore! Mais nous avons fait une chose folle, inutile, dangereuse!... C'est fait, maintenant... c'est fait! Mais est-elle morte? bien morte?

– La Corriveau ne fait pas les choses à moitié, mademoiselle. Vous non plus! Seulement, vous vous repentez et moi, je me félicite. C'est la différence! je l'ai tuée deux fois et il me faut double récompense.

– Une double récompense? Vous l'aurez, répondit Angélique. Quel secret nous avons à garder l'une et l'autre maintenant! ajouta-t-elle, comme si cette pensée lui fut venue alors pour la première fois...

– Je suis au pouvoir de cette femme, pensa-t-elle, et elle regarda sa complice d'un oeil épouvanté.

Elle prit une petite boîte pleine d'or.

– Pour ce soir, voici, fit-elle. Je n'ai pas compté. Emportez-la.

Cet or lui brûlait les mains.

La Corriveau cacha l'or dans sa poitrine, près de son coeur âpre et desséché.

– Soyez prudente, continua Angélique. Ne vous montrez pas riche tout de suite, cachez cet or. Les gens auraient des soupçons... Je voulais vous recommander autre chose, mais cela m'échappe dans le moment.

– Je vous remercie de votre or, riposta la Corriveau. Mais je ne vous remercie point du froid accueil que vous me faites. J'avais droit de m'attendre à quelque chose de mieux, après l'oeuvre superbe que j'ai accomplie. J'ai agi en artiste, quoi! Un succès merveilleux! La Brinvilliers, la Borgia elles-mêmes, me porteraient envie, à moi, une pauvre paysanne de Saint-Vallier!...

– Je vous donnerai bien toutes les louanges que vous voudrez, répondit Angélique machinalement, mais je ne sais pas comment vous avez opéré. Vous ne me l'avez pas dit. Asseyez-vous encore et contez-moi tout.

– Bah! ces détails ne vous seront point agréables. Réjouissez-vous d'être débarrassée d'une rivale aussi belle que dangereuse; je ne vous dis que cela.

– N'importe, je veux tout savoir; contez-moi cela.

– Vous ne pourrez pas dormir ensuite?

– N'importe! je vous le dis, parlez!... Au reste, je suis calme maintenant.

Elle faisait un effort suprême pour reprendre pleine possession d'elle même.

La Corriveau s'assit, mit une de ses mains sur le genou d'Angélique et commença le récit détaillé du forfait qu'elle venait de consommer...

Elle parla de la beauté de la jeune victime, de la candeur de son âme, du charme de ses regards. Elle raconta, en riant, l'histoire qu'elle avait brodée pour lui faire accepter le bouquet, et la joie de la naïve enfant en recevant ce gage de l'amour et de la fidélité de Bigot.

Angélique écoutait, immobile, haletante. Les nuages du crime assombrissaient sa figure. Elle devenait laide. Elle éprouva un frémissement de terreur quand la sorcière peignit l'effet foudroyant de *l'aqua tofana*, et comment la belle victime s'était affaissée dans sa robe blanche, en aspirant l'arôme empoisonné. Mais quand la sorcière, l'oeil en feu, la bouche déchirée par un horrible rictus, se vanta, en faisant décrire un geste de menace à son bras décharné, d'avoir deux fois plongé un fin stylet d'acier dans le cadavre presque froid déjà, Angélique se dressa, joignit les mains, poussa une clameur et tomba évanouie sur le parquet.

La Corriveau se leva et, la reculant du bout de son pied, elle grommela:

– Bonne à rien!...

Puis un instant après:

– Une femme comme les autres, qui veut régner sur tous les hommes, et devient l'esclave du premier venu! La Corriveau est d'une autre trempe que cela!...

Alors, laissant Angélique seule, revenir comme elle pourrait, elle s'en retourna chez la mère Malheur, bien décidée de se mettre en route le plus tôt possible pour Saint-Vallier, avec l'infâme salaire qu'elle venait de gagner!

XLII

Parlons des épitaphes, des tombeaux et des vers

A l'heure où la Corriveau sortait de la forêt de Beaumanoir, après le meurtre de Caroline de Saint-Castin, deux cavaliers couraient à toute bride sur la route de Charlesbourg.

Leurs visages paraissaient noirs dans la nuit et la lune, faible, blafarde, ne les éclairait que trop peu pour qu'elle pût les reconnaître.

Ils ne parlaient point, et semblaient absorbés dans quelque pensée grave.

C'étaient Bigot et Cadet.

Vers minuit, après avoir échangé quelques paroles, ils laissèrent là les dés et le vin, se séparèrent de la joyeuse compagnie, sortirent de la cour du palais, puis se dirigèrent vers Beaumanoir.

Bigot, sous son apparente indifférence, éprouvait une vive inquiétude. Les ordres du roi, la lettre de la Pompadour l'avaient jeté dans une grande perplexité.

La prochaine arrivée du baron de Saint-Castin n'avait rien de rassurant. Le baron ne plaisantait point, et pour venger son honneur, il aurait aussi vite fait d'étouffer un prince qu'un manant.

Ce n'était pas ce qui effrayait Bigot. Il n'était pas un poltron et pouvait payer d'effronterie. Cependant il y avait une chose, un danger, qu'il ne pouvait méconnaître ni mépriser. Et la pensée de ce danger le faisait trembler. Il avait peur que son audacieux mensonge ne fût découvert.

Il avait effrontément menti au conseil du gouverneur, pendant qu'il siégeait comme conseiller du roi, au milieu d'une foule de gentilshommes, en affirmant qu'il ne savait pas où s'était réfugiée Caroline de Saint-Castin.

Si le mensonge était connu, il serait, lui l'intendant de la Nouvelle-France, couvert d'ignominie, la marquise lui retirerait ses faveurs et le mépriserait sans doute. Il tomberait dans sa disgrâce.

Et plus il songeait à cela, plus il éprouvait de terreur. Il maudissait tout ce qui, de près ou de loin, se rattachait à cette affaire d'enlèvement, tout excepté Caroline elle-même, car il l'aimait plus que jamais à cette heure.

Il ne doutait nullement que le château serait soumis à la plus minutieuse investigation. Il connaissait de la Corne de Saint-Luc. La chambre secrète ne serait plus un asile inviolable, puis, plusieurs personnes la connaissaient aussi cette chambre. D'anciens serviteurs qui se trouvaient maintenant au service de ses ennemis, peut-être... Il ne savait pas, après tout.

Dans tous les cas, dame Tremblay était en possession du secret, et la charmante Joséphine qui survivait en elle pouvait encore se laisser tenter...

Il fallait donc à tout prix, éloigner Caroline et la cacher mieux, jusqu'à ce que la tempête fût passée.

Dès le jour qui suivit la séance du conseil, Bigot partit pour les Trois-Rivières. Il prétextait une affaire de la plus haute importance. Cette affaire, nul ne put la deviner et chacun se perdit en conjectures.

Il s'aboucha avec une bande de Montagnais et leur demanda d'emmener avec eux, déguisée en Indienne, une jeune fille blanche qu'il voulait soustraire à la vengeance de ses ennemis.

Le marché fut vite conclu, et le vieux chef jura de prendre le plus grand soin de la jeune fille, et de faire garder par sa tribu un secret inviolable sur cette affaire.

En retour, il eut la promesse que sa tribu serait amplement pourvue de poudre, de couvertures et de toutes sortes de provisions.

Bigot avait besoin de quelqu'un pour l'aider à mettre ce projet à exécution. Il faudrait conduire Mlle de Saint-Castin aux Trois-Rivières, et veiller à la fidèle exécution de l'engagement.

Il était entouré d'amis que les mêmes intérêts et les mêmes plaisirs liaient ensemble. Ils se seraient hâtés de se rendre à ses désirs; mais ces voluptueux, ces débauchés auraient, de leur souffle impur, souillé la candeur de la jeune victime. Il ne voulait pas l'exposer à leurs regards incontinents.

– Qu'ils s'amuse aux dépens des autres femmes, pensa-t-il, je m'en moque pas mal. Mais ils ne profaneront jamais le nom de celle-ci!

Il évoquait tour à tour ses dignes associés, comme pour en chercher un à qui confier le précieux dépôt, et tour à tour il les flagellait et les marquait au front du fer rouge de la réprobation.

– Varin, un rusé coquin qui flagorne l'Église et cajole sa tante, la supérieure des Ursulines, pour en obtenir des faveurs! un fripon qui vendrait tout le monde pour un denier!

Penisault, un maudit chien qui volerait avec plaisir les pauvres Montagnais! un lâche qui n'a pas du tout l'esprit aventureux, ni l'âme courageuse!

Le Mercier, un parasite, un ambitieux fripon, qui essaie de pêcher les faveurs de la Pompadour... Il me trahirait peut-être, il me trahirait bien sûr!

Deschenaux, un ivrogne qui jette à tous les vents quand il est ivre, les secrets qu'on lui confie! un avare qui pillerait l'autel! un méchant qui battrait les Montagnais encore plus qu'il ne les volerait!

De Péan, un imbécile qui me baiserait les pieds aujourd'hui, et me vendrait demain!... Au reste, lui, il a sa besogne. Il surveille Le Gardeur et le conduit doucement à sa perte!

Le Gardeur, celui-ci, il n'en faut rien dire, il est encore trop gentilhomme! il est encore trop soldat! Une action comme celle-là lui répugnerait... Il serait capable de me faire rougir.

Parmi tous ses associés, Bigot n'en voyait qu'un dont le caractère franc, quoique brutal, lui inspirait une parfaite confiance. C'était Cadet. Il était hardi et aventureux. Il enviait le bien des autres, mais il prodiguait le sien. Il reposait en Bigot la foi la plus profonde, le regardait comme le roi des bons lurons, jurait par lui, et le servait avec plaisir.

Bigot lui dit un mot à l'oreille. C'était au palais, au milieu des amusements les plus entraînants; Cadet laissa le jeu immédiatement. Il ne s'occupa nullement de finir la partie.

En trois minutes, il eut chaussé ses bottes à éperons et fut prêt à monter à cheval.

Pendant qu'il attendait, la cravache à la main, dans un coin de la pièce, que le groom amenât les chevaux, Bigot lui dit ce qu'il espérait de son dévouement.

Il lui révéla le nom de la dame de Beaumanoir, lui raconta les incidents du conseil, les ordres du roi, la lettre de la Pompadour.

– Il faut, affirma-t-il en terminant, qu'elle soit éloignée du château, et je vous charge de la conduire secrètement aux Montagnais des Trois-Rivières.

Les yeux de Cadet eurent un éclair; il mit la main sur l'épaule de l'intendant.

– Par saint Picaut! jura-t-il, j'aimerais mieux jeûner un mois durant, que de manquer une si belle occasion de vous aider! Qu'est-ce que cela fait, que vous ayez menti à ce gobe-mouches du château Saint-Louis? Il valait mieux le tromper lui, qu'avouer la vérité à la Pompadour. Madame Poisson vous traiterait comme les Iroquois ont traité, à Chouaguen, mon commis, un gros garçon: elle vous ferait rôtir... Les satanées femmes! je vous l'ai toujours dit, Bigot: on est toujours dans l'eau bouillante, tant que l'on dépend d'elles.

Cadet n'était pas fâché de saisir cette nouvelle occasion de calomnier les femmes. Il prit la main de Bigot dans la sienne et jura qu'il était prêt à marcher avec lui et à le suivre partout, à travers l'eau et le feu, par le soleil ou la pluie. Il irait à Beaumanoir, prendrait la jeune fille et avant deux jours, sans que personne ne pût le voir, ni le soupçonner, par des moyens à lui connus, il la remettrait entre les mains des Montagnais avec ordre de partir immédiatement, et de se rendre à la Tuque, sur le Saint-Maurice. Là, à la Tuque, la jeune dame ou la jeune fille, pourrait demeurer sept ans, s'il le fallait, et personne jamais n'entendrait parler d'elle!

Bigot et Cadet galopèrent donc sur la route de Beaumanoir. Ils arrivèrent en peu de temps à la forêt qui se dessinait comme une ligne noire dans la pénombre, et Cadet prit le devant. Il était né à Charlesbourg, et connaissait parfaitement tous les sentiers, toutes les trouées, tous les coins de la forêt.

Les chevaux, en écrasant de leurs sabots les branches sèches et les feuilles mortes, réveillaient les échos des bois endormis.

Le château se montra tout à coup dans une vaste clairière, avec ses hautes cheminées et ses toits aigus, plus sombres que la nuit. Un silence redoutable l'enveloppait, et seule, dans la loge du portier, une petite lumière veillait.

Le vieux gardien se leva au bruit que firent les chevaux, et se hâta de sortir pour voir quels étaient ces hôtes inattendus.

Bigot et Cadet attachèrent leur monture en dehors de la barrière et s'avancèrent à pied. Ils ne voulaient éveiller personne.

Ils rencontrèrent Marcel, le portier.

– Rentre, Marcel, lui dit Bigot, et ne fais point de bruit. Va dire à dame Tremblay qu'elle se lève tout de suite et que je désire lui parler. J'attends des amis.

– Il me répugne de mentir, reprit Bigot avec aigreur, même à un valet. Qui sait les recherches qui vont avoir lieu? Pas une mauvaise herbe ne se multiplie autant qu'un mensonge. Une mauvaise plante peut couvrir la terre, mais un mensonge peut remplir l'univers.

– C'est vrai, Bigot, répondit Cadet, et je n'aime pas à mentir souvent; mais c'est parce que je suis d'opinion que la vérité est une meilleure arme que le mensonge. Si le mensonge devait frapper mieux, je ne vois pas trop pourquoi je ne l'utiliserais pas.

Le portier revint dire que dame Tremblay était debout et prête à recevoir son maître.

– Prends soin des chevaux, Marcel, ordonna Bigot.

Et, suivi de Cadet, il se rendit à la chambre de la ménagère.

– Bonjour, dame Tremblay, fit-il, conduisez-nous à la grande galerie.

La charmante Joséphine des jours anciens exécuta sa plus gracieuse révérence. Elle tremblait un peu, comme si sa conscience n'avait pas été blanche comme la neige. Cette brusque arrivée de l'intendant ne lui présageait rien de bon.

– Excellence, répliqua-t-elle, je suis votre humble servante en tous lieux et toujours: vous n'avez qu'à ordonner et j'obéis.

– C'est bien! c'est bien! riposta Bigot. Allons et ne faisons pas de bruit.

Il était impatienté. Dame Tremblay prit une bougie dans chaque main et précéda les deux gentilshommes jusqu'à la grande galerie qui communiquait avec la chambre de Caroline. Là, elle déposa ses bougies sur une petite table, et les mains croisées sur son tablier, elle attendait de nouveaux ordres.

– Madame, dit Bigot, j'ai mis en vous toute ma confiance, et je crois que vous avez toujours été une servante fidèle. Aujourd'hui, je vais vous donner une nouvelle marque de mon estime.

– Oh! Votre Excellence, s'écria la vieille ménagère toute ravie, je voudrais mourir pour vous prouver mon dévouement.

– Il n'y a pas beaucoup de serviteurs qui partagent ce sentiment, et je n'y crois guère moi-même, reprit Bigot. N'importe! je crois que vous avez veillé avec la vigilance promise sur la dame confiée à vos soins. N'est-ce pas?

– Mon Dieu! mon Dieu! pensa la ménagère en pâlisant, il aura entendu parler de la visite de cette misérable mère Malheur et il est venu m'égorger ici...

Elle balbutia:

– Oh oui! Excellence! J'en ai pris un soin tout particulier de cette belle dame!... Un ange! comment aurais-je pu l'oublier, la négliger?

– Je vous remercie, dit Bigot presque attendri. Vous avez fait votre devoir. Maintenant, dame Tremblay, j'ai un nouveau secret à vous confier; le garderez-vous bien?

– Si je le garderai! Seigneur Dieu!

Le courage et l'audace lui revenaient.

– Tenez! Excellence, continua-t-elle, la statue de marbre de la grotte parlera avant moi! je meurs avec mes secrets! Quand j'étais la charmante Joséphine du lac Beauport, je n'ai jamais révélé, même à confesse, les noms de ceux qui...

– Tut! tut! fit Bigot, que certains souvenirs déridaient, j'ai plus de confiance à dame Tremblay qu'à la charmante Joséphine. Si tout ce que l'on dit est vrai, vous étiez une joyeuse et jolie fille, en ce temps-là.

Ce colloque entre le maître et la ménagère faillit arracher à Cadet un de ces rudes éclats de rire qui pouvaient ébranler le château.

– Je me mettrais dans le feu pour vous servir, affirma dame Tremblay, en se pavanant d'aise.

– Eh bien! lui apprit l'intendant, nous sommes venus chercher cette chère enfant pour la mettre en un endroit plus convenable; et si jamais l'on vous questionne à son sujet, vous direz qu'elle n'est jamais venue ici et que vous n'avez jamais entendu parler d'elle.

– Non seulement je le dirai, mais j'en ferai le serment, si vous l'exigez!... Pauvre jeune dame! Puis-je vous demander où elle va?

– Non, pas maintenant, mais soyez certaine qu'elle sera bien traitée. Vous comprenez cela? quand vous étiez la charmante Joséphine, vous deviez parfois, vous entourer de mystères, et il vous fallait agir avec prudence... Cette pauvre jeune fille n'a pas l'habileté de la charmante Joséphine; il faut lui venir en aide.

Dame Tremblay souriait avec complaisance.

– Bien! ajouta l'intendant, vous comprenez, n'est-ce pas? Allez la trouver, maintenant. Présentez-lui nos compliments. Dites-lui que nous sommes fâchés de la déranger à pareille heure, mais qu'il est indispensable que nous la voyions immédiatement.

Dame Tremblay, toujours souriante depuis que Bigot avait évoqué sa jeunesse, se hâta de se rendre auprès de Mlle de Saint-Castin.

Bigot, un peu soucieux, se demandait si la captive se soumettrait de bon gré à cette pénible nécessité. Cadet aurait voulu transporter à la Tuque, toutes les femmes de la Nouvelle-France, afin d'éviter de nouveaux ennuis.

Ils demeurèrent silencieux, écoutant le bruit des pas qui s'éloignaient.

Un chien se mit à aboyer au loin dans le calme de la forêt.

Après quelques minutes la ménagère remonta.

– Mademoiselle n'est pas dans sa chambre, dit-elle, elle est descendue à l'oratoire, pour prier dans le silence, suivant sa coutume, et elle désire n'être jamais dérangée en ces moments-là.

– Fort bien! dame Tremblay, répondit Bigot; en ce cas, vous pouvez vous retirer. Je descendrai la rejoindre dans la chambre secrète... Pauvre enfant! ces veilles la fatiguent, la tuent!... Si elle n'est plus ici demain matin, souvenez-vous, dame Tremblay, des recommandations que je viens de vous faire. Un silence absolu, une discrétion à toute épreuve! Tenez votre langue entre vos dents blanches... Elles sont encore comme l'ivoire, vos dents...

Bigot la flattait pour la rendre plus fidèle, car elle aimait mieux un compliment qu'une bourse d'or.

– Fiez-vous à moi, Excellence! assura la vieille vaniteuse et elle rit pour montrer l'ivoire de ses dents. Fiez-vous à moi! je n'ai jamais trompé un gentilhomme! Le sieur Tremblay, on n'en parle point; il ne l'était pas. Quand j'étais la charmante Joséphine du lac Beauport.... Je sais bien que tout est vanité; mais tout de même, en ce temps-là, mes yeux et mes dents avaient de la renommée!

– Le lac Beauport n'a rien eu de pareil depuis lors, reprit l'intendant... Mais, chut! pas un mot de plus, si vous voulez me faire plaisir, et bonne nuit!

– Bonne nuit, Excellence! Cadet, pensa-t-elle, ne s'occupe pas des femmes; il ne mérite pas qu'on s'occupe de lui.

Elle entra dans sa chambre, se plaça devant son miroir pour se regarder les dents, et se mit à prendre des poses comme une jeune fille coquette.

Bigot demanda à Cadet de l'attendre dans l'antichambre, et il se dirigea vers la chambre secrète.

Il descendit l'escalier et frappa à la porte, en appelant d'une voix basse et douce:

Caroline! Caroline!

Nul ne répondit. Il s'étonna, car elle avait coutume d'accourir à sa voix.

Il frappa plus fort; il appela.

Hélas! il aurait pu frapper et appeler éternellement! La voix qu'il aimait tant était à jamais muette.

Il soupçonna un malheur, poussa la porte et entra. La chambre était pleine de lumière, et sur le parquet gisait une forme blanche.

Il ne vit que cela. Les yeux de la morte regardaient comme regardent les morts. Une de ses mains pressait sa poitrine, l'autre, étendue sur le tapis, tenait encore quelques feuilles du fatal bouquet.

Bigot demeura stupéfait, épouvanté. Un instant après, il se laissa choir sur ses genoux, auprès du cadavre, en poussant un cri d'angoisse. Il crut d'abord qu'elle n'était qu'évanouie. Il lui toucha le front, les lèvres, les mains; il voulut écouter battre son coeur et son coeur ne battait plus. Il lui souleva la tête et sa tête retomba comme un lis dont la tige s'est rompue... Il vit qu'elle était morte.

Il jeta une clameur comme fait un homme livré à la torture. Alors s'éveillèrent les habitants du château, et chacun, pour écouter, leva avec inquiétude la tête de dessus son oreiller. Nul autre cri ne retentit; Bigot avait tout à coup repris possession de lui-même. Il ne fallait pas répandre l'alarme dans la maison, ni courir au-devant du danger qu'il cherchait à fuir.

Avec une volonté de fer, il dompta sa douleur et réprima les sanglots qui le suffoquaient.

Cependant Cadet avait entendu. Il devina une horreur et se précipita vers la chambre secrète. En entrant, il aperçut Bigot à genoux qui soutenait dans ses bras et couvrait de baisers et de pleurs la tête pâle d'une jeune femme.

Ce tableau saisissant toucha son âme dure. Il comprit que la jeune fille qu'il venait chercher était morte. Comment? il l'ignorait.

Le cri de Bigot avait pu réveiller les gens, et le danger était grand maintenant, plus grand que jamais. C'est à cette heure critique qu'il fallait se montrer de bon conseil et dévoué.

Il s'approcha de l'intendant, lui dénoua doucement les bras, et fit descendre avec précaution la tête de la morte sur le plancher.

– Bigot, murmura-t-il, soyez calme! soyez calme! De la prudence, mon ami! Ne donnez point l'alarme! Quelle terrible affaire! Allons dans une autre chambre; délibérons froidement et voyons ce qu'il nous reste à faire.

– O Cadet! Cadet! gémit l'intendant toujours à genoux, elle est morte! elle est morte!... Morte au moment où je tenais le plus à la rendre heureuse!... Morte, elle que j'aimais tant!... Oh! qui donc a pu commettre ce sanglant forfait?

– Qui? on ne le sait pas; mais vous n'êtes pas mort, vous, et vous vivrez pour la venger! répondit Cadet dans sa rude sympathie.

– Je donnerais ma vie pour la rappeler de la tombe, Cadet... Oh! si vous saviez comme je voulais dignement réparer le mal que je lui ai fait!

– Je devine tout, mais venez, mon ami, montons: allons délibérer... Damnées femmes! vivantes ou mortes, elles font le tourment de l'homme!

Bigot était trop abîmé dans son désespoir pour faire attention aux remarques de Cadet. Il se laissa entraîner dans une autre pièce, loin des restes chers de sa bien-aimée.

Cadet essaya de l'irriter. Sa nature grossière aimait mieux la colère et le ressentiment que les pleurs et la pitié.

– Voyons! dit-il, vous êtes un homme, Bigot! du courage! Je ne voudrais pas, moi, pour toutes les femmes de la terre et du paradis, me décourager ainsi. Vous m'avez amené ici et vous devez me faire sortir sain et sauf de cet antre du crime.

– Oui, Cadet, répliqua l'intendant, piqué du ton acerbe de son ami, je suis tenu de veiller à votre sûreté, et j'y veillerai. Quant à moi, je suis indifférent à tout! Pensez et agissez pour moi.

– C'est ce que je vais faire. Ecoutez bien. Si le gouverneur apprend cet assassinat, s'il apprend que nous sommes venus ici, pendant la nuit, pardieu! il nous accusera et le monde l'approuvera. Je ne tiens pas à être accusé du meurtre d'une femme, et je tiens encore moins à être pendu sans l'avoir mérité. Je ne risquerais pas mon petit doigt pour toutes les femmes du monde, à plus forte raison, mon cou pour une seule!

– Vous avez raison, Cadet, fit l'intendant en se dressant debout. Une pareille accusation me rendrait fou... Qu'allons-nous faire?

– Parbleu! vous voilà raisonnable. Ce que nous allons faire? L'emmener. Nous sommes venus pour cela, si je me rappelle bien.

– Oui, mais comment l'emmener? comment la sortir d'ici sans être aperçus?

Cadet se mit à arpenter la pièce en se passant la main sur le front, en se tordant la moustache.

– Pardieu! Bigot, exprima-t-il, je crois qu'il vaut mieux l'enterrer ici, dans le caveau qui se trouve sous la chambre secrète.

– Comment! l'enterrer?

Bigot tombait dans l'étonnement.

– Oui, l'enterrer! Pour détourner les soupçons de notre tête il nous faut achever l'oeuvre infernale des autres... Une jolie tâche, par Dieu! et si je ne craignais pas d'être entendu, je rirais à gorge déployée.

– Mais qui creusera la fosse? Ce ne sera ni vous, ni moi!

– Pardon! vous et moi!... J'ai appris à creuser et à bûcher dans ma jeunesse, à Charlesbourg, et plus tard, à Louisbourg, quand nous avons fait des tranchées. Je m'en souviens encore. Où trouverons-nous des instruments? Vous êtes le maître de céans et vous devez le savoir.

– Moi? et comment le saurais-je? Mais c'est affreux, Cadet, cela... l'enterrer comme si nous étions ses assassins! N'y a-t-il pas un autre moyen?

– Je n'en vois pas! Nous sommes dans une terrible impasse, tirons-nous-en le mieux possible... Si le crime est découvert, nous serons accusés... Puis, si jamais la Pompadour apprend que vous avez gardé cette fille dans votre château, elle vous poursuivra certainement de sa jalouse rancune et vous ruinera. Venez! c'est assez de paroles, agissons! Où sont les outils?

Bigot comprit qu'il fallait faire taire sa répugnance et agir immédiatement. Il se souvint que les jardiniers déposaient leurs instruments aratoires dans la vieille tour.

– Allons! dit-il à son compagnon, suivons le passage souterrain.

Cadet lui prit le bras et ils descendirent de nouveau à la chambre secrète.

Bigot paraissait faiblir en approchant du lieu du crime.

– Soyez ferme! murmura Cadet, soyez ferme!

La lampe répandait toujours dans la pièce funèbre sa brillante lumière.

– Cherchons donc, proposa Bigot, nous trouverons peut-être quelque trace des coupables.

Ils regardèrent attentivement, mais rien ne paraissait dérangé dans la chambre. Seul l'écritoire restait ouvert et ce qu'il y avait dedans était bouleversé.

Ils eurent la pensée que des voleurs étaient venus.

– Gardait-elle beaucoup d'argent? demanda Cadet.

– Pas que je sache, répondit Bigot. Elle n'en demandait jamais la pauvre enfant! je ne lui en offrais point. Je lui aurais donné de grand coeur assurément tout le trésor du roi!

– Elle en avait peut-être quand elle est venue ici?

– Peut-être, mais je n'en sais rien.

– Pourtant, affirma Cadet, en montrant le tiroir en désordre, ceci indique un voleur...

– Mais pourquoi l'avoir tuée, l'infortunée? pourquoi? Elle aurait bien donné sans regrets tous ses bijoux, toute sa fortune!

– Il y a là un mystère qui surpasse mon intelligence. Le vol paraît manifeste, mais il n'explique pas tout; il n'explique rien.

Bigot s'agenouilla près de Caroline, lui prit la main et l'embrassa.

C'était la main qui tenait les restes du bouquet. Il fit remarquer à Cadet la vigueur avec laquelle elle serrait ces tiges brisées, et ni l'un ni l'autre ne songèrent qu'il était bien étrange que le bouquet fut disparu; qu'il avait dû être arraché de la main du cadavre et emporté. Sous une chaise, il y avait un morceau de papier; c'était un fragment de la lettre que la Corriveau avait déchirée. Cadet le ramassa et le mit dans sa poche.

Le sang qui rougissait la robe blanche de la victime attira tout à coup leur attention. Ils examinèrent la blessure faite par le poignard et ne doutèrent plus que c'était cette blessure qui avait causé la mort. Mais le drame restait toujours enveloppé de mystère.

– Ils ont bien pris leurs mesures, observa Cadet. Oh! oh! que veut dire ceci?

Bigot se tourna vers lui à cette exclamation. La porte du passage secret était grande ouverte. La Corriveau ne l'avait pas fermée.

– C'est par là que les meurtriers sont entrés et sortis, reprit Cadet. Il y a plus de gens qui connaissent les secrets de votre château que vous ne le pensiez, Bigot! Ils prirent chacun une lampe et s'aventurèrent dans l'étroit passage. Rien d'insolite nulle part. Un silence profond, une obscurité épaisse comme dans les catacombes.

Ils arrivèrent à l'autre extrémité. Là aussi la porte était ouverte. Ils montèrent l'escalier de la tour, cherchèrent partout, mais ne virent aucune trace des assassins.

– Inutile de chercher plus longtemps, maintenant, remarqua Cadet, ce serait peut-être dangereux même, de chercher en tout autre temps; mais n'importe! je donnerais bien mon meilleur cheval pour tenir le coupable.

Plusieurs instruments de jardinier s'entassaient dans un coin.

– Voici ce qu'il nous faut pour le moment, reprit Cadet en les montrant du doigt. Il n'y a pas de temps à perdre.

Il saisit une couple de bêches et une barre de fer, puis il descendit l'escalier. Bigot, une lampe dans chaque main, marchait devant en l'éclairant.

Ils revinrent à la chambre de la morte.

– A l'oeuvre maintenant! commanda Cadet; il faut faire vite et bien ce lugubre travail.

Il ôta son gilet, releva, d'un côté, le tapis de la chambre, puis attaqua les dalles de pierres qui formaient le plancher. La première fut vite levée; une autre suivit, puis une autre encore.

Déjà, sous le parquet tout à l'heure couvert d'un soyeux tapis, se dessinait dans la terre brune la forme d'une tombe.

Bigot regardait comme s'il eut rêvé.

– Non, Cadet! fit-il vivement, non, je ne puis creuser sa fosse.

Et il laissa tomber la bêche qu'il venait de prendre.

– C'est bien, Bigot, répondit Cadet, laissez-moi faire. Asseyez-vous, mon vieil ami, je vais la creuser tout seul. Par Dieu! il est assez curieux de voir le commissaire général de la Nouvelle-France accomplir un pareil labeur, et l'intendant royal, le surveiller.

Bigot s'assit, et d'un oeil morne, il regardait Cadet qui creusait, creusait, sans plus rien dire, le dos courbé, avec une ardeur fiévreuse.

La fosse apparut enfin béante, profonde.

– Cela va faire, dit Cadet.

Et il sauta sur le bord du trou qu'il venait de creuser.

– Le bedeau de Charlesbourg ne lui aurait point préparé un meilleur lit, continua-t-il. Aidez-moi maintenant, Bigot, et couchons-la tout de suite. Elle nous pardonnera si les cérémonies ne sont pas longues et si nous sommes un peu brusques. L'heure nous presse.

Il prit un drap de toile fine, l'étendit à terre puis, aidé de Bigot, il souleva la morte et vint la placer dessus.

Il lui ôta le diamant qu'elle portait au doigt, le collier d'or et le médaillon qu'elle avait au cou, le rosaire qui pendait à sa ceinture, et remit tout cela à Bigot, comme un gage infiniment précieux dont il ne devait plus jamais se séparer.

Il y avait un fil de soie dans le tissu grossier de la nature de Cadet.

Bigot et son copain, regardèrent une minute, avec des yeux pleins de larmes et en silence, la blanche figure de la jeune victime. Bigot mit un dernier baiser sur le marbre de ses lèvres, sur ses immobiles paupières, puis lentement, avec délicatesse, avec émotion, tous deux l'enveloppèrent dans le linceul blanc et la déposèrent dans la fosse.

Au milieu du calme solennel, on entendait les sanglots étouffés de Bigot.

Il se pencha sur cette dépouille chérie qui allait pour jamais disparaître à ses yeux.

– L'infortunée! l'infortunée! gémit-il, je l'ai trahie! c'est à cause de moi qu'elle est morte: *mea culpa! mea maxima culpa!*... Cadet! Cadet! nous l'enterrons comme un chien!... Nous ne pouvons pas faire cela!

Cadet, courbé sous la tâche, jetait sinistrement des pelletées de terre sur le corps gracieux de la morte, serré dans son linceul.

Bigot se sauva avec précipitation pour ne pas voir.

Bientôt la fosse fut comblée. Alors les dalles de pierres reprirent leur place, et le tapis moelleux s'étendit sur le parquet.

Il ne restait plus trace du drame sanglant.

Ainsi la mer s'étend limpide et calme sur le cadavre du malheureux qu'elle vient d'engloutir. Un frémissement des ondes, un sanglot de la victime, puis le silence!

Quand dame Tremblay descendra à la chambre secrète, elle la trouvera vide mais non changée. Elle pensera que la jeune âme s'en est allée mystérieusement comme elle était venue, et elle ne s'en inquiétera pas davantage.

Et là maintenant, dans les fondations du château de Beaumanoir, Caroline de Saint-Castin reposait à jamais. Seuls, Dieu, Cadet et Bigot le savaient. Dieu au ciel, et sur la terre Cadet et Bigot.

Elle reposait là, et nul n'avait prié pour elle à sa dernière heure! La cloche n'avait pas gémi, l'eau sainte ne l'avait pas arrosée, le prêtre du Seigneur n'était pas venu avec le sacrement des mourants! Elle reposait là dans la poussière impure, sans tombe et sans croix bénite...

La cloche du château sonna trois heures, et sa voix nette et vive semblait apporter la fraîcheur du matin.

– Partons, fit Cadet, et sans retard! Notre oeuvre est faite. Attention maintenant, que jamais créature vivante ne mette les pieds dans cette chambre maudite! Ils regagnèrent la tour par le passage souterrain, remirent à leur place les outils du jardinier, et franchirent le seuil de pierre de la porte béante.

L'air pur du dehors les rafraîchit. Ils montèrent à cheval et se mirent en route. Mais presque aussitôt Bigot se sentit défaillir et il descendit au pied d'un arbre. Cadet retourna au château pour demander au vieux Marcel un peu d'eau-de-vie, à cause du froid, disait-il et par mesure de prudence.

Il affectait une gaieté qu'il n'avait point. Le portier alla chercher une bouteille et un gobelet.

Cadet porta la bouteille à ses lèvres.

– Il est bon, dit-il.

– Bon comme de l'or! affirma Marcel.

– J'emporte tout, reprit Cadet, en voyage c'est quelquefois utile.

Et il jeta un louis d'or au portier ébahi.

– Vous savez, Marcel, appuya Cadet d'un ton sérieux, pas un mot de cela, pas un mot! ou...

Il prit sa cravache, et souhaitant le bonsoir au père Marcel, il sortit.

Cadet aimait mieux un excès de précaution qu'un manque de prudence. Le portier et dame Tremblay pouvaient se voir, causer, faire des suppositions qui seraient devenues des réalités pour d'autres. Le plus sage était donc d'exiger un silence complet.

Il retourna précipitamment vers son compagnon et lui versa une pleine coupe de cognac. Bigot la vida d'un trait. Cadet en vida une à son tour, puis il recommença:

– Il faut, dit-il, que je me débarrasse de ce goût de fossoyeur qui m'est resté.

Bigot se sentit mieux, mais il était sombre et ne voulait pas parler. Cadet respecta son caprice ou son chagrin.

Ils remontèrent à cheval et se rendirent, sans être vus de personne, au palais de l'intendant.

Au palais, nul ne fut surpris de les voir arriver à pareille heure. Le contraire aurait été plutôt remarqué.

Quand dame Tremblay descendit à la chambre secrète, elle branla la tête en disant:

– C'est un vert galant que mon maître! je n'en rencontrais pas de plus gentil quand j'étais la charmante Joséphine, et pourtant!... Il va voir que je sais garder un secret... et je veux le garder! le garder comme mes dents...

Et elle le garda jusqu'après la conquête du Canada, alors que Bigot fut jeté à la Bastille à cause de sa malversation et de sa coupable administration. Mais à cette époque, la charmante Joséphine, qui se survivait encore, racontait plaisamment ce qu'elle savait d'une jeune dame qui avait été enlevée mystérieusement du château, ou enterrée vive dans ses voûtes sombres.

Les soupçons de la vieille ménagère prenaient de la consistance. Ils se changèrent en certitude, un jour qu'elle rencontra l'ancien portier Marcel, et apprit de lui que Bigot et Cadet s'en étaient retournés seuls dans cette nuit fatale.

Alors, d'une voix chevrotante et navrée, elle raconta qu'une belle jeune personne, la maîtresse de l'intendant Bigot, avait été assassinée et enterrée dans le château de Beaumanoir, et son récit se répandit au loin parmi le peuple, et il se transmit comme une tradition.

Immédiatement après la tragédie qui venait de se dérouler, l'intendant fit enlever tous les meubles de la chambre secrète et la ferma. Dame Tremblay n'osa plus y descendre, et elle crut qu'elle était hantée.

Seul, de temps en temps, laissant ses compagnons de plaisirs et de débauches, Bigot y venait rêver et pleurer. Il se prosternait sur la pierre qui recouvrait les dépouilles de sa bien-aimée, et là, dans la solitude redoutable, il évoquait les souvenirs d'un temps plus heureux.

Il avait gravé un C dans la dalle de pierre qui se fermait, comme un couvercle de tombeau, sur la poussière adorée. Il embrassait cette lettre unique, tout ce qui restait de la femme qui s'était sacrifiée pour lui.

Qui sait? si le poison l'eût épargnée, cette douce créature, elle aurait peut-être, à force de tendresse et de dévouement, changé tout à fait le coeur de son maître. Bigot serait peut-être devenu un honnête homme et la Nouvelle France aurait été sauvée! Il ne devait pas en être ainsi!

Cent vingt hivers ont passé avec leurs souffles de glace et leurs tempêtes sur les ruines de Beaumanoir, et les ruines de Beaumanoir— du château Bigot, comme dit le peuple— sont devenues un lieu de terreur et de malédiction.

Tout s'est écroulé. Seuls, les épaisses fondations qui résistent encore à l'action du temps, quelques poutres vermoulues qui traversent les sombres caveaux, et un pan démantibulé, avec des fenêtres agrandies par la désagrégation des pierres, attestent de la splendeur de l'édifice primitif, ou restent comme un souvenir maudit des crapuleuses orgies d'autrefois.

La chambre secrète est ouverte à tous les vents. Les herbes et les fleurs sauvages croissent dans les fentes de la pierre, et les oiseaux construisent leurs nids et chantent leurs amours au-dessus de la tombe muette de la belle Caroline de Saint-Castin.

XLIII

Une main sanglante gantée de soie

Angélique resta longtemps sur le parquet de la chambre, où elle était tombée évanouie pendant le récit de la Corriveau. Le cri qu'elle avait jeté ne fut pas entendu et personne ne vint à son secours.

Il valait mieux pour elle que cet incident passât inaperçu, car les suppositions auraient marché grand train, et la curiosité se serait ingéniée à chercher une explication. Bigot aurait

pu être frappé de la coïncidence de cette syncope étrange et de la mort plus étrange encore de Caroline de Saint-Castin.

En arrivant au palais, Bigot traversa les antichambres sans parler à personne, et s'enferma dans son cabinet. Il se laissa tomber, tout habillé, sur son lit, comme un homme écrasé par un bras invisible.

Cadet chercha à se débarrasser d'une autre façon des pensées sombres qui l'importunaient. Il descendit à la salle de billard, où se trouvaient encore de Péan, Le Gardeur et plusieurs autres gais compagnons; il s'assit à une table et se mit à boire et à jouer avec une frénésie inaccoutumée.

Bigot ne dormit pas; il ne cherchait pas le sommeil. Il voyait toujours devant lui, dans la fosse béante, le cadavre glacé de Mlle de Saint-Castin, et il se fatiguait à chercher une solution à ce mystère de mort.

Il se demandait quel souffle de l'enfer avait inspiré ce crime et quelle main audacieuse l'avait perpétré; il évoquait le souvenir de ses amis et de ses ennemis, et des figures connues passaient sans cesse devant ses yeux... et parmi ces figures, revenait toujours celle d'Angélique des Meloises.

Il se souvint de la vigueur jalouse avec laquelle elle dénonça la captive de Beaumanoir, de son âpre persistance à demander des lettres de cachet pour l'envoyer à la Bastille. Il savait qu'elle était ambitieuse, hardie, jalouse, et cependant, il ne pouvait la croire capable de commettre un pareil forfait. Elle était si belle, si enjouée, si séduisante!

Et toutes ces pensées l'agitaient comme les flots agitent une épave.

– C'est impossible! c'est impossible! murmurait-il, ce n'est point elle!

Et cependant, Angélique des Meloises passait toujours devant ses regards troublés, et sur ses mains blanches il y avait des taches de sang!

A la fin, il se fâcha contre cette pensée, et pour s'en distraire, il se tourna vers le mur.

Il avait peur de deviner la vérité.

Mais alors que pouvait-il faire? Il était condamné à garder un silence absolu sur l'assassinat de sa bien-aimée. La main coupable s'offrirait-elle à lui, qu'il lui faudrait la serrer dans la sienne. Il ne pouvait pas avouer, maintenant, que la fille du baron de Saint-Castin avait habité sa maison; il ne pouvait pas avouer qu'elle était morte chez lui!

Le mystère de la chambre secrète devait rester ignoré; la tombe de l'infortunée Caroline devait rester inconnue!

Maudire l'assassin, regretter la victime et paraître indifférent: voilà ce qu'il lui restait à faire.

Il sourit avec amertume et s'endormit.

Angélique, quand elle revint à elle, crut revenir à la vie.

Elle ouvrit des yeux hagards et chercha à reconnaître l'endroit où elle se trouvait. Bientôt ses idées commencèrent à se débrouiller et elle se souvint de la Corriveau.

Elle regarda partout et ne la vit point.

Alors, la pensée qu'elle était en la puissance de cette femme terrible, la frappa comme un coup de foudre. Alors, le souvenir du crime qu'elle avait commis l'épouvanta. Sa rivale était morte... Mais à son tour elle mourrait, et d'une mort ignominieuse, si elle était trahie. Et son secret était connu de la plus vile de toutes les créatures!

Un instant, elle fut en proie à toutes les horreurs du désespoir. Ce n'étaient point les remords qui la tourmentaient; elle était trop vaine, trop superficielle, pour réfléchir profondément sur le mal qu'elle avait fait. Ses sensations passaient comme une flamme légère sur son coeur et ne le pénétraient point.

Le souvenir de la mort sanglante de Caroline de Saint-Castin s'effacerait comme un autre souvenir, tout s'oublierait avec le temps. Le tourbillon des plaisirs et l'ivresse des grandeurs lui apporteraient une heureuse et constante distraction, se disait-elle pour se consoler.

Cependant, elle qui n'avait jamais baissé les yeux devant qui que ce soit, elle éprouvait aujourd'hui un irrésistible besoin de se cacher. Elle s'irritait contre cette crainte insupportable qui sourdait toujours, et se traitait de lâche.

Et que ferait Bigot s'il la soupçonnait?... Et il la soupçonnerait probablement. Elle avait tant insisté pour avoir des lettres de cachet! Elle ne le comprenait point parfaitement, cet homme-là, et il pouvait être plus méchant qu'elle encore. S'il allait venger sa protégée?... Si l'amour dont il paraissait brûler pour elle, Angélique, allait se changer en haine?...

Elle s'imagina un instant qu'elle regrettait sa faute. Ce n'était toujours qu'une forme de la peur. Elle essaya de prier, et les paroles saintes ne tombèrent point de ses lèvres. Elle ne put ou n'osa prononcer le nom de Dieu.

Alors, elle maudit son fatal égarement, et elle appelait son crime une simple folie. Elle se répandit en injures contre Bigot, parce qu'il n'avait pas consenti à éloigner cette fille de sa

demeure, et contre Caroline, parce qu'elle était venue se réfugier à Beaumanoir. Elle maudit la Corriveau qui s'était faite son instrument, elle maudit le poignard et le poison, elle se maudit elle-même.

– Mon Dieu! pourquoi me désespérer ainsi, se dit-elle ensuite, j'ai l'air d'une coupable?... Une coupable?... Bigot m'a dit qu'il me donnerait sa vie même; oui, il me l'a dit! Il mentait, je le sais bien, mais, n'importe! il l'a dit... Encore, si la Corriveau ne l'avait point poignardée! La vieille misérable, elle devait la faire mourir de la mort d'un ange! Une mort douce, calme, presque joyeuse! Le monde aurait dit: Morte par la visite de Dieu! La Corriveau m'a trompée!... Bigot m'a menti!...

Elle se leva et se mit devant son miroir.

– Ah! que je suis pâle! murmura-t-elle... Je n'ai pourtant pas aspiré le poison, moi... Comme mes yeux sont éteints. Vais-je mourir aussi?... Si Bigot me voyait, il devinerait mon crime. Je me trahis! C'est le spectre de cette femme qui me hante déjà! Ma victime se venge!

Elle regarda à la pendule.

– Si tard déjà! La matinée est venue, elle s'en va! Que s'est-il donc passé? Qu'ai-je fait depuis hier?... L'heure se trompe!... Si quelqu'un allait venir!... Je recevrai tout le monde... Je vais sortir... Je vais marcher pour rendre à mes joues leurs couleurs, à mes yeux leur éclat... Je vais faire des visites et je serai vive, gaie, pétulante, pour détourner les soupçons! Tout le monde dira: Comme elle est heureuse! Elle n'a ni regrets ni inquiétude, elle!

Elle sonna Fanchon. Elle avait hâte de vêtir sa plus belle toilette. Dans les plis du velours et sous les caresses de la soie, elle s'échapperait à elle-même ou bien se retrouverait comme naguère.

Fanchon accourut. Elle attendait depuis longtemps et craignait que sa maîtresse ne fût indisposée.

En entrant, elle poussa un cri de surprise.

– Madame, comme vous voilà pâle!...

– Je ne suis pas bien, pas très bien, se hâta de dire Angélique. Une petite promenade à cheval, au grand air, au soleil, va me remettre.

– Mais ne serait-il pas prudent de voir le médecin, madame?

– Le médecin? Allons donc! Je rencontrerai peut-être quelqu'un qui me fera plus de bien que le médecin, Fanchon, qui sait?

Elle essaya de rire.

– Fanchon, demanda-t-elle, une minute après, où est votre tante Dodier?

– Elle est partie pour Saint-Vallier, ce matin, madame,... c'est-à-dire, je suppose qu'elle est partie, car je ne l'ai pas vue depuis avant-hier. C'est une drôle de femme que ma tante Dodier. Elle ne parle jamais à personne de ses affaires.

– Elle a peut-être d'autres bijoux à trouver, répliqua Angélique, tout machinalement.

Elle se sentit soulagée en apprenant le départ de l'empoisonneuse.

– Peut-être, madame, fit la petite Fanchon comme un écho.

Et elle ajouta:

– J'aime autant qu'elle soit partie, et je ne tiens pas à la revoir.

– Pourquoi donc? demanda Angélique un peu anxieuse.

– Le monde dit qu'elle a des relations avec la mère Malheur, l'affreuse mère Malheur! et je le crois...

– Ah!... Et pensez-vous, Fanchon, que cette vilaine mère Malheur connaît les secrets de votre tante?

– Certainement, je le pense, madame! Vous ne vous fourrez pas dans une cheminée avec votre voisine sans en sortir aussi noire l'une que l'autre.

– Et que vous a dit votre tante en partant?

– Je ne l'ai pas vue, vous dis-je. C'est Ambroise Gariépy qui m'a dit qu'elle avait traversé ce matin.

– Ambroise Gariépy? qu'est-ce que c'est que cet homme-là? Vous me paraissez avoir un cercle de connaissances assez étendu, Fanchon!

– Oh! oui, madame, répondit Fanchon naïvement, je connais beaucoup de monde. Ambroise Gariépy tient le *Lion Vert* et la traverse, sur la rive sud. Il m'apporte des présents de temps à autre: des choses qu'il achète des colporteurs basques. C'est lui qui m'a donné ce peigne, madame.

Elle se tourna pour montrer le joli peigne qui tenait ses cheveux.

Le babil de Fanchon ne déplaisait pas à Angélique et la distrayait un peu. Elle ne comprenait pas l'amour passionné et s'en moquait; mais elle s'amusait de la coquetterie. Elle pensa:

– Ce que j'ai fait est fait; pourquoi m'abîmer dans de vains regrets et perdre le fruit de mon action? Pour l'intendant j'ai sacrifié Le Gardeur, pour l'intendant j'ai...

Elle chassa la pensée de la chose affreuse qui pesait sur sa conscience, comme la pierre funèbre sur un tombeau.

– Fanchon, habillez-moi, dit-elle. Je veux étrenner la superbe amazone et les plumes magnifiques que je viens de recevoir de Paris.

Elle gardait sa pâleur, cependant, et Fanchon lui proposa de mettre un peu de rouge. Elle ne refusa pas.

– Vous voilà plus belle que jamais, fit la servante en reculant d'un pas pour l'admirer. Je plains les gentilshommes que vous allez rencontrer; vos regards assassins vont en faire des victimes.

Dans un autre moment, Angélique aurait jeté un éclat de rire. Elle frissonna, repoussa brusquement la jeune fille et fut sur le point de se fâcher. L'étonnement de Fanchon la rappela à la prudence; elle eut la force de sourire et demanda avec une indifférence affectée:

– Où est mon frère, Fanchon?

Fanchon répondit en tremblant:

– Il est allé au palais avec le chevalier de Péan.

La pauvre Fanchon! elle avait peur d'avoir déplu à sa maîtresse et ne pouvait s'expliquer comment.

– Comment savez-vous qu'il est au palais? continua Angélique.

– Je les ai entendu parler, madame. Le chevalier de Péan a dit que l'intendant était malade et ne voulait voir personne.

Angélique ne put se défendre d'un certain effroi.

– Etes-vous sûre qu'il a dit cela, Fanchon? demanda-t-elle.

– Oui, madame. Mais il prétendait en même temps qu'il était plus mécontent, plus irrité que malade. Il ne l'a jamais vu dans un pareil état.

– Et sait-il la raison de cette maladie ou de cette mauvaise humeur?

– Non, madame. Le chevalier des Meloises pense que ce sont les nouvelles de France.

– Dépêchez-vous donc! dites donc tout! fit Angélique en frappant du pied avec impatience.

Fanchon, qui répondait de son mieux, fut tout étonnée de cette brusquerie, et elle se hâta d'ajouter:

– C'est tout! madame, c'est tout! Ils sont sortis aussitôt.

Angélique respira. Elle pensa que l'intendant n'aurait pas manqué de faire part à de Péan de sa lugubre découverte, s'il avait connu l'assassinat de Caroline.

Elle comprit aussi qu'il ne pouvait accuser personne sans se compromettre, et sans passer pour un menteur et un fourbe auprès du roi et de la Pompadour.

– Je dirai que je ne connais rien de cette affaire... je le jurerai s'il le faut, pensa-t-elle encore, et il n'osera pas aller plus loin.

Rassurée, calme, elle descendit l'escalier. Le garçon tenait le cheval à la porte, depuis longtemps. Elle ramassa sa longue amazone neuve et monta en selle avec une grâce et une légèreté remarquables.

– Attendez-moi, dit-elle au groom.

Elle descendit la rue Saint-Louis. Tous les yeux la suivaient avec envie. Près du monastère des Récollets, elle aperçut le sieur La Force qui guettait, au coin de la rue Sainte-Anne, les pensionnaires des Ursulines. La Force la vit au même instant et fut d'opinion qu'elle valait bien une pensionnaire.

Il la salua avec une politesse toute parisienne et sollicita l'honneur de l'accompagner.

– Je voudrais faire une jalouse, dit-il, en regardant la porte du couvent qui s'ouvrait pour laisser sortir un essaim de charmantes élèves.

– Et vous croyez que je puis vous aider?

– J'ai une petite vengeance à exercer, et personne ne répand la terreur dans les âmes tendres comme Angélique des Meloises. On la sait toute puissante et invincible.

– Alors, venez; prenez votre cheval. J'éprouve justement le besoin de torturer quelqu'un ce matin.

– Attendons une minute. Voici les pensionnaires, je veux qu'elle me voie.

Les premières qui sortirent du couvent appartenaient à la classe des Louise. Elles venaient, riant, caquetant, sans paraître se soucier de rien voir. Quand elles furent près d'Angélique et de La Force, elles relevèrent leurs voiles et firent un gracieux salut.

L'une d'elles, la plus jolie avec son opulente chevelure, prit le lorgnon d'or qui pendait à son cou, regarda La Force avec une gravité comique, et fit du pied le geste de monter à cheval.

La Force tendit sa main, comme pour lui servir d'étrier. Elle y mit le pied, et s'approchant d'Angélique, l'embrassa cordialement.

Pour être vrai, elle était un peu froissée, la jolie Louise Roy, car l'espiègle élève n'était pas autre que Louise Roy. Elle voulut se venger en pesant de tout son poids et en demeurant longtemps sur la main de son infidèle chevalier.

– Angélique, commença-t-elle, il est rumeur dans le couvent que tu vas épouser l'intendant... Mère Saint-Louis, ton ancienne maîtresse, en est toute ravie. Elle affirme qu'elle t'a toujours prédit un brillant mariage.

– Ou rien du tout! répliqua Angélique, comme l'affirmait Mère Sainte-Hélène. Mais qui vous a dit cela, au couvent?

– Qui? Oh! tous les oiseaux du jardin! Mais dis donc, ma chère, il paraît que c'est un vrai Barbe-Bleue que cet intendant, qu'il a eu des femmes tant et plus déjà, et qu'il les fait mourir... Est-ce vrai?

Un frisson agita Angélique.

– Est-ce que je sais moi? fit-elle en s'efforçant de sourire. Dans tous les cas, il n'a pas l'air d'un Barbe-Bleue.

– La Mère Saint-Joseph, qui vient de Bordeaux, dit, elle, qu'il ne s'est jamais marié. Elle doit le savoir; elle connaît bien sa famille.

– C'est parfait, ma bonne Louise, mais tu fatigues le sieur La Force; pour l'amour de Dieu, descends.

– C'est bon! je veux le punir parce qu'il sort avec toi et me laisse ici... Mais n'oublie pas de m'inviter à tes noces, Angélique! Si tu l'oublies, j'en mourrai!

Et elle commença à parler d'autres choses.

– Méchante, va! descends donc! Le sieur La Force est mon cavalier aujourd'hui; tu n'as pas le droit d'abuser ainsi de sa galanterie, lui murmura Angélique, à l'oreille.

– Encore un mot, fit Louise.

Elle sentait la main du jeune homme trembler et baisser sous son pied mignon, et cela l'amusait.

– Pas un mot! descends, répliqua Angélique impatientée.

– Embrasse-moi, alors, et bon voyage! fière que tu es! Ne le garde pas toute la journée; toute la classe serait jalouse.

Angélique secoua la bride de son cheval qui se cabra soudain, et Louise descendit un peu brusquement.

– Merci! dit-elle à La Force, en le regardant avec des yeux chargés d'ironie et de gaieté, et en faisant un geste significatif, merci! merci!

Et elle rejoignit ses compagnes en semant le rire comme un collier de perles.

– Elle s'est fardée! leur dit-elle, assez fort pour être entendue, elle s'est fardée!... Elle a les yeux fatigués. Elle n'a pas dormi de la nuit... elle est en amour... je pense que c'est vrai qu'elle va épouser l'intendant!

Les jeunes élèves jetèrent un éclat de rire argentin comme un tintement de cloche, et firent un nouveau salut aux deux promeneurs qui s'éloignaient.

La Force se pliait comme une cire molle à toutes les exigences d'Angélique et il ressentait un vif dépit du tour que venait de lui jouer Louise Roy, la plus mauvaise tête du couvent, comme il l'appelait. Il se promettait de se venger d'elle, même en l'épousant, s'il le fallait.

Il chevaucha avec sa compagne par quelques-unes des rues les plus fréquentées, recueillant de toute part des sourires et des saluts.

Ils traversèrent la place du marché, puis Angélique, par une fantaisie nouvelle, vint arrêter sa monture en face de la cathédrale.

– Allons réciter un bout de prière, dit-elle à son cavalier.

Elle entra; il la suivit.

Elle voulait voir si la prière qu'elle avait essayé de formuler en vain, dans son angoisse de la nuit dernière, tomberait de ses lèvres en ce moment. Elle ne se repentait point, mais elle espérait détourner la vengeance de Dieu. Comme si le Seigneur pouvait entendre les supplications d'un coeur coupable et endurci!

L'église était remplie de monde. C'était le jour de la Saint-Michel, la fête de tous les anges aussi, et tout chantait, louait, bénissait, dans le temple auguste: le prêtre de l'autel, le choeur en surplis, l'orgue solennel, l'encens odorant, le peuple à genoux!

Angélique fut touchée de ce déploiement de pompes, d'amour et d'harmonie, et elle fléchit les genoux.

Au même instant, ses yeux se portèrent sur le banc de l'intendant, et tout un essaim de pensées frivoles se mit à jouer dans son esprit.

Elle pensa aux plaisantes rumeurs qui couraient la ville; à son mariage probable avec l'intendant. Bigot avait bu sa santé à genoux à la taverne de Menut. Il avait souri, quand les convives avaient parlé d'elle comme la future maîtresse du château. Le château! il venait de

s'évanouir dans les flots de mélodie qui montaient vers la voûte sainte!... il venait de s'évanouir avec l'ange mortel qui dormait son dernier sommeil, dans sa robe blanche ensanglantée, sous les dalles froides de la chambre secrète!...

Elle oubliait tout, dans ce concert divin de la charité et de la foi; mais elle ne se repentait point!

Des pensées plus futiles encore suivirent. Elle s'imagina être dans ce banc superbe, parée de la plus riche toilette, les cheveux arrangés d'une façon adorable. Tout le monde se détournerait de l'autel pour la regarder, pour l'admirer ou la jalouser.

Mais cela arriverait-il? Et quand?... Elle avait perdu son âme pour gagner le monde... Ne perdrait-elle pas et le monde et son âme?

Bigot n'était pas dans son banc. L'inquiétude, les soucis, la colère, le rendaient malade et le clouaient sur son lit. Il se mettait l'esprit à la torture pour inventer une vengeance contre l'auteur de l'attentat, s'il parvenait à le découvrir, et plus il cherchait moins il trouvait. Le rocher qu'il soulevait lui retombait sur la tête...

Le gouverneur et son ami Kalm occupaient le banc royal. Kalm, bien que luthérien, avait assez de philosophie et d'amour de Dieu, pour se joindre volontiers à tous les hommes de bonne volonté qui prient.

Tout près d'Angélique, deux femmes vêtues de noir, étaient prosternées sur le parquet: c'étaient Madame de Tilly et Amélie de Repentigny.

Elles étaient revenues à la ville immédiatement après le départ de Le Gardeur. Angélique le savait, de sorte qu'elle ne fut pas étonnée de les retrouver dans l'église.

A son retour de Tilly, Amélie s'était rendue avec Pierre Philibert au palais de l'intendant, pour voir Le Gardeur. Ils furent l'un et l'autre éconduits rudement. On leur répondit que Le Gardeur jouait avec de Péan une partie de piquet, pour le titre de champion du palais, et qu'il ne se dérangerait pas, serait-ce saint Pierre lui-même qui viendrait frapper à la porte.

Ce fut Lantagnac qui apporta la réponse.

Philibert dit qu'il allait tenir l'intendant responsable et lui demander raison par l'épée, de ce complot formé dans son palais, pour détenir Le Gardeur.

Amélie, craignant le résultat d'une rencontre entre Bigot et son fiancé, courut seule au palais, dès le lendemain.

Elle ne put entrer. Ses prières et ses larmes furent inutiles. Son frère refusait de la voir.

De Péan la reconduisit à sa voiture en s'excusant de ne pouvoir lui être agréable, et en jurant qu'il n'avait été pour rien dans le retour subit de son frère. Il se souvenait de la fière attitude de la jeune fille à son égard, et prenait un malin plaisir à voir couler ses pleurs.

Quand elle fut partie, il éclata de rire.

– Les *honnêtes gens* peuvent venir aux funérailles de la vertu de Le Gardeur, exclamait-il.

Au retour, Amélie se jeta au cou de sa tante:

– C'est fini! dit-elle, mon pauvre Le Gardeur est perdu! Il ne veut plus me voir! O mon frère! mon pauvre frère!

Et elle éclata en sanglots.

– Ne te décourage pas, mon enfant, lui répliqua Mme de Tilly, ce n'est peut-être pas lui qui t'a fait cette réponse. Il ignore peut-être même ta visite au palais...!

– Hélas! voyez, bonne tante.

Et elle lui tendit une carte, une carte à jouer, celle que les fatalistes considèrent comme la plus redoutable. L'avait-il choisie à dessein?

Sur le revers une main tremblante avait écrit:

– Retourne à la maison, Amélie; je ne veux pas te voir. Retourne à la maison, chère soeur, et oublie ton indigne et malheureux frère...

Mme de Tilly attira contre son coeur son infortunée nièce.

– L'amour d'une soeur, dit-elle, n'oublie jamais, ne se fatigue jamais, ne désespère jamais!

Et elle se prit à pleurer, elle aussi.

Cependant Mme de Tilly songeait aux amis influents qui lui prêteraient leur aide, et elle comptait sur le caractère noble de son neveu qui sortirait de sa torpeur morale, au nom de l'honneur:

– Tu verras, mon Amélie, disait-elle, que la vertu finira par l'emporter sur la débauche. Elle est plus puissante et elle a plus d'attraits...

– L'amour pouvait sauver mon frère, pensait la jeune fille... Hélas! celle qu'il aime est indigne de lui et cependant il eut mieux fait de l'épouser, que de se livrer au désespoir... Je verrai Angélique des Meloises, oui je la verrai!... C'est elle qui l'a rappelé de Tilly; elle seule peut le tirer de la fange du palais...

Angélique aimait toujours Le Gardeur, mais elle ne voulait pas devenir sa femme. C'était chose décidée; et Le Gardeur, depuis son retour, dans une heure d'ivresse, l'avait encore suppliée mais en vain, d'unir sa destinée à la sienne.

Elle fut tentée de s'éloigner d'Amélie, quand elle l'aperçut agenouillée près d'elle, dans la cathédrale. Elle avait peur de ses regards de chérubin qui pénétraient jusqu'au fond de l'âme et pouvaient en surprendre les secrets. Elle ne se sentait pas de force à lutter contre la douce vertu de son ancienne compagne de classe.

Elle se leva pour sortir. C'était la fin d'un psaume, et toutes les voix de l'église, voix sublimes, voix saintes et solennelles, comme un cri qui serait monté des profondeurs de l'éternité, se réunissaient pour dire: *In saecula saeculorum, Amen!*

Les personnes qui se trouvaient autour d'elle furent scandalisées de son empressement à quitter le lieu saint. Elle sortait la tête haute, appuyée au bras de La Force.

Amélie, distraite par le déplacement des gens, leva les yeux et l'aperçut. Elle lui fit signe d'attendre.

– Je voudrais te dire un mot dès que l'office sera fini; je suis heureuse de te rencontrer ici!

– Le sieur La Force s'en va, répliqua Angélique; tu me parleras une autre fois.

Elle avait peur d'Amélie.

– Le sieur La Force t'attendra avec plaisir, répliqua Amélie.

Les fidèles se levaient pour sortir. Amélie suivit Angélique jusque sur le seuil de pierre. La Force savait ce qu'elle désirait; il s'arrêta à la porte de l'église, et dit qu'il attendrait volontiers.

– Et peut-être que vous seriez assez bon, reprit Amélie, pour accompagner ma tante de Tilly chez elle, pendant que je vais causer avec Angélique.

– - Trop heureux de vous obliger, mademoiselle, répondit-il, en faisant un gracieux salut.

Il partit avec Mme de Tilly.

Amélie prit Angélique par le bras et l'entraîna dans l'église, au fond d'une chapelle latérale, où s'élevait un autel.

De larges piliers séparaient cette chapelle de la nef principale. Plusieurs personnes dévotes s'étaient attardées pour prier dans le silence, sous les vastes arceaux.

Amélie s'approcha de l'autel et s'agenouilla. Angélique dût faire la même chose.

Amélie demandait la force et la sagesse. Après un moment, elle regarda Angélique en face, comme pour scruter le fond de son âme, et Angélique frémit; car elle eut peur de voir évoquer le spectre de Beaumanoir. Mais elle retrouva son assurance quand elle comprit qu'il s'agissait de Le Gardeur.

– Au nom de Dieu qui est ici présent, Angélique! dis-moi ce que tu as fait de mon frère! supplia Amélie. Il se perd... il est perdu!

– S'il se perd, ce n'est pas ma faute assurément; mais je crois que tu t'exagères ses fautes. Il n'est pas dans un état si désespéré...

– Ah! il est bien dévoyé, et ceux-là seuls qui l'ont égaré peuvent le remettre dans le bon chemin!

Angélique comprit l'allusion. Cependant Amélie pensait à l'intendant aussi. Elle répliqua:

– Le Gardeur n'est pas si facile à jeter hors la bonne voie. Il est fort et n'aime pas à se laisser conduire. Il préfère mener les autres. Je le connais! Au reste, des pécheresses comme nous ne doivent pas exiger que les hommes soient des anges. Je m'ennuierais avec les saints; j'aime mieux les hommes.

– Tu devrais avoir honte, Angélique, de parler ainsi devant l'autel, dans la maison du Seigneur!... Ah! tu m'as ravi mon frère, rends-le-moi, je t'en conjure!

Et elle joignait les mains et la regardait d'une façon suppliante en disant cela.

– Je t'ai ravi ton frère, Amélie? Ce n'est pas vrai! Pardonne-moi si je parle ainsi... Je ne l'ai pas plus ravi qu'Héloïse de Lotbinière et Cécile Tourangeau. Veux-tu savoir la vérité? Le Gardeur m'a aimée et je n'ai pas eu le courage de le repousser. Plus que cela, j'avoue que j'ai répondu à sa flamme. Je te l'ai dit, au couvent, tu t'en rappelles? Je l'ai aimé et je l'aime encore! j'en prends à témoin la Madone qui nous regarde!

Et elle montra la niche sainte, là-haut, devant elle.

– Si Le Gardeur fait des extravagances, ajouta-t-elle, je le regrette sincèrement, je le regrette autant que toi. Que puis-je dire de plus?

Angélique parlait avec sincérité, cette fois, et elle fit sur son amie une impression favorable.

– Je crois que tu dis la vérité, Angélique, répondit Amélie, et je sais que tous ceux qui connaissent Le Gardeur s'affligent de le voir s'oublier ainsi. Pourtant, mon Angélique! tu aurais pu, par ta grande influence sur lui, le préserver de ces hontes; tu pourrais le sauver

encore! Un mot de ta bouche ferait plus que les plus éloquentes paroles du reste de la terre pour le ramener à la raison...

– Tu mets ma complaisance à l'épreuve, Amélie; mais pour l'amour de Le Gardeur, je puis supporter bien des contrariétés. Sois certaine que je ne puis rien pour le remettre dans la bonne voie. Il met à son retour au bien des conditions impossibles.

– Des conditions impossibles? Mais quelles conditions? Oh! je devine, je sais. Pourquoi donc as-tu accepté son amour et ses hommages, si tu devais ensuite le repousser et le désespérer? Le Gardeur ne méritait pas cela.

Amélie s'indignait, et des larmes de dépit roulaient dans ses beaux yeux.

– J'avouerai, reprit Angélique, que je ne méritais pas ton frère, si cela peut te consoler. Et crois-tu que ça n'a pas été un sacrifice pour mon coeur que de renoncer à lui?

– Je ne sais pas, Angélique des Meloises; mais je sais que tu as surpris le meilleur des coeurs, pour ensuite le fouler à tes pieds.

– Devant Dieu, devant la croix de l'autel, riposta Angélique avec indignation, je n'ai point fait cela! J'ai aimé Le Gardeur, mais je ne lui ai jamais engagé ma foi. Je lui ai déclaré que je ne pouvais l'épouser. Je n'étais plus libre déjà.

Aussitôt, les mille pensées diverses qui l'avaient assaillie depuis la veille, se précipitèrent dans son esprit et tout ce qu'elle rêvait, espérait, caressait, lui parut plus incertain que jamais. Elle se sentait perdue dans un inextricable labyrinthe.

Cet inutile et maladroit stylet de la Corriveau pouvait compliquer l'affaire... L'intendant l'épouserait-il, s'il la soupçonnait de complicité dans le meurtre?... Ne serait-il pas sage de ménager Le Gardeur... Il ferait un solide bouclier. Il croirait en elle et la défendrait contre l'univers entier... Si la flèche d'or manquait le but, elle pourrait se servir de la flèche d'argent...! Après tout, un mariage d'amour n'est pas à dédaigner, quand on ne peut faire un mariage d'intérêt.

Toutes ces pensées surgirent en un clin d'oeil, et imprimèrent à sa figure une expression toute nouvelle et tout étrange.

Amélie remarqua ce changement subit et n'en augura rien de bon. Elle connaissait le masque impénétrable dont savait se couvrir son ancienne compagne de classe, et elle comprit que ce ne serait pas en jetant son frère dans les bras de cette fille égoïste qu'elle le sauverait de la ruine et du déshonneur.

Elle ne chercha plus de ce côté.

– Angélique, reprit-elle, si tu aimes Le Gardeur, aide-moi donc à le faire sortir du palais... Si tu ne peux accepter sa main, tu ne dois pas, cependant, prendre plaisir à le voir se déshonorer.

– Qui oserait dire que je me complais à sa honte? Je ne l'ai pas définitivement repoussé, du reste... non! Et si je l'ai invité à revenir de Tilly, ce n'était pas pour le voir se plonger dans la dissipation... c'était mon coeur qui le demandait... Te le dirai-je, Amélie? J'ai jeté l'injure à la face de Péan, à cause de lui! A cause de lui, j'ai rayé Lantagnac de la liste de mes amis! Lantagnac a osé me montrer l'or qu'il lui avait gagné! il a osé m'offrir des perles achetées avec l'argent du jeu! Je les ai jetées au feu, ses perles! et si j'avais été homme, je l'y aurais jeté lui-même... J'ai pu faire du mal à Le Gardeur, mais je ne souffrirai pas que les autres le maltraitent! Je ne l'ai pas repoussé finalement... Attendons! je ne puis rien dire de plus!

– Regarde ici, Angélique, reprit Amélie, c'est là que je lève les yeux quand j'ai besoin du secours d'en haut. Ses regards chargés de pleurs se fixaient sur la croix du tabernacle.

– Mettons-nous à genoux et prions pour mon frère, continua-t-elle.

Angélique obéit. Toutes deux, pendant quelques minutes, prièrent en silence, prosternées devant l'autel. Mais quelle différence dans la ferveur et la foi! Angélique se leva soudain:

– Mon Dieu! je m'attarde trop, dit-elle, il faut que je parte. Je suis bien contente de t'avoir rencontrée. Compte sur moi comme sur une soeur.

Amélie l'embrassa. Ses lèvres crurent effleurer les lèvres froides de la mort. Elle eut un tressaillement pénible, et longtemps après, elle se souvenait encore, comme d'un rêve mauvais, de cet attouchement de glace. La cathédrale était déserte. Deux ou trois fidèles seulement priaient aux pieds des autels.

Les deux jeunes filles se séparèrent sous la galerie en arrière, et sortirent par deux portes différentes. Entraînées sur le fleuve de la vie par deux courants opposés, elles ne devaient plus jamais se rencontrer.